



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

PRISCILA DE MOURA SOUZA

ASSIS BRASIL ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO:

transformações urbanas, sociabilidades de gênero e representações de Parnaíba
nas décadas de 1930 e 1940.

TERESINA-PI
2018

PRISCILA DE MOURA SOUZA

ASSIS BRASIL ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO:

transformações urbanas, sociabilidades de gênero e representações de Parnaíba nas décadas de 1930 e 1940.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, sob orientação da Professora Doutora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, como requisito à obtenção do título de mestre.

TERESINA-PI
2018

PRISCILA DE MOURA SOUZA

ASSIS BRASIL ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO:

transformações urbanas, sociabilidades de gênero e representações de Parnaíba nas décadas de 1930 e 1940.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, sob orientação da Professora Doutora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, como requisito à obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (orientadora)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Profa. Dra. Yvone Dias Avelino (examinador externo)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento (examinador interno)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco (suplente)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

À memória dos meus avós Maria da Conceição Saraiva e João Saraiva de Moura que, em vida, foram a imagem da sabedoria e da humildade.

A minha mãe Rosa, por ser minha constante fonte de incentivo, dedicação e força. Mãezinha, eu te amo.

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta dissertação não teria sido possível sem a colaboração, estímulo e empenho de diversas pessoas. Agradeço a Deus que com sua infinita grandeza me permitiu chegar ao fim desta etapa.

Aos meus pais Rosa Saraiva de Moura e Francisco Lopes; Josival de Souza e Simone Bueno por compreenderem a minha ausência, pela paciência, compreensão e auxílio imprescindíveis.

Ao escritor Francisco de Assis Almeida Brasil por sua disponibilidade e atenção dedicada a este trabalho.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Teresinha Queiroz, que, com suas orientações, deu forma a este trabalho, a minha escrita, compreendeu e auxiliou na superação das limitações. 6 anos de convivência compartilhando conhecimento, amizade, palavras de incentivo. A palavra obrigada é insuficiente para agradecer o apoio a mim concedido, desde a criação do projeto até a conclusão do trabalho.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, à secretária D. Eliete e a Rairana funcionária da coordenação por todo apoio e atenção nos momentos difíceis.

À professora Umbelina Saraiva Alves, alguém que sempre procuro imitar enquanto exemplo de trajetória acadêmica e de vida. Tia, obrigada por sua dedicação, por suas instruções.

Ao professor Silverio Alves por todas as conversas, suporte técnico, os conselhos.

A tia Francisca Saraiva que me acolheu em sua casa, pelo constante incentivo, o cuidado, o carinho, os conselhos.

Aos primos Christopher, Anderson, Jaíres e Maria Clara que compartilharam amizade, que contribuíram e incentivaram a pesquisa, proporcionaram momentos de muitas alegrias.

A minha vó de coração, Joana Lopes, sempre presente nos momentos difíceis, transmitindo solidariedade e apoio.

O Prof. Dr Francisco de Assis de Sousa Nascimento e o Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco, que durante o processo de qualificação contribuíram com sugestões de leituras, indicação de bibliografia e fontes para a pesquisa.

Aos historiadores Josenias dos Santos e Sergio Luiz pela dedicação e atenção dedicadas a mim, os favores prestados, as dicas e os livros que disponibilizaram.

Ao Historiador e presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico, Reginaldo, pelas horas de conversa, os acervos, as dicas, as imagens.

À cidade de Parnaíba (PI), o amigo Diderot Mavignier, o fotógrafo Helder Fontenele, bem como a todos que compõem o campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, que, permitiram a execução desse trabalho.

Aos amigos da turma com quem convivi, em especial Maristella Rodrigues, Larice Íris e Maria Lidiêgida, por todo apoio, cumplicidade, carinho e atenção.

A Luma, com quem sempre pude contar, pelas sugestões, escuta amiga, as correções, o incentivo na qualificação e no momento final da dissertação.

A Charles Marques Rosal, o apoio técnico, as palavras de incentivo.

A TODOS, MUITO OBRIGADA!

A literatura é minha vida.
Francisco de Assis Almeida Brasil.

RESUMO

Este trabalho investiga os romances *Beira rio beira vida* (1965), *A filha do Meio-Quilo* (1966), *O salto do cavalo cobridor* (1968) e *Pacamão* (1969), de Francisco de Assis Almeida Brasil (Assis Brasil), seu lugar de produção e o lugar onde foram ambientados. A tetralogia é voltada para as práticas e sociabilidades de homens e mulheres. O período de escrita dos romances, Rio de Janeiro da década de 1960, foi marcado pelo trabalho de Assis Brasil no *Jornal do Brasil*, Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, revista *Cadernos Brasileiros*, *Jornal Tribuna da Imprensa*. Atuou como crítico literário o que possibilitou ler e discutir autores novos e autores já consagrados. No espaço do suplemento discutiu os caminhos seguidos pela literatura e sua função social. Os romances possuem estreita relação com essas discussões. Assis Brasil rememora Parnaíba das décadas de 1930 e 1940, representando um conjunto de práticas que regiram o agir, os espaços, o vestir, o portar-se em espaços novos de sociabilidades que marcavam a emergência de uma camada urbana enriquecida com o comércio de exportação e importação. Por fim, apresenta-se o viver em Parnaíba a partir das singularidades dos romances, as prostitutas do cais, as sociabilidades do cais e da cidade, os agregados das fazendas, homens e mulheres cultos, civilizados, homens fortes, viris. A análise em questão contempla variada gama de fontes que vai dos periódicos cariocas acima citados, à cidade de Parnaíba com os relatos dos cronistas sociais, passando pela iconografia e a literatura local.

Palavras-chave: Francisco de Assis Almeida Brasil (Assis Brasil). Parnaíba. História. Literatura.

ABSTRACT

This work investigates the novels *Beira Rio beira vida* (1965), *A filha do Meio-Quilo* (1966), *O salto do cavalo cobridor* (1968) and *Pacamão* (1969), of Francisco de Assis Almeida Brasil (Assis Brasil), its place of production and the place where they were set. Tetralogy is focused on the practices and sociabilities of men and women. The period of writing of the novels, Rio de Janeiro of the 1960, was marked by the work of Assis Brasil in the newspaper of Brazil, Sunday supplement of the Newspaper of Brazil, journals Brazilian magazines, newspaper Tribune of the press. He served as a literary critic which allowed him to read and discuss new authors and authors already consecrated. In the space of the supplement discussed the paths followed by the literature and its social function. Romances have a close relationship with these discussions. The 1930 and 1940, representing a set of practices that return the act, the spaces, the dressing, the sociabilities in new spaces that marked the emergence of an urban layer enriched with the trade of Export and import. Finally, it is presented the living in Sao Paulo from the singularities of the novels, the prostitutes of the pier, the sociabilities of the pier and the city, the aggregates of the farms, men and women cults, civilized, strong men, Manly. The analysis in question contemplates a varied range of sources from the aforementioned Rio de Janeiro periodicals, to the city of Sao Paulo with the reports of social chroniclers, through iconography and local literature.

Keywords: Francisco de Assis Almeida Brasil (Assis Brasil). Parnaíba. Story. Literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do livro <i>Contos do cotidiano triste</i>	23
Figura 2: Capa da primeira edição do livro <i>Beira rio beira vida</i>	37
Figura 3: Capa da primeira edição do livro <i>A filha do Meio-Quilo</i>	38
Figura 4: Anúncio do romance <i>A filha do Meio-Quilo</i>	39
Figura 5: Capa da primeira edição do livro <i>O salto do cavalo cobridor</i>	40
Figura 6: Anúncio do romance <i>O salto do cavalo cobridor</i>	42
Figura 7: Neusália dos Santos Mavignier, professora normalista	48
Figura 8: Jeanete de Moraes Souza cantava e tocava piano em eventos que organizava	49
Figura 9: Edméia Memória Ferraz discursando na inauguração do Preventório	52
Figura 10: Maria de Lurdes Pinheiro Machado doou terras e monumentos para a diocese e capelas de Parnaíba	54
Figura 11: Edine Vêras coordenava o bandeirantismo em Parnaíba	56
Figura 12: Florisa Masulo de Melo quartanista do Ginásio Parnaibano eleita rainha dos estudantes em 1936	64
Figura 13: Gladys Andrade Correia, aluna do terceiro ano comercial no Colégio de Nossa Senhora das Graças, eleita princesa dos estudantes em 1936	65
Figura 14: Alunos do Miranda Osório (Ginásio e Escola Normal)	66
Figura 15: Márcia Avelino da Cunha, professora normalista	69
Figura 16: Onesy Couto de Mello, professora normalista e poetisa	71
Figura 17: Fay Wray famosa atriz de Hollywood na década de 1930	72
Figura 18: Anúncio do sabonete Lever	73
Figura 19: Garçonetes do Bar Pimpão.....	79
Figura 20: Funcionárias em frente à Casa Inglesa	80
Figura 21: Spés Fontenele de Carvalho, Rainha dos Comerciários em 1948	81
Figura 22: Lavadeiras (crianças e adultas) à beira do rio Iguaçu	84
Figura 23: Anália Silva Rios, parteira	87
Figura 24: Anúncio de loja com estoque masculino	97
Figura 25: Raul Cláudio Vieira da Silva com vestes similares às vestes dos adultos	98
Figura 26: Casamento de James Kelso Clark Nunes e Maria do Carmo Marques Correia, em 29 de outubro de 1949, em Parnaíba	100
Figura 27: Mirocles Campos Veras, médico e prefeito de Parnaíba de 1934 a 1940.	103

Figura 28: Maternidade Dr. Marques Bastos e Lactário Suzane Jacob	106
Figura 29: Leprosário São Lázaro.	107
Figura 30: Apresentação dos internos do Colônia do Carpina com a presença de Mirocles	108
Figura 31: Mirocles Veras cumprindo a agenda das festas do centenário na inauguração do Monumento do Centenário da Parnaíba	109
Figura 32: Alarico José da Cunha no rigor do bem-vestir	114
Figura 33: No centro, Alarico da Cunha. À esquerda, seu filho Prentice da Cunha. À direita, seu parente Leonam Bristol da Cunha.	115
Figura 34: Gerente, esposa e funcionário (as) da Casa Inglesa em Parnaíba	127
Figura 35: Raimundo Souza Lima colaborador no Almanaque da Parnaíba	131

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 ATUAÇÃO JORNALÍSTICA E LITERÁRIA DE ASSIS BRASIL NO RIO DE JANEIRO	19
2.1 Assis Brasil na imprensa carioca e o seu fazer-se como escritor	19
2.2 A produção e recepção dos romances nos anos de 1960.....	33
3 AS MULHERES PARNAIBANAS ENTRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS	44
3.1 As novas atribuições sociais das mulheres e o sair das parnaibanas de classes elevadas	44
3.2 Os trabalhos, os lugares e os dias das mulheres pobres em Parnaíba.....	71
4 SER HOMEM EM PARNAÍBA NOS ANOS DE 1930 E 1940	93
4.1 Os homens ricos e a produção de uma nova “nobreza” urbana e comercial	93
4.2 O fardo cotidiano dos homens pobres	115
5 A HISTÓRIA ESCOVADA PELA FICÇÃO	133
5.1 As ocupações, os prazeres e as dores das mulheres pobres na ficção de Assis Brasil ...	133
5.2 A vida dos homens pobres na ficção de Assis Brasil	164
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
REFERÊNCIAS	185
ANEXO	199

1 INTRODUÇÃO

A História como disciplina, como ciência em construção e como campo de pesquisa tem ampliado seus horizontes, como sugeriram Pierre Nora e Jacques Le Goff.¹ Novas fontes, novas metodologias e novos problemas têm condicionado o pensar e o fazer historiográfico. Por esse viés, a história apresenta um vasto leque de possibilidades no que tange à escrita das práticas humanas, que, como postula Michel de Certeau,² está localizada no tempo e no espaço. Muitas são as formas de dizer o mundo, e a história cultural, como assevera Sandra Pesavento,³ renovou as correntes da história e os campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, possibilitando a utilização de uma multiplicidade de novas fontes, entre elas a literatura.

Conforme Nicolau Sevcenko,⁴ um grande desafio imposto ao historiador, sobretudo quando se empenha na construção do conhecimento, utilizando a narrativa ficcional como um dos registros a serem analisados, é ponderar entre compreensões subjetivas e entendimentos objetivos. A tarefa não é só atribuir sentido às palavras. O autor do texto é inevitavelmente interpretado, pois não há textos sem os traços do autor, que, por sua vez, é marcado pelo mundo que o cerca, mundo esse que também é transformado por sua escrita. É nesse entremeio entre o ficcional e o real que está imersa a narrativa do escritor piauiense Francisco de Assis Almeida Brasil, mais conhecido como Assis Brasil.

A presente pesquisa enfatiza a escrita do literato. Assis Brasil nasceu em Parnaíba em 1932. Estudou em Fortaleza e logo se mudou para o Rio de Janeiro. Lá, atuando como crítico literário no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (SDJB) no período de 1956 a 1961, Assis Brasil produziu os romances: *Beira rio beira vida*⁵ (1965), *A filha do Meio-Quilo*⁶ (1966), *O salto do cavalo cobridor*⁷ (1968) e *Pacamão*⁸ (1969), reunidos em 1979 com o

¹ LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos problemas, novas abordagens, novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

² CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2007.

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

⁵ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Beira rio beira vida*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965.

⁶ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *A filha do Meio-Quilo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

⁷ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *O salto do cavalo cobridor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968.

título de *Tetralogia piauiense*.⁹ Os romances rememoram Parnaíba das décadas de 1930 e 1940.

A pesquisa tem como objetivo principal a escrita e o consumo dos romances supracitados, bem como as representações construídas nos romances e as reflexões expressadas e divulgadas através de jornais, entrevistas, pesquisas e livros. Nesse sentido, analisa-se a escrita e a leitura imersa em um espaço e tempo, problematizando a produção dos romances e a história contada.

Conhecer o lugar que Assis Brasil ocupou no cenário jornalístico e cultural do Rio de Janeiro é relevante para compreender o lugar de produção de seus romances. É importante conhecer o que ele produziu entre as décadas de 1950 e 1960 e, por isso, analisa-se sua atividade durante esse período e propõe-se um diálogo com os quatro romances ambientados na cidade de Parnaíba, as diversas representações que o escritor constrói sobre a cidade em sua tetralogia, e a recepção dos romances na imprensa carioca e em Parnaíba são analisadas.

Identificar o lugar social que o autor ocupou no momento de escrita dos romances e o recorte em que os ambienta são fatores que compõem a construção sócio-histórica da figura do autor.¹⁰ Assim a opção pelo tema considerou o recorte temporal da escrita da obra, o Rio de Janeiro na década de 1960, e também o espaço em que é ambientada: Parnaíba de 1930 e 1940.

No Rio de Janeiro, as discussões no SDJB sobre a relação autor e obra nos quais ele estava inserido possivelmente refletiu-se na escrita dos romances. Assis Brasil apresenta muitas nuances da cidade de Parnaíba, dando visibilidade a atores sociais marginalizados, portadores de práticas e ideias distintas e de diferentes formas de desfrutar a cidade. Ambientou os romances no momento de maior efervescência comercial e cultural da cidade de Parnaíba, auge da economia extrativa no Piauí. A cidade possuía destaque comercial devido a sua proximidade com o litoral e por permitir maior intercâmbio das mercadorias diretamente com os estados vizinhos e países da Europa por meio do porto maranhense de Tutoia e do porto de Amarração, atual Luís Correia.

⁸ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Pacamão*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1969.

⁹ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Tetralogia piauiense*. Teresina: FUNDAP, 2008.

¹⁰ CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. São Paulo: Editora Art Med, 2001. p. 90.

Parnaíba em 1930 e 1940 foi alvo da modernização¹¹ e foco das investidas civilizatórias. O espaço urbano se constituiu em expressão do progresso material e das benesses da modernidade. Enquanto *locus* privilegiado dessas mudanças, a cidade significará um espaço de múltiplas relações e leituras, interessando aqui como lugar habitado por homens e mulheres e suas diferentes formas, bem como seu espaço físico e seu território textual.

Nas primeiras décadas do século XX Parnaíba já possuía um forte comércio. Casas importadoras-exportadoras de produtos variados, vindos de outras partes do Brasil e do exterior, se estabeleceram. Essas casas comerciais funcionavam como entreposto de comércio e de distribuição de mercadorias entre o litoral e o interior do Piauí. Em Parnaíba, situavam-se as matrizes de importantes firmas que traziam o nome dos seus donos, eram elas: Marc Jacob S.A., James Frederich Clarck (Casa Inglesa), Pedro Machado S. A., Morais Importação S.A., Poncion Rodrigues, Ranulpho Torres Raposo e Neves e Cia., dentre outras de menor porte.

Parnaíba, além de comprar, beneficiar e exportar produtos, destacou-se por apresentar um grande contingente de firmas comerciais dos mais variados ramos: empresas de representação, miudezas, ferragens, armarinhos, o que, além de suprir sua demanda interna, transformou-a num polo aquecido para o comércio regional. Assim, nas décadas de 1930 e 1940, a cidade teve aumento expressivo da população, que passou de mais de vinte mil habitantes na década de 1930 a cerca de sessenta mil na década de 1940. Os ganhos materiais obtidos com a carnaúba acentuaram significativas mudanças na vida social de homens e mulheres, principalmente no campo das sociabilidades e das práticas cidadinas.

Os romances *Beira rio beira vida*, *A filha do meio-quilo*, *O salto do cavalo cobridor* e *Pacamão* apresentam Parnaíba por diversos ângulos, através de homens e mulheres vivendo “de maneiras diferentes a mesma experiência, concentrada no mesmo setor do espaço público e no mesmo intervalo de tempo”.¹² Assim como a reorganização espacial, o surgimento de novos espaços de sociabilidades, novas práticas, acontecimentos parecem ressoar direta ou indiretamente no cotidiano e nos costumes de homens e mulheres, gerando expectativas, anseios, projeções, euforia e medo.

¹¹ O termo modernização é aqui empregado no sentido com o qual opera Marshal Berman, destacando que o termo está associado, de modo geral, a intensas transformações no espaço e na sociedade. A modernização como um turbilhão de transformações manifestadas, entre outros aspectos, por meio da urbanização do espaço. Cf.: BERMAN, Marshal. *Tudo que é solido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

¹² SEVCENKO, 1999, p. 28.

No quem pese as práticas cotidianas, bem como o uso e o consumo feito pelos sujeitos, considerando as reflexões e os conceitos propostos por Michel de Certeau, enfatizamos o caráter plural da experimentação do espaço urbano no que compete a homens e mulheres.¹³ A forma como Assis Brasil representa homens e mulheres e o circular no espaço da cidade, as práticas de uma elite referente ao vestir-se e ao portar-se nos espaços é reveladora do universo social parnaibano. A partir disso é que a presente pesquisa utiliza a literatura para perceber as várias formas de produção de significados e de sensibilidades, quanto aos gêneros masculino e feminino, notadamente no que se refere à suas experimentações no espaço.

A cidade de Parnaíba, a partir da década de 1980, foi rememorada por muitos cronistas que louvavam aspectos de civilidade, urbanização, se remetendo às décadas de 1930 e 1940, construindo outras cidades literárias, da memória. O trabalho sobre a sociedade parnaibana em suas particularidades discute as práticas e representações enfatizadas por cronistas e periódicos locais, e pelo literato Assis Brasil. Os romances de Assis Brasil suscitaram um desconforto na cidade, dentre os aspectos, a verossimilhança, o viver no centro e no cais, a vida na perspectiva das mulheres pobres, das prostitutas, dos homens pobres. Nesse esforço escriturístico, a produção dos cronistas, memorialistas difere dos romances de Assis Brasil.

Dentre essas iniciativas, ainda na década de 1940, Benedito Jonas Correia e Benedito dos Santos Lima organizaram *O livro do Centenário de Parnaíba*,¹⁴ com informações do espaço, das instituições, das sociabilidades; a coleção do *Almanaque da Parnaíba*¹⁵ da primeira metade do século XX. A partir da década de 1980, o memorialista Carlos Araken em seu livro *Estórias de uma cidade muito amada* (1988) com capítulos dedicados às mulheres e homens das décadas de 1930 e 1940, os espaços, as diversões civilizadas; Luzia Thereza Neves de Andrade com *As meninas do sobrado*¹⁶ (1999); Raimundo de Souza Lima com *Vareiros do rio Parnaíba*¹⁷ (1987). Nos anos 2000, o teatrólogo Benjamim Santos fundou o jornal *O Bemem*. Lançado em Parnaíba, em janeiro de 2008. Apresenta poetas, romancistas, dramaturgos, memorialistas, biógrafos e personalidades parnaibanas. Dentre as seções apresentadas estão: Mulheres da Parnaíba de outrora, Homens da Parnaíba de outrora, Os

¹³ CERTEAU, 2007, p. 201.

¹⁴ CORREIA, Benedito Jonas; LIMA, Benedito dos Santos. *O livro do centenário de Parnaíba*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1944.

¹⁵ O *Almanaque da Parnaíba* começou a circular em 1924, editado por Benjamin dos Santos Lima. O periódico é editado atualmente pela Academia Parnaibana de Letras.

¹⁶ ANDRADE, Luzia Thereza Neves de. *As meninas do sobrado*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1999.

¹⁷ SOUZA LIMA, Raimundo. *Vareiros do Parnaíba e outras histórias*. Parnaíba: Fundação Cultural do Piauí, 1987.

belos anos 40. Destaca fotografias e depoimentos, propondo uma releitura da cidade de Parnaíba e do sucesso econômico, resultante do extrativismo. As fontes analisadas fornecem informações importantes quanto à cidade de Parnaíba e seus atores sociais, permitem compreender as relações sociais, especialmente a relações de gênero, possibilitando ao objeto primordial desta pesquisa, os romances *Beira rio beira vida*, *A filha do Meio-Quilo*, *O salto do cavalo cobridor* e *Pacamão*, mostrarem a singularidade que possuem.

O primeiro capítulo, *Atuação jornalística e literária de Assis Brasil no Rio de Janeiro*, analisa o lugar de produção dos romances *Beira rio beira vida*, *A filha do Meio-Quilo*, *O salto do cavalo cobridor* e *Pacamão* de Assis Brasil, assim como a suas respectivas repercussões nos periódicos cariocas. No Rio de Janeiro, atuando como crítico literário no SDJB, de 1956 a 1961, o escritor produziu os romances, trabalhando em um ambiente onde se discutia o destino da arte, imerso nas discussões de concretismo e neoconcretismo e em torno da linguagem na elaboração da poesia e do romance.

O segundo capítulo, *As mulheres parnaibanas entre os espaços públicos e privados*, discute o viver de mulheres na cidade de Parnaíba nas décadas de 1930 e 1940 sob um acentuado processo de transformação na cidade. Investiga a atuação pública das mulheres ricas e pobres em uma sociedade estratificada onde havia mulheres brancas e caboclas, ricas e pobres, bem como as aspirações femininas, suas ações no âmbito da igreja, do trabalho assistencialista, do magistério e as mulheres nos espaços de trabalho.

No terceiro capítulo, *Ser homem em Parnaíba nos anos de 1930 a 1940*, analisa-se a atuação do homem no espaço público que foi apresentado como primordialmente masculino. Os homens do centro são apresentados como administradores públicos, políticos, honestos, exemplos de honra e inteligência, desempenhando funções ligadas à esfera pública. Identifica-se ainda como a masculinidade é vivida na intimidade e na esfera do privado. Os homens do cais, representados como fortes, resistentes, homens de honra. Analisa-se, também, a construção da masculinidade, no centro e no cais, observando o que vestiam e como agiam em cada espaço, expressos por um conjunto de práticas e representações que eram exigidas e que foram exaltadas nos jornais e pelos memorialistas.

O quarto capítulo, *A história escovada pela ficção*, discute como Assis Brasil inventou Parnaíba a partir de suas memórias, nos anos 1960. Os romances *Beira rio beira vida*, *A filha do Meio-Quilo*, *O salto do cavalo cobridor* e *Pacamão* ilustram práticas femininas e masculinas, a pobreza, a prostituição, o anticlericalismo, o corpo, a cidade de Parnaíba nas décadas de 1930 e 1940. Apresenta as sociabilidades em Parnaíba no centro urbano, na Praça

da Graça, nas quermesses da igreja, no Cine Éden,¹⁸ no cassino 24,¹⁹ na Santa Casa de Misericórdia,²⁰ assim como nas sociabilidades no cais. Os costumes, a diferença social, as relações entre os sexos, a passagem da juventude à fase adulta de mulheres e homens e o comportamento exigido e esperado pela sociedade.

Portanto a dissertação analisa o lugar da produção da tetralogia de Assis Brasil, o texto interpretado e os traços do autor nesses três recortes interpretativos. A influência da atuação jornalística e literária de Assis Brasil no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, a cidade de Parnaíba que inspirou sua construção literária, a recepção e apropriação da mesma.

¹⁸ O Cine Éden foi criado a 15 de novembro de 1924, localizado na Praça da Graça.

¹⁹ O Cassino 24 de Janeiro foi inaugurado em 24 de janeiro de 1925 e era destinado ao lazer da elite parnaibana. A referência a este clube é frequente nos relatos de memorialistas. Funcionava na Avenida Presidente Vargas. Cf.: ARAKEN, 1988, p. 42.

²⁰ A Santa Casa de Misericórdia representou o esforço de parnaibanos para atender as necessidades hospitalares dos pobres. Foi fundada em 26 de abril de 1896, e definitivamente instalada em 15 de novembro do mesmo ano.

2 ATUAÇÃO JORNALÍSTICA E LITERÁRIA DE ASSIS BRASIL NO RIO DE JANEIRO

Este capítulo analisa a produção dos romances *Beira rio beira vida*,²¹ *A filha do Meio-Quilo*,²² *O salto do cavalo cobridor*²³ e *Pacamão*²⁴ de Assis Brasil. Considera-se o local de produção e a recepção dos romances. Assim, importam as transformações na vida do escritor, a repercussão dos romances, os comentários e críticas nos periódicos, bem como sua atuação no cenário intelectual carioca.

Os jornais da época constituem fonte essencial para a realização da análise quanto à divulgação e recepção dos romances. Dentre os principais, consultados está o *Jornal do Brasil*, a *Tribuna da Imprensa* e a revista *O Cruzeiro*, onde se encontram anúncios, críticas e comentários da sua produção enquanto crítico literário e romancista, o que possibilita conhecer a repercussão dos romances e os prêmios recebidos.

2.1 Assis Brasil na imprensa carioca e o seu fazer-se como escritor

Francisco de Assis Almeida Brasil nasceu em Parnaíba em 18 de fevereiro de 1932. Mudou-se com a família para Fortaleza, onde estudou parte do ginásial e o curso científico em regime de internato no Colégio São João. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em outubro de 1949, local em que atuou como jornalista, professor, romancista, crítico e ensaísta. Autor dos romances *Beira rio beira vida*, *A filha do Meio-Quilo*, *O salto do cavalo cobridor* e *Pacamão*, objetos de análise deste estudo, Assis Brasil venceu vários prêmios literários nacionais, entre eles o Walmap com *Beira rio beira vida* em 1965, e em 1975 com o romance *Os que bebem como os cães*.²⁵ Recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras em 2004 pelo conjunto da sua obra. O operário da palavra,²⁶ continua publicando.

²¹ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Beira rio beira vida*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965.

²² ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *A filha do Meio-Quilo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

²³ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *O salto do cavalo cobridor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968.

²⁴ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Pacamão*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1969.

²⁵ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Os que bebem como os cães*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1975.

²⁶ SANTOS, Cineas. Conversa. In: CAMINHA, Edmilson; MOURA, Francisco Miguel de (Org.). *Assis Brasil: conversa de escritor*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1989. p. 5.

No Rio de Janeiro, aos 21 anos, publicou seu primeiro livro, *Verdes mares bravios*,²⁷ sobre o qual relata:

Em Fortaleza eu estreei aos dezesseis anos, escrevendo na *Gazeta de Notícias*, um jornal tradicional que não existe mais. Fiquei muito empolgado quando vi o meu primeiro artigo no jornal, com o meu nome. Era uma crônica sobre os jangadeiros. Essa crônica viria a ser o ponto de partida do meu primeiro livro, *Verdes mares bravios*, que eu terminaria de escrever, e publicaria, já na década de 50, no Rio de Janeiro.²⁸

Verdes mares bravios é fruto do convívio e de entrevistas que fez com alguns jangadeiros na praia de Mucuripe, na década de 1940. Marcada pelo Reide de 1941, a década ficou conhecida pela viagem de cinco jangadeiros: Tatá (62 anos), João Batista (31 anos), Manoel Preto (49 anos), Manuel Frade (61 anos) e Jerônimo saíram de Fortaleza, capital do Ceará, para o Rio de Janeiro, capital federal, na jangada Nossa Senhora da Assunção. Eles realizaram um longo percurso através do litoral brasileiro a fim de exigir e assegurar do governo de Getúlio Vargas direitos trabalhistas para a categoria.²⁹ Em 1942, o feito ganhou ares cinematográficos, com filmagens e edição em 1993 do documentário *It's all true* do diretor norte-americano Orson Welles.³⁰

A situação de miséria dos jangadeiros foi destaque em 1952 na revista *O Cruzeiro* em um dossiê com textos e fotografias. Com o título Cinco homens e uma jangada,³¹ os jangadeiros cearenses e as reivindicações entregues a Getúlio Vargas foram apresentados. Posteriormente, a revista publicou A jangada na história do Brasil,³² tratando do barco e das condições da travessia. Em setembro de 1954, publicou Jangadas dos verdes mares.³³ Nos dossiês, os jangadeiros são apresentados como os veteranos dos “verdes mares bravios” e também homens rudes dos “verdes mares bravios,” expressão de José de Alencar,³⁴ que se tornou título de Assis Brasil.

²⁷ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Verdes mares bravios*. Rio de Janeiro: Aurora, 1953.

²⁸ CAMINHA, Edmilson; MOURA, Francisco Miguel de (Org.). *Assis Brasil: conversa de escritor*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1989. p. 8.

²⁹ CINCO homens e uma jangada. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 05 jan. 1952, p. 20-23-40.

³⁰ Na década de 1940, através do rádio e jornais o país acompanhou a aventura de jangadeiros que foram de Fortaleza ao Rio de Janeiro. O feito chamou a atenção de Orson Welles. Hollywood havia encomendado a ele um documentário sobre o Brasil. O esforço norte-americano pretendia atrair Getúlio Vargas à esfera aliada na Segunda Guerra Mundial. O feito dos jangadeiros se tornou um dos episódios do documentário *It's all true*. Cf.: HOLANDA, Firmino. *Orson Welles no Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

³¹ CINCO homens e uma jangada. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 05 jan. 1952, p. 20-23-40.

³² A JANGADA na história do Brasil. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1954, p. 60-76.

³³ JANGADAS dos verdes mares. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 04 set. 1954, p. 52.

³⁴ ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Ática, 2004.

O romance que traz a história dos jangadeiros cearenses, *Verdes mares bravios*, foi publicado por Assis Brasil em 1953 no Rio de Janeiro, centro de maiores oportunidades, para onde ele se mudou para tornar-se escritor. Na Cidade Maravilhosa, trabalhou em cargos da área administrativa, como oficial administrativo e auxiliar de escritório. Mais tarde, tornou-se redator do setor de propaganda das Casas Pernambucanas, enquanto cursava Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde havia feito o vestibular em 1955.

O livro *Verdes mares bravios* de Assis Brasil foi apresentado nesse contexto editorial da revista *O Cruzeiro*, que destacava a miséria dos jangadeiros cearenses. Em entrevista a Francigelda Ribeiro,³⁵ Assis Brasil fala sobre o livro e suas influências literárias:

[...] Quem primeiro me influenciou foi um romance específico: o *Iracema* de José de Alencar. É que me apaixonei por aqueles ‘lábios de mel’ e por aquele ‘talhe esbelto como a palmeira’. *Iracema* começa assim: ‘Verdes mares bravios’... que é título do meu primeiro romance. Morando já em Fortaleza, e me relacionando com alguns jangadeiros da praia do Mucuripe – sempre tive curiosidade pelo ser humano, em qualquer nível social – disse assim para alguns colegas: vou escrever um romance que o José de Alencar não escreveu, e contar também o lado social da coisa, que ele não chegou a ‘enxergar’ em seus romances. Só fui publicar o romance em 1953, quando já estava no Rio de Janeiro, ligeiramente pós-adolescente.³⁶

Assis Brasil escreve *Verdes mares bravios* na década em que se discutiam as más condições de vida dos jangadeiros cearenses, que trabalhavam sem garantias e sem segurança. O livro aparece na seção Mundo dos livros, de Geraldo de Freitas, nas indicações de bibliografia da revista *O Cruzeiro*, com dois anúncios diferentes que se repetem ao longo do ano nesse periódico. O primeiro anúncio: “VERDES MARES BRAVIOS... Assis Brasil – Romance – Editora Aurora – Rio – O autor filho do Piauí, escreve neste volume a história real dos jangadeiros cearenses”.³⁷ O segundo: “VERDES MARES BRAVIOS... de Assis Brasil, numa edição da Gráfica Editora Aurora, é um romance de escritor do Piauí contando a tragédia dos jangadeiros cearenses”.³⁸

No Rio de Janeiro, Assis Brasil começou a participar de concursos de contos e em 1954 venceu alguns promovidos pelo *Jornal de Letras*, dirigido por Elísio Condé, bem como

³⁵ Francigelda Ribeiro é mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí em 2007 com a dissertação *Tetralogia Piauiense de Assis Brasil: interface entre o literário e o social*. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 2014, com a tese *Caminhos da crítica e da literatura sob a perspectiva de Assis Brasil*. Organizou o livro *Memória e aprendizado: entrevista concedida a Francigelda Ribeiro*. O livro é fruto de uma entrevista concedida por Assis Brasil e foi publicado em 2011.

³⁶ ASSIS BRASIL, 2010, p. 39-60.

³⁷ BIBLIOGRAFIA. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 09 maio 1953, p. 49.

³⁸ BIBLIOGRAFIA. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 05 set. 1953, p. 77.

pela revista *A Cigarra*, na época dirigida por Constantino Paleólogo. O escritor conquistou visibilidade na imprensa carioca com os prêmios recebidos e estreou como ficcionista quando ganhou o Prêmio Nacional do Jornal de Letras (RJ) em 1954, com o conto *Cândida*. Convidado, passou a partir daquele ano a colaborar produzindo contos para os diversos periódicos. Em 1955, reuniu as narrativas curtas premiadas a outras em uma coletânea intitulada *Contos do cotidiano triste*,³⁹ que aparece no *Diário Carioca* em sucessivos anúncios na página Livros:

O autor, que publicara anteriormente um romance, apesar de moço possui apreciável carga de experiências vitais, e a prova disso é a densidade trágica de seus contos. Um deles ‘Cândida’, foi premiado pelo *Jornal de Letras*. Não só o título do volume como a seguinte citação de Schopenhauer indicam a atitude pessimista de Assis Brasil em face da vida: ‘o mundo é o inferno, e os homens dividem-se em almas atormentadas e em diabos atormentadores’.⁴⁰

Os concursos de contos foram decisivos para a carreira de Assis Brasil no que concerne a oportunidades nos periódicos cariocas. O livro *Contos do cotidiano triste* é composto por dez contos, quase todos premiados por revistas e jornais do Rio de Janeiro. São eles: O Marido de Valentina, A empregada, O assassino, A voz no telefone, A vingança, A árvore de Natal, O bilhete de loteria, O divórcio, O naufrágio e Cândida.

Na década de 1950, Assis Brasil ficou conhecido como “o autor de *Contos do cotidiano triste*, jovem escritor do Piauí, vencedor de concursos de contos”.⁴¹ Assim, seguiu participando de concursos e com o pseudônimo de Gaston de Liser foi premiado no jornal *Tribuna da Imprensa* em março de 1956. Em matéria a esse respeito, registra o jornal:

Assis Brasil, autor do livro intitulado *Contos do cotidiano triste* é, aliás, especialista em ganhar concursos. Estreou em 1955, quando o *Jornal de Letras* publicou um dos seus contos, escolhido como o melhor trabalho do mês. A revista *A Cigarra* também selecionou um, e, desta maneira, o jovem escritor conseguiu em pouco tempo, o que outros não conseguem durante longos anos: três prêmios em menos de doze meses.⁴²

³⁹ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Contos do cotidiano triste*. Rio de Janeiro: Universitária, 1955.

⁴⁰ LETRAS e artes. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1956, p. 3.

⁴¹ GASTON de Liser: três prêmios em doze meses. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 24-25 mar. 1956, p. 7.

⁴² GASTON de Liser: três prêmios em doze meses. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 24-25 mar. 1956, p. 7.

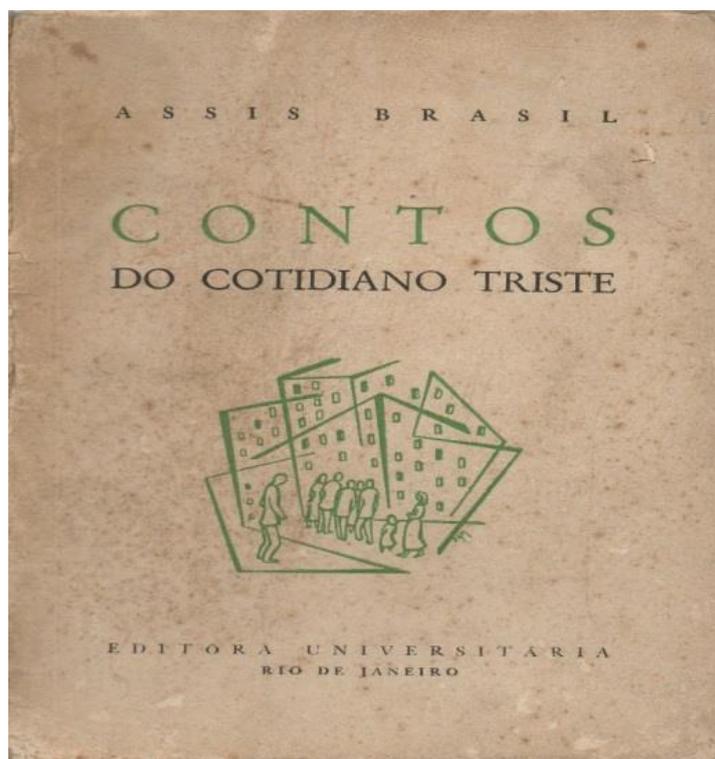


Figura 1: Capa do livro *Contos do cotidiano triste*. Fonte: Acervo da autora, 2017.

Foi importante também para dar visibilidade ao escritor ganhar o concurso Escreva sua história de carnaval do *Jornal do Brasil*, cuja comissão julgadora era composta por membros da Academia Brasileira de Letras. Com o pseudônimo de Limpo de Sousa, Assis Brasil inscreveu o conto Salomé e o carnaval. Dessa maneira:

A comissão julgadora, composta dos escritores Rachel de Queiroz, Barbosa Lima Sobrinho e Manuel Bandeira, deu ao presente conto o primeiro prêmio do concurso ‘Escreva sua história de carnaval’ do *Jornal do Brasil*. Foram cento e trinta e oito concorrentes.⁴³

Depois dos inúmeros prêmios em diferentes periódicos cariocas recebidos pelo livro *Contos do cotidiano triste*, Assis Brasil prefaciou o livro *Depois da luta* de José Louzeiro. Essa apresentação foi reproduzida em diversos números do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*.⁴⁴ O escritor foi jurado do prêmio Arthur Azevedo de contos do Instituto Nacional do Livro (INL).

⁴³ SALOMÉ e o carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1957, p. 5.

⁴⁴ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil] Apresentação de um contista. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 jun. 1958. Suplemento Dominical, p. 8.
ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil] Apresentação de um contista. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1958. Suplemento Dominical, p. 8.

O concurso do INL tinha três modalidades: Prêmio Edgar Cavalheiro (ensaio e erudição), na comissão julgadora estavam Eduardo Portela, Lúcia Miguel-Pereira e Brito Broca; Prêmio Alphonsus de Guimaraens (poesia), faziam parte da comissão julgadora Augusto Meyer, Antônio Houaiss e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; Prêmio Arthur Azevedo (contos), a comissão julgadora era formada por Assis Brasil, M. Cavalcante Proença e Paulo Ronai.⁴⁵

O vencedor da modalidade Ensaio foi Sérgio Buarque de Holanda, com o livro *Caminhos e fronteiras*; na modalidade Poesia, foi Marli de Oliveira, com o livro *Cerco da primavera*; na modalidade Contos, não houve maioria de dois votos em favor de um autor. Paulo Rónai escolheu o livro *Amigo velho* de Guido Wilmar Sassi, de Florianópolis; M. Cavalcante Proença opinou por *Portas fechadas* de Moreira Campos, do Ceará; e Assis Brasil votou em *Nove histórias em grupos de três* de Valdomiro Autran Dourado, de Minas Gerais.

A direção do INL convidou os membros da comissão de Contos e sugeriu que votassem em um terceiro livro ou que nomeassem um quarto julgador para ocupar a vaga de Aníbal Machado que havia deixado a comissão do concurso. Assis Brasil se recusou a ir à reunião e declarou:

Eu não vou. Meu voto já está dado e não mudarei minha posição. Sobretudo levando em consideração os votos dos dois outros julgadores. E enumerou: O livro de Wilmar Sássi não merece o prêmio, é muito provinciano, feito por um iniciante em tom experimental; e o livro do Moreira Campos é uma obra conformada, acadêmica, sem nada de novo, que justifique a premiação. Por fim: isso não acontece com o livro de Autran Dourado, obra moderna, com um sopro de renovação, além de muito bem realizada.⁴⁶

Assis Brasil foi o único membro da comissão que compareceu no dia determinado e divulgou seu voto. A ausência dos demais atrasou a divulgação do resultado. O impasse não teve solução. A direção do INL aumentou o valor da premiação que era de 50 mil cruzeiros para 60 e dividiu o prêmio entre os três vencedores, cada um recebeu 20 mil cruzeiros.

A participação em concursos de contos como concorrente e como membro de comissões julgadoras e a elaboração de prefácios em livros são exemplos de iniciativas que reforçavam a figura de Assis Brasil como um intelectual aceito e respeitado na imprensa carioca. Assim, o escritor recebeu o convite para fazer parte da redação do *Diário Carioca*, como afirma Maurítânia Meira na sessão Vida literária do *Jornal do Brasil*:

⁴⁵ PRÊMIO Arthur Azevedo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 set. 1958, p. 8.

PRÊMIO Arthur Azevedo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 set. 1958, p. 8.

PRÊMIO Arthur Azevedo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 set. 1958, p. 8.

⁴⁶PRÊMIO Arthur Azevedo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 out. 1958, p. 8.

O escritor Ascendino Leite está se cercando cada vez mais de escritores na redação do *Diário Carioca* de que é o chefe. A última aquisição foi Carlos Davi que encantou muitos conhecidos da área de letras: Carlos Castelo Branco (*Arco de Triunfo*), Raimundo Sousa Dantas (*Reflexões dos trinta anos*), Hélio Pólvora (*Os galos da aurora*), Assis Brasil (*Contos do cotidiano triste*), José Louzeiro (*Depois da luta*) e Juarez Barroso.⁴⁷

Na década de 1960, Assis Brasil já era conhecido como “militante na crítica literária”,⁴⁸ “um dos mais atuantes críticos do Rio de Janeiro”,⁴⁹ exercendo esse mister em muitos periódicos. Colaborava no *Jornal do Brasil*, onde assinava o Suplemento Dominical. O escritor teve sua primeira crítica literária publicada no SDJB em setembro de 1956, em 29 de setembro de 1957 criou a página Ficção Nacional e em 1959 criou a página Correspondência.

Trabalhou ao lado de Haroldo Bruno com a coluna Bilhetes da crítica, criada em 1º de julho de 1956 e que, a partir de 14 de outubro de 1956, passou a se chamar Impressões de Leitura; de Mário Faustino⁵⁰, com a página Poesia-Experiência, criada em 23 de setembro de 1956; de Ferreira Gullar,⁵¹ na página Artes plásticas, a partir de 5 de maio de 1957; com as reflexões de José Carlos Oliveira, que assinou a partir de 2 de junho de 1957 a página O homem e a fábula; com a coluna Teatro, assinada por Bárbara Heliodora⁵² a partir de 30 de março de 1958; e com José Guilherme Merquior,⁵³ que assinava Poesia para amanhã desde 12 de novembro de 1960. Sobre a criação do SDJB, observa-se o depoimento de Ferreira Gullar:

⁴⁷MEIRA, Mauritânia. Vida literária. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 out. 1959, p. 6.

⁴⁸BORGES. Miguel. Capa e contracapa. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1967, p. 3.

⁴⁹FREIRE, Carlos. Piauí de volta em novo romance de Assis Brasil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1968, p. 9.

⁵⁰Mário Faustino dos Santos e Silva é autor do livro *O homem e sua hora*. Poeta, jornalista, tradutor e crítico literário com a seção Poesia-experiência do SDJB. Nasceu em Teresina em 22 de outubro de 1930 e faleceu em Lima, capital do Peru, em 27 de novembro de 1962, vítima de um desastre aéreo. Cf.: ASSIS BRASIL, 2010, p. 94-99.

⁵¹Ferreira Gullar é o pseudônimo do escritor José Ribamar Ferreira. Nascido em São Luís do Maranhão em 10 de setembro de 1930. Foi escritor, poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista e ensaísta brasileiro. Foi um dos fundadores do neoconcretismo, cujo manifesto redigiu e cujas ideias fundamentais expressou no ensaio Teoria do não objeto. Faleceu no dia 4 de dezembro de 2016 no Rio de Janeiro. Cf.: GULLAR, Ferreira. *Poema sujo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 107-109.

⁵²Heliodora Carneiro de Mendonça, mais conhecida como Bárbara Heliodora, é autora dos livros: *A história do teatro no Rio de Janeiro*, *Caminhos do teatro ocidental*, *Shakespeare: o que as peças contam*. Foi crítica de teatro brasileiro, ensaísta, tradutora e uma autoridade na obra de William Shakespeare. Destaca-se na crítica teatral com a coluna Teatro no SDJB. Nasceu no Rio de Janeiro no dia 29 de agosto de 1923 e faleceu em 10 de abril de 2015.

⁵³José Guilherme Merquior nasceu em 1941. Atuou como crítico, escritor, pensador, polemista, sociólogo e diplomata brasileiro. Doutorou-se em Letras pela Sorbonne. Organizou a antologia *Poesia do Brasil* com Manoel Bandeira. Ocupou a cadeira 36 da Academia Brasileira de Letras. Publicava em português, francês, inglês e castelhano. Faleceu em 1991

Nós estávamos em 1956. Nessa época o *Jornal do Brasil* era o ‘jornal das cozinheiras’. Então Reynaldo Jardim foi à Condessa⁵⁴ e pediu permissão para fazer uma página feminina no *Jornal do Brasil*. Nessa página ele misturava receita de bolo, cozinha e poemas. No princípio era uma página, depois passou para duas, foi forçando a barra e passou para três. Quando ele passou para quatro estava criado o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil que ele ia fazendo mais ou menos só. Depois ele chamou o Mário Faustino, o Oliveira Bastos, que me chamou, e eu fui fazer a parte de pintura e de artes plásticas, o Mário Faustino a de poesia e aí foi nascendo o suplemento do *Jornal do Brasil* que na verdade é a origem da renovação do *Jornal do Brasil*.⁵⁵

O *Jornal do Brasil*, entre 1956 e os primeiros anos da década de 1960, passou por um processo de transformação da sua antiga orientação editorial. O jornal, antes voltado principalmente para a publicação de classificados, predominantes tanto no miolo como em suas primeiras páginas, iniciou a transformação da criação de um suplemento literário, o SDJB.

De início, o SDJB tratava-se de um programa veiculado pela *Rádio Jornal do Brasil*, criado por Reynaldo Jardim, diretor da rádio. Em abril de 1956, foram publicadas pela primeira vez, aos domingos, no *Jornal do Brasil* uma página literária e uma página feminina, correspondendo às páginas dois e três do segundo caderno do jornal. A página literária, intitulada Livros e autores contemporâneos, era assinada por Reynaldo Jardim, também idealizador da página feminina, cuja publicação havia sido sugerida por ele em 1953 à direção do jornal.

As duas novas páginas, além de tratarem de temas diferenciados, destacavam-se por apresentar uma maior preocupação com os aspectos gráficos, tendo grande aceitação pelo público, especialmente a página feminina. Inicialmente com oito páginas, a página feminina e literária, uma página de artes plásticas, assinada por Ferreira Gullar e Oliveira Bastos, uma de poesia, assinada por Mário Faustino, uma de cinema e teatro e outra de dança.

Aos poucos, o suplemento voltou-se exclusivamente para questões artísticas, principalmente relacionadas à literatura e às artes plásticas. A página feminina assim como as

⁵⁴ Condessa Pereira Carneiro, como era conhecida, chamava-se Maurina Dunshee de Abranches Pereira Carneiro, nasceu em Niterói a 15 de agosto de 1899 e faleceu em Brasília em 5 de dezembro de 1983. Foi empresária, diretora/residente do *Jornal do Brasil* de 1953 até a data de sua morte. Sob sua direção, o jornal alcançou grande prestígio nacional e internacional, após tê-lo submetido a uma reformulação editorial, gráfica e industrial, que mudou a história da imprensa brasileira. Foi classificada pelo jornal inglês *The Guardian* como uma das mulheres mais influentes da América do Sul e pela revista francesa *Marie Claire* como uma das 50 mulheres mais importantes do mundo. Cf.: SCHUMAHER, Maria Aparecida; BRASIL, Érico Vital (Org.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

⁵⁵ Depoimento de Ferreira Gullar prestado ao centro de Memória e Jornalismo da Associação Brasileira de Imprensa em 1977.

de teatro e cinema desde 1957 foram aos poucos deixando o SDJB para integrar novos suplementos criados para o jornal. O SDJB teve repercussão muito positiva, tanto internamente como em relação ao público, o que motivou a direção a estender a iniciativa a todo o *Jornal do Brasil*.

Se, por um lado, o suplemento devolveu o prestígio ao *Jornal do Brasil* e permitiu sua reforma; por outro, caracterizou-se por apresentar um tipo de jornalismo difícil de sobreviver após a reforma. De acordo com Alzira Alves de Abreu, nos anos 1950:

Os suplementos literários deixam de ser o espaço da crítica e do debate de ideias para se tornar o que são hoje, resenhadores de novos lançamentos editoriais [...] observa-se que a crítica vai perdendo espaço na imprensa e se acantonando na universidade.⁵⁶

O SDJB deixou de circular em dezembro de 1961, sofrendo antes um processo de redução que passou de doze para oito páginas em 8 de dezembro de 1957. Posteriormente foi reduzido a quatro páginas, em 19 de agosto de 1961, e assim permaneceu até dezembro do mesmo ano, quando foi suspenso. A direção do *Jornal do Brasil* justificou que a crise do papel, que era um problema econômico da época, foi a causa da interrupção do SDJB. Quanto ao fim do suplemento, Assis Brasil atribuiu também à perseguição de Nascimento Brito, genro da Condessa:

Porque durante os cinco anos de existência do órgão, foi um perseguidor ferrenho... Alegação primária: O Suplemento não vendia anúncios... E junto à Condessa ia, paulatinamente, durante todo aquele período, diminuindo as páginas do SDJB. Das 12 iniciais – a página feminina foi logo incorporada ao corpo do SDJB pelo Reynaldo Jardim – para 10, 8, 6, até chegar a 4, daí eliminando toda beleza estética da paginação, bolada, inicialmente, pelo escultor Amílcar de Castro. Reynaldo Jardim, com as 4 páginas, tentou ainda fazer um tabloide, o que foi sua pá-de-cal.⁵⁷

O jornal foi reformulado em todos os níveis em um processo que atingiu tanto a publicação e seu conteúdo gráfico e editorial como a empresa, seu funcionamento, o método de trabalho e o perfil dos funcionários. Antes da reforma, o jornal era escrito à mão na redação, não havia máquinas de escrever, o que dificultava o cálculo da distribuição das matérias na página. Não havia um paginador, e as matérias saíam diretamente da redação para a oficina, onde eram compostas de acordo com a ordem de chegada.

⁵⁶ ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: _____ (Org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 10.

⁵⁷ ASSIS BRASIL, 2010, p. 22.

Em um primeiro momento, de 1956 a 1958, período em que Odylo Costa Filho⁵⁸ conduziu a reforma do *Jornal do Brasil*, as mudanças na parte gráfica não foram, de um modo geral, muito evidentes. Nesse período, houve grande resistência dos funcionários antigos, principalmente por parte daqueles que trabalhavam na oficina, o que dificultou a implantação de mudanças mais radicais. A dificuldade de Odylo Costa Filho para efetivar as reformas consta em depoimento de Amílcar de Castro:

Nesse início, a dificuldade não era de organização gráfica. A dificuldade era com o pessoal. O mais novo tinha 30 anos de casa. [...] O sujeito não concordava com aquilo, uma foto não podia ser de uma coluna e a matéria de três. Não pode, se a matéria é de três, a foto tem que ser de três. Coisas assim. Então, esse pessoal foi sendo substituído e o Odylo teve grande trabalho com isso. [...] mas pedir para o sujeito lá embaixo, na oficina, dá aquele claro em 24 pontos; ele achava que era um absurdo, não podia separar uma matéria da outra, não botar fio. Isso aí foi uma batalha imensa na oficina também.⁵⁹

Durante esses anos, foi formada uma nova equipe no jornal, capaz de realizar a mudança estrutural que ocorreu em 1959. O pessoal e a estrutura constituíam obstáculos a qualquer tipo de mudanças, o que acarretou na sua substituição completa, permitindo uma reforma total. Sobre Odylo Costa Filho e o período de 1956 a 1958, quando ele conduzia a reforma do *Jornal do Brasil*, Assis Brasil comenta:

Um poço de vaidade e autossuficiência, foi relacionado com a renovação gráfica do JB – a sua paginação, que passaria a valorizar o branco das páginas. Ele ‘faturou’ em cima disso, dizendo que a renovação do JB tinha sido no seu período de redator-chefe. Pode ter sido no seu curto período, mas os responsáveis pela proeza gráfica foram Amílcar de Castro, escultor – que passou a diagramar a primeira página do JB, com uma foto grande, coisa que nenhum jornal usava na época, conseguindo inclusive diminuir ali o número de anúncios classificados.⁶⁰

Amílcar de Castro foi contratado pelo jornal em fevereiro de 1957, deixando-o em abril de 1958 e retornando em março de 1959, onde permaneceu até 1961. Nesse segundo período, de 1959 a 1961, as mudanças na parte gráfica foram mais acentuadas, com Jânio de

⁵⁸ Odylo Costa Filho nasceu em São Luís do Maranhão em 14 de dezembro de 1914. Passou sua infância na capital do Piauí e aos 16 anos transferiu-se para o Rio de Janeiro. Jornalista, contista, poeta, ensaísta e crítico literário. Dentre as suas obras destaca-se *A faca e o rio* (1965). Na imprensa carioca, atuou como redator, revisor, diretor, crítico, cronista em diversos periódicos, entre eles o *Jornal do Brasil* e a revista *O Cruzeiro*. Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Piauiense de Letras. Faleceu em 19 de agosto de 1974. Cf.: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2000. p. 391-392.

⁵⁹ Depoimento de Amílcar de Castro prestado ao Centro de Memória e Jornalismo da Associação Brasileira de Imprensa em 1977.

⁶⁰ ASSIS BRASIL, 2010, p. 27.

Freitas⁶¹ comandando a transformação do jornal. Amílcar de Castro retomou então os estudos de paginação que já haviam sido elaborados na primeira fase. À sua experiência, somaram-se as de Reynaldo Jardim e Jânio de Freitas, que, respectivamente no SDJB, na seção de esportes, vinham dando continuidade às experimentações iniciadas com as mudanças da primeira fase. O *layout* do jornal foi totalmente reelaborado a partir do projeto de Amílcar de Castro.⁶²

Em comemoração ao quinto aniversário do suplemento, Hécio Martins⁶³ publicou no jornal *Tribuna da Imprensa* o artigo Vida, paixão e glória do SDJB. O artigo aparece também como abertura do SDJB⁶⁴ no primeiro dia do mês de julho. O autor elogiou a iniciativa de Reynaldo Jardim ao passo que também reconheceu a importância do trabalho de Assis Brasil e Ferreira Gullar:

O Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* completou cinco anos em princípios deste mês. Não sabemos se Reynaldo Jardim, que o idealizou e dirige até hoje, suspeitou, ao fundá-lo, de que duraria tanto tempo e de que levaria a cabo tão importante missão; soube, porém, com seus companheiros Assis Brasil e Ferreira Gullar, manter-se à altura dos destinos que o Suplemento foi construído, semana a semana, e isto não é pouco.⁶⁵

Sobre a formação da nova equipe no *Jornal do Brasil* e a resistência dos funcionários antigos frente às reformas, tratando agora em especial do suplemento, Assis Brasil declara:

Como o SDJB era autônomo em relação ao corpo principal do jornal, de vez em quando algum redator-chefe chegante tentava interferir na direção do Reynaldo Jardim. A coisa por vezes complicava, mas o Reynaldo tinha o inteiro apoio da Condessa, o que lhe dava carta branca para agir. E havia ainda o problema dos ‘velhos’ colaboradores do jornal, como o crítico Múcio Leão e Josué Montello, que tentavam ‘plantar’ alguma colaboração no SDJB. Lembro-me de uma vez: o Múcio Leão, que também era poeta, mandou para o Reynaldo um soneto parnasiano... Reynaldo não publicou [...] improbidade da publicação daquele soneto num órgão de vanguarda, que estava renovando a literatura brasileira.⁶⁶

⁶¹ Jânio Sérgio de Freitas Cunha, mais conhecido como Jânio de Freitas, nasceu em Niterói em 9 de junho de 1932. Em 1955, trabalhava como repórter, diagramador, redator-chefe e fotógrafo da revista *Manchete* e posteriormente participou da reforma do *Jornal do Brasil*. Cf.: MANNARINO, Ana de Gusmão. *Amílcar de Castro e a página neoconcreta*. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006. p. 50-52.

⁶² Sobre o trabalho de Amílcar de Castro no SDJB, cf.: MANNARINO, 2006.

⁶³ Hécio Martins foi professor da Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil, hoje UFRJ. Trabalhava no jornal *Tribuna da Imprensa*. Autor de *Pedro Salinas* e *A rima na poesia de Carlos Drummond de Andrade e outros ensaios*.

⁶⁴ MARTINS, Hécio. Vida, paixão e glória. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 jul. 1961. Suplemento Dominical, p. 1.

⁶⁵ MARTINS, Hécio. Vida, paixão e glória. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1961, p. 3.

⁶⁶ ASSIS BRASIL, 2010, p. 26.

Segundo Hércio Martins, o SDJB:

Surgido como mais uma folha literária para o domingo carioca e marcado desde o início pela novidade concretista, de que foi o porta voz, o SDJB converteu-se em pouco tempo no mais importante jornal de arte e literatura em todo o país e ajudou de maneira considerável a consolidar o prestígio do novo *Jornal do Brasil*.⁶⁷

Ao se referir ao *Jornal do Brasil* como novo, Hércio Martins está se referindo ao processo de transformação editorial ocorrido entre 1956 e os primeiros anos da década de 1960. O jornal caracterizava-se pelas publicações de classificados, e a reforma objetivava transformá-lo como um todo, acompanhando as mudanças por que passavam diversos jornais e revistas brasileiros a exemplo do *Diário Carioca*. O autor apresentou “os meninos do SDJB, que em verdade o são, pois são todos jovens e alguns muito jovens”.⁶⁸ Assis Brasil revela a experiência:

Nós éramos um grupo de vanguarda no *Jornal do Brasil*. Jovens, de 20 e poucos anos. Mário Faustino achava que conhecia toda a poesia europeia, eu me achava um grande crítico. Eu era o crítico literário do JB na fase áurea do suplemento cultural! Alguns colaboradores tinham inveja do nosso suplemento. Então isso tudo enchia um pouco a gente de vaidade. Todos esses autores que estão hoje sendo estudados nas universidades, a gente já conhecia naquele tempo. Nós éramos a cultura da época.⁶⁹

O SDJB, terreno fértil onde se publicavam debates e textos teóricos de arte, proporcionava um intenso clima de discussão intelectual, nele foram publicados poemas concretos e neoconcretos, matérias sobre as exposições e sobre o trabalho dos artistas dos movimentos e textos como Manifesto de cisão⁷⁰ (1957), A moeda concreta da fala⁷¹ (1957), o Manifesto Neoconcreto⁷² (1959), Teoria do não-objeto⁷³ (1960), além de outros textos críticos.

Seu editor Reynaldo Jardim, o diagramador Amílcar de Castro e um dos redatores, Ferreira Gullar, eram integrantes do Movimento Neoconcreto, definindo sua forma e seu

⁶⁷ MARTINS, Hércio. Vida, paixão e glória. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1961, p. 3.

⁶⁸ MARTINS, Hércio. Vida, paixão e glória. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1961, p. 3.

⁶⁹ GONÇALVES, André [et. al.]. A máquina de escrever. In: _____. *Entrevistas Revestrés*. Teresina: Quimera, 2014. p. 21.

⁷⁰ GULLAR, Ferreira; BASTOS, Oliveira; JARDIM, Reynaldo. Manifesto de Cisão. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1957. Suplemento Dominical, p. 1.

⁷¹ CAMPOS, Augusto de. A moeda concreta da fala. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 set. 1957. Suplemento Dominical, p. 8.

⁷² GULLAR, Ferreira; BASTOS, Oliveira; JARDIM, Reynaldo. Manifesto Neoconcreto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1959. Suplemento Dominical, p. 4.

⁷³ GULLAR, Ferreira. Teoria do não objeto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 fev. 1960. Suplemento Dominical, p. 4.

conteúdo como um espaço experimental. Essa particularidade é importante para demonstrar as diferenças de orientação entre o projeto do caderno principal e o SDJB.

A edição que comemorava o primeiro ano de circulação do SDJB, em 9 de junho de 1957, trouxe uma reportagem de Assis Brasil formada por entrevistas a alguns intelectuais sobre o SDJB. Dentre eles estava Franklin de Oliveira,⁷⁴ crítico e ensaísta, que afirmou que: “O Suplemento esta[va] valendo como um laboratório de cultura nova”.⁷⁵

Na referida reportagem, também constam nomes como Antônio Morais, crítico e ensaísta; M. Cavalcante Proença, crítico, ensaísta e contista; Jorge Amado, romancista; Quágliã, pintor e gravador; Antônio Callado, jornalista, romancista e teatrólogo; Otto Maria Carpeaux, crítico e ensaísta; Lêdo Ivo, poeta e ensaísta; Herbert Moses, jornalista; José Roberto Teixeira Leite, crítico de literatura e arte; Aníbal Machado, poeta e ficcionista; Carlos Ribeiro, livreiro e editor; e Vera Bocaiuva, gravadora e litógrafa, todos exaltando o SDJB.

O primeiro ensaio que o crítico piauiense publicou no SDJB foi O verdadeiro Hemingway,⁷⁶ três meses após o lançamento do suplemento. O texto revelou uma crítica ainda acanhada que apareceria de forma mais vigorosa mais tarde, quando do lançamento de três ensaios⁷⁷ sobre a obra de Guimarães Rosa que tematizavam, sobretudo, o romance *Grande sertão veredas*. Tais ensaios lhe renderam o convite do diretor do SDJB, Reynaldo Jardim, para que se tornasse colaborador permanente do quadro de funcionários do suplemento.

Desde que passou a atuar no quadro permanente de colaboradores do SDJB, no início de 1957, as publicações de Assis Brasil apareciam na sessão Bibliografia. Três meses depois,

⁷⁴ José Ribamar de Oliveira Franklin da Costa, mais conhecido por Franklin de Oliveira, nasceu em São Luís (MA) em 12 de março de 1916. Na década de 1940, assinava a coluna de abertura da revista *O Cruzeiro* intitulada Sete dias. Na década de 1950, atuou como editor e crítico literário do jornal *Correio da manhã*. Dentre suas publicações, destacam-se *A fantasia exata* (1959), *Viola d'amore* (1965), *Literatura e civilização* (1968). Faleceu em 6 de junho de 2000, no Rio de Janeiro. Cf.: *José Ribamar de Oliveira Franklin da Costa*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-ribamar-de-oliveira-franklin-da-costa>>. Acesso em 15 de maio de 2018.

⁷⁵ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil] O Suplemento dominical do Jornal do Brasil em seu 1º ano de circulação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 jun. 1957. Suplemento Dominical, p. 6.

⁷⁶ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. O verdadeiro Hemingway. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 set. 1956. Suplemento Dominical, p. 2.

⁷⁷ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Guimarães Rosa e a literatura brasileira I: considerações gerais. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 dez. 1956. Suplemento Dominical, p. 2.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Guimarães Rosa e a literatura brasileira II: sentido universal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 jan. 1957. Suplemento Dominical, p. 2.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Guimarães Rosa e a literatura brasileira III: Linguagem brasileira (conclusão). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jan. 1957. Suplemento Dominical, p. 2.

sua página Ficção Nacional, criada em 29 de setembro de 1957, teve o título alterado para Crítica de Ficção, onde acompanhou durante cinco anos o trabalho de romancistas e contistas brasileiros. Outros colaboradores foram aparecendo na página até que, a partir do mês de novembro de 1958, as críticas de Assis Brasil passaram a ocupar metade da página, às vezes menos que isso, eventualmente ocupavam a página inteira.

Em sua trajetória, Assis Brasil tinha, como matéria-prima para suas críticas, os novos escritores. Sendo um crítico literário reconhecido e respeitado na imprensa carioca, não se esquivava de analisar também os escritores reconhecidos mundialmente. Assis Brasil por vezes aplicava severas críticas em sua página, a exemplo do livro *Terno de Reis* de Ricardo Ramos.

Para Assis Brasil, “Ricardo Ramos nunca consegue dar pelo menos um único toque de originalidade aos seus contos. Todos se movimentam entre o banal e o corriqueiro”.⁷⁸ No SDJB, ele comentou poemas concretos a exemplo de Três prosas concretas, de Reynaldo Jardim,⁷⁹ acompanhado de uma nota explicativa onde procurou justificar sua mais nova experiência literária. O escritor ficou conhecido também por sua virulência e o tom depreciativo com que analisava alguns trabalhos, pois como crítico do jornal aplicava reprovações.

Luís Paiva, insatisfeito com as críticas de Assis Brasil, responde denunciando que a “forma de crítica sistemática usada pelo Sr. Assis Brasil desde sua época no suplemento é de intolerância e menosprezo por tudo aquilo que não se ajusta aos postulados de sua confraria”.⁸⁰ A polêmica entre Assis Brasil e Luís Paiva versava sobre o concretismo. Para Luís Paiva, o concretismo consistia em “mero divertimento dominical, sem trazer para a clientela do *Jornal do Brasil* um público novo (era sempre o ciclo limitado de colaboradores progressivamente com menos leitores)”.⁸¹ Assis Brasil, por seu turno, questiona-o sobre “qual o suplemento, qual o jornal brasileiro que atinge a massa?”.⁸²

Assis Brasil, sempre em defesa do concretismo e do suplemento, seguiu apresentando como válido o surgimento de novos valores na poesia, no romance, no conto e na crítica. Romancista, contista, ficcionista, ensaísta, crítico literário, jornalista, professor, historiador,

⁷⁸ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Terno de reis*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1957. Suplemento Dominical, p. 2.

⁷⁹ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Três prosas concretas*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1959, p. 1.

⁸⁰ PAIVA, Luís. *Concretismo e participação*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1963, p. 7.

⁸¹ PAIVA, Luís. *Concretismo e participação*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1963, p. 7.

⁸² ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil] *Concretismo e participação*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1963, p. 7.

tradutor e antologista eram alguns dos muitos ofícios que lhe foram atribuídos. Sobre o final da década de 1960, o escritor afirma em entrevista concedida a jornalistas da revista *Revestrés* publicada pela primeira vez em 2012:

Em 68, eu dava aula na Universidade Federal do Rio e trabalhava na *Tribuna da Imprensa*, que era o único jornal de oposição, fundado por Carlos Lacerda. Eu chegava na universidade e tinha policiais de fuzis da porta até a saída. No jornal, a mesma coisa. Eu vivia nesse clima. Mas não cheguei a sofrer repressão porque não sou político, no sentido de pertencer a um partido. Sou marxista, um homem de esquerda. Cheguei a ir a uma reunião do Partido Comunista, mas abominei o ambiente, era cheio de cadeado para entrar.⁸³

No Rio de Janeiro, sua atuação no SDJB e no primeiro caderno do *Jornal do Brasil* lhe permitiu atuar em outros jornais, como o *Diário de Notícias*, em 1962, o *Correio da Manhã* em 1962 e 1972 e *O Globo* entre 1969 e 1970. Trabalhou também em outros jornais como redator, o já citado *Diário Carioca* em 1959, a *Tribuna da Imprensa* entre 1967 e 1969, a *Revista Cigarra* entre 1964 e 1969 e o *Jornal de Letras* em 1968, onde fez o levantamento crítico da obra de João Guimarães Rosa.⁸⁴

A presença de Assis Brasil na revista *O Cruzeiro*, onde atuava como redator-chefe nos anos de 1964 a 1966, e colunista de literatura entre 1965 e 1966, indicava a sua aceitação pelo universo do jornalismo do Rio de Janeiro. Aparece também na seção Mundo dos livros da revista *O Cruzeiro*; nas seções Letras e Artes e Roteiro do leitor: livros e fatos do SDJB divulgando os romances. Na década de 1960, período dos romances analisados nesta dissertação, Assis Brasil já possuía reconhecimento e acesso às principais discussões em torno da literatura nos principais periódicos cariocas.

2.2 A produção e recepção dos romances nos anos de 1960

Na década de 1960, no Rio de Janeiro, Assis Brasil escreveu quatro romances ambientados em Parnaíba das décadas de 1930 e 1940. Apresentar o autor e o seu lugar social implica avaliar também a divulgação e a apropriação dos romances: *Beira rio beira vida* (1965), *A filha do Meio-Quilo* (1966), *O salto do cavalo cobridor* (1968) e *Pacamão* (1969) à época. Assim, é relevante analisar sua presença na revista *O Cruzeiro*, no jornal *Diário*

⁸³ GONÇALVES, 2014, p. 20.

⁸⁴ PIAUÍ de volta em novo romance de Assis Brasil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1968, p. 7.

Carioca, e no jornal *Tribuna da Imprensa*, acrescida de opiniões de leitores e de críticos através de entrevistas e resenhas dos romances.

Beira rio beira vida (1965) é o primeiro romance ambientado em Parnaíba, onde, segundo Raimundo Carrero, Assis Brasil se posiciona “contra dois problemas sérios: a estagnação literária e a estagnação social”.⁸⁵ O idealizador do Prêmio Nacional Walmap, Antônio Olinto, escritor e crítico literário do jornal *O Globo*, enfatiza que Assis Brasil “promove uma renovação em nossas feituas ficcionais no sentido de que não segue os rumos aqui em voga e procura ser dono dos limites do seu mundo fictício e de suas realidades inventadas”.⁸⁶

Na posição dos críticos, os romances apresentam caráter vanguardista quando comparados a romances regionalistas produzidos em sua época, que permaneciam ligados à Geração de 1930.⁸⁷ Após o lançamento do segundo livro ambientado em Parnaíba, *A filha do Meio-Quilo* (1966), Antônio Olinto fez menção à experiência concretista de Assis Brasil revelada na sua escrita:

Assim, temos agora, com Assis Brasil, o Piauí com existência literária, através de uma ficção de valor. As características da tetralogia de Assis Brasil ficarão para o ensaio posterior, inclusive para quando os quatro romances tiverem sido publicados. Uma espécie de tetralogia como na de Lawrence Durrell segue uma linha mais ou menos impressionista de narração. A de Assis Brasil é realista. Um realismo diferente do comum e servido por um estilo que tenta a objetividade.⁸⁸

Os romances de Assis Brasil se articulam com o lugar onde o escritor estava imerso. No final da década de 1950 e começo da década de 1960, as discussões em torno da linguagem implicavam novos meios de elaboração da poesia e do romance. Enraizados nessa discussão, os seus romances são identificados como frutos do seu trabalho no SDJB, as manifestações artísticas vistas como a expressão desse grupo social. Tratando a instituição como condicionante da escrita, Florisvaldo Matos afirma:

Assis Brasil é um dos mais prolíficos [...] escritores da literatura brasileira. Crítico, dramaturgo, ficcionista e antologista, começou muito cedo no *Jornal*

⁸⁵ CARRERO, Raimundo. O novo romance brasileiro. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 22 jul. 1971.

⁸⁶ OLINTO, Antônio. Os romances Walmap – I. *O Globo*, Rio de Janeiro, dez. 1965.

⁸⁷ A Geração de 1930, como ficou conhecida a Segunda Geração Modernista, estava profundamente mergulhada na realidade brasileira, numa busca pela recuperação da realidade nordestina e da cultura, do verdadeiro Brasil. A prosa dessa fase se aproximou da linguagem coloquial e regional, com destaque para Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e José Lin do Rego. Cf.: ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Concretismo: literatura em pânico. *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 2 (5), p. 57-75, abr./jun. 1960.

⁸⁸ OLINTO, Antônio. Assis Brasil. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1967.

do Brasil, cujo suplemento dominical acompanhava a atualidade literária e artística internacional e difundia o melhor das vanguardas brasileiras.⁸⁹

O romance *Beira rio beira vida*, publicado após ganhar o Prêmio Nacional Walmap, tem como ênfase a descontinuidade temporal da narrativa. Quanto à recepção crítica da obra, é importante pontuar a conquista do Prêmio Walmap, pois foi significativo para a carreira do autor e a divulgação do seu trabalho, que já sobrevivia atuando como escritor no SDJB. Poucas pessoas sobreviviam no Brasil do trabalho intelectual e poucos viviam da profissão de escritor. O crítico Gilberto Mendonça Teles enaltece:

Trata-se, como se sabe, de um dos raros escritores brasileiros que só vivem de literatura, aliando a tudo que produz o notável poder de disciplina intelectual e de permanente atualização, exigência de uma natural capacidade de não se repetir, de buscar sempre a originalidade, não apenas como simples diferenciação, mas como forma de autocrítica, como visão interior incessantemente questionada.⁹⁰

Outro aspecto importante é a recepção da obra *Beira rio beira vida* pelo público leitor e as múltiplas formas de leitura, diferentes segundo as épocas, os lugares e os ambientes.⁹¹ Na cidade de Parnaíba, o artigo A primeira vez que li Assis Brasil, de Manoel Domingos Neto,⁹² publicado no *Almanaque da Parnaíba*, apresenta a recepção do romance. Neto de Ranulpho Torres Raposo,⁹³ Manoel Domingos relata que o avô proibiu o romance e o nome de Assis Brasil:

Em minha casa esse livro não entra. Assim meu avô reagiu à minha vontade de ler *Beira rio beira vida*. A proibição, partindo de Ranulpho Torres Raposo, era difícil de ser assimilada. Meu avô gastava dinheiro divulgando escritores piauienses no seu *Almanaque da Parnaíba*. Por que proibir-me de ler um parnaibano que ganhava destaque nacional?⁹⁴

⁸⁹MATTOS, Florisvaldo. *A poesia em pânico*. Fortaleza, 1999. Disponível em <<http://assisbrasil.org/jp1.html>>. Acesso em setembro de 2014.

⁹⁰TELES, Gilberto Mendonça. A visão entre parênteses. In: ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *O destino da carne*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1982.

⁹¹CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004. p. 173.

⁹²Manuel Domingos Neto nasceu em Fortaleza (CE) no dia 05 de dezembro de 1949. Doutor em História pela Universidade de Paris (III). Um dos fundadores e coordenadores do Núcleo de História Oral do Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí - CEPRO. Além de Deputado Federal (1989-1991), Manuel Domingos Neto também foi vice-presidente do CNPq. Autor de *Seca Seculorum: flagelo e mito na economia rural piauiense* (1987), *O que os netos dos vaqueiros me contaram: o domínio oligárquico no Vale do Parnaíba* (2010). Cf.: MANOEL DOMINGOS: o brilho da inteligência no vasto universo acadêmico. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 15, 21 mar. 2009, p. 7.

⁹³Ranulpho Torres Raposo nasceu na cidade de Miguel Alves (PI) em 1900. Foi comerciante e jornalista. Entre os anos de 1942 e 1980 foi o editor responsável pela publicação do *Almanaque da Parnaíba*. Ranulpho foi diretor do Serviço Social do Comércio (SESC) por mais de 20 anos, também pertenceu a Academia Parnaibana de Letras, cadeira número 29. Faleceu em Parnaíba em 1980.

⁹⁴DOMINGOS NETO, Manoel. A primeira vez que li Assis Brasil. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, 1994, p. 24-27.

A escrita do literato Assis Brasil aborda aspectos do passado concernente ao processo de transformação do espaço urbano da cidade de Parnaíba. Os personagens principais são prostitutas, moças pobres, canoieiros, barqueiros, com visibilidade para a prostituição, a exploração da mão de obra e as rígidas hierarquias. O romance trouxe a cidade de Parnaíba para o cenário nacional. As mulheres pobres, prostitutas, conduziam a narrativa. Depois de publicado em 1965, o romance *Beira rio beira vida* foi divulgado repetidas vezes na revista *O Cruzeiro*, perdurando até 1966. Como informa o anúncio:

Romance que é um espelho da vida apagada e vil da gente da beira do cais do Parnaíba, a vida como ela é, como a vivem os personagens, sem que o autor dê opinião. A técnica revolucionária lhe deu o prêmio Walmap, em que levou de vencida duzentos outros romances do Brasil, de Portugal e de Israel.⁹⁵

Na revista *O Cruzeiro*, no SDJB e no jornal *Tribuna da Imprensa*, o romance era descrito como a história da pobreza, dos que vivem às margens, um olhar para o cotidiano excludente e principalmente, uma busca pela compreensão da essência humana. Josenias dos Santos Silva⁹⁶ ressalta o romance como uma denúncia da realidade social da cidade de Parnaíba, uma literatura deliberadamente de revolta. O eixo temático é a cidade e seu movimento de urbanização. Assis Brasil dota suas personagens de uma desconfiança natural em relação ao progresso da cidade. Nessa tensão constante, o cais, em oposição à cidade, surge como lugar de resistência, onde, mesmo diante de todas as condições adversas, se luta para sobreviver.

O romance é construído pelas lembranças da personagem Luíza e por outros personagens que compunham a sua vida, como sua mãe Cremilda, sua filha Mundoca e os dois amores da sua vida, Jessé e Nuno. A trama se desenrola no movimentado cais de Parnaíba, espaço de trabalho e marginalização, pobreza material, de comércio do corpo, de exploração da mão de obra e de exclusão social.

Apresenta-se o trânsito e o conflito dos personagens circulando no centro da cidade, espaço que recebeu os cuidados da administração municipal, onde moravam os que se beneficiaram com as exportações da cera de carnaúba e babaçu. Todo esse movimento de exportação se evidencia na capa do livro que traz o cais de Parnaíba, o mundo das prostitutas, que é o núcleo principal do romance, como pode ser observado a seguir.

⁹⁵ ASSIS BRASIL. *Beira rio beira vida* (Prêmio Nacional Walmap, 1965). *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 13 maio 1966, p. 24.

⁹⁶ SILVA, Josenias dos Santos. Os 50 anos de *Beira rio beira vida*. *O Bembém*, Parnaíba, ano 8, n. 89, 21 maio 2015, p. 6.

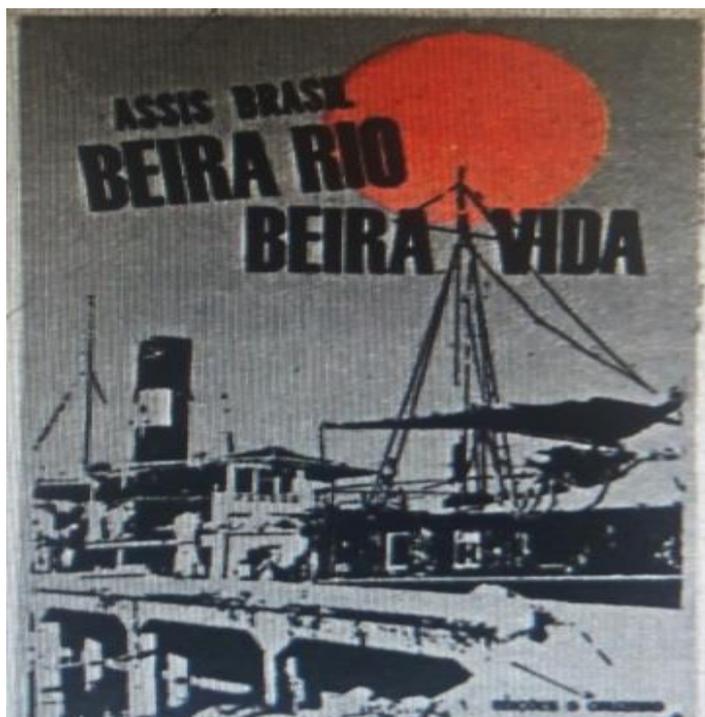


Figura 2: Capa da primeira edição do livro *Beira rio beira vida*. Fonte: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 14 set. 1968, p. 46.

Já o enredo de *A filha do Meio-Quilo* desloca o interesse para a classe média da cidade de Parnaíba. Também foi lançado pelas edições O Cruzeiro em 1966. Em *A filha do Meio-Quilo*, o autor mostra a vida em Parnaíba e a perseguição de toda a cidade à personagem Cota, sua história, seus amores e sua vida excepcional em um lugar atrasado onde vive seu idealismo de moça independente.

O romance ganhou sucessivos anúncios nos meses de novembro e dezembro de 1966 no jornal *Tribuna da Imprensa*, que prometia seu lançamento antes do natal daquele ano. Encontram-se diferentes anúncios como: “o romancista Assis Brasil espera lançar o segundo livro da tetralogia piauiense – *A filha do Meio-Quilo* – ainda antes do natal”.⁹⁷

Assis Brasil em entrevista ao jornal *Tribuna da Imprensa*, quando questionado sobre o tema do romance *A filha do Meio-Quilo*, se ele versava sobre prostituição, tema de *Beira rio beira vida*, responde:

Não. Neste romance situo a classe média da província, com seus tabus e preconceitos. *A filha do Meio-Quilo* é a perseguição de toda uma cidade a uma jovem que tentou romper o círculo de falsa moral e de preconceitos da província por isso foi sumariamente condenada pela sociedade. O livro são as duas ‘vidas’ desta jovem – a que a cidade ‘criou’, ‘biografou’, com suas

⁹⁷ BRAGA, Mauro. Painel. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1966, p. 4.

maledicências e mentiras, e a sua vida real, que ninguém conhecia ou fazia questão de conhecer.⁹⁸



Figura 3: Capa da primeira edição do livro *A filha do Meio-Quilo*. Fonte: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 14 set. 1968, p. 46.

Em janeiro de 1967, *A filha do Meio-Quilo* constou na lista dos livros nacionais mais vendidos, ao lado de *Dona Flor e seus dois maridos* de Jorge Amado e *O senhor embaixador* de Érico Veríssimo.⁹⁹ Em razão de ter ganhado o prêmio Walmap, a atuação como crítico literário no SDJB, o sucesso de vendas de *A filha do Meio-Quilo* e já anunciando o romance *O salto do cavalo cobridor*, Assis Brasil foi entrevistado pelo *Tribuna da Imprensa* sobre o espaço do escritor jovem nas editoras e colunas literárias. Na ocasião, ele revelou o receio dos editores em receber os escritores jovens, destacando o meio literário brasileiro como atrasado.¹⁰⁰

O romance de Assis Brasil continua o que a imprensa carioca chamou de “painel humano”, iniciado com o livro *Beira rio beira vida*, quando situou a vida das prostitutas do cais. A revista *O Cruzeiro*, em anúncio do romance, ilustra a personagem Cota, o seminarista

⁹⁸ ASSIS Brasil fala de seu novo romance *A filha do Meio-Quilo*. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 17 jan. 1967, p. 1.

⁹⁹ BIBLIOGRAFIA. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 11, 12 fev. 1967, p. 3.

¹⁰⁰ BORGES, Miguel. Capa e contracapa. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1967, p. 3.

Ricardo na sua motocicleta e o terceiro personagem da ilustração é Tomás com seu chapéu, ambos aos olhos da cidade, namorados de Cota.



Figura 4: Anúncio do romance *A filha do Meio-Quilo*. Fonte: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 19 ago. 1967, p. 50.

O jornal *Tribuna da Imprensa* destaca a importância do contato entre o autor e os leitores e cita a presença de Assis Brasil nas feiras de livros que aconteciam na Praça Rio Branco e na XI Feira do Livro na Cinelândia. Assis Brasil, na companhia de Fausto Cunha e Elísio Condé,¹⁰¹ autografava seus livros, como *Beira rio beira vida* e *A filha do Meio-Quilo*, que nas feiras eram sucesso de vendas.¹⁰²

O terceiro romance, *O salto do cavalo cobridor*, lançado também pela editora O Cruzeiro em 1968, ganhou sucessivos anúncios de janeiro a março de 1968 com o título Piauí de volta em novo romance de Assis Brasil, divulgando que em breve a obra estaria nas livrarias de todo o país.¹⁰³ A obra é ambientada em uma fazenda e apresenta uma população marginalizada pela pobreza e ignorância. Embora de estrutura mais simples e de fácil leitura, “essa simplicidade técnica, não fica a dever muito aos demais romances”.¹⁰⁴ Como em *Beira rio beira vida*, o autor se liberta das imposições do tempo cronológico.

¹⁰¹FEIRA do livro na Cinelândia. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 31 maio 1966, p. 6

¹⁰²FEIRA do livro tem inovações: escritores atendem nas barracas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 30 maio 1967, p. 3.

¹⁰³PIAUI de volta em novo romance de Assis Brasil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1968, p. 7.

¹⁰⁴FREIRE, Carlos. O terceiro romance da Tetralogia Piauiense, de Assis Brasil (...). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 4 mar. 1968.



Figura 5: Capa da primeira edição do livro *O salto do cavalo cobridor*. Fonte: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 14 set. 1968, p. 46.

Em artigo na *Tribuna da Imprensa*, Carlos Freire faz apresentação de cada personagem da obra *O salto do cavalo cobridor*, fazendo referência aos outros romances, o que para ele é um mosaico piauiense. A revista *O Cruzeiro*, ao se referir aos romances, denominava-os de tetralogia piauiense.¹⁰⁵ Carlos Freire analisa-os chamando também de tetralogia. Assis Brasil apresenta Inação, um personagem bronco, bom e corajoso que se enfeitiça pela beleza de uma cigana. Zita, a mulher de Inação, é esquisita e fechada no seu mundo de memórias e de sentimentos, a alegria e a tristeza, o mal e o bem. Sua última lembrança é a da morte do filho, depois nada mais existe para ela.

Carlos Freire considera a narrativa da personagem Zita como a parte mais bonita do livro, onde a humanidade, a simplicidade, a descoberta das coisas ruins e boas da vida se mesclam e dão dimensão ao personagem. Matias é outro personagem, misto de caixeiro viajante, contador de histórias, advogado, juiz e benfeitor. Estuda, procura compreender o mistério das terras abandonadas, o mistério do governo que diz que ampara o povo, mas o

¹⁰⁵ No ano de 1979 os romances *Beira rio beira vida*, *A filha do Meio-Quilo*, *O salto do cavalo cobridor* e *Pacamão* foram reunidos em uma edição que foi nomeada de Tetralogia Piauiense. Cf.: ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Tetralogia Piauiense. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.

abandona. Matias é a consciência de todo o livro. Inácio ou Inação é o protagonista. Como nos outros romances, não há muitos personagens. Mas cada um está marcado pelo próprio destino.¹⁰⁶

Em *Beira rio beira vida*, Assis Brasil fecha o romance repetindo suas palavras e cenas iniciais para conferir uma forma circular à narrativa. Em *O salto do cavalo cobridor*, o escritor utiliza o mesmo recurso, mas o enriquece. Por exemplo, ele repete a cena em que o cadáver de Inação é encontrado, reconstruindo-a através de Matias que não havia presenciado, mas apenas lido nos inúmeros rastros deixados no local da briga com os ciganos.

Para Carlos Freire, outro aspecto positivo de *O salto do cavalo cobridor* é a linguagem, uma continuação ou prolongamento do *Beira rio beira vida*: simples, objetiva, com recursos expressivos e sugestivos. A linguagem flui, é a própria fala dos personagens, a própria expressão do mundo e de sua vida. Os recursos são vários para que se obtenha um coloquial colorido e, ao mesmo tempo, simples. Mesmo em *A filha do Meio-Quilo*, onde o tom da linguagem adquire outras formas, o vocabulário assume outras conotações: “A simplicidade ainda é o seu grande recurso”.¹⁰⁷

Carlos Freire incluiu Assis Brasil em uma nova geração de escritores com trabalhos respeitáveis.¹⁰⁸ Ele enfatiza que, dentre os autores brasileiros, poucos sobreviviam da renda gerada pelo trabalho intelectual, especialmente da profissão de escritor. Assis Brasil compunha esse quadro dos poucos. Carlos Freire proporciona visibilidade também à vida de Assis Brasil.

O romance *Pacamão*, último romance publicado na década de 1960 é divulgado em anúncio na revista *O Cruzeiro* que traz a ilustração da personagem cigana Sulima que passeava nua pelas noites abafadas na zona rural da cidade de Parnaíba, onde também é ambientado.

¹⁰⁶FREIRE, Carlos. O terceiro romance da Tetralogia Piauiense, de Assis Brasil (...). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 4 mar. 1968.

¹⁰⁷FREIRE, Carlos. O terceiro romance da Tetralogia Piauiense, de Assis Brasil, (...). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 4 mar. 1968.

¹⁰⁸FREIRE, Carlos. O autor brasileiro, esse desconhecido: Agnaldo Silva (I). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 out. 1967, p. 2.



Figura 6: Anúncio do romance *O salto do cavalo cobridor*. Fonte: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 14 set. 1968, p. 46.

O romance *Pacamão* também foi objeto de sucessivos anúncios no *Jornal do Brasil*, lançado através das Edições Bloch. Os primeiros romances da tetralogia de Assis Brasil foram lançados pelas edições O Cruzeiro. Observa-se anúncio do lançamento do romance *Pacamão*:

MAIS DOIS – Mais dois autores brasileiros acabam de firmar contrato com Bloch para o lançamento de obras suas. De Assis Brasil, sairá o romance *Pacamão*, último da tetralogia cujo primeiro volume lhe valeu o I Prêmio Nacional Walmap. O outro autor é o crítico, poeta e ensaísta Antônio Olinto, que fará sua estreia no romance, com *Omi Agua Water*.¹⁰⁹

O segundo anúncio fazia referência à publicação de o *Pacamão* pelas Edições Bloch, enfatizando que o romance sairia em 1969, como é possível verificar a seguir:

PROGRAMA – Na sua programação para 1969, as Edições Bloch incluem os romances *Pacamão*, de Assis Brasil; *Os dois filhos da morte*, de Yael Dayan; *Os hereges*, de Alisson Macleod; e *Os capangas do brejo* (filmado sob o título *A grande ilusão*), de Roberto Penn Warren. A tradução deste último é de Hélio Polvora.¹¹⁰

Festejado como escritor e crítico, finalizando sua tetralogia piauiense, Assis Brasil comentou suas aspirações ao escrever sobre o homem e sobre as condições de existência no Piauí:

¹⁰⁹ PANORAMA das Letras. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 out. 1968, p. 2.

¹¹⁰ PANORAMA das Letras. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1969, p. 3.

QUATRO LIVROS – Aqui, o registro de quatro novos livros de Assis Brasil, o romance final de sua tetralogia piauiense, que chamou de *Pacamão*. O ciclo de romances do escritor e crítico piauiense começou com o premiado *Beira rio beira vida*, continuando com *A filha do Meio-Quilo* e *O salto do cavalo cobridor*. É o próprio autor que diz: ‘Deixei de lado os contos e novelas cerebrais, ideológicos, de teses e me voltei para o homem, para sua condição, onde tudo está implícito: ideologias, teses, supostas mensagens’. A edição é da Bloch.¹¹¹

Considerando as proposições de Roger Chartier¹¹² quanto à comunidade de leitores, as múltiplas situações em que leem e o porquê leem, as clivagens e os hábitos de leitura, bem como as formas de apropriação do escrito e a multiplicação do modo de circulação, foi possível identificar que houve uma clivagem entre a leitura dos romances de Assis Brasil e a sua apropriação através dos periódicos cariocas e na cidade de Parnaíba

As revistas citadas apresentam múltiplas perspectivas dos romances, ora ressaltando suas características como vanguardistas, ora atentando para o Piauí como cenário de um romance premiado. Assim, dentro da comunidade de leitores, constituída pelas pessoas que elaboravam as revistas, os críticos convidados a comentar e as respostas do próprio autor, há perfis, habilidades, expectativas e interesse de leituras diferentes.

Os romances foram anunciados em diferentes seções, desde a indicação de bibliografias para situar o leitor das novas publicações, com resumos, resenhas de críticos e entrevistas com o autor em seções como Panorama das letras, Bibliografia e Mundo dos livros, até críticas que analisavam o teor vanguardista dos romances e a linguagem.

Mergulhando nas diferentes formas como as revistas apresentaram os romances para os leitores, a partir de diferentes horizontes e perspectivas, verifica-se a consolidação de Assis Brasil no cenário cultural do Rio de Janeiro como romancista, crítico e escritor premiado.

No entanto, apesar da crítica e da recepção favorável aos romances no Rio de Janeiro e o sucesso de vendas na cidade de Parnaíba, onde estão ambientados, geraram profundo mal-estar por serem lidos como posições/opiniões realistas e detratadoras da cidade e de seus habitantes. Para além do teor vanguardista louvado no Rio de Janeiro, onde os personagens possuem vida própria, com destaque para as mulheres pobres, prostitutas, mulheres e homens do cais. Os nomes dos personagens assemelhavam-se aos nomes de pessoas de importantes famílias parnaibanas. Assim se fez necessário apresentar a cidade que inspirou a ficção de Assis Brasil, parte do cenário que tornou possível, do ponto de vista dos leitores parnaibanos, a indistinção entre verossimilhança e experiências vividas.

¹¹¹ PANORAMA das Letras. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 nov. 1969, p. 2.

¹¹² CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

3 AS MULHERES PARNAIBANAS ENTRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS

Neste capítulo, discute-se o papel assumido pelas mulheres no cenário social. Nesse sentido, apresenta-se o trabalho das mulheres de famílias abastadas e das mulheres pobres nos espaços públicos e privados, a maneira como as mesmas projetam o espaço público da cidade, assim como os eventos sociais, atuações no âmbito do religioso e do lazer da época. A discussão também recai sobre como elas buscavam assegurar *status* social, além do circuito de caridade, com os casamentos e o vestir.

As mulheres parnaibanas aparecem cantadas na literatura, em livros de memórias, jornais e revistas locais. As de famílias abastadas estão no jornal *O Bembém* com seus feitos, sua elegância e bons modos. As pobres também estão ali. As mulheres pobres, lavadeiras, doceiras, costureiras, rendeiras, apanhadeiras de água no rio Parnaíba estão presentes nos livros de memórias e na literatura.

Este capítulo questiona a ênfase e o privilégio dados às ações públicas dos homens, revelando que a situação da mulher parnaibana não se limitava ao espaço do privado e ao ambiente doméstico. Em muitos casos, comportamentos comuns ao ambiente doméstico eram transportados para a esfera pública. Apresenta a atuação pública das mulheres em Parnaíba marcadas por um acentuado processo de transformação na cidade com o sucesso das exportações da cera de carnaúba e do babaçu, que gestava uma sociedade altamente estratificada entre homens e mulheres, brancas e caboclas, pobres e ricos.

3.1 As novas atribuições sociais das mulheres e o sair das parnaibanas de classes elevadas

A sociedade parnaibana era marcada por hierarquias rígidas: o homem culto, o político local, os doutores, o embarcadiço, o taifeiro, o pescador, o catador de caranguejo; entre as mulheres: a senhora dama, Dona Fulana, a esposa do político, a do comerciante, a herdeira. O princípio de riqueza marcava o reconhecimento social, a cor poderia ser confirmada ou omitida, já a cultura era divulgada. As ações femininas variavam da socialização no âmbito da igreja e da educação, chegando até ao trabalho assistencialista desenvolvido em parceria com o projeto de modernização em curso no período.

Mulheres de famílias abastadas, ativas em assistência social com acentuada atuação no cenário da cidade entre as décadas de 1930 e 1940, são apresentadas através de jornais e

memorialistas, que destacam a sua intensa intervenção na esfera pública. Os traços das mulheres de elite são mais conhecidos. O jornal *O Bembém*, do número dez ao quatorze, contém a sessão Mulheres da Parnaíba de outrora, com suas figuras, ora sentadas, ora em pé, em outros volumes aparecem também ao lado do marido e dos filhos. De pele branca ou amorenada, ora esguias, ora fortes. Uma vida agitada, com muitos feitos em favor dos pobres.

Benjamim Santos,¹¹³ que escreve a referida seção, justifica sua existência enquanto lembrança de uma “cidade dominada por homens e homens: um mundo imponente de jaquetões, gravatinhas, suspensórios, chapéus e bengalas”.¹¹⁴ As mulheres de elite se sobressaíam através das artes e da educação. Já as pobres, segundo Benjamin Santos, “não passavam de cozinheiras, amas, lavadeiras, donas de banca no mercado de frutas, meretrizes ou mendigas”.¹¹⁵

Ao discutir o espaço ocupado por mulheres na sociedade parnaibana, aponta alguns exemplos. No mercado financeiro, existia “apenas as filhas de seu Marco Polo, Maria Alba e Maria Lina, que trabalhavam no Banco da Parnaíba, ali na Praça da Graça”,¹¹⁶ no comércio varejista, trabalhavam algumas esposas ou filhas dos donos, “a Biloca do Jorge Baluz; a Ísis, do seu Cristino; Dona Mirtes, de Seu Esmeraldo e mais umas poucas”.¹¹⁷ Destaca a loja Rosemary de Roland,¹¹⁸ que empregou “algumas gerentes e balconistas, como a Luizinha”.¹¹⁹

¹¹³ Benjamim Santos nasceu em Parnaíba em 1939, filho de Benedito dos Santos Lima e Neusa da Fonseca Lima. Aos 18 anos, mudou-se para o Recife. Estudou dois anos na Faculdade de Direito e depois estudou filosofia no Seminário de Olinda, onde iniciou sua carreira no teatro como diretor e autor. Mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970 onde se destacou no teatro para o público infantil, conquistou o Prêmio Mambembe em 1977 com a peça *O castelo das sete torres*. Em Parnaíba, onde reside desde 2000, foi idealizador do Museu do Trem criado em 2002 e da Exposição *Viva meu Boi de São João*, no Sesc Avenida, em 2007. Atualmente, é o editor do jornal *O Bembém*, ao lado de Diego Mendes de Sousa. Cf.: GONÇALVES, André [et. al.]. *Libertamos o Gigante*. In: _____. *Entrevistas Revestrés*. Teresina: Quimera, 2014. p. 37-51.

¹¹⁴ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

¹¹⁵ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

¹¹⁶ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

¹¹⁷ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

¹¹⁸ Roland Gabriel Jacob nasceu em 15 de setembro de 1899, na pequena cidade de Schalbach, na Lorena. O francês era herdeiro da firma Casa Comercial Marc Jacob. Chegou a Parnaíba em 1927, onde comprou e registrou a firma como sua empresa individual, mantendo o nome. Em 1955, recebeu o título de Cidadão Parnaibano e no dia 26 de maio de 1969 a Assembleia Legislativa do Estado do Piauí concedeu-lhe o título de Cidadão Piauiense. Cf.: JACOB, Marc Theophile. *A pequena e brava família Jacob*. In: ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Gente de longe: histórias e memórias*. Teresina: Halley, 2006. p. 273-334

¹¹⁹ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

Na prefeitura, dominavam “apenas a Biblioteca Pública, onde a Estelita Cardoso passou anos com seus cachinhos ruivos feitos a mão”.¹²⁰ Na padaria, “tinha Dona Bela, portuguesa, mulher do padeiro”.¹²¹ Os hospitais eram lugares com maior presença feminina, como freiras, “as do Coração Imaculado de Maria na Santa Casa e na Maternidade”.¹²²

Segue afirmando que lá pelos anos cinquenta entraram algumas na Alfândega e na Estrada de Ferro, “em cargos quase sempre obtidos por pistolões”.¹²³ Ressalta, ainda, a dificuldade em ver mulheres nos grandes escritórios (Moraes, Casa Inglesa, Marc Jacob), “mais havia umas poucas, a Rosinha, a Graciosa”.¹²⁴ O único lugar predominantemente feminino destacado por Benjamim Santos são os cabarés: “As donas-de-cabaré: a Madalena Magra, a Madalena Gorda, a Santa”.¹²⁵ Uma minoria, de classe média para cima, participava da alta sociedade, aquelas cujos maridos eram sócios do Cassino 24 de Janeiro.

As mulheres que tinham emprego soavam como exceções, assim como eram também “raras as envolvidas com trabalhos sociais. O geral das mulheres vivia pois das relações com a família, com a igreja, com a escola”.¹²⁶ Apesar de afirmar a pouca participação feminina nos trabalhos sociais, o artigo revela o contrário quando aponta o grande número de donas de casa que, além de cuidar do lar e dos filhos, dedicavam-se à igreja da Matriz ou do Rosário. Eram zeladoras, como Filomena da Fonseca Lima e Dona Ditosa; adornadoras dos altares, como Dona Antoninha Mota; cantoras do coro ou apenas devotas como Dona Miloca, Dona Ozita, Dona Berenice, Dona Antonita, Dona Enedine.

No viés da educação, ressalta algumas mulheres que lecionavam em suas casas, com destaque para Dona Neusália¹²⁷ e Dona Sória¹²⁸ em detrimento da escola das FONSECAS

¹²⁰ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

¹²¹ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

¹²² SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

¹²³ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

¹²⁴ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

¹²⁵ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

¹²⁶ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

¹²⁷ Neusália dos Santos Mavignier nasceu em 1923, filha do casal Neusa da Fonseca Lima e Benedito dos Santos Lima. Mais conhecida como Zazá. Estudou no Colégio das Irmãs e formou-se na Escola Normal. Lecionou na casa dos pais, nas instituições São Luís Gonzaga e Miranda Osório. Seu pai, mais conhecido por Bembém, foi o fundador e editor do *Almanaque da Parnaíba*, no período de 1924

(Marieta, Beliza e Dondon). Descreve a última como um tumulto de meninos sentados em bancos compridos, tendo à frente uma bancada para escrever, tudo numa sala escura, com duas janelas que davam para a barulheira do mercado, “a última remanescente escola velha, castiguenta que sobreviveu até final dos anos cinquenta”.¹²⁹

Já a escola de Neusália e Soria é descrita como “uma nova forma de educação”.¹³⁰ Na casa funcionava um curso particular, para uns poucos alunos, cinco no máximo. Cada um em sua carteira individual, a educação era baseada “no bom trato, no incentivo ao estudo e a leitura, no acompanhamento pessoal”.¹³¹



Figura 7: Neusália dos Santos Mavignier, professora normalista. Fonte: SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

a 1941. Casou-se com Paulo Mavignier. Cf.: SANTOS, Benjamim. Dona Neusália: aniversário. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 64, 21 abr. 2013, p. 4.

¹²⁸ Sória da Fonseca Lima filha de Neusa da Fonseca Lima com Benjamim dos Santos Lima, mais conhecido por Bembém. Fundador e editor do *Almanaque da Parnaíba*, no período de 1924 a 1941.

¹²⁹ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

¹³⁰ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

¹³¹ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

No dossiê Mulheres da Parnaíba de outrora, ganha destaque Jeanete de Moraes Souza.¹³² Era devota de São Francisco e se envolvia em assistência social para a construção do Preventório,¹³³ em ações de lazer realizadas no Cassino 24 de Janeiro, com números variados de declamação e canto com acompanhamento de piano. Destaca ainda as muitas brincadeiras que ela organizava na varanda de sua casa em Amarração.¹³⁴ Nas férias de julho, “eram só alegria aquelas noites de brincadeiras na varanda de Dona Jeanete, com toda a rapaziada brincando de cadeirinha-para-alugar, berlinda, anel, prenda”.¹³⁵



Figura 8: Jeanete de Moraes Souza cantava e tocava piano em eventos que organizava. Fonte: SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 11, 21 nov. 2008, p. 10.

¹³² Jeanete de Moraes Souza era filha de Jozias de Moraes Correia, um dos fundadores da Associação comercial de Parnaíba, presidente no biênio de 1929 a 1930. Cf.: PASSOS, Caio. *Cada rua sua história*. Parnaíba: IOCE, 1982. p. 211-215.

¹³³ O Preventório ou Educandário Padre Damião era uma instituição mantida pela Sociedade de Amparo aos Lázaros e Defesa contra Lepra de Parnaíba, que recebia os filhos sadios dos piauienses doentes de lepra a partir de 1943. Cf.: ALVARENGA, Antônia Valtéria Melo. *Nação, país moderno e povo saudável: política de combate à lepra no Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2013.

¹³⁴ Atual Luís Correia.

¹³⁵ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 11, 21 nov. 2008, p. 10.

Além de Jeanete de Moraes Souza, cita ainda Antonia de Almeida Motta,¹³⁶ que era “baixinha e gordinha, de olhos bem miudinhos, não era de falar com todo mundo”.¹³⁷ O presépio de natal que ela fazia e expunha em sua sala de visitas é destacado no artigo. É apontado como a grande glória artístico-criadora de Dona Antoninha, “as apoteoses e os carros-andor de Nossa Senhora de Fátima, quando a imagem da virgem peregrina de Portugal esteve em Parnaíba, em 1953”.¹³⁸ Antoninha confeccionava “arranjos de rara beleza culminando com a imagem, no alto circundada por flores e anjinhos”.¹³⁹

Outra mulher apontada é Delzira Neves, que “era de estirpe semelhante”. Seu trabalho era voltado para confecção de chapéus femininos e vestidos de baile. Tinha um ateliê em frente à Praça da Graça. Nas refeições e casamentos finos, seu ateliê estava sempre cheio de encomendas. Benjamim Santos relata que “em 1946, para a colação de minha irmã, Pergyta (Madrinha Baby) Dona Delzira fez um belo longo, como era belo e caprichoso o da Luizinha (de Seu Nenenzinho), com a saia todo de folhos, de alto a baixo, folhinhos bem estreitinhos”.¹⁴⁰

Destaca também o trabalho de Delzira Neves na confecção de chapéus: alguns leves e transparentes, de tecidos finíssimos como laise, em cores suaves de pastel ou aquarela. Para completar as informações sobre a atuação de Delzira Neves na cidade, Benjamim Santos aponta a forma como ela dirigiu a escola São José,¹⁴¹ e enfatiza que “embora não fosse de conversar com qualquer um, como Dona Antoninha, Delzira, mulher de Odílio Neves, foi

¹³⁶ Antonia de Almeida Motta, mais conhecida como Antoninha. Nasceu a 5 de janeiro de 1886 em Barreirinhas-MA. Esposa do diretor do Cassino 24 de Janeiro, Álvaro Osório de Carvalho Motta, mais conhecido como Motinha. Antoninha se sobressaía na decoração e organização das festas do Cassino 24 de janeiro, possuía “alma de artista, mãos de fada, que a natureza dotou com privilegiada inteligência. Liderou por muitas décadas a elegante sociedade de Parnaíba em festas memoráveis” Cf.: MENEZES, Maria Luiza Motta de. José Francisco de Miranda Osório e seus descendentes. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1980, p. 72-75.

¹³⁷ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 11, 21 nov. 2008, p. 10.

¹³⁸ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 11, 21 nov. 2008, p. 10.

¹³⁹ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 11, 21 nov. 2008, p. 10.

¹⁴⁰ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 11, 21 nov. 2008, p. 10.

¹⁴¹ Escola São José era um anexo do Colégio Nossa Senhora das Graças. As atividades eram destinadas à crianças pobres. Possuía, em média, 100 alunas matriculadas. Cf.: CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. *O livro do centenário de Parnaíba*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1944. p. 167.

primorosa nos cuidados com o Abrigo”.¹⁴² Apresenta muitas mulheres assim, apontando diferentes profissões que elas exerciam.

No dossiê apresenta, também, Dona Bizinha, que “era das poucas que se identificava por si mesma, era Dona Bizinha e pronto. Até a seus filhos emprestava seu nome para que se identificassem: a Alice de Dona Bizinha, a Zélia de Dona Bizinha”.¹⁴³ Uma mulher ativa e trabalhadora, ela fazia “engenhosos e lindos bolos de casamento e salgadinhos por encomenda”.¹⁴⁴ Dona Bizinha, fisicamente parecia “tão frágil quanto sua voz. Aquela voz miudinha de quem não precisava gritar para estar de bem com a vida”.¹⁴⁵ Ela começava a trabalhar quando amanhecia e ia até a hora de dormir.

Dona Chiquita Borges é outra mulher apresentada no dossiê. Alta, pesada, de andar lento e bamboleante, “suas pernas eram grossas e rijas como troncos de baobá”.¹⁴⁶ Havia sido professora em Parnaíba, fazia linguiça na cozinha de casa: “Dona Chiquita Borges imagem clara, enchendo aquelas tripas grossas com um picadinho de carne de porco muito temperado”.¹⁴⁷

Destaca as Roque, que trabalhavam refazendo e tingindo roupas. Reformar um vestido era refazê-lo com algumas mudanças no feitio, o vestido velho se tornava novo. Quando morria alguém de uma família grande, “as Roque tinham muito serviço, que era tingir de preto, para o luto, todo o guarda-roupa da família”.¹⁴⁸ Luto pela morte do marido era, no mínimo de dois anos, sempre a partir do sétimo dia da morte. Já pelo pai, durava um ano de luto fechado, isto é, tudo na roupa era preto, mas depois dos seis ou nove meses as moças já podiam ir mesclando o preto com o branco e o cinza. As Roque também “plissavam saias, um processo francês que tornava a saia toda pregueadinha, preguinhas muito estreitas, que davam um toque especial a elegância no vestir de certas senhoras”.¹⁴⁹

¹⁴² SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 11, 21 nov. 2008, p. 10.

¹⁴³ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

¹⁴⁴ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

¹⁴⁵ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

¹⁴⁶ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

¹⁴⁷ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

¹⁴⁸ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

¹⁴⁹ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

Dona Edméia Memória Ferraz¹⁵⁰ também recebe destaque. De nome único na cidade, é uma das mulheres mais conhecidas porque aparecia muito em público, discursava nas solenidades, envolvida com o calendário cultural da cidade, como descreve Benjamim Santos:

Como na sessão Solene do Centenário da Parnaíba, no Cine-Teatro Éden. Mas nada de improvisado. Subia ao palco e se punha a ler seu discurso desenrolando um rolinho de tiras de meia-folha de papel almaço coladas umas as outras e escrita a mão.¹⁵¹

Mantinha em sua casa, na Rua Pires Ferreira, uma escola de datilografia. Havia 12 máquinas de escrever, grandes e pesadas sobre as mesinhas. Atendia principalmente aos rapazes que pretendiam fazer concurso para o Banco do Brasil. Dona Edméia contratava instrutoras para orientar os alunos. No teatro, ela mostrava toda a sua capacidade artística.

Em meio a essa cidade comandada por ternos e gravatas, uma edição especial do jornal *O Bembém*, apresentando recortes visuais da Era Vargas, traz a foto de Edméia Memória Ferraz discursando na inauguração do Preventório, ao lado de outras figuras masculinas, como é possível observar a seguir:



Figura 9: Edméia Memória Ferraz discursando na inauguração do Preventório. Fonte: RECORTES visuais da Era Vargas. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 70, 21 out. 2013, p. 10.

A fotografia é de 1944, ano de festas para a cidade com a comemoração do centenário de Parnaíba. Nas celebrações, estava presente o Interventor do Piauí, Leônidas de Castro

¹⁵⁰ Edméia Memória Ferraz destacou-se por seus discursos nas seções solenes do Cine Éden, a escola de datilografia que mantinha em sua casa e a fundação da Sociedade dramática de Parnaíba. Seu esposo era dono da Gráfica Americana. Cf.: ARAKEN, 1988, p. 37.

¹⁵¹ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

Melo,¹⁵² que está de terno preto e lenço branco no bolso, com a mão apoiada em uma cadeira. Edméia Ferraz discursou na inauguração do Preventório, o internato para onde eram transportados os filhos dos leprosos logo que nasciam na Colônia do Carpina.

Em parceria com Cristino Félix de Melo, fundou a Sociedade Dramática de Parnaíba, “que deve ter sido o primeiro grupo de teatro amador da região, grupo que se estabeleceu por muitos dos anos quarenta e cinquenta. Esse grupo fez com que vários rapazes e moças se revelassem como atores e atrizes”.¹⁵³ Os ensaios eram feitos em sua casa, os espetáculos apresentados no Éden, no Ritz e no Cassino 24 de Janeiro. Fazia sempre coisas leves, como *O solar dos urubus* ou *A cigana me enganou*, peças de R. Magalhães Júnior. A produção era baratíssima, mas bem feita, com móveis emprestados e roupas dentro do que conseguisse. A luz “[...] era luz de palco com a plateia no escuro. E recordo que Dona Edméia brilhava”.¹⁵⁴ Carlos Araken descreve:

D. Edméia, mulher multi talentosa e de mil facetas. Feminista pura, sem demagogias, que já defendia os direitos da mulher bem antes da Betty Friedmann pensar nisso. Figura humana admirável, cujos olhos ainda hoje voltam a ter o brilho de vinte anos, quando ouve uma palavra nova ou uma campanha a ser encetada. Idealista, sonhadora, sim. Mas prática e determinada também. Não me deixam mentir suas realizações: o Clube dos Leões de Luís Correia, o Clube de Mães de Parnaíba. Esta é D. Edméia, mulher e ser humano.¹⁵⁵

Maria de Lurdes Machado é destacada como “um primor de pessoa. Muito alva, os olhos miudinhos e sempre um sorriso aberto para quem se aproximasse a ela”.¹⁵⁶ Esposa do rico comerciante de exportação Pedro Machado de Moraes e mãe do político José Pinheiro Machado¹⁵⁷, é enaltecida pelas valiosas doações à Diocese. Entre elas, a mais importante:

¹⁵² Leônidas de Castro Melo nasceu na cidade de Barras do Marataoan -PI, no dia 15 de agosto de 1897 filho de Regino Lopes de Melo e Maria Florença de Castro Melo. Assumiu como Governador do Piauí em 3 de maio de 1934, passou a interventor federal no dia 23 de maio do mesmo ano. Em sua administração concluiu o Liceu Piauiense e o hospital Getúlio Vargas. Atuou também como professor da Escola Normal Oficial do Piauí, médico do Serviço de Profilaxia Rural do Estado, chefe do Serviço de doenças venéreas do Estado e secretário-geral do Estado do Piauí Cf.: *Leônidas de Castro Melo*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/leonidas-de-castro-melo>>. Acesso em 15 de maio de 2018.

¹⁵³ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

¹⁵⁴ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

¹⁵⁵ ARAKEN, 1988, p. 37.

¹⁵⁶ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

¹⁵⁷ José Pinheiro Machado nasceu em Parnaíba a 25 de novembro de 1918. Bacharel em Direito pela Faculdade do Piauí. Em Parnaíba foi vereador e presidente da Câmara Municipal liderando a bancada

“Doou aquele pequenino monumento colonial da Rua Duque de Caxias, aquela ermida que deve ter sido levantada no início do povoamento da cidade e que, nos anos 1940 e 50 se fazia de Passo na procissão de Bom Jesus dos Passos”.¹⁵⁸ Dona Lourdinha também doou o terreno da Capela de Nossa Senhora de Fátima, no Macacau.



Figura 10: Maria de Lurdes Pinheiro Machado doou terras e monumentos para a diocese e capelas de Parnaíba. Fonte: SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

Maria Mavignier, mais conhecida como Marula, e Querubina Mavignier são apresentadas por Benjamim Santos como “presenças marcantes para a cidade, mesmo sem morar no perímetro urbano”.¹⁵⁹ As irmãs viviam em Amarração.¹⁶⁰ Fizeram de sua casa a única pensão nas praias de Amarração de 1940 a 1950. A casa foi herança do pai, um guardador da Alfândega. As duas eram, de acordo com o autor: “Senhoras de grande porte que, com simpatia e lentidão recebiam os hóspedes, quase todos daqui mesmo de Parnaíba que iam para

da União Democrática Nacional-UDN. Em 1970 elegeu-se deputado federal pelo Piauí. Cf.: *José Pinheiro Machado*. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/machado-pinheiro>>. Acesso em 15 de maio de 2018.

¹⁵⁸ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

¹⁵⁹ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 14, 21 fev. 2009, p. 10.

¹⁶⁰ Atual Luís Correia.

fim de semana ou só mesmo o domingo. A cozinha era espaçosa, comandada por Dona Querú e a Estelita era a cozinheira”.¹⁶¹ A pensão tinha amplos quartos e oferecia cardápio variado:

Na cozinha, a mesa comprida e larga, o fogão de lenha fumegando de peixes. As duas eram ajudadas por seu Astrogildo Mavignier, irmão delas que morava na PHB e cuidava dos negócios delas: compras, remessas, transportes... Dificilmente Marula e Querú vinham a Parnaíba.¹⁶²

Muitos casais, logo após o casamento, hospedavam-se lá para passar a lua de mel. Casais que fugiam para viver seu amor também se abrigavam na pensão: “foi assim com a Maria Irma e o Magalhães, filho de seu Juquinha. A família do rapaz (recém-formado médico) não queria esse casamento, nem o namoro. A Irma e o Magalhães voltaram já pra casar”.¹⁶³

Destaca também, na década de 1940 até metade dos anos 1950, as professoras de música, que ensinavam sempre na sala de visita de suas casas: Mercedes, na Rua Riachuelo, Cremilda, em frente à pracinha do mercado, além de Julieta, Florisa, Helena e Maria do Rosário. Todas as meninas e mocinhas da alta sociedade e alguns meninos filhos de pais sensíveis estudavam piano. Maria do Rosário era alta, grandona mesmo, e sempre fazia um número de piano nas sessões do Colégio das Irmãs, onde era professora de música. Dona Julieta, ao contrário, era baixinha, miudinha.¹⁶⁴

Benjamim Santos aponta outra personagem feminina: Dona Maria de Lourdes, responsável pela mais audaciosa iniciativa empresarial realizada por um mulher em Parnaíba, por “criar, fundar e manter o Ginásio Nossa Senhora Lourdes. Agora, pense, o que terá sido para uma mulher (sozinha) fundar e montar um ginásio nesta então atrevida cidade [...] onde só havia três colégios, todos fundados por ricaços da cidade”.¹⁶⁵

Benjamim Santos cita a primeira loja montada e comandada por duas parnaibanas. A extrovertida Helena Teles e a dócil Dona Morena Broder, fundadoras “que deve ter sido a primeira loja de confecções da cidade, com roupas de marca importadas de São Paulo”.¹⁶⁶

¹⁶¹SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 14, 21 fev. 2009, p. 10.

¹⁶²SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 14, 21 fev. 2009, p. 10.

¹⁶³SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 14, 21 fev. 2009, p. 10.

¹⁶⁴SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 14, 21 fev. 2009, p. 10.

¹⁶⁵SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 14, 21 fev. 2009, p. 10.

¹⁶⁶SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 14, 21 fev. 2009, p. 10.

Para encerrar, lembra Edine Vêras, fundadora do movimento dos bandeirantes em Parnaíba, [...]“figura elegante, vestida com a fardinha azul típica do Bandeirantismo, coordenando mocinhas peagabês que se iniciavam nos conceitos de aprendizagem, liderança, unidade, fraternidade e fogo”.¹⁶⁷ Era casada com o comerciante Bem-Hur Vêras.



Figura 11: Edine Vêras coordenava o bandeirantismo em Parnaíba. Fonte: SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 14, 21 fev. 2009, p. 10.

Esse memorial revela muitas profissões ocupadas por mulheres, como no Banco de Parnaíba, no comércio, em lojas, nas bibliotecas, na padaria, em hospitais, na alfândega, na estrada de ferro e nos cabarés. Elas eram zeladoras, cozinheiras, professoras, artesãs, costureiras, boleiras, confeitadeiras, atrizes e pensionistas. Muitas dóceis, extrovertidas; outras retraídas, tímidas; eram brancas, magras, gordas, esguias, altas ou baixinhas. Todas com destaque em suas funções, que muito revelam sobre o viver feminino e seus costumes, como a aula de piano, os tingimentos de vestidos para as que perderam um ente querido, os belos vestidos e chapéus, as viagens a Amarração para férias, a lua de mel ou os encontros furtivos.

As mulheres apresentavam-se elegantes e discretas no vestir e não costumavam usar joias no seu dia adia. No vestir, começam a insinuar suas curvas, mas não insinuavam seios ou pernas. A nuca ficava à mostra com cabelos curtos ou penteados clássicos, que prendiam os longos cabelos. As mulheres abastadas, pelo menos as que ganharam destaque no jornal *O*

¹⁶⁷SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 14, 21 fev. 2009, p. 10.

Bembém, tinham muitas atividades fora do lar e, além das prendas domésticas, estavam envolvidas em projetos sociais.

Na construção do Preventório, as fontes nos permitiram destacar a já citada Jeanete de Moraes Souza e as festas que ela organizava no Cassino 24 janeiro, com declamação e piano. Com essas iniciativas, as senhoras destacadas no dossiê Mulheres da Parnaíba de outrora desenvolviam projetos sociais e religiosos, apresentavam facetas diferentes que não se restringiam à maternidade, ao casamento e à dedicação ao lar.¹⁶⁸

O dossiê, através da apresentação da vida de algumas mulheres de Parnaíba, entrecruzado com outras fontes, possibilitou mapear a vida dessas mulheres, dando visibilidade à vida profissional e às atividades de lazer e assistência social desenvolvidas por elas em Parnaíba, nas décadas de 1930 e 1940. A análise das fontes aponta diferentes possibilidades na vida dessas mulheres para além de mãe, esposa e donas de casa. Apresenta, também, as suas iniciativas e seus papéis profissionais, o que marca sua presença nos espaços de trabalho.

Através das artes e da educação, as mulheres ocupavam espaços como gerentes, balconistas, bibliotecárias, freiras e parteiras. A maioria das profissões desempenhadas estava atrelada à Igreja e à Educação. Na igreja, eram zeladoras, adornadoras ou cantoras. Na educação, lecionavam em casa como professoras particulares, ministrando todas as disciplinas e datilografia para os rapazes que desejavam ingressar no Banco do Brasil e no Colégio Nossa Senhora das Graças. Ademais, ensinavam “pintura, música, piano, bandolim e violino, artes manuais, aritmética e português”.¹⁶⁹ No que compete à atuação das mulheres na cidade de Parnaíba, a atividade de ensinar representou importante meio através do qual elas ganharam visibilidade.¹⁷⁰

¹⁶⁸ Carla Bassanezi afirma que o casamento, a maternidade e a dedicação ao lar compõem a essência feminina. Cf.: BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 609.

¹⁶⁹ ANDRADE, Luzia Thereza Neves de. *As meninas do sobrado*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1999.

¹⁷⁰ Desde final do século XIX, Angélica Tavares Silva Moraes Correia e Henriqueta Torres Pires estabeleceram estreita relação com os interesses educacionais em Parnaíba. Angélica era parnaibana, filha de Claro Ferreira de Carvalho Silva e Geracinda Tavares Silva. Casou-se em 1876 com Luiz Antônio de Moraes Correia, eleito Intendente Municipal, atuando no período de 1905-1912. Dona Angelquinha, como era conhecida, é referenciada como esposa dedicada, mulher de alta visão, companheira, compartilhava de sua administração no âmbito social, que empreendeu esforços para a criação do Colégio Nossa Senhora das Graças. Cf.: PASSOS, 1982, p. 100. Henriqueta Torres Pires nasceu em Batalha, em 31 de dezembro de 1873. Casada com o industrial José de Souza Pires Filho. Mais conhecida como Dona Quetinha, membro da diretoria da Santa Casa de Misericórdia. Descrita como uma senhora com coração forrado do arminho da bondade, pois exercia seu apostolado da caridade onde houvesse um necessitado ou doente desvalido. Cf.: PASSOS, 1982, p. 295. A atuação de Angélica Tavares teve destaque nos livros *Meninas do Sobrado*, *Retalhos de uma vida*, *Cada rua*

A presença das mulheres nos espaços de trabalho é decorrente de iniciativas tais como o Grupo Escolar Miranda Osório,¹⁷¹ a Escola Normal e o Curso Comercial.¹⁷² Anteriormente, o ensino em Parnaíba estava limitado a escolas particulares. Quanto a essas instituições de ensino:

Forçoso é confessar que nem todas as escolas particulares tinham existência duradoura, e que se mantinham a revelia do Governo, não obedecendo uma programação oficial. Os professores tinham métodos próprios e distribuíam as disciplinas em dois turnos exaustivos em que quase sempre trabalhavam sem nenhum auxiliar.¹⁷³

Com o objetivo de elevar o número das escolas primárias em Parnaíba, o Estado e o Município criaram vários grupos escolares. Dentre eles, o grupo Miranda Osório se destacou. Contrataram em “S. Paulo o notável professor Luiz Galhanoni¹⁷⁴ que veio orientar a instrução primária no município, segundo os modernos métodos pedagógicos usados no seu Estado”.¹⁷⁵ Foi então que se reconheceu a necessidade da formação de turmas de professoras que pudessem colaborar no grande empreendimento. Para suprir essa necessidade fundaram o Ginásio Parnaibano e a Escola Normal, “onde as candidatas fariam o curso de humanidades e normal ao mesmo tempo”.¹⁷⁶

Analisando a atuação das mulheres no ensino primário em Parnaíba, em especial no Grupo Escolar Miranda Osório, o primeiro estabelecimento de caráter público, instituído no município, nota-se intensa participação feminina. Sua primeira diretora, a professora Raquel de Carvalho Magalhães, ficou no cargo até maio de 1942. Em 1944, possuía 550 alunos

sua história e no dossiê Mulheres da Parnaíba de outrora do jornal *O Bembém*. Henriqueta Torres Pires ganhou destaque no livro *Cada rua sua história* e na ata da Santa Casa de Misericórdia.

¹⁷¹ O Grupo Escolar Miranda Osório foi fundado em abril de 1922. Nele funcionou o Ginásio Parnaibano e a Escola Normal de Parnaíba, ambos fundados em 11 de julho de 1927. O Ginásio foi fruto do empenho do Prefeito José Narciso da Rocha Filho e da idealização do professor e advogado José Pires de Lima Rebelo, com o apoio de Luiz Galhanoni, Monsenhor Roberto Lopes Ribeiro, Alfredo Eduardo Amstein, Henriette Bricotte, Carlos Sousa Lima, Antônio Godofredo de Miranda, Mirócles Campos Veras, Francisco de Moraes Correia, Édson da Paz Cunha, José Euclides de Miranda, Constantino Correia, Tomaz Catunda, e representantes da sociedade parnaibana. Cf.: CORREIA; LIMA, 1944, p. 161.

¹⁷² O Curso Comercial com formação de guarda-livros foi criado na União Caixeiral no dia 1 de agosto de 1931 e no Colégio Nossa Senhora das Graças em 1934. Cf.: CORREIA; LIMA, 1944, p. 167, 198-203.

¹⁷³ CORREIA; LIMA, 1944, p. 175.

¹⁷⁴ Luís Galhanone: diretor do Grupo Escolar João Kôpke da capital paulista. Contratado pelo prefeito José Narciso da Rocha Filho (1921-1928) para orientar a instrução primária no município segundo os métodos que eram usados em seu Estado natal, São Paulo. Cf.: PROFESSOR LUIZ Galhanone. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 6, 1929, p. 8.

¹⁷⁵ CORREIA; LIMA, 1944, p. 176.

¹⁷⁶ CORREIA; LIMA, 1944, p. 176.

matriculados, e a frequência variava entre 89 a 97%. *O livro do centenário de Parnaíba* traz o nome das professoras do ensino primário:

Professoras: Raquel de Carvalho Magalhães, Benedita Boa-vista Cunha Barros, Clarisse Burlamaqui Oliveira, Júlia Pinheiro Castelo Branco, Elda Furtado de Araújo, Maria Luiza Sampaio Pires de Castro, Maria Elisa Sampaio Soares, Maria Edite Sales, Delfina Borralho Boavista, Maria do Carmo Monteiro Sampaio, Afrina Avelino da Cunha, Cléa Furtado de Araújo, Beatriz Carvalho Veiga, Maria Monteiro Sampaio, Maria Magnólia Melo e Filomena Lima Custódio.¹⁷⁷

A inserção da mulher no ensino público definiu um novo papel social.¹⁷⁸ Aos poucos, os argumentos em favor da instrução feminina tornaram-se mais frequentes, embasados pela necessidade de oferecer educação adequada para os filhos e filhas da cidade. Os argumentos defendidos afetaram, direta e indiretamente, o caráter do magistério, ao impor a necessidade de formar mulheres professoras e favorecer a feminização da docência.¹⁷⁹

Entre os saberes atribuídos às professoras, estava ler, escrever, contar e conhecer a doutrina cristã. Assim, esses eram os primeiros ensinamentos destinados para ambos os sexos, considerando as devidas distinções de gênero.¹⁸⁰ A construção do grupo Miranda Osório representava a existência do interesse do poder público em financiar melhorias na escolarização dos grupos sociais médios, com o objetivo de oferecer à juventude o ensino secundário, preparando-os para o ingresso em um curso superior. A criação da Escola Normal expressava o desejo de educar as mulheres e integrá-las ao esforço de modernização e crescimento econômico da cidade.

Quanto ao Ginásio Parnaibano, constavam em seu currículo as disciplinas de Português, Francês, Inglês, Latim, Geografia, História da Civilização e do Brasil, Desenho, Matemática, Ciências e História natural, Física, Cosmografia, Filosofia, Música, Química, Religião e Ginástica. A direção do Ginásio Parnaíbano foi entregue ao professor Luís

¹⁷⁷ CORREIA; LIMA, 1944, p. 159.

¹⁷⁸ Guacira Lopes Louro, estudando a criação das escolas normais no Brasil e a inserção das mulheres, afirma que elas deveriam desempenhar o papel de mãe virtuosa e eram responsáveis pela educação das gerações seguintes. Assim, a educação feminina era necessária para que as mulheres fossem capazes de formar futuros cidadãos. Cf.: LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 447.

¹⁷⁹ A feminização da docência ocorreu a partir do início do século XX, quando as escolas normais passaram a receber mais mulheres que homens. LOURO, 1997, p. 443-481.

¹⁸⁰ De acordo com Guacira Lopes Louro, não é correto afirmar que a educação destinada a meninos e meninas naquela sociedade era universal. É importante considerar que as divisões de classe, etnia e raça exerciam influência sobre as formas de educação, que estavam voltadas para transformar as crianças em mulheres e homens, com papéis sociais definidos. Ademais, a autora acrescenta as divisões religiosas entre os fatores que implicavam diversidades nas proposições educacionais. LOURO, 1997, p. 443-480.

Galhanoni. Depois, responderam pela direção Luís Viana, Édson da Paz Cunha, José Pinto Meira de Vasconcelos, Clodoveu Felipe Cavalcante e José de Lima Couto. Observou-se a predominância masculina na docência.¹⁸¹

Do currículo da Escola Normal de Parnaíba, obedecendo à Lei Estadual n. 1.199, de 19 de julho de 1928, constavam as disciplinas de Português, Literatura, Francês, Inglês, Geografia, Matemática, História, História Natural, Física e Química, Biologia e Higiene, Desenho, Psicologia Educacional, Metodologia e Didática, Desenho Pedagógico, Noções de Agricultura, Trabalhos Manuais e Educação Física. O corpo docente também era predominantemente masculino:

Português e Literatura: Drs. Édson Cunha, Clodoveu Felipe Cavalcante (advogados) e Prof. João Batista Campos; *Francês*: Prof^a. *Henriette Soter Castelo Branco* (francesa de nascimento e dama da sociedade); *Inglês*: Prof. José de Lima Couto (comerciante); Geografia: Dr. José Euclides de Miranda (advogado); Matemática: Dr. Samuel Antônio dos Santos (engenheiro civil); História: Dr. Édson Cunha, Clodoveu Felipe Cavalcante; História Natural: Dr. João Orlando de Moraes Correia (médico); Física e Química: Dr. José de Sousa Brandão (farmacêutico); Biologia e Higiene: Dr. Cândido de Almeida Ataíde (médico); Desenho: Prof. Alfredo Eduardo Amsteim (topógrafo); Psicologia Educacional: Dr. José Pires de Lima Rebelo (advogado); *Metodologia e Didática*: Prof^a *Maria Celeste de Jesus*; *Desenho Pedagógico*: Prof^a. *Henriette Soter Castelo Branco*; Noções de Agricultura: Prof. Carlos de Sousa Lima; *Trabalhos Manuais*: Prof^a *Lise Torres Pires* e Educação Física: Sargento Juvenal do Nascimento Araújo (Instrutor do Tiro de Guerra).¹⁸² (grifo nosso)

Nas raras exceções, as mulheres ficaram responsáveis por ensinar línguas estrangeiras, metodologia e didática e desenho pedagógico. Ressalta-se que muitos daqueles professores possuíam formação em outras áreas, como Medicina, Engenharia Civil, Farmácia, Direito, Instrução de Tiro de Guerra e Comércio. Não se observou a formação destes no curso Normal.¹⁸³

¹⁸¹ Português: Dr. Édson Cunha; Francês: Prof. Henriette Soter Castelo Branco; Inglês: Prof. José de Lima Couto; Latim: Prof. João Batista Campos (tesoureiro municipal); Geografia: Dr. José Euclides de Miranda; História da Civilização e do Brasil: Dr. Édson Cunha; Desenho: Prof. Alfredo Eduardo Amsteim; Matemática: Drs. Samuel Antônio dos Santos e João de Carvalho Aragão (Engenheiros Cívicos); Ciências e História Natural: Dr. João Orlando de Moraes Correia; Física: Dr. João Bacelar Portela; Cosmografia: Dr. João de Carvalho Aragão; Filosofia: Dr. Cândido de Almeida Ataíde; Música: Prof. José Carlos de Sousa Lima; Química: Dr. José de Sousa Brandão e Ginástica: Sargento Juvenal do Nascimento Araújo. Cf.: MENDES, Francisco Iweltman Vasconcelos. *História da educação piauiense*. Sobral: EGUS, 2012. p. 162.

¹⁸² MENDES, 2012, p. 164.

¹⁸³ CARVALHO, Veruska Lauriana da Silva de. *A cidade e a masculinidade: tornar-se homem em Parnaíba-PI de 1900 a 1950*. 2011. 133 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011. p. 35.

É bem verdade que os mesmos homens e grupos sociais continuavam garantindo posições estratégicas nos jogos de poder da sociedade. No entanto, antes mesmo da criação da Escola Normal, a instrução primária oferecida pelo grupo Miranda Osório era ocupada, como informa *O livro do centenário da Parnaíba*, exclusivamente por mulheres. A criação da Escola Normal estava direcionada para a escolarização da juventude feminina e formação de professoras, ampliando as oportunidades para as mulheres. A instrução para o público feminino passava a ser uma necessidade, como é possível observar:

A Lei n. 1.119, de 19 de julho de 1928, que criava a Escola Normal de Parnaíba e que determinava que só poderiam lecionar professores que fossem brasileiros natos, estendia essa determinação para o Colégio Nossa Senhora das Graças. As professoras da escola, todas religiosas italianas que mal dominavam o português, viam-se na condição de apelar a Diretoria Geral da Instrução, que excepcionalmente permitiu o exercício do magistério pelas irmãs italianas, desde que o ensino de português fosse ministrado por professora brasileira diplomada.¹⁸⁴

As professoras estrangeiras não podiam ministrar, por razões óbvias, a língua portuguesa. O ensino ministrado versava sobretudo sobre a “formação moral, intelectual e religiosa de suas alunas. Foram as irmãs pioneiras na arte de educar e pedra fundamental da fé e do amor, sim do amor, porque sem ele nada se constrói”.¹⁸⁵

Desde o início do século XX, com a criação do Colégio Nossa Senhora das Graças, em 25 de maio de 1907 manifestava-se a preocupação com a educação das mulheres parnaibanas. Para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas de matemática era geralmente complementado pelo aprendizado de piano e de francês, que, na maioria dos casos, era ministrado por professoras particulares em suas próprias casas ou em escolas religiosas. Fazia parte da educação das moças o desenvolvimento da habilidade com as agulhas, os bordados, as rendas, aprender a cozinhar e dirigir as criadas e serviçais, além de outros elementos que pudessem torná-las não apenas companhia mais agradável aos seus maridos, mas também mulheres capazes de bem representá-los socialmente.¹⁸⁶ Nota-se que a educação ministrada às mulheres estava ligada estreitamente às funções que elas desempenhariam na sociedade em sua vida adulta.

As visões a respeito da educação feminina nessa sociedade eram múltiplas. Mas um discurso ganhava destaque e parecia adequado para as famílias abastadas: a afirmação de que as mulheres, aquelas esposas dos comerciantes, dos políticos, dos advogados, dos médicos,

¹⁸⁴ MENDES, 2012, p. 156-157.

¹⁸⁵ ARAÚJO, Maria Elita Santos. *Parnaíba o espaço e o tempo*. Parnaíba: [s.n.], 2002. p. 114.

¹⁸⁶ LOURO, 1997, p. 446.

deveriam ser não somente educadas, mas instruídas. Era enfatizada a formação moral, a constituição do caráter e bons princípios para desempenhar a função de esposa e mãe, bem como se tornava inquestionável que as atitudes dessa mulher em sociedade repercutia diretamente sobre seu esposo e sua família.

Assim, a mulher educada e instruída seria representante dos princípios morais da família a que pertence, garantindo a manutenção e valorização do sobrenome. A necessidade de oferecer o acesso à educação para as mulheres significava um ganho para elas, já que estavam sujeitas a exigências sociais que ultrapassavam seu destino como esposa e mãe. A educação feminina estava, portanto, associada à modernização de Parnaíba.

Ser mulher em Parnaíba era dedicar-se à orientação dos filhos, ao trabalho ou a lideranças, sempre em busca por aceitação. Seus feitos contribuíam para o plano de modernização, educação e higienização da cidade. A educação feminina deveria propiciar a atuação das mulheres naquela sociedade e tinha como base a formação cristã, o catolicismo, que apontava a mulher como educadora dos filhos e, também, como benfeitora no amparo aos necessitados. Dessa maneira, a educação feminina beneficiaria o coletivo.

Tratando das articulações de poder e das relações entre os sexos, o magistério não foi o único espaço simbólico de poder ocupado pelas mulheres. Nota-se sua atuação em profissões não regulamentadas, mas necessárias à sociedade parnaibana.

A implantação do Curso Comercial foi outra importante iniciativa para a inserção das mulheres nos espaços de trabalho, com a formação de guarda-livros no Colégio Nossa Senhora das Graças em 1934. Assim, as jovens ingressavam no ensino profissionalizante. O curso era exclusivo para mulheres e a instituição não possuía turmas mistas. Em 1937, a instituição implantou o curso normal. As mulheres no mercado de trabalho começavam a ocupar espaço no comércio, na contabilidade dos escritórios. Para atender a essa necessidade a União Caixeiral também inseriu o curso de guarda-livros, iniciando oficialmente suas atividades com a abertura do livro de matrículas para o curso propedêutico, de três anos, e guarda-livros, de dois anos.¹⁸⁷ A União Caxeiral, “no ano de 1938, realizou seu primeiro exame de admissão, tendo como sua primeira turma de egresso concluído no ano de 1942,

¹⁸⁷Os cursos, após passarem por inspeção do Ministério de Educação, foram autorizados a funcionar de acordo com o art. 2º do decreto nº 20.158 de 20 de junho de 1931. Cf.: CORREIA; LIMA, 1944, p. 198-203.

com a formação titulada de guarda-livros”.¹⁸⁸ Posteriormente, o curso passou a chamar-se Técnico em Contabilidade.

Os alunos eram de várias camadas da sociedade parnaibana, principalmente aqueles que não conseguiam ingressar no ensino superior devido à necessidade de se dirigir para os grandes centros do Brasil. Os cursos objetivavam a integração da classe comerciária, mas não se vetavam as matrículas de outros sujeitos que se interessassem em ter uma formação educacional e profissional na área de comércio. Aqueles que comprovassem ligação com o comércio da cidade, tinham 50% de desconto em suas mensalidades. A instituição atuou desde o início com turmas mistas, contando com a “presença maciça de mulheres, provenientes das classes sociais que se disponibilizassem a efetuar pagamento mensal junto à escola”.¹⁸⁹

Essas iniciativas, segundo Duarte Filho, demonstram que:

A inserção da mulher no mercado de trabalho nesse período em Parnaíba possui relevância no que diz respeito à procura que muitas empresas comerciais e industriais buscavam junto ao estabelecimento de ensino comercial, mulheres capacitadas para exercerem cargos, principalmente de secretária e na área de contabilidade. A Escola Técnica de Comércio da União Caixeiral e a Escola Comercial do Ginásio Nossa Senhora das Graças, ambas de Parnaíba, eram constantemente procuradas para que indicassem as alunas que mais se destacavam durante todo o curso.¹⁹⁰

Dessa maneira, abriram-se novas perspectivas de trabalho e atuação feminina e as mulheres passaram a ocupar novos espaços, que passaram a definir quais seriam aquelas dignas de receber o respeito da sociedade. A imprensa dedicava-se a descrever os contornos da “mulher ideal do novo século”.¹⁹¹ Mudanças importantes afetaram o feminino: as oportunidades de trabalho assalariado cresciam juntamente com a escolaridade das jovens, fazendo com que mais mulheres garantissem empregos em lojas, escritórios e escolas primárias. Com isso, as “moças respeitáveis começaram a ser vistas cada vez mais circulando pelas ruas”.¹⁹²

¹⁸⁸ DUARTE FILHO, Gilberto Escórcio. *Porta-vozes da conquista da riqueza: o ensino comercial e a Escola União Caixeiral de Parnaíba (1918-1950)*. 2010. 118 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010. p. 45.

¹⁸⁹ DUARTE FILHO, 2010, p. 66.

¹⁹⁰ DUARTE FILHO, 2010, p. 64.

¹⁹¹ PINSKY, Carla Bassanezi. *Imagens e representações: a era dos modelos rígidos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 475.

¹⁹² PINSKY, 2016, p. 475.

Em Parnaíba, Florisa Masulo de Melo esclarece como as jovens entendiam a importância da instrução. Quartanista do Ginásio Parnaibano e eleita rainha dos estudantes da cidade no dia 5 de setembro de 1936, afirmou que:

Nenhum progresso moral será, entretanto, possível, se não for facilitado pela educação e pelo estudo. E a escola é um fator decisivo para a formação dum mundo melhor – melhor pela espiritualização das ideias e dos sentimentos, melhor pelo refinamento da inteligência e do coração, melhor pelo abrandamento das paixões, melhor pela extinção dos males que infelicitam nossos dias. [...] Nunca na nossa vida de povo livre tivemos tanta necessidade, como agora, de que a coletividade nacional se instrua, em todos os setores e em todas as lides, para pudermos repelir a infiltração das ideologias malsãs que ameaçam corroer o cerne da nacionalidade. [...] Mas será somente pela extinção completa do analfabetismo, será somente pela difusão amplíssima da instrução que acharemos meio de ter a mão os elementos indispensáveis para a formação estrutural duma grande nação, uma nação próspera, rica e feliz.¹⁹³

O discurso acima foi proferido em 1936 e publicado no jornal *A Flâmula*¹⁹⁴ no dia 6 de setembro e reproduzido no *Almanaque da Parnaíba* de 1937. Destaca-se a importância da instrução para mulheres, enfatizando o momento de acontecimentos decisivos, bem como os impactos do consumismo, da possibilidade de guerra, dos ideais nacionalistas e do comunismo. A rainha dos estudantes defendeu a instrução feminina como a base do desenvolvimento social e do crescimento econômico. Enfatizou a necessidade de instruir todos os setores da sociedade, uma vez que a instrução implica o “abrandamento das paixões, o refinamento da inteligência e do coração”.¹⁹⁵ Assim, a busca por instrução visava atender às demandas do mercado local e se apresentava como meio de controle, como guia para a razão. A seguir, a foto de Florisa Melo:

¹⁹³ MELO, Florisa Masulo de. Festa de estudantes. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 14, 1937, p. 91-92.

¹⁹⁴ Órgão do Grêmio Literário Nossa Senhora das Graças.

¹⁹⁵ MELO, Florisa Masulo de. Festa de estudantes. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 14, 1937, p. 91-92.



Figura 12: Florisa Masulo de Melo quartanista do Ginásio Parnaibano eleita rainha dos estudantes em 1936. Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 14, 1937, p. 90.

Outro discurso importante a ser destacado foi proferido por Gladys Andrade Correia, aluna do terceiro ano comercial no Colégio de Nossa Senhora das Graças, eleita princesa dos estudantes parnaibanos no dia 5 de setembro de 1936. Seu discurso, reproduzido no jornal *A Flâmula*, contém quatro perguntas relevantes sobre o papel de homens e mulheres na cidade de Parnaíba naquele momento, como é possível observar:

O que pensa dos homens?

Os homens são seres fortes, geralmente possuidores de caráter nobre e altivo e alma generosa e boa. Considero seus cérebros verdadeiras máquinas que impulsionam o desenvolvimento da cultura de um povo.

E das mulheres?

As mulheres são entes frágeis que possuem quase sempre um coração meigo e compassivo, que sabe sofrer com paciência, perdoar com facilidade e esquecer também, o que é muito mais difícil do que o próprio perdão.

Qual a educação da mulher atual?

A época contemporânea exige mulheres aptas a todos os ofícios. Entretanto, a educação da mulher para os afazeres do lar, deve ser predominante entre toda e qualquer educação.

Deve haver igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres?

Não. As mulheres não se devem considerar inferiores aos homens, mas também não devem gozar os mesmos direitos, nem ter os mesmos deveres. Os homens tem o direito de exercer a autoridade sobre as mulheres e estas tem o dever de ser cordatas e submissas. E isto, feito de maneira suave, estabelece a concórdia e o amor entre eles.¹⁹⁶ (grifo nosso)

¹⁹⁶ Entrevista concedida por Gladys Andrade Correia ao jornal *A Flâmula* apud TOURINHO, Mary Angélica Costa. *Por dentro da história: mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba (1930-1950)*. 2015. 239 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em

Abaixo, observa-se a imagem de Gladys Andrade Correia publicada no *Almanaque da Parnaíba*:



Figura 13: Gladys Andrade Correia, aluna do terceiro ano comercial no Colégio de Nossa Senhora das Graças, eleita princesa dos estudantes em 1936. Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 14, 1937, p. 90.

A inserção das mulheres no magistério atendia não somente às necessidades impostas pelo processo de modernização da cidade, como também oferecia resposta ao questionamento a respeito do papel da mulher no referido processo, como bem enfatizou Florisa Melo. No entanto, a participação feminina ainda era contida, como afirmou Gladys Andrade Correia. O curso de profissionalização de professoras primárias preparava-as tanto para o exercício do magistério como para a realização de tarefas domésticas e para o desenvolvimento de atribuições sociais e políticas.

Quanto ao magistério no Brasil, Guacira Lopes Louro afirma que o objetivo da criação de Escolas Normais era formar professores e professoras capazes de atender ao esperado aumento na demanda escolar. A autora destaca que o grande número de mulheres ingressando nesses cursos foi inversamente proporcional à procura masculina, processo que ela chama de “feminização do magistério”.¹⁹⁷ Enquanto em muitos lugares o referido processo ocorreu com resistências, em Parnaíba houve incentivos para a instrução feminina, visando formar filhas e esposas que seriam responsáveis pela educação das crianças parnaibanas.

História da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015. p. 106-107.

¹⁹⁷ LOURO, 1997, p. 443-481.



Figura 14: Alunos do Miranda Osório (Ginásio e Escola Normal).

Fonte: LIVRO DE FORMATURA da 1ª turma de concludentes do Ginásio e da Escola Normal de Parnaíba. Parnaíba: [s.n.], 1932.

O *Livro de formatura da 1ª turma de concludentes do Ginásio e da Escola Normal de Parnaíba* de 1932¹⁹⁸ contém sonetos e descrições de alunas¹⁹⁹ e alunos.²⁰⁰ Nas descrições das jovens parnaíbanas, é recorrente a referência às suas virtudes, pureza, moral, saber, suavidade, bom coração e a beleza. Delicadas, estudiosas, meigas, inteligentes, alegres, geniosas,

¹⁹⁸ O *Livro de formatura da 1ª turma de concludentes do Ginásio e da Escola Normal de Parnaíba* contém: discurso do diretor do Ginásio Parnaibano Édson Cunha, do convidado Renato Pires Castelo Branco, da oradora da turma Alda Cunha e do escritor Humberto de Campos, membro da Academia Brasileira de Letras. Traz a foto dos alunos e alunas com um soneto. A fotografia do diretor Edson Cunha, do advogado e professor da Escola Normal José Pires de Lima Rebelo e do prefeito Ademar Gonçalves Neves. As alunas retratadas no livro de formatura da turma da Escola Normal de Parnaíba de 1932 eram jovens socialmente privilegiadas.

¹⁹⁹ Constan no *Livro de formatura da 1ª turma de concludentes do Ginásio e da Escola Normal de Parnaíba* as alunas: Maria Elisa Monteiro de Sampaio, Alda Avelino da Cunha, Angélica de Couto Melo, Edmée de Amorim Rego, Maria do Carmo Monteiro Sampaio, Maria Ester Monteiro de Sampaio, Eldafurtado de Araújo, Maria Edith Sales, Maria Luiza Fernandes Alves Bastos, Maria Luiza Monteiro de Sampaio, Mirtila Cutrim de Araújo, Maria Luiza Torres Pires, Francisca Gomes de Oliveira

²⁰⁰ Constan no *Livro de formatura da 1ª turma de concludentes do Ginásio e da Escola Normal de Parnaíba* os alunos: Edgar Monteiro de Sampaio, Darcy Fontenele de Araújo, Edimar Monteiro de Sampaio, Euclides Godofredo Parentes de Miranda, Francisco das Chagas Soares, Maní Cavalcante Baquil, Mutsu-Mito Pires de Lima Rebelo, Prentice Mulford Avelino da Cunha, Renato Castelo Branco, Seth Emanuel de Couto Melo, Sethy Borges de Melo, Vicente Fontenele de Araújo, Antônio de Pádua Bompert, José Bastos Marques.

elegantes; alguns sonetos fazem menção à família da qual descendem. Abaixo o soneto dedicado à normalista Elda Furtado de Araújo:

Vou perfilar agora num soneto,
Simples, porém, ungido de ternura,
Uma colega – linda criatura-
Que tem no olhar divino um tom faceto!

Para dizer da graça e da candura
Do seu sorriso, eu muito não prometo,
Pois não cabem nos versos de um soneto
Do seu sorriso a santa iluminura!

Frágil, morena, terna, delicada,
Estudiosa, meiga, inteligente,
Foi sempre em nossa classe muito amada!

Elda – com todo ardor, com toda unção,
Eu digo que deixaste, eternamente,
Uma saudade em cada coração!²⁰¹

A normalista em Parnaíba surgia como graciosa, comunicativa e inteligente. O magistério configurava-se como atributo para a consolidação da perfeita parnaibana. É possível identificar a relação estabelecida entre a imagem da jovem estudiosa, meiga e inteligente, e o exercício do magistério. Assim, essa suposta vocação se apoiava em uma compreensão social do magistério, função adequada para formar o feminino.

Louro, discutindo a representação das normalistas na sociedade brasileira, afirma que a questão não seria indagar se as imagens fabricadas eram verdadeiras ou próximas da realidade, mas sim compreender que todos os discursos foram e são igualmente representações; representações que não apenas espelharam essas mulheres, mas que efetivamente as produziram.²⁰² Em outras palavras, as representações das normalistas tiveram um papel ativo na construção delas, formataram o modelo de senhorita professora que trouxe sentido, àquela época, ao exercício do magistério.

Ao analisar o soneto dedicado à normalista Edmée de Amorim Rego, notamos as representações e a construção da parnaibana moderna:

Esbelta, de elegância primorosa,
Simplicidade em sombra de altivez,
Amiga do trabalho, estudiosa
É a colega que eu pinto desta vez.

²⁰¹ LIVRO DE FORMATURA da 1ª turma de concludentes do Ginásio e da Escola Normal de Parnaíba. Parnaíba: [s.n.], 1932. p. 15.

²⁰² LOURO, 1997, p. 464.

Apesar de saber, sempre nervosa,
 Aparentava grande lividez
 Quando do exame a hora duvidosa
 Chegava com terrível rapidez

O olhar vivo, a expressão serena e forte,
 A elegância perfeita do seu porte,
 Dão-lhe graça ao perfil de traço grego.

Este soneto simples, imperfeito,
 É da saudade um luminoso preto
 À colega EDMÉE DE AMORIM REGO!²⁰³

A normalista era representada como elegante e forte. Os sonetos presentes no livro de formatura do Ginásio Parnaíba descrevem mulheres de personalidade forte: geniosas, nervosas, adjetivos que aliviam as doces descrições. Assim, as normalistas foram constituindo-se perfeitas damas, mulheres fortes a circular na sociedade parnaibana.

A normalista era representada, em sua maioria, com roupas claras e discretas, vaidosa, com cabelos curtos e arrumados, sobrancelhas bem marcadas e com cor nos lábios. Na foto abaixo, observa-se a “senhorita Márcia Avelino da Cunha, humanista ginásial de 1937 que terminou com brilhantismo o curso da Escola Normal de Parnaíba, sendo diplomada professora normalista a 3 de dezembro de 1938”.²⁰⁴



Figura 15: Márcia Avelino da Cunha, professora normalista. Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 351.

Assim, considerando as diversas fontes disponíveis, nota-se que a normalista se constituía enquanto mulher e exercia poder, articulando em suas práticas a soma da beleza, da inteligência, da comunicação e da elegância com a suavidade, atributos exigidos para o

²⁰³ LIVRO DE FORMATURA da 1ª turma de concludentes do Ginásio e da Escola Normal de Parnaíba. Parnaíba: [s.n.], 1932, p. 9.

²⁰⁴ *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 351.

feminino. Pensá-la apenas como mulher subjugada socialmente aos homens empobrece a sua história e descarta sua importância. Em aspectos que parecem pequenos à primeira vista, como gestos e vestimentas, as mulheres exerciam poder, subvertiam comportamentos e ganhavam visibilidade.

Não parece ser possível compreender a história de como as mulheres ocuparam as salas de aula sem observar como se estabeleciam as relações entre homens e mulheres naquela época, observando os lugares sociais previstos para cada um deles. Tais relações são entendidas como construções sociais, atreladas, também, à classe, etnia, religião e idade, que delimitavam algumas posições de sujeitos, inclusive para as mulheres normalistas. Discursos repletos de sentidos sobre essas relações explicam como as jovens parnaibanas constituíram suas subjetividades e práticas sociais, assumindo, transformando ou rejeitando as representações que eram propostas.

O lugar social ocupado pela mulher parnaibana sofria influências da popularidade do cinema americano, da moda francesa e dos novos ideais estéticos, que contribuíram para a mudança das concepções do que era ou não apropriado à mulher de família, ou seja, aquela que era digna de respeito e admiração, assim como para os casais e para os relacionamentos amorosos.

Com a necessidade de deslocamento para o trabalho, a ida aos passeios, bem como as atividades de consumo, a mulher necessitava de roupas mais leves, livres da rigidez dos espartilhos. O corte prático de cabelo *à la garçonne* conferia um ar de ousadia e atitude. A maquiagem passou a fazer parte do novo universo feminino, manifestações inofensivas de leve sensualidade, inspirada nas atrizes de Hollywood. Lentamente se instaurava uma nova imagem de jovem moderna que circulava com mais independência, que opinava, frequentava bailes, dançava tango, maxixe e charleston, que usavam *maillot*.²⁰⁵

²⁰⁵ PINSK, 2016, p. 476.



Figura 16: Onesy Couto de Mello, professora normalista e poetisa. Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 7, 1930, p. 104.

Portanto, papéis femininos foram elaborados e adequados ao surgimento de novas representações quanto às funções sociais da mulher, ligadas ao trabalho, à moda e ao comportamento, para que ocupassem suas novas atribuições, preservando a instituição do casamento. As mulheres ganharam uma identidade pública, mas a vigilância doméstica se estendia à rua. Nota-se a permanência de restrições em relação ao seu comportamento e sua atuação social. Nas décadas de 1930 e 1940, a imagem da mulher moderna estava associada ao magistério, à participação da vida social e ao trabalho fora do lar. Elas transitavam pelas ruas, frequentavam cinemas, bailes, estavam se modernizando junto com a cidade de Parnaíba.

3.2 Os trabalhos, os lugares e os dias das mulheres pobres em Parnaíba.

Entre os anos de 1930 e 1940, houve forte interferência do cinema americano no cotidiano da cidade parnaibana, com os ditames de novas modas e costumes. No Édén, “todo menino aprendeu a sacar um revólver e muitas meninas aprenderam a beijar e a se imaginar nos braços dos grandes atores”.²⁰⁶ Nesse universo, homens e mulheres receberam influências no modo de perceberem as representações do mundo cinematográfico.

²⁰⁶ ACENDAM as luzes, o Cine Édén acabou. *Histórica*. Parnaíba, ano 1, n. 1, abr. 2008. p. 15.

Analisar as mulheres pobres no espaço da cidade implica apresentar as mudanças na forma como elas ocupavam os espaços, vestiam, sentavam, o olhar, o flerte, o corte de cabelo e o modo como foram impactadas pelo cinema. Alguns memorialistas parnaibanos do início do século XX, como Carlos Araken, Goethe Pires de Lima Rebelo²⁰⁷ e Luzia Thereza Neves de Andrade²⁰⁸ abordaram a influência do cinema na cidade de Parnaíba.

Carlos Araken fez referência a uma “geração dourada”,²⁰⁹ que seguia padrões lançados por Hollywood. Enfatizou que os trajes escolhidos para a ida ao cinema eram os melhores, as mulheres usavam belas joias e perfume. O cinema era dividido por camarotes para as famílias abastadas. Revelou também a presença da prostituta que “se aventura furtivamente a sentar no lado direito, junto aos homens”.²¹⁰ De acordo com Araken, “a maneira dos pares entrarem no cinema, funcionava como um código: de mãos dadas, era noivado na certa. De braços dados, era casamento na porta”.²¹¹ Luzia Theresa Neves de Andrade também enfatizou a elegância com que a sociedade frequentava o cinema. Fazendo referência ao Cine Éden e tratando do público feminino, afirma que “era moda o uso do chapéu”²¹² para assistir à sessão.

Goethe Pires de Lima Rebelo apresenta o Cine-Teatro Pio IX, de propriedade da Paróquia de Nossa Senhora da Divina Graças, e a visão nada otimista que o Padre Roberto Lopes tinha sobre o cinema, e “imaginando proceder certo, colocava-se no salão de projeção e punha a mão aberta sobre o feixe de luz (projektor das imagens) em cenas que tivessem beijos. Filmes com cenas um pouco mais avançadas eram, de pronto, rejeitados como imorais”.²¹³

Na cidade, as influências da escolarização, as oportunidades de trabalho assalariado e o cinema fizeram com que muitas mulheres ocupassem espaços no mercado de trabalho. As mudanças eram visíveis no corte de cabelo e no vestir, o que inspirou escritores e poetas a manifestarem-se sobre o comportamento feminino e as concepções do que era ou não apropriado a uma mulher. A popularidade do cinema apresentava às brasileiras novos ideais

²⁰⁷ Goethe Pires de Lima Rebelo nasceu em Parnaíba, filho de José Pires de Lima Rebelo. Autor do livro *Tempos que não voltam mais: crônicas sobre a Parnaíba antiga*.

²⁰⁸ Luzia Thereza Neves de Andrade nasceu em Parnaíba a 18 de julho de 1926 em um sobrado na Praça da Graça. Filha de Zilda e Joca. Neta de Luiz Antonio de Moraes Correia, Intendente Municipal, que atuou no período de 1905 a 1912 e Angélica Tavares Silva Moraes Correia. Autora do livro *Meninas do sobrado*

²⁰⁹ ARAKEN, 1988, p. 84.

²¹⁰ ARAKEN, 1988, p. 34.

²¹¹ ARAKEN, 1988, p. 35.

²¹² Luzia Thereza Neves de Andrade ressalta que: “O interessante era que naquele tempo era moda o uso do chapéu e quando tocava a campainha de 15 minutos antes da sessão, mamãe entrava, colocava seu chapéu para dar três passos e entrar no Éden, logo ali em frente. As outras senhoras que participavam da roda, já chegavam prontas e ‘enchapeladas’”. Cf.: ANDRADE, 1999, p. 24.

²¹³ LIMA REBELO, Goethe Pires de. *Tempos que não voltam mais: crônicas sobre a Parnaíba antiga*. s.n.t. p. 59.

estéticos e comportamentais. Essas transformações são observadas no *Almanaque da Parnaíba* de 1930, que apresenta fotos de misses, artigos de advertência quanto ao uso excessivo do pó no rosto e artigos sobre mulheres modernas, como a estrelas do *Paramount Pictures*, que representavam a beleza para a cidade de Parnaíba:



Figura 17: Fay Wray, famosa atriz de Hollywood na década de 1930. Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 7, 1930, p. 3.

A atriz com lábios em cor, sobrancelhas delineadas, joias e cabelos curtos expressa a beleza e a vaidade e evidencia perspectivas para o feminino. A forma de apresentar-se em público, o vestuário e a maquiagem passavam por um processo de transformação. A imagem representa o modelo de mulher moderna, com influência cinematográfica, que rompia com o modelo de mulher do lar. A imagem da atriz no *Almanaque da Parnaíba* expressa tendências para o público feminino, seguidos conforme a moral que regia a cidade.

As influências do cinema e as publicações do *Almanaque da Parnaíba* regiam a forma de a mulher se apresentar em público, vestuário, maquiagem, perfume, pó para o rosto, leite de colônia e sabonete. A mulher culta, educada, consumidora, ambulante, garçonete, balconista, lavadeira, cabe explicitar os limites, bem definidos, de como cada uma deveria se apresentar e seus significados.

Dentre os elementos citados, o perfume, que poderia ser agradável, prazeroso, ou excessivo, expressava bem os limites entre elegância/sofisticação e vulgaridade.



Figura 18: Anúncio do sabonete Lever. Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 9, 1934, p. 8.

O anúncio do sabonete apresenta a imagem de uma mulher de cabelos curtos, sobrancelhas finas. Um apelo à delicadeza. Essa mulher suave revela o pretendido para a mulher parnaibana. A nova mulher, ocupando diferentes espaços na cidade vira tema de inúmeras publicações do almanaque, anúncios que remetem à beleza, à pureza e perfume.

O *Almanaque* atesta que a mulher é fundamentalmente vaidosa.²¹⁴ Os referidos anúncios carregavam um apelo à vaidade, que se mostrava como um próspero mercado consumidor. Assim, o *Almanaque da Parnaíba* concluiu, afirmando que: “É por isso que os anunciantes de produto de higiene, em vez de apelarem para o interesse puramente higiênico, para a questão primacial da conservação da saúde, que eles representam, dedicam o melhor e o principal dos seus apelos à vaidade feminina”.²¹⁵

Jesus Medeiros alertou sobre o perigo de doença representado pelo pó de arroz, utilizado por mulheres elegantes, pois “essa doença, que está se generalizando em todo o

²¹⁴ O APELO à vaidade. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 11, 1934, p. 239.

²¹⁵ O APELO à vaidade. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 11, 1934, p. 239.

Brasil, consiste em uma infecção no nariz e tem o nome terrível de Rhiniti sicca posterior!”²¹⁶ De acordo com ela, as mulheres pecavam ao colocar o pó de arroz em excesso ao redor do nariz para conter o suor e, assim, ficavam expostas ao risco de doenças. Quanto às consequências do uso excessivo, alertou que “sobrevêm as secreções abundantes, as dores de cabeça sem causa aparente, a perda do olfato, as perturbações nervosas reflexas – que tem por sede o nariz”.²¹⁷ O artigo ressalta a vaidade feminina, quando afirma:

De resto, uma mulher sem a sua camada bem espessa de pó de arroz, é uma mulher desarmada. Observar o seu constrangimento, o seu ar pouco a vontade, se a surpreendem na sua casa, sem ela ter feito antes uma visita preliminar ao toucador. O pó de arroz serve-lhe como que de escudo, de armadura, aparelhando-a excelentemente para os singulares torneios de graça e do espírito.²¹⁸

Assim, notam-se os limites entre a saúde e a vaidade feminina, visto que o artigo alerta a respeito dos riscos do uso inadequado do pó de arroz, mas destaca a importância do seu uso para o público feminino, como artigo indispensável para sua beleza e para transitar em público. Ainda a respeito das representações possíveis sobre a mulher moderna, um poema fornece características que eram próprias dessa mulher:

A mulher pra ser moderna
Deve adotar o sistema
De saber cruzar a perna
E frequentar o cinema...

A carioca da gema
Preza-se de ser hodierna;
Fuma, dança, joga, rema,
Cada vez mais nos inferna.

Todos os esportes adota
Anda de calças e bota
E pratica equitação...

O diabo é se a mioleira
Lhe da pra aprender rasteira
E atirar o homem ao chão!²¹⁹

Vê-se que a mulher moderna se contrapõe ao modelo feminino imposto até então de honestidade, discrição, modéstia, honra e decência. Mesmo com todas as transformações, a

²¹⁶ MEDEIROS, Jesus. Uma surpresa desagradável para as mulheres. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 7, 1930, p. 47.

²¹⁷ MEDEIROS, Jesus. Uma surpresa desagradável para as mulheres. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 7, 1930, p. 47.

²¹⁸ MEDEIROS, Jesus. Uma surpresa desagradável para as mulheres. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 7, 1930, p. 47.

²¹⁹ B.C. MULHER moderna. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 7, 1930, p. 104.

mulher parnaibana mantinha a dicotomia entre as ditas honestas e as outras. Dessa maneira, as novidades eram aceitas, mas não por todas. Pinsky adverte que:

Os novos hábitos das ‘moças de família’, como ir sozinha as compras ou à escola tinham como contrapartida, submeter-se aos olhares controladores não só dos familiares, mas também ao escrutínio dos vizinhos, professores, patrões, além do julgamento moral de médicos, políticos e autoridades judiciais. [...] as que fogem do modelo – as ‘descaradas’, as ‘escandalosas’, as mundanas (afeitas à gandaia) e as ‘artificiais’ (que recorrem a cosméticos e demais artimanhas para iludir os homens) –, diziam, são mulheres descartáveis.²²⁰

A presença em festas, em piqueniques e no cinema, em excesso, poderia ser negativa para a imagem dessas mulheres. Fazendo referência ao sair das mulheres e ao perfil de esposa/mãe, observa-se o soneto do poeta parnaibano Jonas da Silva,²²¹ A noiva, publicado pela primeira vez na terceira parte do seu livro *Czardas* e reproduzido no *Almanaque da Parnaíba* de 1927. O poeta estabelece condições para se casar, revelando o modo de portar-se de sua futura esposa, bem como sua preocupação com a filha Sulamita:

A condição para eu casar-me é esta,
Ao meu ideal só este corresponde;
Não quero a noiva em pic-nic ou festa
Não mais verá de instante a instante o bonde

Ser a filha do rei, neta do conde
Eu não lhe exijo, pode ser modesta;
Mas há de ter a boca, o olhar, a testa
Da formosura que de mim se esconde

Deverá ter de cor os meus sonetos,
Morena a tez, e de cabelos pretos,
Sendo alva e loira... acho-a também bonita

Tem de ser boa de bondade infinda.
Para acalmar a minha dor e ainda
Embalar, quando chora, a Sulamita...²²²

Observa-se, portanto, a desconfiança que recaía sobre aquelas mulheres que frequentavam festas e piqueniques. O desejo do autor corresponde à que vive reclusa ao ambiente doméstico, [“não mais verá de instante em instante o bonde”]; ela não necessitava de riquezas, pois sua virtude era ser discreta e tímida, [“da formosura que de mim se

²²⁰ PINSKY, 2016, p. 473.

²²¹ Poeta parnaibano nascido em 17 de dezembro de 1880. Em 1900, habitando o Rio de Janeiro publicou seu primeiro livro de versos, *Ânfora*. Em 1902, publica *Ulanos*, livro de poesias. Em Manaus, 1923 publica *Czardas*, terceiro e último livro. Faleceu em Manaus em 5 de junho de 1947.

²²² SILVA, Jonas da. A noiva. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 4, 1927, p. 17.

esconde”]. Ademais, o autor destaca características físicas que lhe agradavam e afirma que a bondade também é uma característica apreciada por ele.

O soneto de Jonas da Silva exemplifica o impacto do sair das parnaibanas, relatados e criticados nos periódicos da época, e faz advertências quanto à escolha do cônjuge, observando a reputação da pretendente diante da sociedade. O soneto de João Vieira Pinto, *Maldito amor*, corresponde a uma advertência às mulheres na escolha do futuro amor:

Conheci-a tão alva e tão mimosa,
A face levemente nacarada,
Tinha nos lábios doce rir de fada,
Era qual do jardim flagrante rosa.

E essa virgem puríssima e formosa
Amou um homem cuja vida errada
Lhe fez a sua ingrata e tribulada,
Outrora tão alegre e venturosa!

Sob o peso de horrível sofrimento,
Ela viveu, sem queixa e sem lamento,
Tanto se acostumara a sua dor...

Hoje, a pobre a mãe, a desgraçada!
Vive em prantos beijando a filha amada,
Fruto bendito dum maldito amor!²²³

O soneto acima também representa uma advertência contra o sair das mulheres. Os namoros e suas consequências eram motivo de preocupação, especialmente aqueles que fugissem aos padrões preestabelecidos no modelo idealizado, conservador, católico e sexista. Explorando as hierarquias e a mobilidade social, o soneto retrata uma jovem socialmente privilegiada que se casou com um homem sem fortuna. Apesar de circular com mais frequência na cidade, as hierarquias sociais, as escolhas e os costumes permaneciam definidos. A jovem descrita não entrou na prostituição, mas saiu da condição de privilegiada economicamente para a pobreza.

Quanto ao casamento, algumas publicações enfatizavam o amor e as descobertas dos casais. Rodrigues Pinagé publicou no *Almanaque da Parnaíba* cinco sonetos (Olhos, Cabelos, Mãos, Lábios e Seios) que revelam o sentir e o desabrochar dos cônjuges:

Do ódio e do amor as imortais contendidas
Arfam-te o colo cândido e macio.
Fremitos de ânsia... doces arrepios...

²²³ PINTO, João Vieira. *Maldito amor*. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 2, 1925, p. 46.

Lembram primícias de amorosa lenda.
 Pombinhos novos de nevada tenda
 - Aves redondas a tremer com frio-
 Mostrando os bicos virgens e sadios
 Através das cambraias e das rendas!

Mal desabrocha o sonho adolescente
 E logo o mar das sensações se agita
 Dentro dos pomos rígidos e ardentes.

E a carne vibra em comoções e anseio!
 Todos os órgãos virginais palpitam;
 Olhos, cabelos, mãos, lábios e seios!²²⁴

Nos jornais, nas revistas, em imagens e textos dos periódicos locais encontram-se informações claras e objetivas a respeito das conquistas femininas, bem como de suas consequências. As mudanças no comportamento feminino nas primeiras décadas do século XX, especificamente de 1930 a 1940, em Parnaíba, propõem um novo lugar social para a mulher. Surge a figura da mulher instruída, culta, com conquistas positivas para manutenção de poder que, no entanto, incomodava os conservadores.

Para as mulheres pobres, os papéis consagrados eram de empregada, doméstica, lavadeira, cozinheira, no comércio ambulante e na prostituição, apontadas como “as atividades remuneradas que mais ocupavam as mulheres pobres na primeira metade do século XX”.²²⁵ Certamente que as mulheres pobres circulavam em maior número pelas ruas da cidade e também tinham acesso aos espaços de lazer. Para elas, o aumento considerável da população urbana²²⁶ gerou novas oportunidades, com a multiplicação de estabelecimentos de pequeno e médio porte como armazéns, açougues, bodegas, quitandas, vendas, bares e botequins.²²⁷

Nesse contexto, em que se discutia a independência, a liberdade e o poder da mulher, estavam ameaçadas as tradicionais demarcações das mulheres de várias classes, bem como os códigos cristalizados de sociabilidades e participação na vida social. Observa-se que “nas entrelinhas dos discursos que advertiam as senhoras contra os usos exagerados dos perfumes,

²²⁴ PINAGÉ, Rodrigues. Seios. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 2, 1925, p. 53.

²²⁵ PINSKY, 2016, p. 504.

²²⁶ Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Parnaíba apresentava forte adensamento populacional. Em 1900, eram 19.413 habitantes; 1920, eram 24.142 habitantes; 1940, 42.062 habitantes. Cf.: SILVA, Josenias dos Santos. Almanack da Parnahyba: política, sociedade e cultura em revista. In: LIMA, Frederico Osanan Amorim; SOUSA, Cleto Sandys Nascimento de (Org.). *Parnaíba: a cidade que nos habita*. Parnaíba: Sieart, 2013. p. 71-88.

²²⁷ MATOS, Maria Izilda; BORELI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 126-147.

das joias, das roupas decotadas, pairava a ameaça latente da identificação com a cortesã”.²²⁸ As mulheres pobres, consideradas moralmente vulneráveis, submetiam-se ao julgamento público, com comprovação da sua boa conduta.

As mulheres pobres frequentando centro da cidade, a Praça da Graça, em especial. Espaço que conferia status aos seus moradores. O centro compreendia um quadrado que fazia limite com a Estrada de Ferro, o Porto Salgado, a Rua Grande e o mercado público. Nessa estreita área viviam as famílias abastadas de Parnaíba. Morar na Praça da Graça representava o ápice. Tinha-se como vizinho seu Roland Jacob, os Neves ou os Fonteneles. A Rua Grande, hoje Presidente Vargas, era o suprassumo.²²⁹ A Praça da Graça também era lugar de segregação e a ocupação de seus espaços representava isso, pois de um lado ficavam as famílias abastadas e as moças casadouras, e:

Do outro lado da praça, passeavam as empregadinhas, os operários, o pessoal da Coroa e dos Tucuns. Os dois grupos não se misturavam. E quando uma pessoa da Coroa passava para o outro lado da praça, era expulsa pelos olhares escandalizados da população do lado de cá.²³⁰

Assim, a distinção de gênero não era a única maneira de separar os indivíduos nessa sociedade, visto que o poder aquisitivo, a cor e até a profissão exercida também conferiam significações distintas entre eles. As mulheres que ocupavam espaço no universo do trabalho também eram representadas e interpretadas de maneiras diferentes. O *Almanaque da Parnaíba* apresenta a imagem de cinco garçonetes em seu ambiente de trabalho, o Bar Pimpão, situado na Praça da Graça:

²²⁸ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 43.

²²⁹ ARAKEN, 1988, p. 63.

²³⁰ CASTELO BRANCO, Renato. *Tomei um ita no norte: memórias*. São Paulo: LR Editores, 1981. p. 22.



Figura 19: Garçonetes do Bar Pimpão. Fonte: *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 11, 1934, p. 122.

Observam-se cinco garçonetes que se apresentam de maneira discreta, uniformizadas e com avental, com exceção de uma mulher, na porta, que está sem avental. Quanto aos homens que frequentam o ambiente, apresentam-se de terno, gravata, sapato, camisa e calça social, a maioria usando chapéu. O Bar Pimpão possuía serviço de três turmas de garçonetes com “absoluto asseio, presteza e distinção”.²³¹ Essa distinção fica evidente na figura 19 onde elas estão posicionadas atrás das mesas.

Dessa maneira, a fotografia evidencia, também, a convivência entre homens e mulheres nos espaços públicos, elas exercendo atividade profissional, dividindo espaço com muitos homens. Em anúncio, o Bar Pimpão apresenta-se como um ambiente fino, situado na Praça Graça, lugar onde se desfilava o requinte na cidade:

Bar Pimpão o ponto chic da cidade, onde se faz ouvir afinada orquestra. Completo sortimento de bebidas nacionais e estrangeiras. Conservas e frios em geral. Ótimo sortimento de chocolates finos em confeitos e em caixas de luxo, para presente. Doces de calda e em massa. Presunto, queijo e variado sortimento de bombons finíssimos. Caféquentinho a qualquer hora. Leite, creme e refrescos gaseificados.²³²

As garçonetes trabalhando no Bar Pimpão configuram novos espaços de trabalho feminino naquelas décadas. As mulheres que desempenhavam a função de garçonetes no Bar

²³¹ BAR PIMPÃO. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 398.

²³² BAR PIMPÃO. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 398.

Pimpão estavam ultrapassando limites que antes eram impostos ao sexo feminino. No entanto, a discrição do local e dos serviços oferecidos que constam do anúncio permite conhecer o ambiente de trabalho dessas mulheres, atrelado à imagem do *chic*, do luxo, do *finíssimo*.

Outro flagrante de mulheres trabalhando na cidade, em espaços de requinte, são as funcionárias da Casa Inglesa. A imagem possibilita perceber a forma discreta do vestuário, cabelo presos, apresentando-se em público de forma contida:



Figura 20: Funcionárias em frente à Casa Inglesa. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/10208762@N05/5737402337>>. Acesso em 20 de maio de 2018.

As imagens das mulheres em seus locais de trabalho, garçonetes do bar pimpão, funcionárias da casa inglesa, descortinam espaços e funções, mulheres atuando. Para essas mulheres, a distinção compunha um dos padrões desse novo lugar, permitindo que as mesmas atuassem em ambientes civilizados como o Bar Pimpão e em grandes casas comerciais como a Casa Inglesa.

Outro elemento é a beleza. Carlos Araken cita algumas mulheres em Parnaíba:

Tinha a Isa Rêgo, uma beleza clássica com muito conteúdo e categoria. A Jesus Bacelar, muito linda, muito doce. As filhas de D. Evarinta, mulher de grande inteligência e personalidade forte, das quais a estrela maior era a Spés. E as filhas do seu Oscar, que por sua classe e distinção, por si só, merecem uma referência a parte.²³³

²³³ ARAKEN, 1988, p. 47

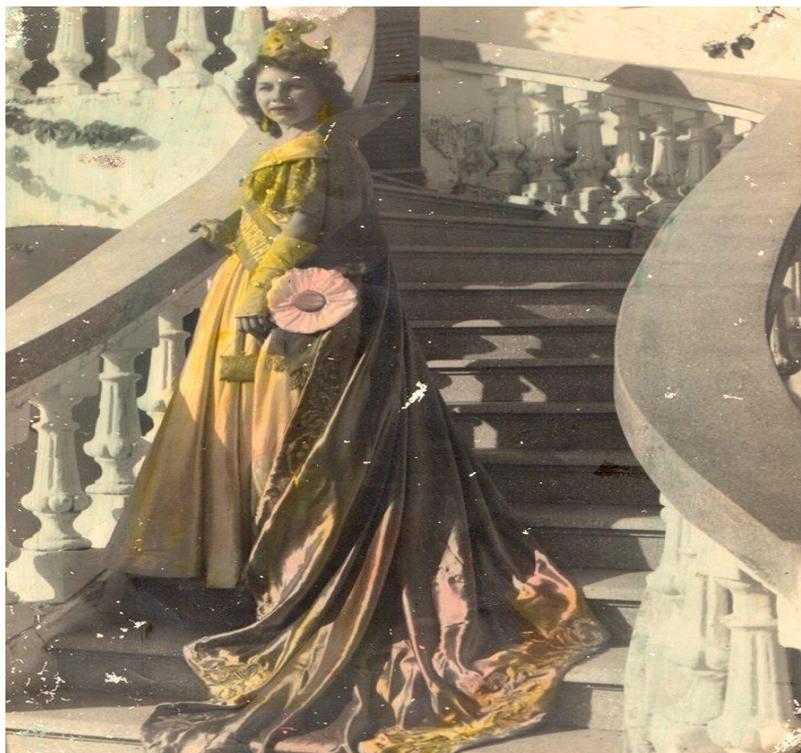


Figura 21: Spés Fontenele de Carvalho, Rainha dos Comerciários em 1948. Fonte: *Parnaíba das antigas*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/parnaibadasantigas/>>. Acesso em 20 de maio de 2018.

Não sabemos em que atividade comercial Spés Fontenele de Carvalho estava inserida, no entanto essa era uma exigência para conquistar o título de rainha dos comerciários. Para as mulheres que trabalhavam na cidade, beleza e distinção eram os elementos mais evidenciados e louvados.

Carla Bassanezi Pinsky, analisando a mulher brasileira nas décadas de 1920 e 1930, afirma que embora muitas mulheres, por dificuldades econômicas ou valores diferenciados, vivessem de maneira distinta do ideal, todas conheciam as noções correntes de honra²³⁴ As mulheres pobres, vendedoras, floristas, garçonetes, ao tentar obter algum ganho, deslocavam-se pela cidade, conversavam na rua com homens e mulheres. Renato Castelo Branco, descrevendo o dia a dia da cidade, apresenta as atividades produtivas das mulheres pobres exercidas fora de casa:

Manhã cedinho, seu Lira, o Padeiro, levantava-se e começava a preparar o gostoso pão da cidade. No mercado, os vendeiros abriam suas tendas. As *caboclas se instalavam no meio do largo, espalhando pelo chão os potes de barro, os chapéus de palha, os cofos as esteiras, as rendas e colheres de pau, produtos de uma incipiente indústria caseira, que vinham vender às*

²³⁴ PINSK, Carla Bassanezi. *Imagens e representações: a era dos modelos flexíveis*. In: PINSK, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 475.

*donas-de-casa, D. Ormindá, D. Quinoca, D. Quetinha, D. Yajá. [...] A comadre Venância, do Hotel Carneiro, acordava as cunhãs e mandava-as para a cozinha.*²³⁵ (grifos nossos)

Das proximidades de Parnaíba, convergiam mulheres para os mais diferentes afazeres. Renato Castelo Branco destaca as “caboclas” e o artesanato confeccionado por elas. Raimundo de Souza Lima apresenta o caminhar das mulheres pobres ao mercado:

*É aí que colhe o sorriso franco, natural das moçoilas dos Morros com seus balaios à cabeça, tagarelando rumo ao mercado, ali é que operam o homem da carroça e o varredor, impassíveis, passo tardio, contrastando com o garoto do jornal que grita varando a onda humana num minuto.*²³⁶ (grifos nossos)

As “caboclas” expõem os chapéus de palha, os potes do barro, os cofos, as esteiras, as rendas, as colheres de pau, as “cunhãs” que trabalhavam no Hotel Carneiro. Agora, mulheres descritas a caminho do mercado com balaios na cabeça, tagarelando. As duas citações indicam a atuação das mulheres pobres em atividades ambulantes. Anteriormente apresentamos mulheres em atividades comerciais fixas como a figura de Spés Fontenele de Carvalho e as três funcionárias da casa Inglesa.

Convergiam dos Morros de Mariana,²³⁷ Ilha Grande de Santa Isabel²³⁸ para comercializarem seus produtos na cidade. Com o comércio ambulante, pontuamos as mulheres na cidade garantindo a sobrevivência, identificando inúmeros lugares ocupados por mulheres de diversos setores da sociedade. Todas essas atividades nos permitem ver mulheres ativas, que, para além da vida doméstica, negociavam no mercado, nas ruas, no cais.

Muitas foram as campanhas destinadas a moldar o comportamento dessas mulheres em uma cidade que se queria “moderna e civilizada”, que se preocupava com a boa reputação das mulheres trabalhadoras.²³⁹

A ocupação dos espaços públicos por mulheres pobres não se deu de maneira indiferente. Joana Maria Pedro,²⁴⁰ discutindo a criação de imagens femininas no final do

²³⁵ CASTELO BRANCO, Renato. Tomei um ita no norte: memórias. São Paulo: LR Editoras Ltda, 1981, p 21

²³⁶ CASTELO BRANCO, 1981, p. 21.

²³⁷ Morros da Mariana atual da Ilha Grande do Piauí, porta de entrada para o Delta do Parnaíba, banhada pelo oceano Atlântico e pelos rios Parnaíba e Igarapu. Emancipada em 1994 pertenceu a cidade de Parnaíba. Atualmente ligada a cidade através da ponte Simplício Dias da Silva inaugurada a 10 de março de 1975. Cf.: *Ponte Simplício Dias da Silva*. Disponível em: <<https://patrimoniopiauienses.wordpress.com/2015/05/14/ponte-simplicio-dias-da-silva-parnaiba-piaui-brasil/>>. Acesso em 19 de abril de 2018.

²³⁸ Ilha Grande de Santa Isabel pertence ao município de Parnaíba.

²³⁹ PINSK, 2016, p. 474.

²⁴⁰ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994.

século XIX, apresenta uma publicação do *Jornal do Comércio*, de 1891, em que as mulheres pobres não recebiam destaque por suas atividades, fosse a lavadeira ou a proprietária que fazia farinha, a que plantava, a que colhia ou a mulher que limpava o peixe. O que recebia destaque eram seus papéis familiares na relação com os homens.

A autora apresenta a construção de imagens atestando a constituição de uma nova configuração de elite. Na ocupação do espaço público, havia a imagem da mulher honrada, aquela que não saía sozinha nas ruas, estava sempre acompanhada pelos pais, irmãos ou parentes mais velhos. Assim, muitas mulheres eram presas por ocuparem o espaço da cidade à noite e desacompanhada.

Sobre a mulher pobre no espaço da cidade, em Parnaíba, os romances *Beira rio beira vida*, *A filha do Meio-Quilo*, *O salto do cavalo cobridor* e *Pacamão* revelam diferentes profissões ocupadas pelas mulheres pobres, bem como a sua aceitação, ou não, em cada espaço da cidade. A personagem Cota, do romance *A filha do Meio-Quilo*, trabalhava no mercado com o pai e era responsável pela venda no tabuleiro de abacate. O romance apresenta a autonomia da personagem, que abandonou o mercado, seu lugar, para trabalhar na Casa Duíno Representações. Cota consegue casamento com um rapaz de família abastada, dono da loja de chapéus Ramezoni. As personagens de *Beira rio, beira vida*, Cremilda e Luíza eram prostitutas e trabalhavam em casa. Cremilda, por poucos anos, comandou o armazém do companheiro. Ela não conseguiu comprar uma casa na cidade por ser prostituta. Mundoca trabalhava como vendedora em uma loja de tecidos no centro.

Verifica-se, nos romances citados que as personagens forçam atitudes para estar na cidade, que não era seu lugar de pertencimento. Já nos romances *Pacamão* e *O salto do cavalo cobridor*, as mulheres são apresentadas enquanto submissas e reservadas ao lar e ao casamento. Zita, esposa do agregado Inação, cuidava da fazenda; Elza e Nazinha ficavam na cozinha da família Mavignier, imersas nas artes da culinária. Assim, os romances apresentam algumas das profissões exercidas por mulheres pobres em Parnaíba e como eram aceitas.

A leitura dos romances, de memorialistas e dos periódicos locais instiga indagar a respeito da aparência da mulher pobre em Parnaíba, como se vestiam, o que comiam, quais espaços frequentavam e como se apresentavam fisicamente. Encontra-se grande variedade de descrições a respeito das aparências possíveis das mulheres pobres: eram altas, baixas, morenas, negras, pretas, dóceis, amargas, pacientes, caboclas de cabelos negros. Um exemplo é Maria Simoa, a mulher que lavava a roupa da casa de Benjamim Santos, descrita por ele:

Era negra, o corpo esguio de magreza. Lavava a roupa da minha casa e é assim que vejo seu fantasma pela rua, enorme trouxa de roupa na cabeça, trouxa feita com lençol branco atado em dois nós. A Maria Simoa morava lá no Curro (o Curre), que para mim era mais longe que o Egito ou a Terra de Canaã. Cresci vendo a Maria Simoa todo sábado indo lá em casa levar a roupa lavada-e-passada e pegar a trouxa de roupa suja. Dia de sábado era assim, a Parnaíba virava um passeio de lavadeiras que iam entregar a roupa das famílias e pegar a roupa usada na semana.²⁴¹

Considerando o trecho acima, nota-se a cidade como espaço compartilhado, que evidencia a complexidade dos diferentes interesses de diversos grupos sociais. Essa relação intrínseca promovia deslocamentos de sujeitos, de valores e de sensibilidades.²⁴² A cidade era também lugar de ganho, como para as lavadeiras, que prestavam seus serviços às classes abastadas, que recebiam roupas limpas, promovendo o conforto.



Figura 22: Lavadeiras (crianças e adultas) à beira do rio Iguaçu. Fonte: Acervo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico do Piauí.

²⁴¹ SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 68, 21 ago. 2013, p. 10.

²⁴² Para Sandra Jatahy, as representações construídas sobre a cidade podem corresponder ou não às intenções de seus idealizadores, “enquanto formuladores de propostas para a Cidade, os urbanistas e arquitetos atribuem uma função e um sentido a seus projetos, que podem se distanciar, em muito, das construções simbólicas feitas pelos usuários daquele espaço transformado”. Cf.: PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 283.

Provenientes do cais, ponto de chegada de mercadoria e de troca comercial, as lavadeiras tinham a beira do rio como local de trabalho. Ainda a respeito dessa figura, Penna Botto²⁴³ relata que:

As lavadeiras me impressionavam sobremodo. Eu as chamava de ‘lavadeiras hipopótamos’. Entravam pelo rio a dentro até terem água pela cintura, ali colocavam uma bancada tosca de troncos de carnaúba, que suportava as roupas a lavar, e entregavam-se ao mister durante horas e horas. De quando em quando mergulhavam todo o busto nas águas do rio, como lenitivo aos ardores do sol.²⁴⁴

A maioria das lavadeiras tinham suas residências nas proximidades do rio de onde tiravam seu sustento. Lavavam a roupa no cais e depois circulavam por toda a extensão da cidade para entregar. Josenias Silva destaca que:

O rio também era povoado por uma grande quantidade de lavadeiras de roupa, que em meio ao movimento de embarcações e outras categorias profissionais iam marcando seu espaço. Logo cedo elas se enfileiravam na rampa do cais com suas trouxas de roupa, se preparando para passar horas a fio naquela batida monocórdia, recortada apenas por conversas animadas ou o grito de algum vareiro gaiato na outra margem.²⁴⁵

O rio também era frequentado por banhistas. Ao descrever os banhos no rio, Penna Botto apresenta as descrições físicas e o vestir da mulher pobre. Nas águas do rio Igarçu, homens e mulheres banhavam-se nus, como se estivessem usufruindo as delícias do Éden. Benziam-se todos antes da entrada na água, o que faziam acreditando estarem livres das febres, de acordo com o costume local. O perigo de morrer afogado era diminuto, pois em ponto algum havia mais de seis pés d’água.

Penna Botto, ao caminhar à beira rio, relata “estar trilhando as margens de algum rio na mais ignorada e primitiva das regiões!...”²⁴⁶ A água do rio, barrenta, feia, com o mijo dos jumentos²⁴⁷ tornava o banho de rio diversão perigosa, dada a sujeira da água e ausência do traje de banho dos ribeirinhos. Quanto à nudez dos banhistas, ele assegura:

²⁴³ Carlos Penna Botto foi um homem de carreira na Marinha brasileira. Em 1929, Botto foi nomeado para a capitania dos portos do Piauí e ficou nove meses na cidade de Parnaíba. A passagem de Penna Botto no Piauí está registrada no livro *Meu exílio no Piauí* (1931). Também obteve inserção política, sendo um dos fundadores da Cruzada Brasileira Anticomunista em 1952, e participando ativamente do processo de sucessão presidencial em 1955, com a deposição de Carlos Luz, no episódio do Cruzador Tamandaré. Em 1961, lançou o livro *A desastrosa política exterior do Presidente Jânio Quadros*.

²⁴⁴ BOTTO, Carlos Penna. *Meu exílio no Piauí*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931. p. 210-211.

²⁴⁵ SILVA, Josenias dos Santos. *Parnaíba e o avesso da belle époque: cotidiano e pobreza (1930 – 1950)*. 2012. 120 f. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012. p. 60-61.

²⁴⁶ PENNA BOTTO, 1931, p. 208.

²⁴⁷ ASSIS BRASIL, 1965, p.

Dei ordens severas para que não mais fosse permitido banho no rio, sem roupa; qualquer arremedo de roupa serviria, mesmo que fosse um ‘manto diáfano fantasista a cobrir a nudez crua das caboclas piauienses...’ A ordem foi mal recebida. Mais uma vez recorri ao *argumentum baculinum* e logo na primeira semana nove banhistas teimosos foram fazer um estágio na cadeia pública municipal.²⁴⁸

O argumento para estas ordens era a preocupação com a saúde, uma vez que os trajés de banho contribuíam no combate às febres. As determinações foram acatadas pelo sexo masculino e rejeitadas pelo feminino, que desfrutava do rio sem nenhuma peça de roupa. As mulheres dos bairros Tamancão e Coroa, principalmente, “rebelaram-se contra a nova Polícia Naval e ostensivamente banhavam-se nuas as vistas dos meus marinheiros de ronda”.²⁴⁹

Nesse complexo sistema articulado pelas noções básicas de limpeza, saúde e beleza, o símbolo central era, sem dúvida, a imagem do corpo humano, utilizado intensamente na publicidade.²⁵⁰ Os trajés de banho foram ofertados aos ribeirinhos através de uma loja no bairro Tucuns.

Carlos Penna Botto apresenta a loja do Syrio e as propagandas à beira rio da roupa de banho. O Syrio teria apresentado um *maillot* vermelho para o banho no Igarçu. A propaganda destacada afirmava ser o *maillot* “a última moda, escarlata como as penas das guarás, afugentava também as febres, as sezões e maleitas e dava boa sorte garantida durante três meses a fio”.²⁵¹ O *maillot* cobriu a nudez dos banhistas que passara a usufruir do rio usando:

Os caboclos usavam todos calção de banho (com medo da cadeia...), e as caboclas usavam *maillots* guarás (devido às exigências da moda e também com um olhinho na boa sorte a prazo fixo...). E quem sabe se, de fato, a minha invenção não trouxe felicidade a muita cabocla do Igarassu? Era curioso ver caboclas de cabelos negros como as asas das graúnas vestidas de *maillots* rubros como as asas das guarás!.²⁵²

Assim, o rio era marcado pela presença dos banhistas, das lavadeiras, dos canoeiros e dos vareiros. O rio como lugar²⁵³ apresentava uma multiplicidade de interesses, que permeavam as formas de coexistência. Esse espaço de sociabilidade ultrapassava a dimensão lúdica. As relações que emergiam ali implicavam as posições e lugares que cada indivíduo

²⁴⁸ PENNA BOTTO, 1931, p. 209.

²⁴⁹ BOTTO, 1931, p. 209.

²⁵⁰ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____(Org.). *História da vida privada no Brasil 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 575.

²⁵¹ PENNA BOTTO, 1931, p. 209.

²⁵² PENNA BOTTO, 1931, p. 210.

²⁵³ Aqui, entende-se lugar como ordem, seja qual for, segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Cf.: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2007.

ocupava naquela sociedade, ou seja, os ribeirinhos, lavadeiras, vareiros ocupavam a beira rio de onde tiravam o seu sustento. Para os banhistas, o rio era passagem, lazer, sua prática no rio era o banho.

Além da ocupação de lavadeira, as mulheres pobres também desempenhavam outras funções. O *Almanaque da Parnaíba* de 1939 apresenta o anúncio da atividade de parteira praticada por Anália Silva Rios, que era também a “encarregada do Lactário Suzane Jacob”.²⁵⁴ O anúncio se destina “as dignas senhoras MÃES [para] procura-la do 1 mês em diante a fim de receber conselhos e exames necessários ao estado interessante e sobre os cuidados e alimentação de seu bebê”.²⁵⁵ Confirma também a disponibilidade da parteira que “atenderá no desempenho de sua profissão a qualquer hora e localidades vizinhas com e sem condução própria”.²⁵⁶ O trabalho da parteira é apontado também por Benjamim Santos, que enfatiza seu trabalho no lactário Suzane Jacob,²⁵⁷ e apresenta-a como a parteira “que anunciava no *Almanaque da Parnaíba* atendimento a ‘preços competentes’”.²⁵⁸

²⁵⁴ PARTEIRA. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 330.

²⁵⁵ PARTEIRA. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 330.

²⁵⁶ PARTEIRA. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 330.

²⁵⁷ O Lactário Suzane Jacob foi fundado em 22 de janeiro de 1935 e inaugurado em 16 de janeiro de 1938, com a finalidade de atender as necessidades de higiene e alimentação adequada da infância pobre de Parnaíba. Recebeu o nome em memória da esposa de Roland Jacob, apontada como a provável primeira mulher a se envolver publicamente com a face da pobreza da cidade. Idealizou o lactário preocupada com aqueles que não podiam comprar o alimento, mas faleceu antes de ver a obra concluída, em 19 de abril de 1933. Cf.: JACOB, Marc-Theophile. A pequena e brava família Jacob. In: ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Gente de longe: histórias e memórias*. Teresina: Halley, 2006. p 294.

²⁵⁸ PARTEIRA. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 330.



Figura 23: Anália Silva Rios, parteira.

Fonte: SANTOS, Benjamin. Fantasmas na encruzilhada em noite de escuridão e chuva. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 68, 21 de agosto de 2013, p. 10.

Em que pese a estrutura hospitalar e médica estar fortemente instalada, as parteiras ainda atuavam, tendo Anália Silva Rios conquistado fama.

Outro lugar marcado pela presença da mulher pobre é o bairro Catanduvás, onde havia o maior contingente de negros em Parnaíba. Os negros do bairro Catanduvás, desde o início do século XX, encontraram no Boi de São João sua principal fonte de expressão artístico-folclórica.²⁵⁹ No começo do século, existia no Catanduvás o Boi dos Morenos, assim nomeado por serem os brincantes, em sua maioria, negros. Participavam da brincadeira somente os mais pobres. Segundo Penna Botto, o boi caracterizava-se por ser uma apresentação repugnada pela elite parnaibana e pelos intelectuais. Em *Meu exílio no Piauí* Carlos Penna Botto, ao tratar da brincadeira, afirma que:

Outra coisa chocante em Parnaíba e que está a chamar a ação policial é a bacanal conhecida pela denominação de: ‘o boi’. Trata-se de grupos de caboclos e pretos, *homens e mulheres*, todos indivíduos desclassificados, que percorrem as ruas da cidade, de dia e a noite, desde S. João(24 de junho) até S. Pedro(29 de junho), e as vezes até mesmo 1 de julho. A frente de cada grupo vai, aos pinotes, um robusto negralhão fantasiado de ‘boi’; ao ‘boi’ segue-se o tocador de um instrumento sonoro africano, uma espécie de tambor que emite sons mistos e plangentes, e atrás, aos saltos e gritos, uma quarentena de maltrapilhos, seminus, arquejantes, ébrios... É uma cena

²⁵⁹ OS NEGROS em Parnaíba. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 5, 21 fev. 2008.

verdadeiramente africana, de uma selvageria impressionante! Por mais de uma vez fui despertado, alta madrugada, pela passagem barulhenta do ‘Boi’ pela porta da Capitania. No último dia cada grupo ‘mata o Boi’, simbolicamente, no meio de uma orgia pandemônica!.²⁶⁰(grifo nosso)

Dentre as sociabilidades destacadas, o banho de rio e o boi, apenas a brincadeira de boi se confere participação exclusiva da população pobre e negra de Parnaíba. A citação aponta a participação da mulher pobre e negra e destaca que os brincantes participavam seminus da brincadeira. A respeito da aceitação do boi pela elite parnaibana, o relato de Maria Elita Santos Araújo,²⁶¹ que ao tratar da Parnaíba da primeira metade do século XX, apresenta a festa de São João padroeiro da capela da Santa Casa de Misericórdia, e afirma:

[...] havia quermesses no largo em frente à capela. Das regiões afastadas (bairro) a brincadeira do ‘Bumba-meu-boi’, era notável. Os bois de todos os bairros, às 20 horas, invadiam as ruas da cidade para brincarem com a sua dança no terreiro da casa de várias famílias (convidados).²⁶² As crianças principalmente, adoravam ver o boi dançar. Todos cantavam e riam dançando a marcha que os boiadeiros entoavam num ritmo especial. Todas essas folias encantavam o povo que absorto na alegria folclórica aplaudia.²⁶³

De acordo com Maria Elita Santos Araújo, o boi era recebido em muitos lares parnaibanos com festa da criançada e dos expectadores. Brincavam nos festejos da capela da Santa Casa de Misericórdia e em todo o mês de junho pelas ruas e lares. Penna Botto também afirmava que o boi desfilava nas ruas da cidade durante o mês de junho.

Quanto à participação da mulher negra no espaço da cidade, outro grupo cultural se destaca pela presença dessa mulher. São as pastorinhas, cerca de 20 moças fantasiadas que pediam contribuição para a terminação das obras da Igreja de São Sebastião. Elas se apresentavam especialmente em reuniões nas casas dos políticos parnaibanos, como na fazenda Paraíso,²⁶⁴ a colônia inglesa de Parnaíba, pois “lá se reunia amiúde, encabeçada pelo Sr. Julian Clissold, gerente na Companhia Booth Line”.²⁶⁵ E continua:

Pois bem, interromperam as danças, entraram pela casa adentro, dançaram e gritaram ao som de pandeiros e de tambores, alimentaram-se, receberam os óbulos de todos e só se retiraram quando bem quiseram, 40 minutos (marcados a relógio) depois da sua intempestiva invasão!... Nem os donos da casa, nem os convidados, estavam gostando d’aquela cantoria desafinada e d’aquelas danças selvagens. Mas o espírito de tolerância do piauiense

²⁶⁰ PENNA BOTTO, 1931, p. 214-215.

²⁶¹ Maria Elita Santos Araújo é natural de Parnaíba, membro da Academia Parnaibana de Letras.

²⁶² O boi era convidado pela família a se apresentar no seu terreiro, em troca o boi recebia uma doação em dinheiro.

²⁶³ ARAÚJO, 2002, p. 122.

²⁶⁴ Residência do pai do político Alberto Silva.

²⁶⁵ PENNA BOTTO, 1931, p. 148.

impedia que fosse sumariamente expelidas aquelas importunas caboclas, como se faria alhures.²⁶⁶

As mulheres pobres estavam presentes nas festas religiosas. Quermesses com pastorinhas, com a brincadeira de boi, movimentavam a cidade com destaque para o mês de junho, com as celebrações de Santo Antônio, São João, São Pedro, e o mês de dezembro, com as festas de Natal e Ano Novo. O mês mais movimentado do ano na cidade era o mês de dezembro: época de férias, quando os rapazes e moças que estudavam fora de Parnaíba voltavam para casa e eram recebidos com festas de boas-vindas.

Mas o evento principal, sem dúvida, eram as festas comemorativas do Natal, principalmente do dia 24 de dezembro, que culminavam com a Missa do Galo. Para as festas religiosas, encaminhavam-se a senhora de família rica, a comerciante, a lavadeira e a agricultora. Chegava gente de todos os lados da cidade, de todas as famílias e de todas as maneiras: de trem, a pé, a cavalo e até de canoa. O centro de convergência dessa multidão, que se somava ao povo do lugar, era a Praça Nossa Senhora das Graças. Em capítulo dedicado à missa do galo na década de 1930, Lima Rebêlo destaca que:

O trem, o Maria Fumaça de bitola estreita, que vinha desde o terminal de Piracuruca, apanhava sua lotação total nas estações intermediárias de Freicheiras,²⁶⁷ Bom Princípio, Cocal e etc., para onde convergiam as inúmeras pessoas que moravam perto dessas estações, em sítios e roçados, e que, juntos, demandavam à Parnaíba. A maioria, caboclos chucros, vinha pra conhecer uma ‘cidade grande’ pela primeira vez, ou por devoção para assistir à Missa do Galo. [...] Das ilhas do delta do rio Parnaíba, inúmeras canoas traziam mais devotos, os quais juntavam-se a outros tantos que vinham, em montarias ou a pé, dos lugares circunvizinhos da cidade.²⁶⁸

À noite, antes da Missa do Galo, a multidão superlotava a Praça e começava uma espécie de ritual que se repetia todos os anos. Todo mundo vestia a melhor roupa que tinha e ocupavam sua posição na Praça. Os pais de famílias proeminentes sentavam-se nos bancos do jardim, enquanto suas filhas, moças da sociedade, exibindo seus vestidos novos, feitos para a ocasião e suas “prendas naturais”, circulavam num sentido. Os rapazes circulavam em sentido contrário e assim podiam namorar por olhares amorosos, conforme o costume da terra e da época, tudo sob a vigilância dos pais. Somente aos que eram noivos permitia-se o namoro mais de perto. Com a finalidade de ajudar a passar o tempo de espera para a Missa do Galo, o

²⁶⁶ PENNA BOTTO, 1931, p. 115.

²⁶⁷ Freicheiras é um povoado situado a 13 km de Cocal, no qual a estação ferroviária foi inaugurada em 19 de janeiro de 1923.

²⁶⁸ LIMA REBELO, 19?, p. 81.

Cine Teatro Éden programava normalmente algum filme de caráter religioso, como que a preparar o espírito dos espectadores para o ato Místico da Missa.²⁶⁹

Em Parnaíba, as mulheres pobres e ricas misturavam-se nas atividades atreladas à igreja a exemplo da missa do Galo, celebrada na noite de 24 de dezembro, a missa da virada de ano, os leilões e quermesses realizados nos festejos de N. S. das Graças, de São João padroeiro da capela da Santa Casa, Santo Antônio no bairro Campos e São Sebastião. Segundo o memorialista Carlos Araken:

Nos bons tempos, 3 lugares disputavam a preferência do povo, nas suas festas de terreiro: Santa Casa, Praça de Santo Antônio, e São Sebastião. Barracas mil, repletas de quitutes e novidades. Uma grande mesa no centro do átrio, cheia de prendas e presentes para o leilão após a novena. A bandinha furiosa atacando a música em voga. [...] A animação chegava ao auge, lá pelas oito horas da noite, acabada a novena e começado o leilão. [...] Enquanto isso, o serviço de alto falante, lançava ao ar suas mensagens : ‘Rapaz tímido de azul oferece à sua apaixonada esta música. Desesperançada oferece ao seu amor impossível, esta melodia’. Era uma farra total. Quando a quermesse era boa, tinha até a ‘cadeia’, onde as moças aprisionavam seus prediletos, ou os chatos que eram muitos, e que só eram liberados, mediante pagamento da fiança regulamentar.²⁷⁰

Após o término da missa, iniciava-se o leilão que apresentava as doações dos comerciantes locais para a igreja, os assados, os doces, os bolos e os produtos da lavoura produzidos por mulheres de diversos setores da cidade. O leilão se constituía em uma das maneiras de se arrecadar dinheiro para a igreja. A outra forma eram as quermesses, que movimentavam economicamente a classe pobre de Parnaíba, bem como as quituteiras, as doceiras e as cozinheiras que, em geral, eram contratadas para fazer as comidas típicas a serem vendidas nas barracas que eram feitas de palha, de pano. Havia as barracas da igreja e as barracas dos comerciantes locais.

Assim os festejos movimentavam a cidade. A quermesse funcionava paralela ao leilão, com produtos de preços estipulados e acessíveis. Já no leilão, cada produto tinha um preço inicial a ser superado e a disputa se dava entre as figuras da elite parnaibana. O leilão era organizado pela igreja, já as quermesses pelas senhoras da elite parnaibana e por pequenas lojas comerciais. Observando a organização e o público participante desses eventos, verificava-se que as mulheres pobres, apesar de estarem no mesmo espaço físico, estavam desempenhando funções diferentes daquelas pertencentes à famílias abastadas. Em sua maioria, as mulheres pobres estavam presente para exercerem alguma atividade de ganho financeiro, além de desfrutar dos momentos de sociabilidade e diversão.

²⁶⁹ LIMA REBELO, 19?, p. 82.

²⁷⁰ ARAKEM, 1988, p. 51- 52.

Em Parnaíba das décadas de 1930 e 1940, sobressaem atitudes femininas de participação, bem como uma conciliação entre os papéis tradicionais de mãe, esposa e dona de casa. A atividade social começava com um lugar no mercado de trabalho. As fontes permitiram observar a sociedade e seus costumes através do trabalho dessas mulheres, como, por exemplo, as festas populares, os locais de lazer desfrutados pela sociedade parnaibana e o contato entre indivíduos de diferentes classes sociais.

Na dinâmica da cidade, as mulheres pobres, prostitutas, lavadeiras, quitandeiras, vendedoras e costureiras mandavam confeccionar suas roupas nas áreas menos nobres por onde circulavam. Havia também aquelas que faziam a própria roupa. Quanto à confecção de roupas, situação similar é apresentada por Maria Odila Leite da Silva Dias estudando São Paulo em meados do século XIX, a mesma afirma que “mesmo antes da modernização da cidade já existia trabalho ligado à confecção de roupas na cidade e a modernização só o fez aumentar. Sendo que o segundo grupo, a elite, sempre era visto comprando em lojas ‘chiques’”.²⁷¹

Mesmo a persistente imagem de cidade empório comercial não é suficiente para explicar a presença das mulheres que viviam a cidade, trajando roupas mais simples, com pouca ou nenhuma formação escolar. Essa rede de relações produzia-se cotidianamente, além da percepção das diferenças e analogias que se processavam entre as mulheres. Assim, é possível identificar mulheres que integram diferentes formas e lugares de atuação, todas como partícipes das mudanças que a cidade vivenciava. Identifica-se o modo como, nesses diferentes espaços, essa representação de mulher é construída, bem como a forma de assimilação das transformações ocorridas no espaço da cidade, as novas sociabilidades impostas e as diferentes estratégias para usufruir dessas novidades. Assim:

Mulheres que moravam em Parnaíba-PI, entre 1930 a 1950, viviam em meio as moralidades vigentes e se movimentavam em diferentes realidades. Frequentavam e eram donas de escolas, vendiam produtos advindos de atividades extrativistas e artesanais, costuravam e lavavam para fora, trabalhavam em casa, nas lojas, escritórios, feiras e vendiam na rua. Tinham bancas no mercado, eram donas ou cuidavam de hotéis/pensões. Fossem acompanhando pais ou maridos, como autônomas ou empregadas assalariadas eram operosas junto a dinâmica comercial parnaibana.²⁷²

Quanto à presença das mulheres pobres na cidade, é importante observar sua atuação nas festas religiosas e a forma como os eventos religiosos congregavam em torno da Praça da Graça pessoas de todas as classes, ocupando lugares diferentes. A mulher pobre fica evidente

²⁷¹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 71.

²⁷² TOURINHO, 2015, p. 29.

em relatos de estranhamento, de repulsa ou em outros de constatação. Mulheres ricas e pobres, juntas, mas diferentes, em razões da situação econômica particular de cada uma. Para as mulheres pobres, também o compromisso com a descrição, os perigos de associação com a prostituição.

4 SER HOMEM EM PARNAÍBA NOS ANOS DE 1930 E 1940

No presente capítulo, aborda-se a construção e a divulgação de modelos de masculinidades para homens ricos e pobres. Quando rico e homem bem-sucedido, era apresentado como branco, forte, saudável, honrado, centrado e comunicativo. Além de cuidar da saúde e do corpo, tinha que se preocupar também com o vestuário. As roupas e os acessórios masculinos atuavam tanto como símbolo de distinção de classe quanto profissional, distanciando os mais afortunados dos mais pobres. Um homem saudável e bem-trajado era, por conseguinte, um homem honrado. Quanto aos homens pobres, aborda-se um conjunto de especificidades pautadas na força, no corpo, nas marcas do trabalho. As roupas e as diferentes atividades exercidas elegiam masculinidades plurais. Descritos como comunicativos, alegres, honrados e fortes, atuavam também em um cenário de disputa.

4.1 Os homens ricos e a produção de uma nova “nobreza” urbana e comercial

A masculinidade é entendida como uma construção social que é percebida e vivenciada de forma diferente nos mais variados contextos históricos e culturais, bem como algo plural, pois existem várias formas de ser homem e de modelos possíveis que buscam se adequar às condições de uma cidade. A partir da realidade de Parnaíba, que se pretendia moderna, discute-se a atuação do homem no cenário da cidade.

As masculinidades são aqui apresentadas como o conjunto de práticas e representações que atuaram e imprimiram efeitos de poder expressos nos espaços de trabalho, nas sociabilidades e no lar. Ser homem, na interação social, não se reduz a um modelo hegemônico ou a caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento, modos de vestir e atuar, presentes na cidade.

Objetivando conhecer a atuação social do homem em Parnaíba nas décadas de 1930 e 1940, é possível identificar descrições onde o espaço público é primordialmente masculino. Assim, apresenta-se uma história dos homens como administradores públicos, políticos, comerciantes, funções ligadas à esfera pública, identificando como as masculinidades são vividas e descritas na esfera do privado.

No âmbito da esfera pública, Benjamim Santos²⁷³ apresenta homens de tempos remotos, como dos séculos XVIII e XIX, mas se detém especialmente nos homens das décadas de 1930 a 1960. Justifica a maior ênfase nas citadas décadas por ser a época da sua infância e juventude na cidade de Parnaíba, período em que se anunciava o fim da prosperidade trazida pelo extrativismo, alcançado segundo ele “por um pequeno número de comerciantes e exportadores. Foi o tempo de ação dos últimos grandes homens que fizeram a Parnaíba”.²⁷⁴

Benjamim Santos apresenta a diversidade de profissões exercidas pelos homens parnaibanos que eram, além de coronéis fazendeiros, grandes e médios exportadores, comerciantes, representantes de firmas do sul do país, padres e frades, médicos, dentistas, juízes, advogados, funcionários públicos, contadores, professores e farmacêuticos. Acima dessas profissões, “pairavam uns três ou quatro homens a ocupar cargos que lhes davam um certo ar de superioridade”,²⁷⁵ eram eles: o diretor da Estrada de Ferro, o inspetor da Alfândega, o gerente do Banco do Brasil, e “acima de todos, do ponto de vista de autoridade, o Capitão dos Portos, sempre um homem de fora, que jamais se envolvia com o rame-rame e o tic-tac da cidade”.²⁷⁶ Apresenta ainda “outros militares que eram os sargentos dos Tiros de Guerra e da Aeronáutica, sempre de passagem efêmera, mesmo os que casaram com moças parnaibanas”.²⁷⁷

Abaixo dessas profissões, Benjamim Santos aponta os donos dos salões de sinuca e de cinema, bancários, aviários, escriturários, escrivães, fotógrafos, radialistas,²⁷⁸ músicos,²⁷⁹

²⁷³ Benjamim Santos no jornal *O Bembém* escreve dossiê intitulado: Homens da Parnaíba de outrora, iniciado no número 26 ao 33, sempre na página dez do periódico, apresentando homens e seus fazeres com ênfase do final da década de 1930 a 1960.

²⁷⁴ SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 3, n. 29, 21 maio 2010, p. 10.

²⁷⁵ SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 3, n. 29, 21 maio 2010, p. 10.

²⁷⁶ SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 3, n. 29, 21 maio 2010, p. 10.

²⁷⁷ SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 3, n. 29, 21 maio 2010, p. 10.

²⁷⁸ Em Parnaíba, havia a Rádio Educadora instalada definitivamente no dia 3 de maio de 1940. Considerada a pioneira em todo o estado do Piauí. Cf.: RÁDIO EDUCADORA, a pioneira da radio fusão no Piauí. *Histórica*, Parnaíba, ano 1, n. 2, out. 2008, p. 13-14.; SOUSA, Cleto Sandys Nascimento de. *O rádio como sotaque piauiense: história e memória da Rádio Educadora de Parnaíba em meados do século XX*. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

²⁷⁹ Existiam duas bandas na cidade de Parnaíba: a Banda Municipal de Parnaíba, criada em 18 de fevereiro de 1918, e a banda O Jazz Municipal, criada na década de 1920, que era exclusiva do Cassino 24 de Janeiro. Cf.: A LIRA DE Pedro Braga continua (...). *Histórica*, Parnaíba, ano 1, out. 2007, p. 1-2.

padeiros, tipógrafos, alfaiates, encanadores, marceneiros, engraxates, barbeiros, estivadores, enfermeiros, magarefes, sacristães, carroceiros, carregadores, soldados, ferroviários, embarcadiços e donos de banca no mercado de frutas. Havia ainda os excluídos por pobreza, por malandragem, os leprosos e as pessoas com problemas mentais.

Era quase impossível não passarem pela Praça da Graça, em cujo entorno estava a catedral de Nossa Senhora das Graças, a igreja do Rosário,²⁸⁰ o Cine Éden, o Banco do Brasil, os Correios e o Telégrafo. Era nessa praça que se “realizavam todas as manifestações religiosas, culturais e políticas da cidade”.²⁸¹ Ricos e pobres iam à praça por motivos diversos. Nas noites de domingo, antes da sessão no Cine Éden, a Banda Municipal fazia seu show. Moças e rapazes passeavam para um lado e para o outro e formavam grupos em seus cantos. Do outro lado da Praça, “passeavam as empregadinhas, os operários, o pessoal da Coroa e dos Tucuns. Os dois grupos não se misturavam. E, quando uma pessoa da Coroa passava para o outro lado da praça, era expulsa pelos olhares escandalizados da população do lado de cá”.²⁸²

Para além da praça e dos seus lugares de trabalho, os homens tinham presença constante no mercado, nas barbearias, nos campos de futebol, nos cafés e nos salões de sinuca. Quanto à disposição dos espaços, Carlos Araken²⁸³ e Goethe Pires de Lima Rebelo²⁸⁴ sinalizam o status desse homem. Os espaços Cine Éden, Praça da Graça, igreja Nossa Senhora das Graças, Estádio do International Athletic Club eram marcados por divisões dos bancos

²⁸⁰ Igreja do Rosário era uma das mais antigas de Parnaíba, construída por escravos no século XVIII. Sua construção teve por objetivo servir de local para celebração dos escravos, que não podiam entrar na igreja de Nossa Senhora das Graças. A padroeira dessa igreja é Nossa Senhora do Rosário dos Homens Negros. No século XX, a igreja do Rosário “tornou-se uma igreja de brancos e miscigenados”. Cf.: SANTOS, Benjamim. Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. *O Bembém*, Parnaíba, ano 4, n. 40, 21 abr. 2011, p. 10.; SANTOS, Benjamim. Rosário dos pretos. *O Bembém*, Parnaíba, ano 4, n. 42, 21 jun. 2011, p. 10.

²⁸¹ ANDRADE, Luzia Thereza Neves de. *As meninas do sobrado*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1999. p. 16.

²⁸² CASTELO BRANCO, Renato. *Tomei um ita no Norte: memórias*. São Paulo: LR Editores, 1981. p. 22.

²⁸³ Quanto à ida dos homens ao cinema “em sua fatiota domingueira, os camarotes do lado esquerdo, com placas de nomes tradicionais na cidade: os Campos Veras, os Mendonça Clarck, os Neves da Silva, os Moraes Correia e muitos outros. [...] no camarote do lado direito a rapaziada da terra, comportada, de acordo com o ambiente, tenta localizar no salão, namoradas retardatárias”. ARAKEN, Carlos. *Estórias de uma cidade muito amada*. Parnaíba: [s.n.], 1988. p. 34.

²⁸⁴ Quanto ao estádio do International Athletic Club e a igreja Nossa Senhora das Graças, o estádio possuía lances de arquibancadas, com uma tribuna de honra que se localizava à frente ao meio dos lances. A primeira classe ocupava as arquibancadas. Em todos os setores da sociedade é observada a separação por classes, até a igreja possuía bancos inteiros reservados, marcados com o nome da família que ocuparia, de acordo com suas contribuições para as finanças da igreja. No estádio, a tribuna de honra era reservada aos dirigentes dos clubes, convidados ilustres ou visitantes. No outro lado do campo, ao nível do gramado, ficava a geral, ocupada pela classe pobre, que pagava metade do preço das arquibancadas e entravam pelo portão aberto no muro do estádio. Cf.: LIMA REBELO, Goeth Pires de. *Tempos que não voltam mais: crônicas sobre a Parnaíba antiga*. s.n.t. p. 63.

que indicavam as famílias, a classe social, a divisão de sexos e idade, realçando os trajes e a elegância dos homens parnaibanos de famílias abastadas. As referidas posições reforçavam suas masculinidades

Os mais jovens seguiam os mais velhos, “afirmavam-se também ao frequentar ‘lojas de homem’, como a do Maru e a do Seu Tote Machado, onde compravam sapato Polar, meias Lupo ou brilhantina para o cabelo”.²⁸⁵ A imagem social das mulheres e dos homens em Parnaíba se apresenta plural. Existem formas marcadamente masculinas e para diferenciá-las se constituiu um conjunto de códigos que constroem as aparências do homem e da mulher.

Nas décadas de 1930 e 1940, elegância e vaidade são também atributos do homem, o que é verificado nas inúmeras narrativas sobre eles. São atributos exigidos e divulgados nos periódicos locais, a exemplo do *Almanaque da Parnaíba* e dos artigos sobre os prósperos homens que enalteciam sua elegância, discrição, roupas, modos, um verdadeiro catálogo do perfeito parnaibano. Assim, configuram-se valores que dão sentido à noção de homem moderno. As transformações que aconteciam na cidade, a imagem de cidade nova e civilizada foram associadas também ao gênero masculino. Elemento principal que compõe esse parnaibano é o vestir. Antes das suas atitudes e palavras, o vestir causa o primeiro impacto na memória dos que vivenciaram as décadas estudadas.

Através de anúncios do *Almanaque da Parnaíba*, como de lojas de artigos para homens, por exemplo, nota-se a oferta de cigarros com a fotografia de homens segurando o produto e usando trajes finos.²⁸⁶ E não somente isso, em alguns casos a foto do dono da loja está estampada à esquerda, como que uma garantia de que os produtos eram confiáveis.²⁸⁷

A imagem do homem confiável, político, médico, comerciante, bem como o método de associar a figura masculina à confiança e à elegância estão presentes nos anúncios supracitados, nas narrativas dos memorialistas e na literatura. Identifica-se, assim, que tornar-se estava homem evidenciado na vestimenta através dos muitos anúncios dirigidos especificamente para o público masculino, como o que pode ser observado a seguir, onde é possível verificar a oferta de artigos como tecidos e perfumes.

²⁸⁵ SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 3, n. 29, 21 maio 2010, p. 10.

²⁸⁶ Anúncio dos charutos e charutinhos Dannemam com o desenho de um homem alto, claro, os dentes perfeitos e trajes finos. CHARUTOS e charutinhos Dannemam. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 126.

²⁸⁷ Anúncio da loja Perfumaria Bazar Chic traz, à esquerda, a foto de Leopoldo Nunes com trajes finos. PERFUMARIA Bazar Chic. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 172.



Figura 24: Anúncio de loja com estoque masculino. Fonte: ANTÔNIO Machado Torres. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 10, 1933, p. 98.

Já na infância, através das fotos de crianças, é possível identificar que a maneira como o menino é retratado é uma referência à profissão do pai. Analisando a vestimenta dos meninos na Página infantil do *Almanaque da Parnaíba*, observa-se o modo de ser e vestir de um determinado grupo cultural como demarcador de uma fronteira simbólica. Através da vestimenta, verificam-se também os papéis sociais destinados para os meninos, já direcionados a uma vida pública. Em muitos casos, abaixo da foto identifica-se a firma e o ramo de negócios da família, enquanto a pose e a expressão do rosto representam um total desprendimento do lar e o preparo para a vida pública. A seguir, fotografia de Raul Cláudio Vieira da Silva:



Figura 25: Raul Cláudio Vieira da Silva com vestes similares às vestes dos adultos. Fonte: RAUL CLÁUDIO Vieira da Silva. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 239.

A fotografia acima vem acompanhada do comentário: “RAUL CLÁUDIO VIEIRA DA SILVA, filho do Sr. Cícero Vieira, proprietário do ‘Parnaíba-Hotel’ e de sua Exma esposa, D. Corina Pereira Vieira, - O Vieirinha é aplicado aluno do Instituto São Luiz Gonzaga”.²⁸⁸ O que se vê na imagem é um menino descrito como bom aluno, um futuro homem de sucesso, com aparência saudável e bem-vestido. O traje retratado não se diferencia da vestimenta dos adultos. Na Página Infantil, a roupa dos meninos se distinguia do traje utilizado por adultos quando posavam para o *Almanaque* vestidos de marinheiro, com roupa de batismo ou uniforme escolar.

²⁸⁸ O Instituto São Luiz Gonzaga foi criado em 1 de março de 1937 com os cursos infantil, primário e admissão de ginásio. Era visto pela maioria da população como elitista e em pouco tempo passou a ser considerado um dos mais importantes estabelecimentos de ensino do Piauí, onde as famílias de posse colocavam seus filhos para estudar. Cf.: INSTITUTO SÃO Luiz de Gonzaga: os meninos de 1937. *Histórica*, Parnaíba, ano 1, n. 2, out. 2008, p. 4-5.

A criação do Instituto São Luís Gonzaga representou o esforço para construir essa civilidade. Fundado em 1º de março de 1937, a instituição recebia os filhos de famílias abastadas, visando atender a necessidade de formar futuros homens bem-sucedidos, em vista da importância econômica da cidade de Parnaíba. Seus alunos “eram de boas famílias, ricos e por isso, considerados como futuros partidos para casamentos bem-sucedidos entre as mocinhas da época”.²⁸⁹ Seriam “professores, médicos, engenheiros, advogados, empresários e funcionários públicos graduados”.²⁹⁰ Assim como Raul Cláudio Vieira da Silva, outros meninos, filhos pertencentes à classe abastada de Parnaíba, que estudavam no Instituto São Luiz de Gonzaga, eram preparados para exercer seus papéis de homens públicos.

Não se encontram, nas fontes consultadas, fotografias de meninos em trajes mais simples ou mais leves. A saída do âmbito familiar, a ida para a escola, posar para o anuário local eram indicativos da mudança no momento de vida do menino. As roupas usadas por eles, desde a infância, também estavam relacionadas à vida pública e à distinção das faixas etárias, bem como do poder financeiro das famílias.²⁹¹

A imagem do menino Raul Cláudio Vieira da Silva permite conhecer como a sociedade parnaibana concebia o tornar-se adulto ideal, assim como as idealizações elaboradas pela sua família e pela sociedade. Permite, também, identificar as representações formadas em torno dos meninos e como elas circulavam e eram apropriadas pelos parnaibanos. A sociedade moldava as crianças desde os primeiros anos e no seu crescimento, através da valorização de características e comportamentos específicos.

Na vida adulta, os homens eram representados de acordo com a sua formação, seus negócios, sua honra, sua inteligência, sua calma e o sentimento de sucesso. No entanto, a afetividade não estava excluída da formação do adulto, que também era fruto de uma família afetiva. Dentre as atribuições do perfeito parnaibano, estavam ser bom pai, bom esposo, elegante, compreensível, íntegro, humanitário e sensível.

A construção do eu masculino e do seu agir como ator social enquanto adulto tinha como marcador o casamento, que representa o início dessa nova etapa. O casamento sinalizava que o homem estava apto às responsabilidades e a ser o provedor do lar.

²⁸⁹ INSTITUTO São Luís Gonzaga. *Histórica*, Parnaíba, ano 1, n. 2, out. 2008, p. 5.

²⁹⁰ INSTITUTO São Luís Gonzaga. *Histórica*, Parnaíba, ano 1, n. 2, out. 2008, p. 5.

²⁹¹ Em tese, o projeto de construção do homem público e bem-sucedido no *Almanaque* estimulava os meninos parnaibanos a aparecerem vestidos como adultos em miniatura. No entanto, na intimidade do lar, muitos relatos mostram os meninos vivenciando sua infância e enfatizam a estreita relação de mãe e filho. O menino era visto não apenas como garantia da continuidade de um ciclo, mas a expressão do amor e do cuidado. Cf.: ARAKEN, Carlos. *Estórias de uma cidade muito amada*. Parnaíba: [s.n.], 1988.

Significava também o fim da infância e da juventude. Assim, havia a educação do sentimento e do desejo, uma vez que a masculinidade colocava à prova a capacidade de autodomínio dos homens de famílias abastadas.²⁹² Nessa conjuntura, honra e masculinidade eram percebidas como sinônimos. Almejava-se um homem fiel, imune às paixões, capaz de manter a ordem social.



Figura 26: Casamento de James Kelso Clark Nunes e Maria do Carmo Marques Correia, em 29 de outubro de 1949, em Parnaíba. Fonte: *Parnaíba das antigas*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/parnaibadasantigas/>>. Acesso em fevereiro de 2018.

A figura 26 ilustra o casamento de James Kelso Clark Nunes e Maria do Carmo Marques Correia, ocorrido em Parnaíba no dia 29 de outubro de 1949. Em pé, à esquerda, estão os pais da noiva, Alberto Correia e Maria Marques, e à direita estão os pais do noivo, Celso Nunes e Maria Castello Branco Clark.²⁹³ A fotografia sinaliza mais que um casamento: duas famílias estão exercendo seus papéis sociais, usando trajés finos, o que evoca homens e mulheres de Parnaíba de modo mais vivo.

²⁹² MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2012. p. 53

²⁹³ Filha do inglês James Frederick Clark e da parnaibana Anna Gonçalves Castello Branco, casados em 1884. Seu esposo, Celso Nunes era empresário estabelecido em Parnaíba. Sobre a constituição da família Castello Branco Clarck. Cf.: NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. A influência britânica em Parnaíba. In: ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Gente de longe: histórias e memórias*. Teresina: Halley, 2006. p. 335-360.

A vestimenta apresenta-se como elemento importante, compondo subjetividades. A roupa e sua relação com os indivíduos se tornam pertinentes porque permitem analisar as construções de identidades, as formas comunicacionais, colocando em discussão o coletivo e o sujeito. A imagem do homem é uma representação que inclui, exclui, recria e modela sujeitos sociais, apresentando lugares, papéis e significados. As vestimentas do batizado, da crisma, do casamento, das festas, as descrições e as fotografias investem em memórias e significados.

Conhecendo a trajetória de pessoas que tiveram estreita relação com a cidade, pode-se investigar sobre os modelos de masculinidades valorizados e divulgados por memorialistas. Mais que apresentar implicações da vaidade e da moda masculina em Parnaíba, apresentam-se os requisitos requeridos pela sociedade para o homem parnaibano. Para Raspanti,²⁹⁴ a indumentária fazia parte de uma série de normas e exigências a que os homens, principalmente os da elite, estavam submetidos para serem respeitados pelos que os cercavam. Eram-lhes cobradas a elegância, a educação, a inteligência, a fortuna, a cultura, a oratória, a boa aparência e virilidade.

Essa multiplicidade que constitui o ser homem nas décadas de 1930 e 1940 já era anunciada no século XIX. Para exemplificar, destaca-se a figura do Intendente Municipal Luiz Antônio de Moraes Correia,²⁹⁵ que era comerciante e proprietário bem sucedido dos oitocentos e sinaliza as práticas que nas décadas estudadas são esperadas para o masculino. Era um homem público, com atuação no espaço da cidade, elegante e civilizado. Caio Passos, enaltecendo os feitos de Luiz Antônio de Moraes Correia, destaca que:

Era um homem de dinâmica capacidade de trabalho. Realizou uma admirável administração, principalmente no campo da instrução pública, criando escolas primárias em vários pontos do município. Dois notáveis empreendimentos marcaram para sempre a sua passagem à testa da Intendência Municipal.²⁹⁶

Os dois empreendimentos louvados acima são a fundação do Colégio Nossa Senhora das Graças, em 25 de maio de 1907, “fruto do labor e da tenacidade de Dona Angélica

²⁹⁴ RASPANTI, Márcia Pinna. O que “eles” vestem: moda, vaidade e masculinidades no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Org.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 191.

²⁹⁵ Luiz Antônio de Moraes Correia nasceu em Açu (RN) em 13 de junho de 1839. Aos 25 anos de idade foi a Parnaíba a convite do seu irmão Francisco Severiano de Moraes Correia Filho no ano de 1866. Casou-se com Angélica Tavares Silva Moraes Correia. Dessa união nasceram três filhas: Emir, Maria de Lourdes e Zilda. Sua filha Emir Correia de Andrade descreve o pai como uma criatura boníssima, calmo, paciente, controlado, que sabia dar gostosas gargalhadas e tinha espírito jovem e alegre. Cf.: ANDRADE, Emir Correia de. *Retalhos de uma vida*. [S.l.: s.n.], 1979. [n.p.].

²⁹⁶ PASSOS, Caio. *Cada rua sua história*. Parnaíba: IOCE, 1982. p. 99.

Tavares Silva de Moraes Correia, primeira-dama da cidade”,²⁹⁷ e a instalação da Escola de Aprendizes Marinheiros,²⁹⁸ que funcionou de 1908 a 1914.

No século XX, para representar o homem público, político e com outras características socialmente relevantes, destacou-se o médico Mirocles Veras. Ele nasceu em Parnaíba no dia 25 de março de 1890, filho de Emídio Gomes Veras e de Maria Campos Veras. Formou-se em medicina em 1912 pela Faculdade do Rio de Janeiro. Assumiu diversos cargos ao longo da carreira. Foi médico de Higiene Municipal em Parnaíba, Diretor-Médico da Santa Casa e Médico-Chefe do Centro de Saúde do Estado, além de contribuir para a fundação/instalação de vários centros de saúde, como a Maternidade Marques Bastos e a Sociedade de Assistência aos Lázarus e Defesa contra a Lepra.²⁹⁹ Mirocles Veras foi nomeado Prefeito Municipal de Parnaíba em 1934, na Interventoria do Capitão Landri Sales.³⁰⁰ Ficou no cargo até o fim do Estado Novo, em 1945, e de sua gestão resultaram obras de cunho modernizador que interferiram no aspecto urbano e arquitetônico da cidade. Faleceu em Parnaíba no dia 10 de agosto de 1978.³⁰¹

Mirocles Veras agrega muitas características que a cidade de Parnaíba atribui ao masculino. Como médico, marcou seu tempo por atuar em diversas áreas e por uma existência que cada um, à sua maneira, admirava, sintetizava e reproduzia. Era o modelo do homem bem-vestido, elegante, com forte atuação no espaço da cidade, um “dos últimos grandes homens que fizeram a Parnaíba”.³⁰² Possuía atribuições da vida adulta de um indivíduo bem-sucedido. Algumas descrições o enfatizam como modelo de masculinidade: “Mirocles: mais que um cidadão, uma instituição”,³⁰³ “Grande Médico, Grande Diplomata, Grande Político,

²⁹⁷ Angélica Tavares Silva de Moraes Correia: parnaibana, filha de Claro Ferreira de Carvalho Silva e Geracinda Tavares Silva. Casou em 1876 com Luiz Antônio de Moraes Correia, Intendente Municipal, atuando no período de 1905 a 1912. Cf.: PASSOS, 1982, p. 100-101.

²⁹⁸ PASSOS, 1982, p. 99.

²⁹⁹ Como médico, Mirocles Veras também ocupou o cargo de Médico-chefe do Posto de Saneamento Rural e foi idealizador da Sociedade Feminina de Assistência aos Pobres de Parnaíba.

³⁰⁰ Landri Sales Gonçalves nasceu em Acaraú-CE a 19 de julho de 1904, filho de Francisco Losada Gonçalves e Efigênia Sales Gonçalves. Nomeado por Getúlio Vargas a interventor federal do Piauí no dia 7 de maio de 1931. Foi casado com Zilma Cavalcante Gonçalves. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 30 de abril de 1978. Cf.: *Landri Sales Gonçalves*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/landri-sales-goncalves>> Acesso em 15 de maio de 2018.

³⁰¹ CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. *O livro do centenário de Parnaíba*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1944. p. 25-26.

³⁰² SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 3, n. 29, 21 maio 2010, p. 10.

³⁰³ ARAKEN, 1988, p. 93.

Grande Orador, Grande Ser Humano”.³⁰⁴ Abaixo, observa-se a fotografia de Mirocles Campos Veras publicada no *Almanaque da Parnaíba*:³⁰⁵

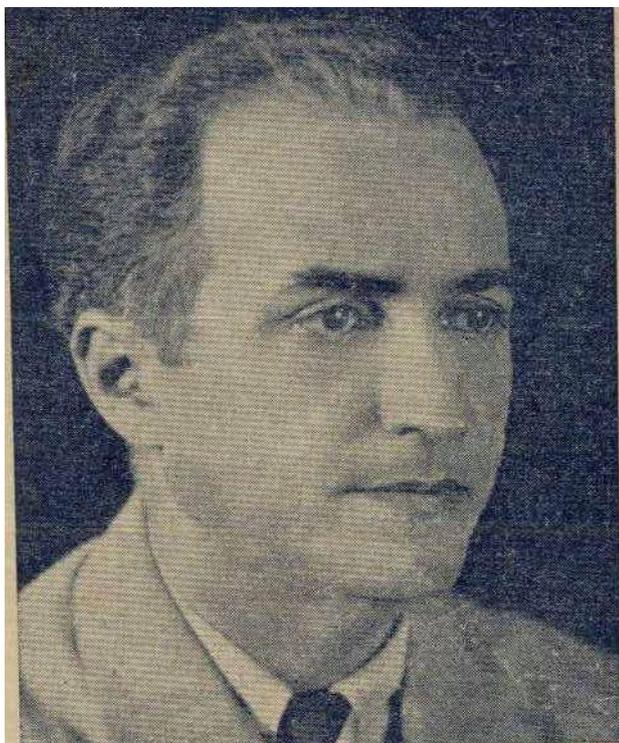


Figura 27: Mirocles Campos Veras, médico e prefeito de Parnaíba de 1934 a 1940. Fonte: O GOVERNADOR da cidade. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 14, 1937, p. 9.

No *Almanaque*, além dos cargos públicos já mencionados e das ações de embelezamento de Parnaíba, é destacado “como médico humanitário e desvelado, o Dr. Mirocles Veras se empenha com invulgar carinho e desinteresse, pelo bem-estar dos seus munícipes”.³⁰⁶ Sobre Mirocles Veras, convergiram olhares, a atenção e discursos que corroboraram a construção desse modelo múltiplo de homem.

Além de exercer a medicina, foi um dos fundadores do Ginásio Parnaibano, onde lecionou Ciências Físicas e Naturais. Quanto à gestão de Mirocles Veras (1934-1945), assevera Caio Passos que desse prefeito resultaram obras que tiveram caráter modernizante da infraestrutura urbana e dos serviços públicos da cidade. Diz ele que:

Administrador de sensibilidade artística, cuidou de logo do problema urbanístico, dando um novo e moderno aspecto à cidade. Construiu o belo Jardim Landri Sales, hoje desaparecido pela nova estrutura urbanística da Praça da Graça. Também construiu o Jardim Humberto de Campos [...]; a terminação e ajardinamento da Praça Santo Antônio, um dos mais pitorescos logradouros de nossa urbe; calçamento, em grande escala, em várias ruas e praças; planejamento do antigo Bairro Campos, dando-lhe estrutura moderna

³⁰⁴ ARAKEN, 1988, p. 93-94.

³⁰⁵ O GOVERNADOR da cidade. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 14, 1937, p. 9.

³⁰⁶ O GOVERNADOR da cidade. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 14, 1937, p. 9.

e condizente com seu progresso; dado o aumento do índice demográfico do município, construiu dois grandes cemitérios, o de São Sebastião, conhecido por Asa Branca, e outro na Ilha Grande Santa Isabel. Cortou o município com várias estradas vicinais, para escoamento dos produtos agrícolas. Mais dois grandes empreendimentos da administração Mirocles Veras: instalação do Centro Telefônico, obra pioneira no interior piauiense [...]. E foi ainda, em seu governo, que se fez pela primeira vez os estudos dos serviços de água e esgoto, confiado aos escritórios técnicos de Saturnino Brito Filho, do Rio de Janeiro. Portanto, Mirocles Veras foi pioneiro deste trabalho, hoje, realizado em parte. O seu governo foi marcado, ainda, pelas grandiosas festas comemorativas do primeiro centenário de elevação de Parnaíba à categoria de cidade, em 14 de agosto de 1944.³⁰⁷

Apesar de ressaltar-se o modelo de político, de médico, a masculinidade não estava resumida à vida pública, à vestimenta e aos feitos em benefício da cidade, mas também à identificação e à valorização do sentimento, ao suave convívio do lar. Há a valorização do homem como bom esposo, compreensivo, preocupado com o bem-estar do próximo, bom pai, calmo e generoso. É possível observar o lado mais íntimo de Mirocles Veras a partir da leitura do trecho seguinte:

A vida de Mirocles Veras foi sempre de semear o bem, de se tornar amigo dos que sofriam, até que, em 1916, a 18 de março, casou-se com Dona Maria dos Santos, oriunda de uma das famílias de maiores tradições deste estado, filha do respeitável Cel. Joaquim Antônio dos Santos, alto comerciante, Cônsul de Portugal e então Intendente Municipal de Parnaíba. Sua esposa veio ainda mais engrandecer-lhe de bons sentimentos o coração e o espírito e também firmar, definitivamente, sua permanência nesta cidade. Vieram-lhe depois os filhos, sete, que, no suave convívio do lar, compensaram as fadigas e os trabalhos de sua vida. Hoje, todos honram e ilustram a família Campos Veras.³⁰⁸

Caio Passos tece elogios a Mirocles Veras, destaca-o como um dos mais consagrados médicos e um dos homens mais notáveis de Parnaíba, de esplêndida capacidade administrativa, um eminente parnaibano, ilustre médico, homem de cultura e administrador de sensibilidade artística.³⁰⁹ Mirocles Veras não marcou somente a escrita masculina. Mulheres parnaibanas também contribuíram para enaltecer a figura de Mirocles Veras. Maria Elita Santos Araújo ressalta:

Nosso extinto amigo foi renomado médico! Íntegro, humanitário e altamente competente, dedicando-se com esmero a sua área de atuação. Como administrador de Parnaíba, mostrou, de forma invulgar, sua capacidade, inteligência e cultura. Considerado no Piauí, um dos melhores oradores, senão o melhor. Nasceu com o dom da oratória e dela fez uso com maestria. Médico renomado, dedicou-se à causa da saúde com todo empenho e

³⁰⁷ PASSOS, 1982, p. 67-68.

³⁰⁸ PASSOS, 1982, p. 80.

³⁰⁹ PASSOS, 1982, p. 78

honestidade, um dos marcos de sua personalidade. Nasceu em 1890 e faleceu em 1978, deixando saudades aos familiares e amigos que o estimavam.³¹⁰

Em 2013, o jornal *O Bembém* dedicou edição especial a Mirocles Veras,³¹¹ enfatizando as obras de caráter modernizante na infraestrutura urbana e nos serviços públicos da cidade. Associa-o às instituições Santa Casa de Misericórdia, Maternidade Marques Bastos³¹² e Abrigo São José. Essas iniciativas particulares revelam a prática social participativa dos homens em Parnaíba. Na Santa Casa de Misericórdia, Mirocles Veras atuou como médico na década de 1920 e em 1932 tornou-se diretor. *O livro do centenário de Parnaíba* apresenta suas contribuições anteriores para a instituição:

Pouco tempo depois de haver chegado a esta cidade, já formado, Mirocles Veras começou a sua obra renovadora. Tendo encontrada a Santa Casa de Misericórdia fechada, conseguiu reabri-la, traçando-lhe novos rumos, auxiliando assim, grandemente ao Dr. Joca Bastos, a maior figura de médico humanitário do seu tempo. Veio, depois, o esforço admirável de Antônio do Monte. Muito mais tarde, ainda, por iniciativa sua, de acordo com a moderna técnica científica, foi ali instalado o gabinete cirúrgico, oferta do Cel. José Narciso da Rocha Filho. [...] Mirocles Veras deu à Santa Casa, através dos anos, seu esforço, sua inteligência, sua dedicação.³¹³

Quanto à Maternidade Marques Bastos, “obra de Mirocles Veras – por ele idealizada e construída”,³¹⁴ é possível observá-la a partir da fotografia seguinte:

³¹⁰ ARAÚJO, Maria Elita Santos. *Parnaíba o espaço e o tempo*. Parnaíba: [s.n.], 2002. p. 75-76.

³¹¹ O PREFEITO DA ERA Vargas – Doutor Mirocles – Já ouviu falar. Quê que ele fez? – Já te conto. É bom saber! *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 70, 21 out. 2013.

³¹² Iniciada em 1937, a Maternidade Marques Bastos foi aberta ao público em 20 de fevereiro de 1941, dispondo de 62 leitos para indigentes, 10 apartamentos para pensionistas, e 24 leitos (berços).

³¹³ CORREIA; LIMA, 1944, p. 25.

³¹⁴ CORREIA; LIMA, 1944, p. 152-153.



Figura 28: Maternidade Dr. Marques Bastos e Lactário Suzane Jacob. Fonte: Acervo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba.

Outra iniciativa liderada por Mirocles Veras foi a criação da Fundação São Lázaro para a construção do leprosário em Parnaíba. Criado em 1927, tinha por presidente “Dr. Mirocles Campos Veras; Vice-Presidente: Dr. Francisco Pires Gaioso; 1º Secretário: Dr. Lima Rebelo; 2º Secretário: Dr. Francisco Correia; Tesoureiro: Dr. Joaquim dos Santos Júnior”.³¹⁵ No dia 8 de maio de 1928, o Dr. Mirocles Veras “comunicou ao governo do Estado, a Joel de Andrade e ao secretário de Fazenda, Luís Moraes Correa, a decisão dos parnaibanos de criarem um leprosário para abrigar os portadores de lepra que viviam naquela cidade”.³¹⁶

O leprosário foi inaugurado no dia 23 de agosto de 1931 na administração do prefeito Ademar Neves³¹⁷ (1931-1934), que em relatório apresentado ao Interventor Federal Landri

³¹⁵ CORREIA; LIMA, 1944, p. 155.

³¹⁶ ALVARENGA, Antônia Valtéria Melo. *Nação, país moderno e povo saudável: política de combate à lepra no Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 209.

³¹⁷ Ademar Gonçalves Neves nasceu em Parnaíba no dia 19 de novembro de 1883. Filho do major Felipe Gomes Neves, de ascendência portuguesa, e de Maria Madalena Gonçalves, de tradicional família parnaibana. Ademar Neves fez seus estudos de primeiras letras em Parnaíba, seguindo posteriormente para São Luís (MA), Lisboa, e por fim, Manchester, na Inglaterra, onde se formou em Contabilidade e Comércio. De volta à Parnaíba, assumiu a firma comercial da família, fato que, em pouco tempo, destaca-o como um dos sólidos comerciantes da cidade. Após a Revolução de 1930, o Interventor Federal no Piauí, tenente Landri Sales, solicita à Associação Comercial de Parnaíba a indicação de um nome para assumir o Governo Municipal. Ademar Neves foi escolhido e assumiu a administração da cidade em 25 de fevereiro de 1931, permanecendo no cargo até 25 de maio de 1934. Esse período é marcado pelo início da modernização urbana de Parnaíba. De sua tentativa de

Sales, em 1932, afirmou: “Tenho a impressão mesmo de que, se outra obra não pudesse realizar, se outros melhoramentos não pudesse levar a efeito, sentir-me-ia feliz em deixando inaugurado e funcionando o Leprosário da Fundação São Lázaro”.³¹⁸ Abaixo, foto do leprosário:

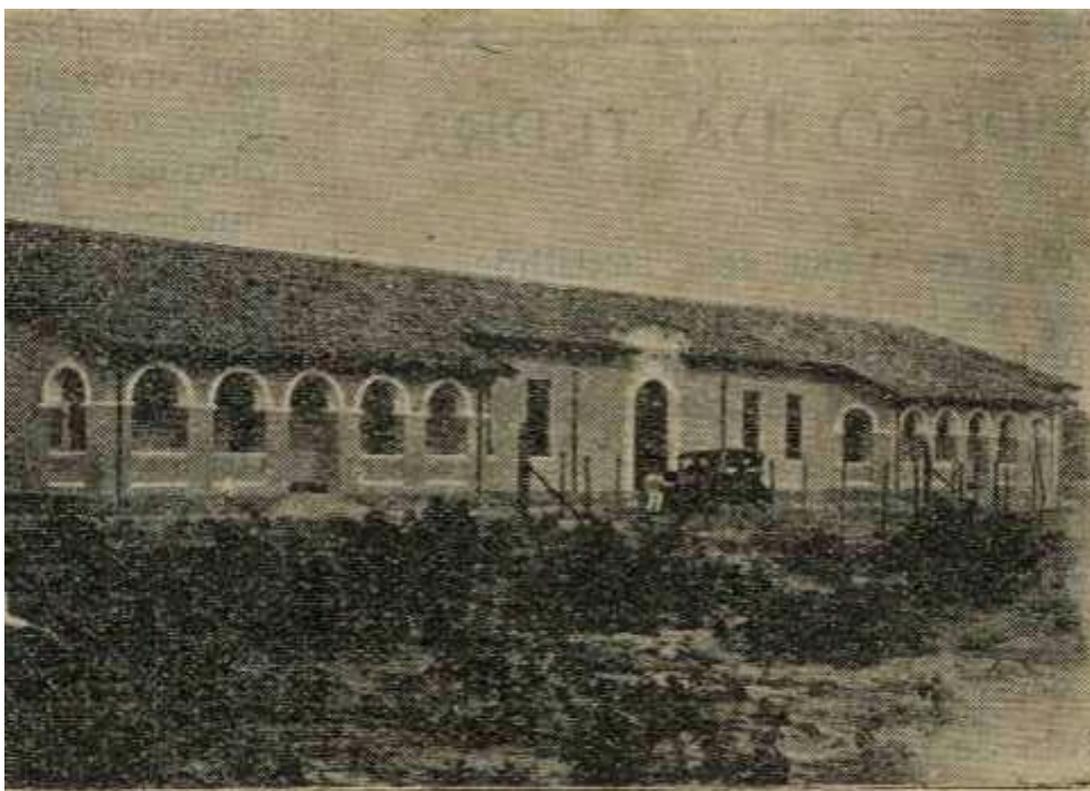


Figura 29: Leprosário São Lázaro. Fonte: LEPROSÁRIO S. Lázaro. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba ano 9, 1932, p. 125.

Em outubro de 1931, Mirocles Veras transformou a Fundação São Lázaro em Sociedade Feminina de Assistência aos Lázaros e Proteção aos Pobres de Parnaíba. Se “a iniciativa foi de Mirocles Veras, a continuação [ficou a cargo] da sociedade, isto é, sua existência utilíssima e humanitária, se deve ao esforço e à abnegação de D. Henriette Soter Castelo Branco”.³¹⁹ Outras senhoras constam como idealizadoras da sociedade: Araci de Mendonça Clarck, Alice Veras, Francisca Monte Araújo, Odete Friedheim e Anilete Moreira.

remodelar a cidade aos moldes dos grandes centros urbanos brasileiros e europeus, Ademar Neves acabou figura

ndo no imaginário popular como o remodelador da cidade. Após sua administração, foi morar no Rio de Janeiro, onde ainda trabalhou para a firma Moraes S/A e como Tesoureiro Auxiliar da Casa da Moeda. Ademar Neves faleceu em 7 de fevereiro de 1954, e foi sepultado no cemitério do Caju, naquela cidade. Cf.: SILVA, Maria da Penha Fonte e. *Ademar Gonçalves Neves: o remodelador da cidade*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1983. p. 26-28.

³¹⁸ CORREIA; LIMA, 1944, p. 155

³¹⁹ CORREIA;LIMA, 1944, p. 226.

A sociedade encontrou apoio em diversos segmentos da cidade, tendo à frente o médico Mirocles Veras, que “compreendendo a vantagem que resulta da vida em agrupamento, desejou ver uma sociedade feminina se estabelecer nessa cidade”,³²⁰ e conseguiu que o estado e o município subvencionassem a sociedade. Em 1941, a instituição firmada com o objetivo “de proteção aos necessitados, leprosos e outros”³²¹ dividiu-se em duas: Sociedade Feminina de Assistência aos Pobres de Parnaíba e Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra. O leprosário passou a ser dirigido e mantido pelo governo estadual. Em 1944, a diretoria da Sociedade Feminina de Assistência aos Pobres era composta pelas senhoras Delzira Neves (Presidente), Maria do Carmo Basto Correia (Secretária) e Inês Parentes de Miranda (Tesoureira).

No ano de 1941, pelo Decreto n. 398, de 15 de julho de 1941, o leprosário passou a denominar-se Colônia do Carpina, período em que, de direito, deu-se a institucionalização do isolamento compulsório do doente de lepra no Piauí.³²²



Figura 30: Apresentação dos internos do Colônia do Carpina com a presença de Mirocles Veras e de outros parnaibanos. Fonte: SANTOS, Benjamin. Mirocles Veras, o prefeito de Vargas. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 70, 21 out. 2013, p. 10.

Outro destaque no governo de Mirocles Veras foram as festas comemorativas do primeiro centenário da elevação de Parnaíba à categoria de cidade, que ocupou todo o ano de 1944, contando com “a missa campal celebrada na Praça da Graça tendo o altar no coreto; a Sessão Solene no Cine Teatro Éden; a inauguração do Monumento do Centenário (o Obelisco

³²⁰ CORREIA; LIMA, 1944, p. 226.

³²¹ CORREIA; LIMA, 1944, p. 226.

³²² ALVARENGA, 2013, p. 224.

da Praça de Santo Antonio) e o baile de gala no Cassino, na noite de 31 de dezembro”.³²³ No ano de festas, tiveram destaques as celebrações com a presença do Interventor do Piauí Leônidas de Castro Melo. Abaixo, observa-se fotografia de Mirocles Veras cumprindo a agenda das festas do centenário:



Figura 31: Mirocles Veras cumprindo a agenda das festas do centenário na inauguração do Monumento do Centenário da Parnaíba. Fonte: SANTOS, Benjamin. Mirocles Veras, o prefeito de Vargas. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 70, 21 out. 2013, p. 10.

Depois de destacar alguns dos feitos de Mirocles Veras enquanto médico e prefeito de Parnaíba, elencando as diferentes expectativas da sociedade para homens, realçam-se descrições de alguns memorialistas, algumas em torno de sua vida pública, outras de percepções íntimas. Benjamim Santos revela o estilo reservado e político de Mirocles Veras:

Ele chegava ao escritório do meu pai em silêncio, quase sempre de manhã. Cumprimentava quem tivesse de cumprimentar e logo meu pai se levantava. Estivesse fazendo o que estivesse fazendo, meu pai largava tudo e seguia com doutor Mirocles para a escrivaninha de tampos levantáveis, que era onde meu pai conversava em reservado com todas as raposas do PSD que vinham falar com ele em reservado. [...] Se era naquela escrivaninha, os dois de pé, lado a lado, falando mais baixo do que baixinho, era conversa política.³²⁴

Para além dos feitos em prol da cidade, o Dr. Mirocles Veras ficou marcado também por suas particularidades. O cronista Carlos Araken descreve um lado mais generoso:

³²³ SANTOS, Benjamim. Parnaíba na era Vargas. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 70, 21 out. 2013, p. 9.

³²⁴ SANTOS, Benjamin. Mirocles Veras, o prefeito de Vargas. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 70, 21 out. 2013, p. 9.

O certo é que naqueles dias a classe médica já era marcada por duas correntes. De um lado Dr. Mirocles, inteligência privilegiada, com um tino político realmente insuperável. Não foi à toa, ter sido Prefeito da cidade 15 anos, durante a ditadura Vargas. Como obstetra, por sua mão passaram gerações e gerações de gestantes. Nunca dizia um não direto. Maneiroso e educado, sempre dialogava a exaustão, e curioso, sempre parecia estar com a razão. Homem de largos conhecimentos e vasta cultura geral conseguiu a proeza de ser respeitado até por seus inimigos. Era realmente um ser humano brilhante.³²⁵

Dentre as descrições de Mirocles Veras, ressalta-se a de homem que sempre semeou o bem, íntegro, humanitário, honesto, maneiroso e educado. Observa-se que o modo de ver e sentir o masculino difere da imagem de indivíduo forte e bruto, uma vez que as referências ao homem parnaibano apregoam para ele um sujeito sensível. O homem nesse panorama está em transformação. A partir da segunda metade do século XIX já é possível identificar mudanças nas concepções do masculino, que passem do biológico para o político, econômico e social.

Com o advento do século XX, realça-se também o sentimental, afirmando a ideia de que “as subjetividades são históricas e não naturais, que os sujeitos estão nos pontos de chegada e não de partida como acreditávamos então”.³²⁶ Iniciativas de tornar o homem civilizado e a influência do amor romântico descartam uma abordagem da sujeição da masculinidade a regras preestabelecidas, e o homem, em construção, absorve para si inúmeros modos de existir. Essa ampla rede de relações socioculturais que se inscrevem nos corpos “são os processos e as práticas discursivas que fazem com os aspectos dos corpos se convertam em definidores de gênero e de sexualidade e, como consequência, acabem por se converter em definidores dos sujeitos”.³²⁷

Para analisar os relatos e as experiências de ser homem, é imprescindível conhecer a história das subjetividades masculinas, em suas várias formas, a história dessa multiplicidade de ser homem. Descrevendo parnaibanos que desempenharam papéis de destaque na cidade, Araken evidencia uma pluralidade no ser homem. Sobre Acrísio de Paiva Furtado,³²⁸ afirma que era:

Homem honrado, trabalhador, uma das reservas morais da cidade. Exerceu toda a sorte de cargos, tanto na política, como na vida social e particular. De presidente de clubes de serviços e clubes sociais a presidente da extinta

³²⁵ ARAKEN, 1988, p. 57.

³²⁶ RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 89-98, 1998, p. 91.

³²⁷ LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 80

³²⁸ Acrísio de Paiva Furtado administrou a cidade de Parnaíba e era descrito como muito comunicativo. Comerciante e guarda-livros. Sua gestão apresentou resultados satisfatórios. Foi casado com Matilde Santos Furtado. Cf.: SANTANA, Judith. *Parnaíba*. Parnaíba: [s.n.], 19??. p. 85.

UDN. De prefeito a deputado estadual. Não esquecer nunca sua atuação de goleiro, dos bons, no Parnaíba [...] Extremamente metódico e organizado, pautou toda sua vida dentro desses princípios.³²⁹

Acrísio Furtado teve destaque na vida pública. Entretanto, Carlos Araken não menciona sua fisionomia e como se vestia. Entende-se, porém, que, para ocupar esses cargos, ele atendia à imagem de civilizado idealizada pela elite local, imagem essa que não depende de extrema beleza, mas sim da forma de gesticular, vestir e portar-se. Carlos Araken descreve ainda Franklim Gomes Veras³³⁰ como:

Belo espécimen de homem, galã de mil e uma façanhas. Seus feitos e poder de sedução com as mulheres era tal que, transcendia a realidade e ganhava o terreno da ficção. Suas conquistas viraram folclore. De verdade, sabe-se apenas que era um comerciante de grande tino; prosperou com rapidez, tornando-se agente da Cia. Nacional de Navegação Costeira, e daí investindo para o desenvolvimento e progresso da navegação fluvial do Parnaíba.³³¹

Sobre Poncion Rodrigues, Carlos Araken destaca-o como:

*Imperturbável, não gritava, não se exaltava, nem corria. Parecia ser a tranquilidade em pessoa. Ouvia tudo calado, e mais das vezes dava silêncio como resposta: quando não, tinha sempre uma certa resposta, que desconcertava seu interlocutor.[...] Talvez por ouvir demais, quando se manifestava dava sempre a última palavra.[...] detestava atividades sociais, badalações e política. Era um homem inteiramente voltado para o lar.*³³²
(grifo nosso)

Quanto aos médicos em Parnaíba, Carlos Araken apresenta a pluralidade do ser homem quando destaca o médico Joca Bastos:³³³

Cidadão respeitável, do vestir ao físico avantajado, sempre de fraque preto e cartola, grossa corrente de ouro no colete, e óculos *pince-nez*. Sabia tudo o Dr., de sanguessuga à sangria passando pelo escalda-pés. Sua presença por si só, era garantia de cura. Sua figura carismática sempre dava ânimo ao paciente.³³⁴

Apresentando ao leitor pessoas que de alguma forma ficaram presentes em sua memória, Carlos Araken destaca também o médico Dr. Ormeu L. Rego Monteiro,³³⁵ uma “figura simpática e desengonçada, brincalhão de olhar astuto e penetrante, ligado à tradicional

³²⁹ ARAKEN, 1988, p. 89.

³³⁰ Franklin Gomes Veras nasceu em Tutóia (MA) no ano de 1847. Em 1875 fundara sua casa comercial, Franklin Veras & Cia, em Parnaíba. Cf.: PASSOS, 1982, p. 216-218.

³³¹ ARAKEN, 1988, p. 95.

³³² ARAKEN, 1988, p. 97-98.

³³³ CORREIA; LIMA, 1944, p. 25.

³³⁴ ARAKEN, 1988, p. 57.

³³⁵ Integrava em 1933 juntamente com Mirocles de Campos Veras e Cândido de Almeida Athayde, o corpo médico do Dispensário de Assistência Médica inaugurado na Santa Casa de Misericórdia. O dispensário foi a primeira repartição estadual de medicina a funcionar em Parnaíba.

família da cidade”.³³⁶ Para além das exposições de personalidades, a descrição de Roland Jacob³³⁷ revela ainda que beleza não era primordial. Ressalta que:

*Não era nenhum tipo de beleza. Alto, forte, mais pra gordo que pra magro, desengonçado, porém, com uma cara que inspirava confiança, e no seu todo irradiava simpatia. Sua voz tonitruante, com forte sotaque francês misturando palavras de nosso povo, gírias mesmo, com o seu idioma de origem, era um caso à parte. De uma simplicidade incrível, tratava a todos da mesma maneira. Não havia pobres nem ricos, todos eram seres humanos e como tal mereciam seu respeito.*³³⁸ (grifo nosso)

Tais informações nos levam a pensar o significado das masculinidades, negando qualquer busca por essência. Assim, identifica-se o homem ativo, racional e também passivo e emocional.³³⁹ As descrições acima apresentam aspectos relevantes da construção das masculinidades, bem como a respeito nas relações públicas e pessoais, contribuindo para a compreensão de que havia muitas formas de ser homem também na intimidade. Ao enfatizar a tranquilidade, o carisma e a simplicidade, os memorialistas apontam as particularidades dos relacionamentos pessoais. Entende-se que as masculinidades são relacionais, influenciadas pelas relações de poder, relações de produção e as relações emocionais.³⁴⁰ Devido a sua prática criativa e inventiva, a prática social responde a situações particulares.

As descrições feitas por Carlos Araken apresentam os modelos do ser homem em Parnaíba. Algumas dessas características diziam respeito ao se portar e ao vestir-se masculino na época. Ele deveria ser honesto, honrado, trabalhador, organizado, galã, elegante, sedutor, compreensível, alegre, educado, calmo, calado, inspirar confiança e irradiar simpatia. Outra característica interessante na construção das masculinidades parnaibanas é a construção da discursividade, que não excluía o campo emotivo, considerado feminino.

Sendo o gênero uma construção cultural, elencam-se alguns dos requisitos divulgados e exigidos para que o indivíduo do sexo masculino fosse legitimado pela sociedade, que não se restringem ao corpo: “Eles espalham-se por todos os níveis do social, desde a família ao trabalho, do prestígio ao status, da classe social a idade, passando pela língua verbal e

³³⁶ ARAKEN, 1988, p. 57.

³³⁷ Roland Gabriel Jacob nasceu em 15 de setembro de 1899 na cidade de Schalbach, na Lorena. O francês herdeiro da firma Casa Comercial Marc Jacob, chegou em Parnaíba em 1927, registrou a firma como sua empresa individual, mantendo porém o nome. Em 1955 recebeu o título de Cidadão Parnaibano e no dia 26 de maio de 1969 a Assembleia Legislativa do Estado do Piauí concedeu-lhe o título de Cidadão Piauiense.

³³⁸ ARAKEN, 1988, p. 107.

³³⁹ Margareth Rago apresenta uma pluralização de possibilidades e chama a atenção para um novo olhar, aberto às diferenças, e multiplicidades do ser homem. Cf.: RAGO, 1998, p. 94.

³⁴⁰ SEIXAS, Rebeca Bruno da Silva. *Seja Homem!:* construção de masculinidade na revista Men's Healt Brasil. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2012. p. 52.

gestual”.³⁴¹ Os modelos de masculinidades divulgados e louvados pelos memorialistas correspondem a indivíduos que, além de uma carreira bem-sucedida, apresentavam modos gentis associados à ideia de civilidade que a cidade construía. As iniciativas na construção desse homem civilizado incluíam também a construção do bom marido, paciente, compreensivo, amoroso, atencioso e generoso.

Esses homens circulavam no âmbito político, da educação, da saúde e atuavam no espaço da cidade. Para exemplificar esse homem múltiplo e demonstrar que o modelo desejado não se fixava aos homens brancos, é relevante destacar Alarico José da Cunha,³⁴² apresentado como portador de “elegância, conhecimento e sabedoria”.³⁴³ Dedicado ao jornalismo, destacou-se como redator d’*O Farol*, jornal da loja Maçônica Fraternidade Parnaibana. Em 16 de julho de 1918, fundou o primeiro centro espírita de Parnaíba, o Perseverança no Bem; em 1929, começou a escrever para o *Almanaque da Parnaíba*.

Alarico da Cunha “vestia-se de preto apenas para as sessões de jantar da maçonaria. No dia a dia, andava sempre de terno claro e gravata longa. Tinha gestos simples e comedidos.”³⁴⁴ Trabalhava na *Booth Line* como diretor de embarque e desembarque. Em maio de 1950, foi eleito para a Academia Maranhense de Letras. O jornal *Aljava*³⁴⁵ noticiou que “Alarico da Cunha é um completo homem de letras, quer pelo vigor e beleza de seu estilo, quer pela seriedade e erudição de seus livros. E, no entanto é simples modesto e bom”.³⁴⁶ Benjamim Santos descreve o seu trabalho em Parnaíba, com destaque para atuação no *Booth Line*, no jornalismo, na maçonaria e no espiritismo, como “de altíssima importância para a formação do próprio espírito parnaibano, essa Alma da Parnaíba que gera a parnaibanidade”.³⁴⁷

³⁴¹ ALMEIDA, Miguel Vale. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995, p. 129.

³⁴² Alarico José da Cunha nasceu em 1883 numa fazenda nos arredores da atual cidade de Timon (MA). Estudou no Liceu Piauiense e, em 1903, foi para Parnaíba, onde contribuiu para a criação do leprosário, na fundação da Rádio Educadora, trabalhando nas comissões de venda das ações. Foi secretário da Santa Casa de Misericórdia. Cf.: CORREIA; LIMA, 1944.

³⁴³ SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*. Parnaíba, ano 3, n. 30, 21 jun. 2010, p. 10.

³⁴⁴ SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*. Parnaíba, ano 3, n. 30, 21 jun. 2010, p. 10.

³⁴⁵ Jornal que circulou em Parnaíba de 31 de janeiro de 1936 a 24 de dezembro de 1957, editado por Benedito dos Santos Lima.

³⁴⁶ SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*. Parnaíba, ano 3, n. 30, 21 jun. 2010, p. 10.

³⁴⁷ SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*. Parnaíba, ano 3, n. 30, 21 jun. 2010, p. 10.

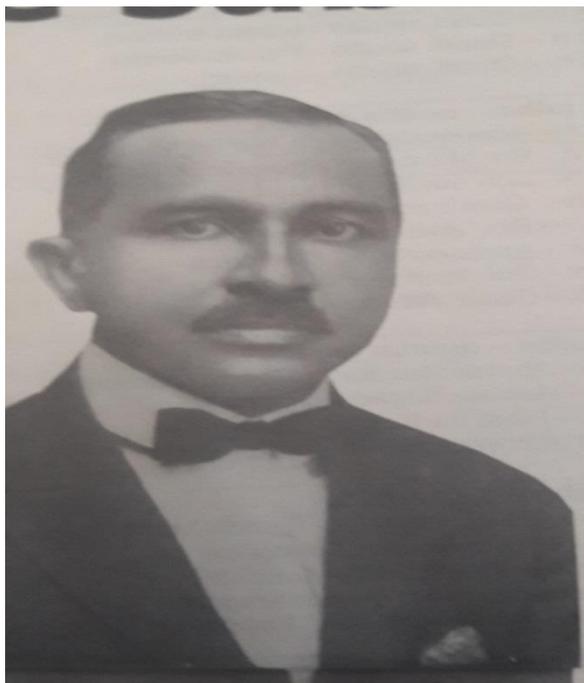


Figura 32: Alarico José da Cunha no rigor do bem-vestir. Fonte: SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 3, n. 30, 21 jun. 2010, p. 10.

O livro do centenário de Parnaíba, ao tratar das instituições, aponta Alarico da Cunha, na União Caixeiral³⁴⁸ de Parnaíba, atuando como presidente na diretoria provisória de sua fundação, e em 1944, é apontado como vice-presidente. Ele representa bem o homem de iniciativas, que é um dos principais elementos na constituição da masculinidade, somando com os homens de tradicionais famílias parnaïbanas. Colaborava no principal periódico da cidade, o *Almanaque da Parnaíba*.

³⁴⁸ Importante sociedade dos comerciários de Parnaíba fundada no dia 28 de abril de 1918. Cf.: CORREIA; LIMA, 1944, p. 201.

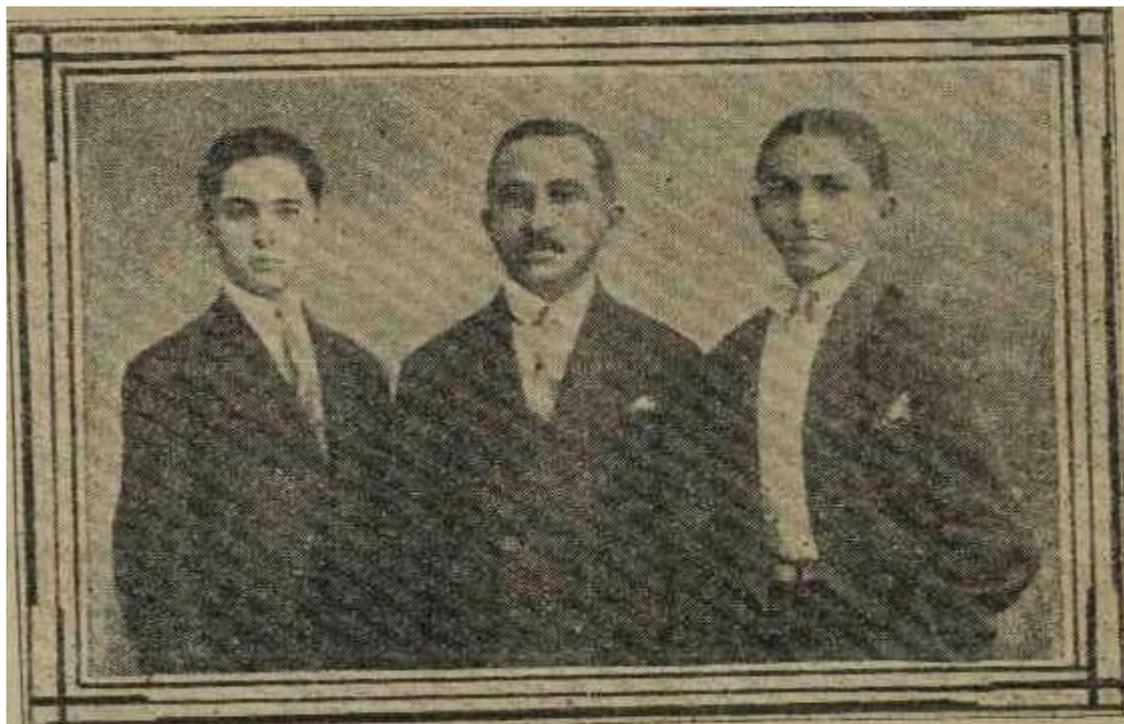


Figura 33: No centro, Alarico da Cunha. À esquerda, seu filho Prentice da Cunha. À direita, seu parente Leonam Bristol da Cunha. Fonte: COLABORADORES. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 10, 1933, p. 119.

Portanto, as masculinidades assumem papéis renovados, reconstruídos não apenas na ótica profissional, mas também no que tange aos cuidados com os amigos e familiares. Outras possibilidades formadoras são evidenciadas, como ser discreto, bom de oratória, paciente e ativo, todas são formas válidas e permitem compreender a construção da masculinidade na sociedade parnaibana das décadas estudadas.

4.2 O fardo cotidiano dos homens pobres

Os homens pobres, moradores e trabalhadores do cais, não apresentam um perfil masculino exclusivo, singular e homogêneo. Assim, é importante considerar o homem e suas possibilidades, nas representações de homens no cais de Parnaíba. É nesse espaço que encontram-se perfis masculinos distintos que atravessam a masculinidade como sinônimo de força. Miriam Polar Grossi adverte que a existência de homens e mulheres “não exclui a possibilidade de que estes sejam construídos em vários modelos de feminino e de masculino”

que “variam histórica e culturalmente, mas também que tem diferentes matizes no interior de cada cultura”.³⁴⁹

Muitas eram as possibilidades para o ser homem, ligadas a ofícios diferentes, que exigiam habilidades diferentes. O romancista Assis Brasil em *Beira rio beira vida* identifica, no cais, algumas atividades exercidas por homens pobres, eram eles: canoeiros, barqueiros, taifeiros, carregadores e embarcadiços. O literato reúne algumas dessas profissões no personagem Jessé, que ocupou os cargos de “embarcadiço e remeiro”.³⁵⁰ É também através desse personagem que o escritor realça a impossibilidade de ascensão social para os moradores do cais, que sem o acesso à escola não teriam muitas oportunidades e “só poderia ser um embarcadiço ou canoeiro, quando muito um marinheiro de algum navio-gaiola, ou coisa nenhuma. [...] Estudando poderia ser até comandante de um gaiola”.³⁵¹

Apresentando os postos de trabalho ocupados por homens no espaço do cais, Josenias dos Santos Silva³⁵² identifica algumas profissões, como: embarcadiços, vareiros, estivadores, carregadores d’água e pescadores, e especifica cada categoria profissional. Vareiros, por exemplo,³⁵³ era o nome dado àqueles que tinham como único ofício atravessar pessoas e mercadorias de uma margem para a outra do rio. Era alguém sempre requisitado, porque, desde o amanhecer até ao entardecer, o movimento era grande, sendo praticamente incontáveis as idas.

Os motivos que obrigavam as pessoas a cruzar o rio eram muitos e diversos, já que todos tinham algo a fazer do outro lado: algumas iam vender produtos no mercado; outras iam visitar um parente. Havia também aqueles que iam comprar nas quitandas da cidade algum mantimento para casa e outros que apenas se deslocavam para os seus empregos no cais. Portanto, uma gama de atividades próprias do cotidiano que, sem o trabalho do vareiro, seria impossível de se realizar. Por isso, os vareiros, cortando as águas com seus enormes varejões, eram “os senhores do rio”.³⁵⁴

³⁴⁹ GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidade: uma revisão teórica. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 12, 2006. p. 5.

³⁵⁰ ASSIS BRASIL, 1965, p.

³⁵¹ ASSIS BRASIL, 1965, p.

³⁵² SILVA, Josenias dos Santos. *Parnaíba e o avesso da belle-époque: cotidiano e pobreza:1930 - 1950*. 2012.120 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012. p. 54.

³⁵³ O ofício de vareiro na cidade de Parnaíba foi deixando de ser realizado com a construção da Ponte Simplício Dias na década de 1970, quando não mais se precisou utilizar do seu recurso para atravessar o rio, já que a ponte uniu Parnaíba à outra margem, ao bairro Santa Isabel.

³⁵⁴ SILVA, 2012, p. 54.

Outros trabalhadores do cais eram os estivadores, que exerciam um trabalho braçal, que demandava grande quantidade de homens na execução da estiva de mercadorias. Uns ficavam responsáveis pela retirada da mercadoria do porão das embarcações, a estes cabia a tarefa de voltear as cordas ou correntes ao redor da carga e, ao fim disso, dar sinal ao operador do guincho para suspender o volume até a parte de fora da embarcação, já na borda do porto. Após essa primeira etapa, outro trabalhador era responsável por desamarrar a carga e liberar o guincho para mais uma refrega. Enquanto isso, determinado grupo já estava retirando a carga empilhada e levando-a direto para os armazéns. O trabalho era realizado, quase sempre, sob o olhar vigilante do patrão ou do gerente, atento ao movimento que se repetia até o último fardo.³⁵⁵

Além destes, havia os carregadores de água que pela manhã ou no final da tarde recolhiam no rio latas de água e abasteciam famílias do centro da cidade. Compunham ainda o cenário as figuras dos tripulantes das embarcações, que podiam ser a vapor, à vela ou a remo. Esses se instalavam em Parnaíba numa região chamada olaria, que hoje tem o nome de Rua João Goulart, mas antes se chamava Rua Sete de Janeiro.

O movimento dos vareiros, taifeiros, embarcadiços, canoeiros, barqueiros, carregadores de água e estivadores, carregando e descarregando as embarcações, transformava o cais num cenário agitado e conflituoso. Para melhor descrever o local, Renato Castelo Branco³⁵⁶ detalha:

O cais era pitoresco e movimentado, cheio de enormes barcaças, ora descarregando as mercadorias que vinham do interior, ora recarregando-as para o transporte até Tutóia ou Amarração, os portos marítimos por onde se processava a exportação do Estado. Subindo ou descendo o rio, passavam constantemente os ‘gaiolas’, rebocadores de todos os tipos, grandes e pequenos, arrastando atrás de si uma procissão de barcos, lotadas ao máximo, as águas do rio lambendo as bordas da coxia. Ou cruzavam barcas isoladas empurradas pelos vareiros hercúleos, com suas enormes varas apoiadas no peito. E passavam também os veleiros, que vinham do Maranhão e do Ceará; as canoas que iam para as fazendas vizinhas cheias de gêneros; as lanchinhas de esporte, velozes, em que os filhos dos coronéis e dos exportadores disputavam corridas, ou apostavam para ver quem passava de fino numa barcaça que descia o rio.³⁵⁷

³⁵⁵ SILVA, 2012, p. 53-54

³⁵⁶ Renato Pires Castelo Branco nasceu em Parnaíba (PI) em 1914. Formado em Direito pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil em 1937. Destacou-se como publicitário, sendo um dos fundadores da Associação Paulista de Propaganda (APP) e da Escola de Propaganda do Museu de Arte de São Paulo. Como escritor, Renato Castelo Branco publicou mais de vinte obras de temas que vão do romance histórico a livros de memória, entre eles: *O Piauí: a terra, o homem, o meio* (1970); *Tomei um ita no Norte* (1981) e *O rio mágico* (1987). Renato Castelo Branco ocupou a cadeira n.15 da Academia Parnaibana de Letras (APAL). Cf.: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de letras*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2000. p. 426-427.

³⁵⁷ CASTELO BRANCO, 1981, p. 20.

O movimento do cais, descrito por Renato Castelo Branco, os gaiolas, rebocadores de todos os tipos, a procissão de barcos ilustram o intenso trabalho dos homens no cais. São múltiplas as expressões de masculinidade que se dão de diferentes formas com base nos requisitos de cada ofício. Assim, a construção das masculinidades relaciona-se com o lugar ocupado por esses homens na sociedade e a profissão que exercem.

A representação do corpo masculino no espaço do cais é constituída de dois grupos. O primeiro compreende o corpo forte, resistente, sempre remetendo ao trabalho árduo no cais, como, por exemplo, a atividade do vareiro, descrito com a vara apoiada ao peito impulsionando a balsa, os carregadores de carga do barco ao armazém e vice-versa, todos com sua faca presa na cintura. O segundo realça a alegria e a honra no exercício das atividades citadas, por exemplo, a alegria com que suportava a vida difícil e a responsabilidade com os compromissos firmados.

A historiografia³⁵⁸ a respeito da construção e representação das masculinidades ressalta a existência de modelos afirmados e desejados, tidos como ideais, no corpo forte e na honra, bem como aqueles inadequados à conduta masculina, como os ébrios e os vagabundos. Nota-se que as masculinidades possíveis não são necessariamente reais, mas, sim, construções que se contrapõem, que enfatizam virtudes ou defeitos. Como exemplo, é possível destacar a valorização do trabalho e a reprovação daqueles que não possuem ocupação.

Observa-se que o cais codificou uma masculinidade diferente daquela aceita na cidade, associada não somente à força e à resistência. O local, marcado pela prostituição, representa modelos distintos de conduta para homens e para mulheres, que fugiam do modelo respeitável e virgem, cogitado e exigido entre as mulheres de famílias abastadas. O cais, nesse caso, é entendido como lugar de contradição, especialmente se comparado ao centro.

As descrições do físico, da força e das marcas pelo corpo funcionavam como uma forma de reconhecimento. A masculinidade, nesse contexto, parece inscrita no corpo, nas marcas do trabalho, nos braços e no peito, o que constitui uma encenação, onde a expressão de masculinidade é o corpo, expressando sua capacidade de sobrevivência. Não é o vestir, o

³⁵⁸ Consultamos especialmente: ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Tetralogia piauiense*. Teresina: FUNDAPI, 2008.; CASTELO BRANCO, Renato. *Tomei um ita no norte: memórias*. São Paulo: LR Editores, 1981. ;SILVA, Josenias dos Santos. *Parnaíba e o avesso da belle-époque: cotidiano e pobreza: 1930-1950*. 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.; PASSOS, Caio. *Cada rua sua história*. Parnaíba: IOCE, 1982.; LIMA REBELO, Goethe Pires de. *Tempos que não voltam mais: crônicas sobre a Parnaíba antiga*. s.n.t.; SOUZA LIMA, Raimundo. *Vareiros do Parnaíba e outras histórias*. Parnaíba: Fundação Cultural do Piauí, 1987.

comportar-se ou as relações familiares que forjam a masculinidade do homem pobre, mas a comprovação através do corpo de sua disposição para o trabalho.

Raimundo de Souza Lima e Assis Brasil evidenciam uma multiplicidade de valores masculinos em seus escritos, considerando as particularidades de cada um. Há momentos em que o corpo magro e esguio é festejado e descrito como forte, admirado por sua resistência em condições que aparentam ser desfavoráveis. Portanto, é evidente que tais descrições se opõem à ideia de masculinidade atrelada apenas ao corpo forte, que se subentende como produto da rotina de trabalhos pesados do cais.

Na apresentação do livro *Vareiros do rio Parnaíba e outras histórias*, Raimundo de Souza Lima esclarece as pretensões do livro: “A de lembrar fatos e episódios marcantes passados no decorrer de mais de meio século em Parnaíba”.³⁵⁹ Trata-se das reminiscências de um menino pobre, comum, criado em meio aos afazeres domésticos, apresentando um panorama do que foi a beira do cais em Parnaíba. Ele apresenta a figura do vareiro, o que vestia, o que comia e o vaivém de suas barcas pelo rio. Dá ênfase ao desgaste físico, causado pela frequente exposição ao sol. Antes da embarcação a vapor, o vareiro era a força que impulsionava as embarcações até o meio do rio Parnaíba. Souza Lima destaca as dificuldades enfrentadas pelos vareiros em seu cotidiano de trabalho e reconhece que foi uma das maiores injustiças já feitas ao homem serviçal daquela época³⁶⁰

Na beira rio de Souza Lima, a expressão de masculinidade do vareiro “eram as marcas do varejão, alguns ostentavam as marcas, outros iam a óbito. Era o ‘sinal’ do machismo que levava a peito por uma vida de sacrifícios”.³⁶¹ O personagem Miguel Umbigo, representante dessa profissão, fazia viagens a Floriano, enfrentava no verão o assoreamento do rio e no inverno “era como se o indivíduo viajasse para o inferno, com a vara no peito, chuva nos lombos e mais um dilúvio de muriçocas para chupar o sangue do cristão na escuridão da noite”.³⁶²

Assis Brasil também enfatiza a força e a resistência dos homens do cais. Sobre os carregadores, afirma que: “Cada um tinha sustância de dois, carregando o dia inteiro saca de arroz, fardo de algodão, quatro arroba de carnaúba de uma vez. Um ou outro, de vez em quando, não aguentava o rojão, ficava cuspidando sangue por aí”.³⁶³

³⁵⁹ SOUZA LIMA, Raimundo. *Vareiros do Parnaíba e outras histórias*. Parnaíba: Fundação Cultural do Piauí, 1987.

³⁶⁰ SOUZA LIMA, 1987, p. 16.

³⁶¹ SOUZA LIMA, 1987, p. 16.

³⁶² SOUZA LIMA, 1987, p. 16.

³⁶³ ASSIS BRASIL, 1965, p.

Em *Beira rio beira vida*, Assis Brasil pouco sublinha a sexualidade masculina, ao passo que destaca a prostituição e as mulheres do cais. No entanto, o romance não considera aspectos como a virilidade no âmbito sexual como atributo masculino. O escritor caracteriza a masculinidade relacionada à força do trabalho, à modernização e à exploração. Ao apresentar a personagem Luíza, prostituta assim como sua mãe e sua avó, enfatiza o diálogo entre ela e um parceiro/cliente:

‘Você tão nova nessa desgraça [...] quanto tempo você esta na vida?’.
‘Desde que nasci, ora’. Eles achavam graça, se sentiam superiores. Era bem isso: eles se sentiam superiores, por que simplesmente a usavam, ou viam que existia gente mais miserável na sua trilha.³⁶⁴

Escrevendo sobre a modernização em Parnaíba e a miséria do cais, Assis Brasil revela formas de poder entre homens e mulheres. O romance não faz referência ao desempenho masculino no sexo, mas às suas condições de sobrevivência. Ao homem é atribuída uma superioridade afirmada, associada ao trabalho, ao dinheiro e à força no que diz respeito ao convívio com os outros homens. Já a mulher é representada com o corpo atraente, sua sexualidade significando meio de prazer, força e sobrevivência.

Detalhando a vida da personagem Cremilda, mãe de Luíza, Assis Brasil descortina a masculinidade quando coloca em evidência a prostituição, mas não se detém no desempenho sexual masculino ou seu desejo pelas personagens femininas. Em um diálogo com a filha Luíza, a personagem Cremilda revela: “Você viu, Luíza, aquele mulato alto? Quase me matou, o desgraçado”.³⁶⁵ A busca pela virilidade, o que diz respeito à potência sexual, foi uma preocupação relatada, de forma mais frequente com relação aos homens do centro da cidade, nos modelos desviantes. Há também os relatos que apresentam a preocupação dos rapazes com a primeira noite, que revelam a participação do pai da iniciação sexual do filho, isso somado ao vestir, ao andar, ao gesticular e à oratória, que eram atributos do masculino para um bom casamento.

No cais, os homens não são enfatizados por suas conquistas amorosas ou preocupações com a primeira noite. As narrativas enfatizam a frequência destes nos cabarés e bares da região, ignorando ou naturalizando seu apetite sexual. Nas descrições da presença dos homens da beira rio nos cabarés, o elemento enfatizado é a sua força, não para o trabalho, nesse caso, mas voltado para a violência. Goethe Pires de Lima Rebelo destaca a presença dos homens do cais nos cabarés Cai-Nágua e Sonho Azul:

³⁶⁴ ASSIS BRASIL, 1965, p.

³⁶⁵ ASSIS BRASIL, 1965, p.

[...] Localizados à beira do rio, frequentados pela escória da comunidade. A má fama de ambos era terrível. Destinavam-se, primordialmente, a danças e bebidas. Suas brigas de faca nos forrós de sábado à noite, não raro terminavam em morte de um ou mais contendores, cujos corpos atirados ao rio passavam boiando em frente ao Porto Salgado, na manhã seguinte. Daí o nome adequado de um deles: Cai-Nágua. O Sonho Azul só era menos ruim no nome, pois os dois igualavam-se em suas mazelas.³⁶⁶

Mais do que uma descrição dos cabarés, o que se percebe é a representação de um homem como não preso a paixões ou mesmo ao sexo. A ida aos cabarés é destacada como um exemplo de disputa entre homens. Era um local onde as brigas entre eles eram comuns, e a violência é observada através das mortes como resultado final dessas disputas.

O estudo da masculinidade inclui certa dificuldade para separar da modernidade o atraso, visto que “homens letrados e analfabetos, talhados a pena ou a navalha, atestaram uma verdadeira pluralidade dos perfis masculinos em vigor”.³⁶⁷ Em Parnaíba, os moradores do cais são descritos portando uma faca na cintura, eram homens que trabalhavam ali, nos armazéns, donos de balsas, na navegação a vapor e os que viviam de bicos.

Os diferentes perfis de coragem ficaram em evidência com as modificações urbanas, pois “as emboscadas e navalhadas continuaram comuns, mesmo o burguês querendo justamente não ser confundido com tais enfrentamentos”.³⁶⁸ Assim, “a própria exibição do destemor encontrou novos meios de ser garantida publicamente”³⁶⁹ mesmo no final do século XIX, com a imagem de um homem urbano, letrado e burguês, conquistando crescente espaço. No cais, os perigos enfrentados eram meios de demonstrar destemor e força.

A representação dos corpos masculinos no cais, corpos marcados pelo trabalho, queimados do sol, aparecia na comparação como feras, e como gigantes que enfrentam todo dia uma batalha. A masculinidade no cais estava em relevo nos perigos do rio e da noite e, no portar a faca na cintura, e mesmo no recurso às rezas e às lendas. Nesse contexto, as rezadeiras “serviam para a cura e fechar o corpo do enfermo, em casos de ferimentos à faca ou cacete”.³⁷⁰

Souza Lima ressalta as intensas brigas dos vareiros com policiais por causa de prisões arbitrárias, geralmente por motivo fútil. Estivesse o vareiro embriagado ou não, estava a salvo, uma vez que conseguia o salvo-conduto cedido pela Capitania: “O gracejo do porco,

³⁶⁶ LIMA REBELO, 19?., p. 55.

³⁶⁷ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (Org.) *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 247-248.

³⁶⁸ SANT’ANNA, 2013, p. 247.

³⁶⁹ SANT’ANNA, 2013, p. 247.

³⁷⁰ SOUZA LIMA, 1987, p. 35.

resultava quase sempre do pagamento em dobro da carceragem no dia seguinte, ‘para aprender respeitar ortoridade (sic)’.³⁷¹ O dia seguinte era marcado por uma briga para lavar a honra do embarcadiço, este armado de porretes de pau ou de ferro e o soldado de facção pesado.

A cachaça é, aliás, um fator presente no cais, causando as prisões por embriaguez e também brigas. Lima destaca ainda que o hábito de beber cachaça era uma característica também do homem trabalhador:

De repente, vinha-lhe aquela vontade louca de virar o copo, para abrir as ideias. De fato, Maria Mulata já estava esperando a água com os dois vinténs e os quatro dedos de cachaça no copo. Era o pagamento do primeiro serviço do dia, por isso benzia-se com a moeda guardando-a no forro do chapéu. Muitos outros dois vinténs eram ganhos no correr do dia, só que, pouco antes do pôr do sol, vinha-lhe aquela tontice com enjoo no estômago, o que atribuía ao peso da lata na cabeça, nunca à cachaça.³⁷²

O alcoolismo, o jogo, o crime, a vagabundagem e a miséria eram apontados como causas diretas da degradação do homem, da sua família e da sociedade.³⁷³ A embriaguez recorrente descrita por Raimundo de Souza Lima, no entanto, é acentuada. Ele associa o problema a um personagem trabalhador, que parece não ser ciente do vício, o que torna possível concluir que os elementos que compunham a masculinidade estavam atravessados por conflitos, opondo o trabalho, ponto positivo, ao vício, causa da degradação do homem.

O personagem Chico Preto não desafia a ordem pública. Ele é descrito como um menino brincalhão, que levantava muito antes do amanhecer e se preocupava em cumprir a entrega da água em cada casa. Enquanto caracteriza Chico Preto como dependente da cachaça o escritor atribui isso ao serviço pesado e desgastante a que estava sujeito diariamente. Assim, torna a enfatizar a força, a determinação e o compromisso com o trabalho.

A força é colocada em primeiro plano. No entanto a invenção e apropriação da delicadeza nos homens do centro também aparecem nas descrições daqueles pertencentes ao cais. O homem viril perdia aquilo que sempre o definiu: rudeza e firmeza. As inquietações existem e se mostram. O termo viril, seja como for, permanece fortemente reivindicado,

³⁷¹ LIMA, 1987, p. 21.

³⁷² LIMA, 1987, p. 36.

³⁷³ MATOS, Maria Izilda Santos de. Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas (São Paulo: 1890-1940). *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, jan.-jun. 2007. p. 23-37.

ancorado nesses comportamentos, assumindo polidez e doçura. Virilidade indiscutível e triunfante, que encontrava na modernidade vias renovadas para se afirmar.³⁷⁴

No espaço do cais, onde muitos homens por outros meios se tornaram conhecidos e respeitados, a honra significou importante elemento para permitir a conquista do respeito e admiração, honra ligada ao comprometimento e não à violência. O estudo das masculinidades não se restringe a essa dualidade requinte e bravura. Caio Passos apresenta um morador do cais que consertava barcas e não possuía as “boas maneiras” à inglesa, cultuadas no centro da cidade. No entanto, o personagem não andava munido de uma faca ou com sacas de babaçu ou carnaúba na cabeça. Assim, são enaltecidas suas habilidades e o importante ofício que dominava, bem como o respeito com que honrava seus compromissos, tornando-o vencedor dos desafios de masculinidade do cais. Além da honra, esse homem representa também a engenhosidade.

Caio Passos enaltece Domingos Leite, um exemplo dessas vias renovadas de masculinidade. Homem de origem humilde, foi homenageado nomeando uma rua no bairro Tucuns. Não frequentou escolas, mas era mestre em consertar barcas e canoas, “era o homem mais conhecido e mais falado da ribeira do ‘Velho Monge’. O movimento do rio rodava em torno do Mestre Domingos Leite”.³⁷⁵ No cais, elementos como trabalho e honra eram definidores da masculinidade, e Domingos Leite “era um preto de vergonha, gozava de muito conceito no comércio local. O fio de sua barba era um documento de honra”.³⁷⁶

Ele não era o único, pois no cais havia muitos como Domingos Leite. Esse abrandamento merecia o mesmo respeito conferido àqueles homens descritos por sua força e rudeza. As narrativas enaltecem também a alegria, destacando homens humildes que sabiam dominar o ambiente com humor. O memorialista Lima Rebelo, descrevendo os pobres em uma partida de futebol, destaca:

No outro lado do campo, ao nível do gramado, ficava a geral, frequentada pela classe pobre, ou segunda classe, que pagava metade do preço das arquibancadas e entrava por um portão aberto no muro do estádio. Era a parte mais alegre da torcida, tendo como seu rei, um preto forte e crítico inteligente, que punha apelido em todos os jogadores durante as partidas. Sua voz forte era ouvida por todo o estádio. Chamava-se Calebre.³⁷⁷

³⁷⁴ VIGARELLO, Georges. A virilidade moderna: convicções e questionamentos. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges [Dir.]. *História da virilidade: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 205-216.

³⁷⁵ PASSOS, 1982, p. 195.

³⁷⁶ PASSOS, 1982, p. 195.

³⁷⁷ LIMA REBELO, 19?., p. 63.

Para compor esse homem do cais, outro elemento importante é o vestuário e os adereços, que traduziam a posição social, o lugar ocupado e o ofício exercido. Renato Castelo Branco, ao apresentar a rotina do cais e o vestir dos trabalhadores, enfatiza a presença da faca:

No cais, quando os armazéns estavam abarrotados de mercadoria esperando navio para embarque, empilhavam-se, às vezes, ao ar livre, sacas de babaçu ou de carnaúba, fardos de algodão ou de jaborandi, ou peles de boi, cobertos com enormes encerados, como proteção contra as chuvas. *E entre as sacas e os armazéns, fervilhavam os estivadores, a catraia, os vareiros, os embarcações, só de tangas, pés descalços, tronco nu, uma faca marinheira pendurada na cintura, ou um grande punhal, o ‘espin’, que é sua arma, seu companheiro, seu tudo. À cabeça levavam um saco de estopa, ora em carapuça para proteger do sol e da chuva, ora em ‘rodia’ para amortecer o peso das cargas. E entre essa população inquieta, brincalhona, debochada, passavam em manga de camisa os empregados de escritório, lápis atrás da orelha, caderninho na mão, contando as mercadorias, controlando as sacas transportadas pelos estivadores, das barcas para os armazéns, dos armazéns para as barcas.*³⁷⁸ (grifo nosso)

Verifica-se o destaque para a arma como composição da indumentária do homem do cais, o que corrobora que a existência de brigas, emboscadas e rixas com a polícia eram acontecimentos comuns. Composto por casebres, ruas escuras e marcado pela embriaguez, o cais é representado como palco de muitos acertos de contas, muitas disputas de masculinidade. Um caráter másculo e viril era imposto com a força, habilidades com o trabalho e com a faca, ao passo que também revelava masculinidades negadas, “os ‘homens de mentira’, que eram, portanto, os choramingões, seres acometidos por tremedeiras visíveis diante da menor ameaça”.³⁷⁹

As descrições do vestuário são variadas: de calça e camisa, apenas calça, calça cortada no joelho, chapéu de palha. Márcia Pinna Raspanti, ao tratar da indumentária masculina no século XVIII, afirma que havia grande variedade no vestuário das classes mais baixas, de acordo com a ocupação e o local onde residiam. Tropeiros, pequenos comerciantes, negros forros, lavradores, vadios: cada um se trajava como suas parcas posses permitiam.³⁸⁰

No cais em Parnaíba, identifica-se também uma pluralidade no vestir: havia os moradores do cais que trabalhavam no centro, os que trabalhavam no próprio cais e aqueles que pelo rio se aventuravam. José Tobias Duarte, em *As balsas do Parnaíba*, ao observar o vareiro, descreve sua roupa e suas pretensões: “Nu da cintura pra cima, calças cortadas no

³⁷⁸ CASTELO BRANCO, 1981, p. 20

³⁷⁹ SANT’ANNA, 2013, p. 251.

³⁸⁰ RASPANTI, 2013, p. 190.

joelho, chapéu de palha de abas grandes, sonhava aquele pária, talvez com os forrós do ‘dois de ouro’ e com as mulatas de Floriano, para onde estava de partida”.³⁸¹

A vestimenta dos marinheiros e tripulantes também compunha o cenário do cais. Assis Brasil, a partir do personagem Nuno, descreve as diferenças no vestir de quem transitava pelo cais a negócios. Nuno foi a primeira paixão da personagem Luíza, que demonstra encantamento pela farda de marinheiro. No cais, Luíza observa Nuno descer de calça e camisa, o quepe azul de lado na cabeça, alto, os dentes bem alvos, perguntando pelo armazém dos Reis e gingando pelo cais.³⁸² Instalado ali, em seu navio, Nuno passou a usar roupas mais simples e logo Luíza cobrou:

‘Não tem farda completa, Nuno?’. ‘Não gosta de mim de calça e camisa, Luíza? Que vaidade é essa?’. ‘Os outros usam farda de botão dourado’. No dia seguinte ele – o primeiro, que não tardara – se apresentou numa continência, apumado, todo de azul, todo cheio de botão dourado, com aquele sorriso de olhos semifechados, o ar cínico e bom. ‘Pronto, Luíza, aqui está o seu oficial devidamente encadernado’. ‘Furtou a farda Nuno?’. Ele ficava melhor de calça e camisa escura, justa no peito largo, o quepe de lado da cabeça. Andava gingando, alegre para tudo, mas caladão.³⁸³

A indumentária cobrada pela personagem Luíza fez parte de toda a sua infância, pois sua mãe, a prostituta Cremilda, servia jantares no armazém para os marinheiros, que “sempre vinham jantar com a mesma farda bonita, tão branca, de botões dourados – a cadeira ao lado para não machucar o dólma, o quepe azul, o talabarte sempre brilhante”, “[...] eles tinham muita conversa e comiam tudo”.³⁸⁴

O cais revela simplicidade no vestir, tanto dos moradores, como daqueles que ali transitavam. O personagem Nuno desfilando de calça e camisa, outras vezes só de calça, não revela um cenário de pobreza, mas compõe o que Raspanti chama de aparente simplicidade.³⁸⁵ A partir do século XIX, de acordo com a autora, a elegância estava atrelada à postura. A vaidade masculina se apresentava mais sutil. Não havia tantas joias e adereços, mas regras rígidas que, se descumpridas, poderiam arruinar a imagem do homem perante a sociedade. No cais, essas regras rígidas se remetiam ao trabalho, quanto ao vestuário: “Para os pobres, a situação, contudo, ficou um pouco mais confortável, já que era mais fácil imitar as roupas da moda em tecidos mais simples e baratos”.³⁸⁶ Sobre a população do cais, Raspanti afirma que

³⁸¹ DUARTE, José Tobias. As balsas do Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 355.

³⁸² ASSIS BRASIL, 1965, p.

³⁸³ ASSIS BRASIL, 1965, p.

³⁸⁴ ASSIS BRASIL, 1965, p.

³⁸⁵ RASPANTI, 2013, p. 201.

³⁸⁶ RASPANTI, 2013, p. 201.

era “duas vezes maior que a de Parnaíba propriamente, vivia inteiramente em dependência da cidade – eram as empregadas domésticas, as lavadeiras, os meninos de recados, os carregadores de água e de lenha”.³⁸⁷

Havia lojas para atender as necessidades dos vareiros, como esclarece Souza Lima: “Quitanda-loja do seu Zé Fenelon, onde eram fornecidas mercadorias a centenas de embarcações, desde o fumo de mascar até as calças de brim Jofre com atracas de pano reforçado e de fivela de latão a moda de retranca que segura o cintão porta faca”.³⁸⁸ Para as atividades fora do rio, o vareiro vestia “calça de mescla ou de riscado grosso com camisa de meia de listrinha azul e branco”,³⁸⁹ para a cabeça e os pés, o gosto variava entre “chapéu branco de abas curtas viradas para cima e tamancos pesados, com rosto de sola ou de pele de bode curtida”.³⁹⁰ Quanto às características físicas, descreve o vareiro como forte, peito largo, braços cheios de tatuagem. Um item que todo vareiro usava era o cinto de sola grossa com fivela de latão, onde colocava a faca marinheira usada para sua defesa.

Por trás da aparente simplicidade dos trajes masculinos, inspirados na moda inglesa do século XIX, Raspanti destaca que, por outro lado, havia um severo ritual antes de sair em público.³⁹¹ Na Parnaíba das décadas de 1930 e 1940, o comércio principal de exportação e importação era centralizado nas casas inglesas e francesas. A Casa Inglesa, em especial, agregava um grande número de trabalhadores, muitos deles moradores do cais e suas imediações.

O fluxo comercial da Casa Inglesa e dos homens que vieram para a cidade de Parnaíba influenciou o modo de vestir. O solar da Casa Inglesa ao fim da Rua Grande, atual Avenida Presidente Getúlio Vargas, bem próxima ao cais e aos grandes armazéns ali existentes significavam, segundo Carlos Araken: “Um toque britânico de classe em nossa cidade”.³⁹² No contexto da modernização em Parnaíba, os casebres pontuavam a beira do cais ao lado dos armazéns. Os trabalhadores da região conviviam lado a lado com as novidades, os novos gostos, as novas formas de vestir.

Dentre as mercadorias recebidas pela Casa Inglesa, produtos tipicamente ingleses, registrados no Diário da Casa em 1875, nota-se uma grande variedade de tecidos: madapolão, chita larga, morim, algodãozinho, musseline, marroquim, bretanha, cambraia, riscado xadrez

³⁸⁷ CASTELO BRANCO, 1981, p. 20-21.

³⁸⁸ LIMA, 1987, p. 16.

³⁸⁹ LIMA, 1987, p. 16.

³⁹⁰ LIMA, 1987, p. 16.

³⁹¹ RASPANTI, 2013, p. 201.

³⁹² ARAKEN, 1988, p. 79.

e brim liso, entre outros, além de artigos masculinos como chapéu do Chile, camisas e meias de homem e objetos em ferro como facas.³⁹³ Maria Cecília Silva de Almeida Nunes,³⁹⁴ lembrando Parnaíba do início do século XX, destaca homens, mulheres, jovens e crianças transitando pelas ruas da cidade, visitando as lojas e olhando suas vitrines que exibiam produtos europeus, que eram principalmente de Liverpool e Amsterdã. Sedas, casimires, linhos, perfumes, espelhos, chapéus, sapatos, relógios de parede, cristais, porcelanas, bebidas e outros produtos incitavam o consumo dos parnaibanos, do centro e do cais. Abaixo fotografia dos funcionários da Casa Inglesa:



Figura 34: Gerente, esposa e funcionário (as) da Casa Inglesa em Parnaíba. Fonte: CUNHA, Alda. O rádio – super-maravilha do século. In: *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 14, 1937, p. 147.

Ao apresentar a fotografia, a articulista comenta:

Celso Augusto de Moura Nunes, do nosso alto comércio, no dia do seu aniversário natalício, tendo a direita a sua Exma. esposa D. Maria Clark Nunes, fotografados no momento em que recebiam a visita de felicitações dos empregados da Casa Inglesa. Celso Nunes, sobre ser um cavalheiro de fino trato e figura representativa no nosso meio social é igualmente um dos nossos apreciáveis intelectuais.³⁹⁵

Observam-se, nessa imagem, os funcionários da Casa Inglesa, com roupas que não destoam das vestimentas de seus patrões. Talvez a diferença esteja na qualidade do tecido.

³⁹³ REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes da cidade de Parnaíba*. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 163.

³⁹⁴ NUNES, 2006, p. 335-360.

³⁹⁵ CUNHA, Alda. O rádio – super-maravilha do século. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 14, 1937, p. 147.

Celso Nunes na foto apresenta-se com trajes despojados, sem ornamentos, cores vivas ou outros excessos. Assim, é possível constatar a adequação dos padrões das vestimentas adotadas pelas famílias abastadas aos limites impostos pelas questões financeiras, uma vez que os funcionários baratearam seus trajes, utilizando tecidos menos nobres.

Durante o século XIX, a Inglaterra passou a ser a maior referência em termos de moda para os brasileiros senhores que se desejavam elegantes.³⁹⁶ Em Parnaíba das décadas de 1930 e 1940, aconteceu processo semelhante àquele que se deu no Rio de Janeiro no início do século XX: transitar na cidade exigia requisitos de roupa e higiene para todos os homens. Os anúncios no *Almanaque da Parnaíba* evidenciam o fervilhar de novidades.

Os homens que trabalhavam na Casa Inglesa e em outras casas comerciais no centro eram retratados trajando calça, camisa e sapato social, reafirmando o que diz Nicolau Sevcenko sobre a transformação do espaço público e a exigência do terno para os homens e a condenação³⁹⁷ dos descalços em mangas-de-camisa que não combinavam com o novo cenário carioca. Quanto aos hábitos modernos no Brasil, de acordo com Sevcenko: “A única tentativa de aprimoramento do gosto que parece ter tido resultado é a que se refere à moda”.

A esse respeito, as fontes sobre Parnaíba são reveladoras dessas masculinidades que apresentam perfis que são diferentes da velha imagem masculina de indivíduo forte e machista. O surgimento do sujeito moderno teve suas implicações na descrição do homem do cais, que foi caracterizado também por suas sensibilidades e alegria. Esse caminho de análise de outras masculinidades possíveis ajuda a compor a compreensão do que era ser homem em Parnaíba e suas múltiplas facetas. Assim, é evidente que havia “uma diversidade de estilos ou tipos de masculinidade, cada um deles correspondendo a diferentes inserções dos homens nas áreas da política, da economia e da cultura”.³⁹⁸

Souza Lima destaca a dinâmica comercial do Porto Salgado com o rebocador Parnaibano trazendo couros, peles, algodão, semente e nozes oleaginosas, tais como mamona, babaçu e tucum, e também grandes fardos de folhas e raízes medicinais diversas. Assim como

³⁹⁶ RASPANTI, 2013, p. 197.

³⁹⁷ No Rio de Janeiro, a transformação do espaço público era regida por princípios como a condenação dos hábitos ligados à sociedade tradicional, a negação dos elementos da cultura popular, a política rigorosa de expulsão dos grupos populares, o que justifica a campanha vitoriosa da imprensa que levou a excessos inimagináveis como a criação de uma lei de obrigatoriedade do uso de paletó e sapatos para todas as pessoas, sem distinção. Cf.: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46.

³⁹⁸ CECHETO, Fátima Regina. *Violência de estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 56.

o Parnaibano, havia outros rebocadores e alguns gaiolas de passageiros que viajavam regularmente entre a foz do Igarçu e grande extensão do rio Parnaíba.

Essas viagens permitiam o comércio de artigos manufaturados e sal grosso com as populações localizadas a centenas de léguas distantes do litoral, dali trazendo os produtos primários, que eram “fonte de riquezas inestimáveis, cuja utilidade real só os compradores de países estrangeiros conheciam bem o seu valor no mercado internacional de transformação industrial”.³⁹⁹

Grande extensão da praia ficava logo tomada por um rol de coisas para se vender e comprar, ou para serem recebidas de presente de algum amigo. Souza Lima revela a alegria da meninada cujo interesse “estava exclusivamente nos ‘mandados’ que cada um esperava fazer por dinheiro”.⁴⁰⁰ Relata ainda a algazarra que as crianças faziam no rio, onde brincavam e lavavam os animais.

As perspectivas profissionais dos filhos dos homens pobres também são destacadas por Souza Lima. Desde cedo, um ofício deveria ser escolhido por eles. O personagem Antônio, filho de magarefe, escolheu ser marceneiro, seu irmão sabia que estava fora de cogitação continuar os estudos para um filho de magarefe e, sem muita convicção, afirmou querer ser mecânico. O autor apresenta os anseios do personagem e o ofício “era como um adeus à vida amena do menino pobre que sonhava acordado, cavalgando ginete fogoso em busca do país das maravilhas”.⁴⁰¹

Embora apreciando muito a vontade do filho de continuar a estudar, o pai disse com a firmeza que lhe era peculiar para ele começar logo a aprender a trabalhar, pois o ofício era acima de tudo o pão da vida. Com dez anos de idade, ele estava diante do galpão do parque ferroviário da Estrada de Ferro. Souza Lima ressalta as brincadeiras e a sanfona que tornavam o ambiente mais alegre no galpão onde os jovens socializavam e juntos exerciam o tornar-se adulto.

Em uma das crônicas de Raimundo de Souza Lima, publicada no *Almanaque da Parnaíba*, pode-se flagrar o cotidiano dos trabalhadores, o intenso movimento do porto, bem como as relações de trabalho e camaradagem adotadas por eles. Raimundo de Souza Lima percorre todos os espaços do cais do porto e descreve cada mínimo episódio de um dia de labuta na vida dos trabalhadores. O cronista apresenta este cenário:

Aqui, os armazéns completamente abarrotados de sacos de cera de carnaúba, amêndoas de babaçu, tucum etc., produtos do Estado, que vão ser

³⁹⁹ SOUZA LIMA, 1987 p. 27.

⁴⁰⁰ SOUZA LIMA, 1987, p. 29.

⁴⁰¹ SOUZA LIMA, 1987, p. 51

embarcados para o estrangeiro e portos nacionais. Ali, em frente, uma pilha de sacos de cereais parece querer impedir o tráfego dos aviões. Acolá, uma longa fila de homens corta em linhas sinuosas uma boa distância para vir depositar fardos de algodão em grandes alvarengas ao cais. É o trabalho. Dois ‘titãs’, junto a um lote de fardos de algodão, fazem uma demonstração desprezível das suas respeitáveis musculaturas. Estão afeitos àquele serviço. Suarentos, sujos, dizendo graçolas, músculos de aço contraídos pelo esforço violento ao levantar os fardos de 200 quilos, não se deixam, entretanto, abater pela fadiga do labor nem pela ardência do sol. Geralmente apupam-nos assim no momento em que lhes colocam na cabeça pesado volume: ‘desmancha essa cacunda, cabôco; tará pensando que isso é brinquedo de menina fême?’ (sic.). Em seguida, grita forte e demoradamente: ‘Te endireita cheio de volta’. E, assim, ora contando bazofias, ora sapateando, cadenciadamente, ao som do píforo furiosamente soprado por um embarcaçõ gordo, de pele lustrosa, seminu, heroicamente deitado numa rede de tucum menor do que ele, nos caibros de uma barca que se acha fronteira ao cais, os trabalhadores vão removendo para os porões das inúmeras embarcações surtas no porto, montões e montões de sacos, todos destinados a longínquas paragens: Hamburgo, Liverpool, Amsterdã, Nova York etc. [...].⁴⁰²

O amanhã para o vareiro era extensão do rio, o vigor da juventude somado à alimentação composta de carne seca gorda, feijão, pirão de farinha com tutano do corredor, fumo forte e, para festejar sua chegada, forró e cachaça. Ao mesmo tempo, as mulheres do cais ostentavam quantidade de filhos homens necessários “para continuarem produzindo novas gerações destinadas ao labor cativo do rio”.⁴⁰³

O cais e a cidade eram espaços que dialogavam e é possível verificar isso na própria existência de Raimundo de Souza Lima. Nasceu em Parnaíba em 1891, negro e de família humilde. Era autodidata e exerceu diversas atividades profissionais: foi operário, estivador, vendedor ambulante, ferroviário, contabilista, tradutor comercial, despachante e jornalista. Nesse último ofício, colaborou em diversos jornais da cidade inclusive no *Almanaque da Parnaíba*. Em 1938, foi apresentado por Benedito dos Santos Lima como grande promessa das letras locais, como é possível observar a seguir:

Estreou este ano, como colaborador deste anuário, o jovem parnaibano R. Souza Lima, cuja inteligência muito promete às nossas letras. Queremos com estas publicações e estampando o clichê do neo escritor piauiense em nossas colunas, incentivá-lo, tendo em vista que, assim como Souza Lima fala corretamente a língua de Milton sem ter recorrido a professores, bem pode, dentro de poucos anos, ser um dos nossos maiores literatos.⁴⁰⁴

⁴⁰² SOUZA LIMA. Porto Salgado, laborioso e pitoresco. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 15, 1938, p. 69-73.

⁴⁰³ SOUZA LIMA, 1987, p. 16.

⁴⁰⁴ COLABORADORES. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 15, 1938, p. 283.

Acima desse anúncio, estava a foto do colaborador, descrito como “um negro sabido, leitor de jornais, conhecedor de filólogos e gramáticos e que, de conviver com os Clark e os agentes da Casa Inglesa, terminara por aprender o inglês com esforço próprio”.⁴⁰⁵ Menino pobre do bairro São José, autor de *Vareiros do Parnaíba e outras histórias*, Lima, em seu livro e nas suas crônicas, apresenta a cidade de Parnaíba, as misérias de uma cidade no auge do extrativismo. Seus personagens são figuras marcantes que povoaram o cotidiano da cidade na época do apogeu da navegação fluvial em Parnaíba, em especial os vareiros, os bêbados, os estivadores e as prostitutas da beira do cais. Descreve as injustiças e o drama dos pobres que moravam ali. Ocupou a cadeira número 21 da Academia Parnaibana de Letras.

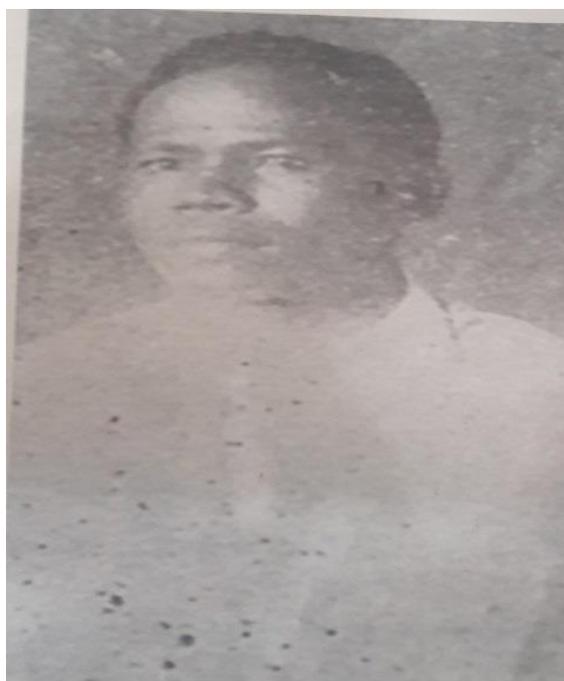


Figura 35: Raimundo Souza Lima colaborador no Almanaque da Parnaíba. Fonte: COLABORADORES. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 15, 1938, p. 283.

Homem negro e pobre, conseguiu respeito como escritor e deu forma ao cais através de suas descrições. Trouxe visibilidade à pobreza em Parnaíba, diferente dos muitos escritores parnaibanos de sua época que enalteciam a modernização da cidade, a beleza, o novo. Souza Lima trouxe o diferente, o feio, o sujo, sociabilidades que não eram civilizadas.

Assim, Raimundo de Souza Lima ilustra as múltiplas possibilidades de ser homem na sociedade parnaibana, seja através dos seus escritos, seja através de seu exemplo enquanto homem pobre que circula entre o cais e o centro de Parnaíba. É possível verificar que as masculinidades se constroem atreladas ao espaço social ocupado pelos indivíduos e também

⁴⁰⁵ SILVA, Josenias dos Santos. Um certo Raimundo. *O Bembém*, Parnaíba, ano 7, n. 76, 2014, p. 6.

pelo contato com outras maneiras de vivenciar a cidade, o trabalho, as aproximações com o sexo oposto, as relações familiares, o lazer e as responsabilidades assumidas. Constatam-se as trocas culturais efetivadas entre os diferentes ambientes de Parnaíba e entre as diversas camadas da sociedade.

5 A HISTÓRIA ESCOVADA PELA FICÇÃO

Através do viés literário este capítulo apresenta as vivências de homens e mulheres na cidade de Parnaíba, analisando os romances *Beira rio beira vida* (1965),⁴⁰⁶ *A filha do Meio-Quilo* (1966),⁴⁰⁷ que permitem conhecer a sociedade parnaibana e identificar a presença das mulheres e dos homens pobres circulando pela cidade. Os romances revelam uma cidade subjetivada ao tratar o viver das mulheres pobres, das prostitutas, dos trabalhadores que moram à beira do rio e ainda as suas relações nos diferentes espaços da cidade. É através da trajetória dos personagens que se evidenciam os ideais de modernidade e civilidade.

Os romances *O salto do cavalo cobridor* (1968)⁴⁰⁸ e *Pacamão* (1969)⁴⁰⁹ são analisados para apresentar as masculinidades, pois retratam de modo ímpar o período em que Assis Brasil vivenciou a sociedade parnaibana e ressaltam aspectos das masculinidades pelo viés submissão-dominação, enfatizando a construção das identidades masculinas e sua relação com o cotidiano social.

5.1 As ocupações, os prazeres e as dores das mulheres pobres na ficção de Assis Brasil

Para identificar como a mulher parnaibana das décadas 1930 e 1940 foi representada por Assis Brasil recorre-se ao romance *A filha do Meio-Quilo* (1966). Através da personagem Cota, o autor descreve a mulher pobre, seus costumes, os signos sobre seu corpo e o comportamento nesse cenário de transformações. O romance evidencia a independência da personagem em relação à cidade. Essa imagem, no entanto, leva imediatamente à comparação com as mulheres da noite.

Ganham destaque no romance as representações da cidade acerca das práticas de Cota, apresentando como foco as etapas da sua vida à medida que namora, casa e enviúva. Desse modo, diversos personagens surgem, em mais de uma categoria, de acordo com as mudanças de situações no transcurso de sua vida cidadina e familiar.

O ideal de submissão feminina ao modelo de conduta social de mulher jovem nesse romance difere do modelo do outro romance de Assis Brasil, *Beira rio beira vida* (1965).

⁴⁰⁶ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Beira rio beira vida*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965.

⁴⁰⁷ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *A filha do Meio-Quilo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

⁴⁰⁸ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *O salto do cavalo cobridor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968.

⁴⁰⁹ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Pacamão*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1969.

Nesse último, a personagem Mundoca apresenta mais desilusão que encantamento pela cidade; não luta, não esboça resistência, sempre com o vestido frouxo, as novidades do primeiro emprego virando queixas. Cota, ao contrário, estava sempre em busca de perspectivas. Ao mesmo tempo em que reconstrói histórias vividas por jovens que não pertenciam a famílias abastadas, também mergulha na cidade e desfruta da modernização dos espaços, de luz elétrica, dos veículos motorizados, do cinema, dos bailes, dos passeios à praia de Amarração.

O romance *A filha do Meio-Quilo* apresenta o caráter múltiplo da cidade, perceptível no transitar de Cota pelos espaços citadinos. A cidade ganha voz com uma moradora anônima de Parnaíba que acompanha a história da filha do Meio-Quilo e representa o olhar da cidade sobre ela. O enredo tem início com a descoberta da ossada de Tomás, enterrado há 15 anos no quintal de casa pela esposa Cota. O casal já despertara agitação na cidade, pois Tomás era o jovem “viajado” que casara com “aquela mulher desfrutável”. A família de Cota tinha uma barraca de frutas e verduras e outros gêneros alimentícios. Ela atendia no tabuleiro de abacate, o pai no de verduras e a madrasta pesava a farinha, o arroz e o feijão.

Sua vida se repetia naquela barraca. No dia seguinte, ela estaria vendendo abacate e no mês seguinte, e no ano seguinte. Nas entressafras de murici, o pai negociava a mercadoria que encardia as unhas de Cota ao medir litros e litros. Sua vida na adolescência eram o balcão e as queixas:

Minha mãe é quem conta que dona Cota (Cotinha), então com treze ou quatorze anos, não tinha se interessado ainda por nenhum rapaz. Talvez se sentisse envergonhada de olhar ou pretender algum – o vestido de chita, as unhas encardidas e as pernas bambas tiravam-lhe qualquer ímpeto mais declarado. Ou se achasse tímida ou sem assunto para uma conversa. Ou no íntimo temesse não interessar, não despertar rapaz algum. Só quando o filho de seu Josias, que estudava para padre, chegou, e o pai deu-lhe uma motocicleta, Cotinha ousou levantar os olhos. Ricardo usava batina e cabelo escovinha.⁴¹⁰

Assis Brasil apresenta a partir Cota, além do cenário do mercado e seu intenso movimento, um espaço sexuado em que homens e mulheres se encontram, se evitam ou se procuram. O espaço ao mesmo tempo a regula e a exprime, a torna visível. O seu corpo e seu sexo são observados e discutidos. Cota, à medida que conhece a si mesma, seus desejos, as primeiras manifestações de sentimentos, as primeiras sensações, torna-se um modelo a não ser seguido pelas moças das famílias abastadas. Temem-se as suas atitudes, por conseguinte sua intrusão na cidade através de Ricardo. Ela deveria ficar no mercado, exercer sua vocação em

⁴¹⁰ ASSIS BRASIL, 1966, p. 49.

benefício da ordem da cidade.

Ricardo, o primeiro rapaz a se aproximar de Cota, comprava abacate na barraca de Nhozinho e aproveitava para tentar um início de conversa com Cota, ela já com os cabelos arrumados, um breve sorriso, mas o queixo enterrado no busto. Os fregueses comentavam que “com a grande quantidade de abacate que ele consumia, em breve estaria na zona das mulheres, com batina, com motocicleta e tudo”⁴¹¹ e logo, toda a cidade comentava que Cota estava “virando a cabeça do seminarista”.⁴¹²

A barraca de frutas era agora interessante, e Cota chegava mais cedo e mais disposta para trabalhar, esperando a voz e a batina de Ricardo para desenterrar o queixo do busto. Quando a batina já estava surrada e a moto quase aos pedaços, era o fim das férias de Ricardo. Era o fim dos dias alegres de Cota. Para a cidade, seria o fim daquela vergonha nas barbas do Padre Gonçalo e das famílias de respeito. A cidade se questionava “por que Ricardo, um rapaz rico, e além do mais seminarista, fora escolher aquela maltrapilha para conversar? E logo na rua”.⁴¹³

Ricardo escrevia semanalmente para Cota, o que “intrigava os fiscais gratuitos de sua vida”.⁴¹⁴ Fora sacrifício ler as primeiras notícias, estudava no grupo escolar de Dona Olinda. Má aluna, ela se esforçava para entrar para a cidade letrada e pouco depois se transformara na primeira aluna em composição e português. Assim, perguntava-se: “Por que aquele povo não a ignorava? Estava marcada por algo, sentia ainda que só fosse a marca de um meio ou de um grupo”.⁴¹⁵ A marca da qual Cota se queixa é a primeira investida de Padre Gonçalo contra ela: quando criança fora acusada de roubo por apanhar uma lata de biscoito na rua que em seguida devolveu aos meninos que lá brincavam. Tal referência caluniosa marcou Cota e suas atitudes. Durante a adolescência, foi separada do amigo seminarista, Ricardo, pelo mesmo padre.

O cotidiano⁴¹⁶ de Cota começa a ser sentido: um ano se passara e ela já estava maior que o pai, os vestidos já não andavam soltos pelo corpo, apertava-os na cintura; maquiava-se discretamente, algumas espinhas já apontavam em seu rosto. A referência caluniosa de Padre Gonçalo ganhava força à medida que Cota se desenvolvia e se arrumava. Ela roubava para si

⁴¹¹ ASSIS BRASIL, 1966, p. 50.

⁴¹² ASSIS BRASIL, 1966, p. 50.

⁴¹³ ASSIS BRASIL, 1966, p. 48.

⁴¹⁴ ASSIS BRASIL, 1966, p. 53.

⁴¹⁵ ASSIS BRASIL, 1966, p. 53.

⁴¹⁶ De acordo com Maria Izilda Santos de Matos, “cotidiano é entendido como o universo de tensões e movimento em que se multiplicam formas peculiares de resistência e luta, de integração e diferenciação, e de permanência e transformação. Não é excluída a possibilidade de mudança, esta é vivenciada de diferentes formas”. Cf.: MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002.

um espaço que incomodava. Seu comportamento era diferenciação, luta. Cota conversava com bastante desembaraço com os fregueses de frutas que constantemente a interrogavam:

‘Por onde anda o maluco do padreco?’, respondia com naturalidade: ‘Está estudando para padre’. Outros insistiam: ‘Será que ele não quer te namorar?’ E ao responder, encarando-os, ‘Ricardo é meu melhor amigo’, sentia que ninguém acreditava em suas palavras. Preferia mudar de assunto, quando o assunto era Ricardo: ‘Qual, aquele padreco não se ordena’.⁴¹⁷

Ninguém entendia o comportamento de Ricardo. O jovem padre rico às voltas em uma motocicleta, a amizade com a maltrapilha Cota e com os barqueiros, as longas conversas nas esquinas com os rapazes mais irresponsáveis, tudo isso era suficiente para a cidade se convencer de que Ricardo não se ordenaria. Durante todo o ano, na ausência de Ricardo, Cota não se interessara por nenhum outro rapaz, embora alguns já começassem o ataque. Desapontados, espalhavam pelas famílias: “Ela tem topete, quer é botar Ricardo no mau caminho”.⁴¹⁸ Outros comentavam em novo tom: “Cotinha tem é vergonha dos rapazes”.⁴¹⁹

O ano se passara, e Ricardo chegou para as férias. Com a batina limpa, estava gordo, o cabelo ainda mais baixo e sem a motocicleta. Toda a cidade esperava pelo dia em que ele fosse falar com Cota na barraca do mercado. Dois dias se passaram, e Ricardo, ao sair da igreja, seguiu em direção à barraca de Nhozinho de cabeça baixa, concentrado, tão diferente do seminarista que há um ano havia infernizado a cidade com o barulho de sua motocicleta. Todos acreditavam que Ricardo “ia acabar de vez aquela perigosa e descabida amizade”.⁴²⁰

Cota quase saltou do balcão quando viu Ricardo. Abraçaram-se no meio da rua com uma plateia estupefata. Ele a beijou na testa, ela o beijou nas mãos, trocaram algumas palavras e seguiram para a praça do mercado. Ricardo continuou a voltar ao mercado, agora a pé, a motocicleta abandonada. Quando o descobriam naquela direção, diziam: “Lá vai o padreco para o namoro”, “lá vai o seminarista assinar o ponto”, ou “lá vai o cabeça virada”.⁴²¹

Nos termos de Cota:

Ricardo era um bom homem, como Tomás. Compreensivo. Nunca teve outras intenções para comigo – as intenções que essa gente mesquinha forjava. Tampouco eu quis desencaminhá-lo. Aproximou-se de mim, como se aproximou de todas as pessoas que ele julgava desamparadas em Parnaíba – por isso tinha aquela moto para visitar os subúrbios. O senhor há de pensar que eu tinha mãe e pai; ou madrasta e pai, que me davam tudo. Mas não sabe que eles raramente conversavam comigo ou discutiam os meus problemas. Eu tinha problemas, padre. E tinha medo. Sei que ninguém entendia a

⁴¹⁷ ASSIS BRASIL, 1966, p. 52.

⁴¹⁸ ASSIS BRASIL, 1966, p. 53.

⁴¹⁹ ASSIS BRASIL, 1966, p. 53.

⁴²⁰ ASSIS BRASIL, 1966, p. 53.

⁴²¹ ASSIS BRASIL, 1966, p. 51.

amizade de Ricardo por mim, porque só viam o lado de suspeita. E nunca descobriram ou tentaram descobrir as peregrinações que ele sempre fazia aos bairros pobres. Por ali havia outras meninas como eu, não desamparadas, mas sozinhas. Ele gostava das crianças e dos adolescentes. Tinha uma pena medonha dos adultos que não sabiam ler.⁴²²

A conduta de Ricardo ganha destaque quando, junto com Cota, decide romper com o projeto preestabelecido e na condição de jovem rico abraça a pobreza parnaibana, trabalho inaceitável para muitos. Além das conversas com Cota e sua família, estabeleceu contato com famílias menos favorecidas. Era evidente a certeza de que, quando se ordenasse, moraria em Parnaíba para cuidar de sua mãe e principalmente porque desejava viver em sua terra natal e unir a cidade como uma única família, sem ódios, sem mentiras. Algumas pessoas perguntavam a Nhozinho o que Ricardo queria dizer por famílias menos favorecidas, e ele “como se falasse para alguns barraqueiros e pescadores disse: ‘famílias como a nossa’”.⁴²³

A atuação de Ricardo como padre em Parnaíba durou apenas uma missa. A igreja matriz estava lotada, e Cota ficou em um canto da igreja, de véu, cabeça baixa. A cidade inquieta especulava sobre suas pretensões, os cochichos se multiplicavam:

Sempre teve pretensões por toda a vida. Nunca se conformou em escolher um rapaz de seu meio. Quantos namorados arranjou no mercado? Nenhum, no meio daqueles tantos que a olhavam.⁴²⁴

A cidade não aceitou a maltrapilha na igreja matriz, não se misturariam. Aquela missa marcaria a vida de Cota, que se propusera a desafiar a cidade. Cota atribuía a Padre Gonçalo a culpa, a perseguição e o desejo de vingança:

Ricardo me escrevia, a cidade se exaltava, o senhor [Padre Gonçalo] indagava discretamente no confessionário o que afirmava por dentro: ‘tens recebido cartas, minha filha?’ Como dissesse apenas que sim, insistia: ‘tem recebido cartas imorais, minha filha?’ Nunca recebi cartas imorais em minha vida, Padre. Minha palavra não era bastante, a dúvida continuaria, até nova confissão vingativa: ‘veja se não esta pecando lendo aquelas cartas imorais’. ‘Que cartas?’. ‘As que sempre recebe’.⁴²⁵

Ricardo seria o padre popular, querido entre os mais pobres, preocupava-se com as misérias dos subúrbios. A alegria das primeiras férias e os projetos de Ricardo viraram tristeza quando da última vez descobriu que não seria ele quem batizaria gratuitamente os meninos do bairro Coroa, nem quem trabalharia contra a pobreza do cais. Ele confessou a Cota:

Sei que não cometerei falta alguma contando para você. O diretor do seminário recebeu uma carta de Padre Gonçalo. Nessa carta dizia que,

⁴²² ASSIS BRASIL, 1966, p. 53.

⁴²³ ASSIS BRASIL, 1966, p. 55.

⁴²⁴ ASSIS BRASIL, 1966, p. 55.

⁴²⁵ ASSIS BRASIL, 1966, p. 105.

embora esperasse ser nomeado para um posto mais elevado na diocese, com a minha designação para Parnaíba, sugeria devido às circunstâncias que passaria a relatar, que eu fosse escolhido para outra cidade. ‘Mas que circunstâncias eram estas, Ricardo?’. Uma delas, ou a única, era você, Cotinha; considerada por ele no caminho de Satanás.⁴²⁶

Padre Gonçalo atuava para uma minoria; cobrava altos preços por batizados e casamentos. Vivia de festas no meio de uma elite. Morava no bairro Nova Parnaíba, bairro de calçamento mais plano, ruas mais limpas e verdadeiros palacetes. Crescia ali outra cidade, a cidade modernizada, onde, de acordo com Ricardo, Padre Gonçalo não deveria estar:

[...] Sinto, Padre Gonçalo, que o senhor não devia estar ali, não devia ter carro, não devia ter uma casa de luxo, não devia batizar pelo preço que cobra para os grã-finos. Digo que não devia morar ali, ou poderia morar, mas com outras atitudes, com outra capa de apresentação. O senhor sabe que na Coroa os meninos não se batizam? Que no cais os meninos morrem de fome?.⁴²⁷

Aparecem na composição do romance diferentes temas do cotidiano, da vida das mulheres comuns, tais como o ressentimento, a violência, a dor, o sonho, a alegria, a solidão e a saudade. Assim, Assis Brasil desvenda a cortina que por vezes encobre o olhar do historiador para pequenos acontecimentos da vida humana. No romance, quando a vida e as atitudes de Cota vão ganhando visibilidade, apresenta a personagem imersa na solidão. Seu cotidiano é a casa e o mercado. A saudade, quando Ricardo tem que partir, destrinça questões sobre a sensibilidade do seminarista para com os pobres parnaibanos, os ecos dos cárceres, os moradores dos bairros da Coroa e do Cais, os barqueiros e os marginais.

Na cidade de Parnaíba, o crescimento econômico com o extrativismo incorporou um grande número de trabalhadores. A expansão urbana também possibilitou a incorporação de múltiplas e diversificadas experiências de trabalho ao cotidiano de homens e mulheres, mas nesse processo a exclusão também se fez presente. Ricardo atravessa esses espaços marginalizados, aproxima-se das famílias e dos jovens carentes, percorre os bairros da Coroa e do Cais, marcados pela presença de famílias humildes.

O romance promove a discussão sobre o lugar das mulheres comuns. Cota, já uma moça, após a partida de Ricardo, começa a despertar para os primeiros encontros. Ela começa a circular pelos espaços da cidade, a frequentar o cinema. No seu primeiro encontro na porta do Cine-Teatro Éden, com uma pequena bolsa e seu melhor vestido, a cidade estranhara sua presença ali.

Cota olhava os cartazes e a praça. Estava inquieta, era seu primeiro encontro

⁴²⁶ ASSIS BRASIL, 1966, p. 104.

⁴²⁷ ASSIS BRASIL, 1966, p. 99.

combinado com um homem; para outros, o segundo; aqueles que levaram em conta seus inúmeros passeios com Ricardo. Agora escolhera o ator de uma companhia de teatro, “o galã, um tipo alto e bem apessoado, pelo qual as mocinhas suspiravam”.⁴²⁸ Os espaços de sociabilidades que Cota escolhia frequentar eram destinados às mulheres de famílias abastadas: o cinema, o salão de chá e a igreja, por exemplo. As mulheres das classes populares deveriam circular na rua, no mercado e na lavanderia.⁴²⁹

A cidade reclamava que a filha do barraqueiro Nhozinho, a filha do Meio-Quilo, estivesse com o ator Samuel Torez. Especulava-se que naturalmente o galã era casado, tinha filhos, embora não usasse aliança, coisas de sua profissão. Pela primeira vez, Cota desfilou pela Praça da Graça de braço dado com um rapaz bem-vestido, cobiçado, e só então viram como ela havia crescido e se tornado uma jovem elegante e desejável. As descrições dos espaços no romance mostravam que a praça e o cinema eram espaços de sociabilidades que ultrapassavam a dimensão lúdica. As relações que lá se operam dão visibilidade às posições e lugares⁴³⁰ que cada um ocupava na sociedade.

Cota continuava na barraca do pai. Os vestidos de chita, as unhas encardidas, já uma moça, não suportava os questionamentos e sua vida exposta como as verduras. Ela não queria mesmo aquela vida, aquela barraca, desejava um ambiente limpo, “um emprego decente num escritório limpo, onde as pessoas se vistam direito e não se cheire aquela sujeira do mercado”.⁴³¹ Estabelece-se toda uma cadeia de imitação do ideário moderno, atrelado ao discurso higienista. Beleza e limpeza: dois pressupostos exigidos de todos na cidade, sem considerar que divergiam as condições financeiras. O cinema, teatro e o rádio difundiam essas ideias que formavam a cidade que Cota queria ocupar.

Cota desfilou pelos escritórios da cidade. Começou na Rua Grande. As portas se fechavam e ela, já com as pernas doendo, não sabia mais o que dizer, pois a resposta era sempre a mesma: “aqui é um escritório, não é casa de família”.⁴³² Alguns não empregavam moças, outros estavam com as casas lotadas. Só restava a Casa Duíno-Representações. Se não a deixassem entrar, provavelmente iria procurar emprego no lado baixo da cidade, nos bares

⁴²⁸ ASSIS BRASIL, 1966, p. 55.

⁴²⁹ Michelle Perrot, analisando as francesas no século XIX, identifica uma distinção entre as mulheres de famílias abastadas e as mulheres pobres, bem como os espaços destinados a ambas. Cf.: PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998. p.38.

⁴³⁰ Michel de Certeau faz uma distinção entre espaço e lugar. Lugar é a ordem, seja ela qual for, segundo o qual os elementos nas relações de coexistência se distribuem. Cf.: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 201.

⁴³¹ ASSIS BRASIL, 1966, p. 81.

⁴³² ASSIS BRASIL, 1966, p. 81.

na beira do cais.

Cota foi empregada por Godofredo como faturista. Havia aprendido a ler quando se esforçou para comunicar-se através de cartas com Ricardo. Não sabia datilografar, fazer cartas comerciais, não sabia o que era fichário, fatura e arquivo. Com exceção da máquina de datilografar, que aprendeu a usar em uma semana, o restante do serviço aprendeu em dois dias. Agora ela tinha seu dinheiro, vestia-se melhor e “os vestidos de fazenda barata e mal recortados iam desaparecendo de seu corpo”.⁴³³

A barraca do mercado fora relegada ao pai e à madrasta. Duas vezes na semana almoçava com Godofredo, gerente da loja, um homem jovem de cabelos grisalhos, o que levantava suspeitas. Assim, “mais uma vez, ninguém poderia encarar seu esforço pessoal honestamente. Ela concedia alguma coisa àquele homem, que começara dando-lhe um emprego e passara a pagar-lhe o almoço diário”.⁴³⁴

Godofredo, recentemente chegado à firma, estava instalado no bairro Nova Parnaíba, vivia sozinho e tinha uma arrumadeira que também lavava suas roupas. À tardinha, ao encerrar o expediente, ele aparecia ligeiramente na porta da loja com Cota, onde, depois de um aperto de mãos, se separavam. Cota descia a Praça da Graça em direção à sua casa, e ele seguia para o bar do Milton, onde jantava e ficava até tarde jogando bilhar ou baralho num quarto escondido.

Observavam que ele nunca descia, como alguns companheiros, para os cabarés à beira do cais. No começo, estranharam seu aparente descaso pela nova empregada, apenas um almoço diário e um aperto de mãos não eram suficientes para o interesse e dedicação de Cota. Enquanto ele jogava bilhar bebendo cerveja, ela desfilava sozinha pela praça, algumas vezes ficava à porta da biblioteca, como se quisesse entrar e ler um livro:

Não se demorava: algumas caminhadas, mesmo em noite de retreta, e voltava para casa. Não fora elogiada pelas suas novas atitudes, pois sabiam que adotava uma tática para prender o patrão, ou semi-patrão, ou atraí-lo. No dia em que apareceu na cidade com uma baratinha, Parnaíba ficou sabendo que Cotinha se entregaria àquele homem, ainda que ele não lhe oferecesse um casamento. Pelo menos se exibiria naquele carro até se cansar.⁴³⁵

Cota tinha um emprego, boas roupas, uma renda mensal e aprendera muitas coisas na loja. Sabia também que Godofredo ouvia sobre ela horrores, “as evidências da cidade mesquinha”,⁴³⁶ como aponta o romance. Cota se retraiu um pouco, saía menos e se dedicava

⁴³³ ASSIS BRASIL, 1966, p. 82.

⁴³⁴ ASSIS BRASIL, 1966, p. 82.

⁴³⁵ ASSIS BRASIL, 1966, p. 83.

⁴³⁶ ASSIS BRASIL, 1966, p. 83.

ao trabalho. Ela estava mudando de vida, tinha conforto. Talvez estivesse mesmo interessada em Godofredo, que lhe ofereceu emprego quando ela estava maltrapilha, sem nenhuma experiência com escritório e com seu nome na boca do povo.

Embora retratado como um “conquistador barato que enganou a mais facilmente desfrutável”,⁴³⁷ ele acreditava em Cota, passava-lhe segurança. E ela tentava retribuir da melhor forma, dormia cedo e acordava disposta para um novo dia de trabalho. Ascender socialmente representava para a cidade vaidade e inconformismo. E, no caso de uma mulher pobre, realizar um bom casamento seria o “golpe de misericórdia na cidade”.⁴³⁸

Logo vieram os passeios de carro por todas as ruas, e depois Godofredo levou Cota para conhecer o bairro Nova Parnaíba e a casa em que morava. As discussões com o pai aumentavam. Nhozinho reclamava dos passeios com Godofredo e das idas à sua residência e de seus gastos desnecessários. Ela tinha uma quantidade enorme de brincos e perfumes que espalhava pela casa, toda semana inaugurava um vestido. O medo de Nhozinho, bem como as discussões, eram devidos à moral rígida da época que fazia com que o pai enxergasse a possibilidade de Cota ser identificada como uma mulher fácil, já que estava às voltas com um homem sem um compromisso firmado.

Cota estava mergulhada nesse modelo burguês de divisão dos papéis sexuais, que delega às mulheres a ostentação do luxo e do lazer. Era comum usar joias que, como um estandarte, proclamavam a riqueza de um marido.⁴³⁹ Mas no caso de Cota a ausência de um marido pesava, pois a cidade não atribuía seu sucesso ao trabalho. A cidade buscava colocar diferenças entre a mulher pública e a honesta, colocando-as em dois polos diferentes como forma de defesa contra a ameaça que representava a mulher fácil e a prostituta. Ao usar joias, estrear rotineiramente vestidos, a filha do barraqueiro queria desafiar a cidade, era ostensiva e desafiadora.

Godofredo explorava as sociabilidades do espaço parnaibano e em sua companhia Cota desfrutava de algo além do escritório e das retretas na Praça da Graça. Num domingo, se encontraram na missa. A cidade estranhara Cota na igreja, pois desde a partida Ricardo ela só ia à missa para se confessar. Logo pensaram: “Para ela aparecer ali, de repente, era por que não havia feito boa coisa, ou se preparava para algum passo errado”.⁴⁴⁰

Especulavam também que a ausência nas missas fosse vergonha de encarar o Padre Gonçalves pelas coisas que confessava ou mesmo por ter se dedicado a Ricardo, o padre dos

⁴³⁷ ASSIS BRASIL, 1966, p. 83.

⁴³⁸ ASSIS BRASIL, 1966, p. 91.

⁴³⁹ PERROT, 1998, p. 15.

⁴⁴⁰ ASSIS BRASIL, 1966, p. 84.

pobres, que por vezes questionou a posição e o comportamento de Padre Gonçalo na cidade. Naquele mesmo dia, foram à praia de Amarração e “[...] agora não havia dúvidas; viviam juntos, ela era amante dele”.⁴⁴¹ A praia estava movimentada. Foram vistos também no hotel, causando escândalo para os frequentadores e as famílias respeitadas. Eles seguiam a rotina: almoço juntos ao meio-dia, encontros noturnos na casa da Nova Parnaíba e fins de semana na praia de Amarração.

Cota sentia que Godofredo possuía algum interesse e que suas gentilezas não eram totalmente gratuitas, mas seus atos soavam belos e excitantes. Porém, ele não imaginava que Cota fosse virgem, que as falsas falas da cidade esticavam os encontros de Cota para além do cinema. Assis Brasil apresenta uma fronteira entre a prostituta e a senhora, que na perspectiva de Luzia Margareth Rago⁴⁴² se concebe como a fronteira entre práticas sexuais lícitas e ilícitas e a necessidade de definir a mulher honesta e a degenerada-nata. Cota, entretanto, tinha suas próprias noções:

Não pense que Godofredo armou ciladas para mim. Não, fui espontaneamente para sua casa, pra uma das melhores casas da Nova Parnaíba. Estavam construindo ali um bairro de luxo, ‘para a elite’, diziam. E que belas casas se tornaram inveja para muitos. Nem todos poderiam ir para aquelas bandas – os condenados, os que haviam nascido com uma marca. Godofredo morava lá. A princípio fui levada pela curiosidade; mais tarde pelo meu fascínio (cada vez mais acentuado) em enfrentar os que me conheciam mal. Eu, a filha do Meio-Quilo, frequentando a Nova Parnaíba, passando dias e dias numa casa de luxo, e quem sabe não acabaria morando num daqueles palacetes.⁴⁴³

As relações permissivas entre Cota e Godofredo já estavam previstas pela cidade, em troca dos passeios e das gentilezas. Cota não se entregou a Godofredo somente por gratidão, vaidade, mas também por curiosidade, fascínio, vingança. Vivia um sonho que era pesadelo para a cidade, sentia que não devia nada a nenhum deles, entregou-lhe o que se julgava mais caro em uma moça, sua honra.

Cota havia pensado em casamento, por vezes perdida em um meio sorriso lembrava o amparo que o abraço de Ricardo lhe trazia. Quanto a Godofredo, vivia um momento de felicidade e não pensava em casamento ou consequências. Cota se deixava levar por aquele homem delicado, humano, cauteloso e experiente. Por vezes indagada sobre casamento, apenas respondia que não tinha cogitado essa possibilidade, como é possível observar abaixo:

Entreguei-me a Godofredo naquela noite – talvez a terceira ou quarta em que

⁴⁴¹ ASSIS BRASIL, 1966, p. 84.

⁴⁴² RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

⁴⁴³ ASSIS BRASIL, 1966, p. 97.

estive em sua casa. Como alguém que vai tomar uma injeção ou tirar uma fotografia, estava tremendamente séria naqueles instantes. Ele me tratou como um cavalheiro. Procurei algo que me agradasse, pelo menos naquele momento. Como havia simpatizado com a casa, com seus móveis e sua arrumação, fiquei me iludindo como se a dona de tudo aquilo fosse eu; a cama de colcha de veludo, os lençóis finos – sentia-me esquisita e confortada.⁴⁴⁴

Os sentimentos de Cota se apresentavam contraditórios em relação a Godofredo. A certeza que possuía era que repudiava o meio em que ele vivia, apesar de se encher de vaidade por respirar aquele ar de grandeza e ostentação, os carros, o calçamento mais plano, a casa do prefeito, a casa dos Moraes, a bela casa do Padre. No novo bairro, moravam os nomes mais destacados de Parnaíba. Crescia outra cidade.⁴⁴⁵

Já os sentimentos da cidade sobre Cota eram de recusa: ela não era aceita ali, suas relações com Godofredo menos ainda. A recusa se tornava mais intensa por ser a filha do barraqueiro frequentando o bairro Nova Parnaíba, construído para a elite e Godofredo, um jovem rico. Para Cota, Godofredo apresentava-se como um esteio, uma proteção, desde o momento em que ensinara as primeiras batidas na máquina de datilografar e a organizar os fichários da loja. Ele incentivou o agir de Cota. Entretanto, havia entre os dois distância suficiente para impedir Cota de se envolver.

Na cidade, Cota foi recoberta com a imagem da prostituta. Atribuíram-lhe características de independência, liberdade, venalidade e poder. Figura da modernidade, passava a ser associada à extrema liberalização dos costumes em uma sociedade civilizada devido à desconexão com os vínculos sociais tradicionais. Figura pública por excelência, para a cidade, ela comercializava seu corpo. Assis Brasil distingue Cota da prostituta e a coloca como fascinada pelo mundo moderno, sua forma de inscrição nesse mundo não dissocia prazer e amor, aventurando-se através da livre troca pelo dinheiro.

Logo comentavam que Cota estava grávida, engordara, o corpo preenchia o vestido, as noites na casa de Godofredo diminuíram, comentavam que “o fogo baixara nos seus arrancos pela cidade”.⁴⁴⁶ Os olhares não buscavam mais observar como Cota e Godofredo andavam, gesticulavam e sim se a suposta barriga estava crescendo.

Os meses passavam, e eles seguiam sua rotina de encontros noturnos e almoços. Após o desengano em relação à barriga de Cota, formou-se uma comissão para ir à Casa-Duínio Representações para, em nome da dignidade, da moral e dos bons costumes, pedir o

⁴⁴⁴ ASSIS BRASIL, 1966, p. 100.

⁴⁴⁵ ASSIS BRASIL, 1966, p. 98.

⁴⁴⁶ ASSIS BRASIL, 1966, p. 84.

afastamento de Godofredo e o fim daquela união. Os juízes queriam falar com o diretor da casa:

O povo é quem conta: cada um criou coragem e deu uma opinião; que a cidade era pequena e não comportava aquelas cenas – que Cota era uma leviana e por isso fácil de ser conduzida para caminhos escusos – que desde menina Padre Gonçalo tem querido ajudá-la e ela só raramente ia à igreja: e nos últimos dias para ter encontros amorosos – que as viagens para a praia de Amarração, com hospedagem no hotel, eram escandalosas – a praia tinha sentido privativo, para os fins de semana de famílias – que se ele pretendesse alguma coisa mais séria com ela, já teria resolvido – que a situação em suma se tornava ambígua.⁴⁴⁷

Godofredo, estarrecido com a situação, defendeu Cota. Ela entrara no escritório sem saber coisa alguma e já dominava toda a seção de faturamento. Quanto à relação dos dois, eram bons amigos e companheiros. Godofredo não via na relação escândalo algum. Foi acusado de transformar a cidade em Sodoma. Mesmo provando que não era casado, a comissão insistiu em procurar Celson, antigo diretor da casa. Quanto a Godofredo: “O homem era um descarado, igual à Cotinha, Celson teria uma boa razão para enxotá-lo de Parnaíba, a bem da igreja, a bem da cidade. Que desmoralização, que cartaz para as pessoas de fora”.⁴⁴⁸

A segunda reunião aconteceu na residência do Dr. Celson, para evitar a presença do descarado do Godofredo. Cota foi perseguida na cidade por um desconhecido que gritava: “Você sabe que o homem é desquitado? Você sabe que o homem é desquitado, sua besta?”.⁴⁴⁹ A cidade se preparava para jogar na cara de Cota o desprezo de Godofredo. Assim, quando ele foi embora, ninguém atribuía sua ida ao trabalho daquela comissão. Godofredo havia abandonado a desfrutável da Cota, a cidade em coro dizia: “[...] mulher que muito facilita é isso, acabam enjoando”.⁴⁵⁰ A cidade mais uma vez estava com papel ativo na vida de Cota. Nessas tensões, nota-se a força e a multiplicidade da cidade. A cidade de Godofredo não é a Sodoma da comissão moral que queria seu afastamento.

Cota continuou a rotina sozinha: ia ao trabalho na Casa-Duíno Representações, almoçava na cidade, agora sem os passeios na praia. Às quintas-feiras, desfilava na retreta da praça. Logo depois, perdeu o emprego, ainda por influência da comissão de protesto. Dr. Celson não queria confusão com a sua empresa, acreditava que “as famílias tinham razão: ela era uma mulher desfrutável”.⁴⁵¹

Desempregada, não esperaram que ela voltasse à barraca do pai. Com o pai doente do

⁴⁴⁷ ASSIS BRASIL, 1966, p. 86.

⁴⁴⁸ ASSIS BRASIL, 1966, p. 87.

⁴⁴⁹ ASSIS BRASIL, 1966, p. 87.

⁴⁵⁰ ASSIS BRASIL, 1966, p. 87.

⁴⁵¹ ASSIS BRASIL, 1966, p. 88.

coração, os negócios da família indo mal, Cota se desfazia das joias e gastava os vestidos comprados com o seu salário e não demorou muito estava usando vestidos modestos e só raramente ia ao cinema ou aparecia na Praça da Graça. Por muito tempo, ficou sozinha. Ninguém se conformava com a sua passividade. Especulavam se ela estaria recebendo cartas de Ricardo ou se Godofredo iria voltar, mas nenhuma se confirmou.

Depois de muito tempo retraída e entristecida, Cota se interessou por Tomás, que saíra de Parnaíba para estudar engenharia, ausente há uns três anos. Voltava para ajudar o pai na loja, o que causou excitação na cidade. Já era um bom partido quando se ausentara, quanto mais agora que voltava educado, sabendo se vestir e conversar. Da excitação passaram à crítica quando identificaram Tomás conversando com ela. Talvez uma conversa circunstancial, mas pairou uma preocupação geral, e os interessados trataram de dar todas as informações, “antes que fosse tarde”.⁴⁵²

Tomás recebia cartas com a biografia de Cota, com informações arranjadas pelos fiscais da sua vida, seus escândalos culminando com o caso Godofredo, com quem “[...] ela viveu sem se casar”.⁴⁵³ O cobiçado candidato a noivo, viajado, conhecia Fortaleza e o Rio de Janeiro, não esboçou reação à enxurrada de cartas. A intimidade entre os dois já enchia as ruas e o cinema. O noivado foi anunciado, e Tomás pôde levá-la ao Cassino onde dançavam agarrados e indiferentes.

A única justificativa para o casamento aos olhos da cidade era o dinheiro, a posição e a herança de Tomás. Para Cota, Tomás era calma, sossego, não tanto pela estabilidade material, mas sobretudo pela calma e bondade, pelo trato bondoso e sincero. A cidade só via o interesse daquela "moça sem vergonha". Mas ela não se importava com os julgamentos sobre sua juventude. Os julgamentos que não cessariam após o casamento. Ela se orgulhava de ser sincera com Tomás. O casamento também configurava a entrada dela para a sociedade parnaibana. A cidade conservadora, ao aprisionar e condenar Cota por seus namoros e passeios, alimentava sentimentos de vingança e de ódio.

Aquela "mulher desfrutável," segundo os julgamentos da cidade, jamais se casaria com um rapaz parnaibano. Tomás "apenas quer mostrar que é moderno, viajado".⁴⁵⁴ Não sabiam da cumplicidade, do companheirismo e da sinceridade entre Tomás e Cota. Como uma mulher casada, aos poucos os seus vestidos passaram a ditar, discretamente, a moda às outras. Foi a primeira a usar saias mais curtas e decotes mais vistosos. Seus bolos e doces eram

⁴⁵² ASSIS BRASIL, 1966, p. 91.

⁴⁵³ ASSIS BRASIL, 1966, p. 91.

⁴⁵⁴ ASSIS BRASIL, 1966, p. 22.

aceitos nas festas de caridade da igreja. Agora uma senhora, gostava de desfilar modelos franceses copiados das revistas, desfilava suas peças mais bonitas em um simples passeio na Praça da Graça ou em visita a uma amiga menos inimiga. Assim Cota chamava ainda mais a atenção:

Como os dias em que os novos chapéus e os novos vestidos não variavam de apresentação – a festa do padroeiro, as missas aos domingos, alguma noite fora do comum no Cassino, e o aniversário do busto do prefeito – ela fazia questão de não aparecer . [...] Às vezes, numa simples retreta, ostentava, ao lado do chapéu novo de Tomás, a sua última compra importada.⁴⁵⁵

Os sentimentos de vingança e de ódio cultivados por Cota foram expressos também no seu casamento quando encontrou na igreja aqueles a quem atribuía todos os constrangimentos que passara perante a cidade, a dor e vergonha que causaram a seu pai. Não estavam ali apenas celebrando o amor dos dois, e sim contemplando o que intitulavam de golpe de misericórdia:

Na porta da igreja algumas ousaram esperar o buquê, os olhos brilhantes, ‘pra quem ela jogará?’[...] fez questão de jogá-lo no chão, mais um desafio com um olhar altivo e pisou as pétalas brancas até esmagá-las. ‘Não entendo o que você fez com as flores, Cota’. ‘Você ainda não entende Parnaíba, Tomás’. ‘Estou tentando através de você’. ‘Nasceu aqui mais ainda não compreende esse povo mesquinho. Tomás, acredita em tudo que lhe contaram de mim?’⁴⁵⁶

O julgamento da cidade a colocava como mulher desfrutável, interesseira, inconformada com seu lugar. Cota continuava sendo "aquela mulher desfrutável" que enganava e vitimava um homem bom. Tomás, o homem público, encarnava a honra e a virtude, ao passo que Cota, a mulher pública, constituía a vergonha.⁴⁵⁷ Após o casamento, quando o casal passava na rua:

Ele não podia deter a gargalhada limpa, na praça ampla, e os frequentadores da retreta em peso perguntavam que tipo de anedota ela ensinara a Tomás. Não, não podia escapar. Estavam cercados, impedidos, amordaçados. A salvação de vez seria o fundo do quintal.⁴⁵⁸

Nesse quintal, desde a infância, Cota se protegera da cidade. Nele enterrara as cartas que recebeu de Ricardo, lembranças queridas que nunca foram maculadas pelas más línguas da cidade. O quintal é o lugar em que se protegia da sociedade, preservava o seu íntimo e

⁴⁵⁵ ASSIS BRASIL, 1966, p. 24.

⁴⁵⁶ ASSIS BRASIL, 1966, p. 22.

⁴⁵⁷ Ao tratar a dimensão do público para o homem e para a mulher, Michelle Perrot atribui à noção de mulher pública a condição de dissimulada, um vil objeto, território de passagem, apropriado e sem individualidade própria. Cf.: PERROT, 1998, p. 7.

⁴⁵⁸ ASSIS BRASIL, 1966, p. 19.

mantinha a sua dignidade. Tomás fora o outro tesouro enterrado, longe dos olhares e das falas, protegido da cidade má que não aceitara seu amor e não respeitava suas escolhas.

O desaparecimento de Tomás se revelou como algo esperado. Havia na cidade uma versão já pronta: "Tomás abandonou a Cota maluca".⁴⁵⁹ A cidade atuava com suas evidências mesquinhas. Após sete dias do desaparecimento de Tomás, Cota reabriu a loja de chapéus Ramenzoni e começou a compreender que não seria aceita na sociedade como uma senhora respeitável e menos ainda como comerciante, função reservada ao sexo masculino. A loja sem a autoridade e as calças compridas de Tomás era apenas a loja que "ela herdou e não sabe dirigir".⁴⁶⁰ E que:

Até os vendedores de cocada faziam algazarra na porta, os caixeiros a olhavam de cima para baixo, e as vendas caíam. [...] Quando anunciara um queima, uma venda de saldos, todos falaram que a loja estava para falir.⁴⁶¹

Os comerciantes da Praça da Graça baixavam o preço de suas mercadorias e passaram a ditar quanto ela deveria cobrar por seus produtos. Reforçavam que “faltava o braço de Tomás, a presença de um homem”.⁴⁶² A vingança de Cota era passiva, com pouca imposição de sua presença na cidade. Tomás contribuía complementando sua vida; sem ele, não teria subsistido. Quando Tomás se foi, a vida que haviam arquitetado juntos começou a desmoronar. Sua frágil aceitação naquele meio foi se transfigurando e “sem Tomás não se abriram as portas do Cassino para os seus chapéus”.⁴⁶³

Além de Cota, Assis Brasil utiliza a personagem Cremilda em *Beira rio beira vida*, proletária-comerciante que herda um armazém e acaba falida, para retratar a dinâmica do comércio parnaibano.⁴⁶⁴ O comércio de Parnaíba ganha ênfase na escrita do literato, que traduz as transformações econômicas que a cidade vivia na década de 1940, embevecida por um ideário de modernização e beleza que recobriria seu espaço e as pessoas.

A loja de chapéus Ramezoni e o armazém de Cremilda, que comercializava arroz, algodão e produtos extrativistas, anunciavam uma cidade de forte comércio e que se apresentava moderna no vestir, no andar, no sentar e no alimentar-se. Tomás é o jovem

⁴⁵⁹ ASSIS BRASIL, 1966, p. 121.

⁴⁶⁰ ASSIS BRASIL, 1966, p. 17.

⁴⁶¹ ASSIS BRASIL, 1966, p. 17.

⁴⁶² ASSIS BRASIL, 1966, p. 17.

⁴⁶³ ASSIS BRASIL, 1966, p. 23.

⁴⁶⁴ De acordo com Josenias dos Santos Silva: “O primeiro surto de desenvolvimento econômico ocorreu no final do século XVIII com a pecuária, a indústria do charque e os produtos extrativistas, nos anos finais do século XIX e início do XX com a maniçoba, cera de carnaúba e babaçu, com os quais alcançaria seu maior desenvolvimento”. Cf.: SILVA, Josenias dos Santos. Almanack da Parnaíba: política, sociedade e cultura em revista. In: LIMA, Frederico Osanan Amorim; SOUSA, Cleto Sandys Nascimento de. *Parnaíba: a cidade que nos habita*. Parnaíba: Sieart, 2013. p. 76.

parnaibano moderno que desfila sempre com um chapéu novo. Cota e Cremilda anseiam participar dessa modernização que se traduz no vestir, no gesticular, nas formas de viver e sentir a cidade. Cota é a mulher pobre que não aceita sua condição. e Cremilda é a prostituta que ascende socialmente, herdando um armazém, porém estava fadada ao fracasso por ali não ser o seu lugar.⁴⁶⁵

Assis Brasil traz os sentimentos de vingança, os julgamentos e o desprezo da cidade diante de determinados acontecimentos. Cota, uma mulher que se via hostilizada, permite mostrar essa cidade mesquinha. Com a personagem, Assis Brasil aciona os sentimentos, as imagens de uma cidade que não perdoa. Cota apresenta-se como um ímã para os ressentimentos, incorpora o fardo da frieza e do egoísmo urbano. Por 15 anos, ocultou o corpo do marido Tomás. Em desabafo, relembra o último diálogo com Tomás:

Cada família devia ter seus mortos queridos em casa, não acha, Cota? Aquele jasmineiro, por exemplo, daria uma boa sombra nos olhos de um morto. Mas lá, onde todos se deitam jogados numa vala comum, eu abomino a ideia. Todos iguais e medidos num espaço, sob a chuva, sob o sol, pisados nos dias em que tê-los ali é uma festa pública, uma amostra de sentimentos forjados ou terrivelmente ressuscitados para os vizinhos. Não é bem a aproximação com os outros que me constrange, mas a farsa daquele pedaço de terra ostentado pela cidade. Tenho horror a ser chorado dessa maneira. Gostaria que minha morte fosse privada, e se possível que ninguém soubesse, que ninguém me visse, que pessoa alguma visse o que fica após a vida, tão abandonado. Tenho vergonha, acho que tive vergonha por toda a vida, por ter de ser olhado morto, observado, mesmo num momento em que sei, não terei mais consciência. Mas sofro, Cota, por antecipação, por ter sofrido o que os outros teriam sofrido se contemplassem o próprio corpo velado, compreende? Mas como pode escapar um morto? Como pode um morto escapar dos vivos? Eu, por mim, não sei como escapar.⁴⁶⁶

As aspirações finais de Tomás revelam uma necessidade de individualização. No momento último não queria ser contemplado pela cidade. Cumprir o pedido do marido provocava em Cota insegurança e culpa, advindas da fuga às convenções sociais. Entretanto, existia uma lealdade maior para com a vontade do companheiro e uma sede de vingança que encontrava respaldo nessa ação contraditória e polêmica. A angústia de Cota e de Tomás diante dessas escolhas refletia o embate entre aquilo que a sociedade espera e o desejo que ambos sentiam de se diferenciar, de se isolarem de uma comunidade que diminuía sua importância como indivíduos. O quintal era o mundo privado de Cota.

⁴⁶⁵ Sobre as multifaces da modernização de Parnaíba nas décadas de 1930 e 1940, cf.: SOUZA, Priscila de Moura. *A cidade e o cais: as multifaces da modernização de Parnaíba das décadas de 1930 e 1940*. 2015. 156 f. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2015.

⁴⁶⁶ ASSIS BRASIL, 1966, p. 117.

Ao homem público se reservava um enterro com honras, enquanto a mulher pública, representada como rapariga,⁴⁶⁷ depravada, debochada, lúbrica, venal, devia ter o seu corpo exposto a todos.⁴⁶⁸ A cidade supunha que Cota havia sido abandonada. E quando descobriram seu segredo, pensaram que havia assassinado Tomás, quando na verdade ele faleceu nos braços de Cota após alguns dias sentindo tonturas. O enredo termina com o desabafo de Cota a Padre Gonçalo:

Quando enfrentei todo mundo, já estava tranquila bastante para receber no rosto risinhos de deboche, ‘ele não aguentou as maluquices dela’. Só pessoas insensíveis e alheias a tudo poderiam dizer isso de Tomás. Por que só agora ele se enchera de tudo, após tantos anos? A cidade passou a viver do boato, como o senhor sabe, de que Tomás havia fugido para lugar ignorado; preferia abandonar tudo a viver ao meu lado – estranha conclusão, não Padre Gonçalo? Abandonava exatamente a pessoa com quem já vivera feliz tantos e tantos anos. Por que concluíram tão rapidamente isso? Era como se fosse o desejo de todos.⁴⁶⁹

Quando Tomás desapareceu a loja de mercadorias caras e finas estava manchada com o nome de Cota. A cidade encheu-se de sentimentos de falsa piedade, tomou ares de superioridade, tinha uma verdade. O segredo que Cota guardava a fazia superior às evidências mesquinhas supostas pela cidade. Sabia que Tomás estava feliz à sombra do jasmineiro, o quintal de sua casa reservado exclusivamente para ele.

O romance *A filha do Meio-Quilo* desenha a cidade, o bairro Nova Parnaíba, o centro e o mercado, as relações entre os cidadãos, as tramas e relações dos personagens nos diversos espaços. A cidade está em todas as páginas, com suas estratégias para colocar Cota em seu devido lugar. A personagem se utiliza de todas as táticas possíveis para burlar o código de conduta imposto.

Como em resposta às questões levantadas de início, acerca das trilhas tomadas pelo romancista parnaibano na idealização da mulher pobre, cabem algumas considerações sobre as atitudes, liberdades e determinação pessoal de Cota em diversas situações: ao namorar, na escolha do cônjuge, nos ambientes a frequentar, nas atitudes despertadas não por autoridade familiar, mas pela cidade como um todo.

A personagem Cota apresenta a cidade em seus diferentes âmbitos, porém permanece à margem, representando a mulher pobre como prostituta em potencial, em luta constante contra a cidade e suas estratégias. Ela é citada no romance *Beira rio beira vida* pela

⁴⁶⁷ No vocabulário cotidiano brasileiro, o termo rapariga significa prostituta.

⁴⁶⁸ PERROT, 1998, p. 7.

⁴⁶⁹ ASSIS BRASIL, 1966, p. 124.

personagem Luíza.⁴⁷⁰ No cais, a representação de Cota é forjada como uma mulher de atitude, que, mesmo em meio às falsas falas da cidade, não se retraiu, aprendeu a ler, trabalhou em um escritório, tornando-se uma excelente funcionária:

Acho que só vi dona Cota uma vez, no dia em que enterrou Tomás – no dia em que enterraram a ossada dele. Ela já estava bem velha, pois eu não era menina quando ela se casou pela segunda vez? Bem velha, mas bonita, simpática, aqueles cabelos brancos puxados por cima das orelhas, bonita sim. Estive lá na rua do Passeio. Não fui espiar como essa gente ruim, pra sair falando mal depois. Fui apenas olhar o rosto daquela mulher tão elogiada por minha mãe. No meio daquela gente, pois, de todo aquele povaréu, ela calma, consciência tranquila, falando com a mesma voz para padre Gonçalo, para o delegado, para seu Romualdo, para as filhas [enteadas] que já estavam moças.⁴⁷¹

As iniciativas de Cota ressoaram no cais e encorajaram a prostituta Cremilda, personagem do romance *Beira rio beira vida*. Eram histórias diferentes, mas aos olhos da cidade carregavam os mesmos estigmas, eram consideradas “mulheres fáceis”. Assim, Cremilda “quando queria se referir à força de vontade de uma mulher, falava em dona Cota, ‘aquilo sim, sempre soube viver independente. Uma mulher e tanto, uma mulher de fibra como aquela, suportando as vidas tortas do seu destino’”.⁴⁷²

A personagem Cremilda trazia consigo o preconceito por ser prostituta. Fugia do modelo de senhora-mãe, estabelecido pela sociedade em processo de modernização. Seu vestuário, seus modos à mesa, sua linguagem e sua vida sexual eram, para a época, escandalosos. Manchavam a honra da sociedade parnaibana que se espelhava em um modo de vida europeu em que as mulheres representavam delicadeza, elegância e atendiam a um conjunto de regras de conduta em nome da moral e dos bons costumes. Esse modelo regido por mulheres abastadas as diferenciava das mulheres pobres e das prostitutas.

Cremilda era moradora do cais e também dona de um armazém. Viviam cercada de homens com quem negociava. As primeiras atitudes de Cremilda quando jovem objetivavam não ter a vida de prostituição da mãe, as noites repetidas com homens diferentes. Cremilda:

Naquela idade tivera preferência por um taifeiro, o primeiro, pensara em mudar tudo, queria um casamento, sim, uma calma naquela vida. Estava farta da mãe, dos homens procurando descobrir se ela já era mulher. – Ficando fornida de carne, a Cremilda. Não tarda a ser moça.⁴⁷³

⁴⁷⁰ Nos romances de Assis Brasil, entre o vanguardismo da linguagem e o tempo cíclico, outra particularidade é a intertextualidade. Os romances dialogam, onde um personagem ganha representatividade por seu comportamento e aparece nos romances, em diferentes situações. Luíza e Cremilda de *Beira rio beira vida* fazem alusão a Cota. Luíza faz alusão a Darcy Mavignier do romance *Pacamão*. Cf.: ASSIS BRASIL, 1965, p. 81

⁴⁷¹ ASSIS BRASIL, 1965, p. 66.

⁴⁷² ASSIS BRASIL, 1965, p. 66.

⁴⁷³ ASSIS BRASIL, 1965, p. 62.

A mãe de Cremilda envelhecia e preocupava-se com a vida financeira, sabia também que a virgindade de Cremilda não representava certeza de casamento. Repetiam-se as preocupações: “A filha deixara as bonecas, estava pronta pra ganhar dinheiro dos homens do rio”.⁴⁷⁴ A prostituição estava presente na família há gerações, e Cremilda, agora, carregaria em seu ventre uma filha.

Ao tratar a prostituição como sina imposta pela reprodução sexual, Assis Brasil dota o corpo da prostituta de significados, descortina as práticas sexuais e revela as diversas formas de dominação que incidem sobre esse corpo. O escritor revela o corpo-instrumento, a impossibilidade de ascensão; a filha da prostituta seria também prostituta e seu corpo estaria fadado a agradar sexualmente os homens. Após a perda da mãe, Cremilda, já grávida, cumpria a sina que herdara, trabalhou de lavadeira até quase a hora do parto. Em meio à vivência repetida da prostituição, a cidade se desnuda para além do cais e o espaço urbano vai se apresentando no romance:

Ao sentir as dores, correu, arrumou os molambos, fez uma trouxa, e foi procurar as freiras da Santa Casa. Arranjaram uma cama nas carreiras e se deitou para ter a menina. As freiras cochichavam e olhavam com desdém, ‘santo Deus, santo Deus’, falavam pelos cantos – aquelas faces amarelas que nunca tinham visto homem nu, ‘santo Deus, santo Deus, que mundo, que mundo’. Mas se esmeraram no socorro, em todo o tratamento.⁴⁷⁵

As recomendações ao deixar a Santa Casa foram muitas: “Procure um emprego, procure um emprego”.⁴⁷⁶ Havia então meios de quebrar a sina? A vida era difícil para uma prostituta com filho para cuidar. Cremilda poderia ter encontrado meios para fugir da prostituição? Nos últimos meses de gestação, conseguiu sobreviver de lavadeira, que era um dos trabalhos informais oferecidos no cais.

Assis Brasil revela as formas de dominação que incidem sobre o corpo da prostituta quando descortina o pequeno espaço e as poucas margens de manobras para as mulheres de “vida fácil”. Restava a Cremilda o trabalho e a filha. Talvez se casasse com um embarcadiço ou seguisse o caminho da prostituição. As freiras alertavam-na sobre os riscos de outra gravidez e dos poucos leitos de que dispunham na Santa Casa de Misericórdia. A Santa Casa de Misericórdia se apresenta na narrativa de Assis Brasil como espaço de acolhida para os pobres que disputavam seus poucos leitos, destacando a dedicação e o cuidado das freiras.

⁴⁷⁴ ASSIS BRASIL, 1965, p. 63.

⁴⁷⁵ ASSIS BRASIL, 1965, p. 63.

⁴⁷⁶ ASSIS BRASIL, 1965, p. 63.

Cremilda evidencia o anseio de superação por se ver pertencente ao cais, agora com uma filha no colo. Diante dos seus olhos, estava o cais com sua pobreza e ao lado estava o centro urbano. Tentada com a modernização, com o desejo de possuir um espaço que se adequasse às exigências de higiene e com a vontade de não mais ser a Cremilda prostituta, encontrara um meio rápido de ascensão, de futuro certo para a menina Luíza. Assim:

Decidiu procurar um emprego, mas à sua maneira, a única maneira que tinha em sua frente – era um gosto esquisito de vingança, tinha que se vingar do mundo, ou mais particularmente deles, dos desgraçados. Estranho que fosse uma vingança na própria carne, na própria alma.⁴⁷⁷

Cremilda, carregada de um desejo de se impor, pegava todo barqueiro que se encostava pelo cais e exigia muito mais: “Comigo é diferente, não sou igual às outras, não sou nenhum molambo”.⁴⁷⁸ Até alcançar seu alvo maior, o velho Santana, viúvo, dono do Armazém Santana, que dirigia desgostoso os seus negócios, a casa cheia de aranha, o piso encardido, só trabalhava para comer, para o dinheiro das despesas. Cremilda trouxe alegria aos dias do velho.

Haveriam de levantar o armazém. Espanador não faltaria para as paredes, para as telhas, compraria máquinas novas. Eles passaram a viver juntos, ela era o braço forte da casa. Cremilda entendia cada vez mais dos negócios, que iam melhorando. Era o fim da Cremilda prostituta, que passara a ser chamada de Dona Cremilda. De alguma maneira, mesmo quando ainda estava na prostituição, ela mergulhou no discurso do moderno, da higienização e do embelezamento e, apesar de ter usados meios contrários, conseguiu um casamento e um lar, conseguiu por um tempo.

Mesmo depois de unir-se ao velho Santana, o projeto de ascensão continuava. Enquanto o velho embalava Luíza no colo ainda pequenina, cantarolando para a menina, Cremilda passava por perto e com voz de choro perguntava o que seria do futuro de Luíza. Assim o velho Santana “lhe deixou tudo em testamento, ou o pouco que era naquela época o Armazém Santana”.⁴⁷⁹ Cremilda sabia que, depois da morte do velho, seus dias de prostituição se acabariam, sua juventude havia ido embora, os homens iam sumir e ela queria assegurar para si uma velhice confortável:

Com a morte do velho Santana, ela tratou logo de remodelar a fachada feia e suja do armazém, mandou botar uma platibanda enfeitada em lugar das telhas velhas que escorriam para a rua. Mandou pintar tudo (exigia tinta a óleo), e só não tacou um monte de azulejo na entrada da casa foi porque não encontrou no comércio. Queria fazer figura, como o palacete do seu Bento

⁴⁷⁷ ASSIS BRASIL, 1965, p. 63.

⁴⁷⁸ ASSIS BRASIL, 1965, p. 63.

⁴⁷⁹ ASSIS BRASIL, 1965, p. 65.

Mavignier era considerado o prédio mais bonito de Parnaíba, ‘uma joia’, que os viajantes admiravam.⁴⁸⁰

Cremilda renovou o Armazém Santana: mudou a posição das máquinas, mantinha o armazém limpo, os empregados que antes ganhavam pelo que produziam em sacas de arroz pilado passaram ganhar um ordenado certo, independente da sua produção individual. O pilador pisava seiscentas sacas por mês. Prosperava no ofício de industrial no cais quando veio o inverno:

O arroz que estava no depósito mofava por causa da umidade – prejuízo com aquele inverno maldito, os grãos saíam quebrados, roxos, o peso das sacas não era o calculado. O dinheiro da mãe estava enterrado ali, o suor de muitos anos – o consumo da mercadoria era pouco, lá para cima o rio ainda estava seco, navios e barcas não podiam passar. – Aqui chove desse jeito, lá pra cima não cai uma gota. [...] – E esse rio desgraçado, cheio de pedra e lama entupindo o canal.⁴⁸¹

As noites tornaram a ser de lamentações nos braços dos marinheiros. Temia perder tudo aquilo que conquistara. As barcas não passavam para Tutóia, os navios cobravam uma fortuna. Cremilda relatava seus sacrifícios, as economias que havia feito, só queria ser uma industrial:

Mas de que adiantou tamanho sacrifício se eu sei, sempre soube, que um dia ia perder tudo? Mas foi divertido –no começo foi ainda mais divertido, eu ganhava dinheiro, era uma mulher de negócio, cheguei mesmo a esquecer quem eu era, quem um dia voltaria a ser.⁴⁸²

E a menina Luíza, “aquela menina de futuro certo”,⁴⁸³ teria futuro incerto, herdaria da mãe a prostituição. Cremilda, depois da união com o velho Santana, já na sua viuvez, outra vez orgulhosa e esperançosa, compraria uma casa na cidade. Queria uma casa “na Praça da Graça, tinha um bando de chofer que ficou olhando: ‘errou o caminho de casa, Cremilda?’”.⁴⁸⁴ A cidade não aceitara a prostituta, aos poucos seu semblante ia se fechando:

Eles disseram que meu dinheiro não dá. Pra quê? Pra comprar uma casa aqui na cidade. Sei que é mentira, eles não querem é me vender. Um ainda disse: ‘mesmo a senhora não pode se mudar pra cidade’. Foi o que um deles disse, Luíza, e os outros acharam graça.⁴⁸⁵

⁴⁸⁰ ASSIS BRASIL, 1965, p. 65.

⁴⁸¹ ASSIS BRASIL, 1965, p. 20.

⁴⁸² ASSIS BRASIL, 1965, p. 27.

⁴⁸³ ASSIS BRASIL, 1965, p. 65.

⁴⁸⁴ ASSIS BRASIL, 1965, p. 34.

⁴⁸⁵ ASSIS BRASIL, 1965, p. 35.

Percorreram então toda a cidade em todos os escritórios, “toda a cidade que já tem calçamento, porque o resto não é cidade pra ninguém”.⁴⁸⁶ Retornando ao cais Cremilda, decide procurar um barracão ali. O romance *Beira rio beira vida* enfatiza a vida de Cremilda, de sua filha Luíza e de sua neta Mundoca. As três personagens atuam na cidade de maneiras diferentes. Cremilda desafia a cidade e seu protagonismo relevante, o pouco que durou, foi desafiante para Parnaíba. Uma mulher industrial, uma prostituta

Beira rio beira vida discute o lugar das prostitutas, os espaços onde atuavam e como atuavam. A personagem Luíza, uma jovem bonita, moradora do cais, filha e neta de prostitutas “não pensava em crescer, em ficar mulher, não pensava em nada – estranho”.⁴⁸⁷ Ela vivia entre “aquele jantar suntuoso (o único que conhecera até então), os vestidinhos da boneca Ceci, o rio, e as ligeiras fugas com Jessé pelo capinzal – ali estava o mundo largo de seus passos miúdos”.⁴⁸⁸ O despertador das primeiras preocupações foram os marinheiros que, percebendo seu crescimento e sua beleza, tentavam uma aproximação:

O homem a puxava para o colo, a barba comprida lhe fazendo cócegas na face. Ficava quieta por algum tempo – esperneava, queria se desprender daquele cheiro ruim de fumo e cachaça. – Não vá, Luizinha. O cheiro ruim aumentava, os olhos da mãe brilhavam com uma satisfação esquisita. Aquelas mãos grossas lhe apalpavam as pernas, a barba áspera roçava em seu rosto para um beijo repugnante.⁴⁸⁹

Assim como ocorrera com o corpo de Cota, Luíza também era observada. Os marinheiros especulavam quando Luíza teria uma vida de prostituição como a mãe. O cais, lugar das brincadeiras, foi se tornando refúgio. As fugas de Luíza para o cais alimentavam em Cremilda a impressão de que a mesma servia apenas “para encher a barriga e ficar como vagabunda na beira do rio, como se fosse viajante em férias”.⁴⁹⁰

No entanto, esse refúgio não duraria para sempre, mesmo considerando as estratégias encontradas pela personagem para fugir da prostituição. Morando no armazém com a mãe, a prostituta mais conhecida do cais, empreendedora de um armazém de pilar arroz. Entre os inúmeros marinheiros que a visitavam todos os dias, sempre havia um para comentar:

Está quase uma moça, a Luíza. Beliscava-lhe as pernas, tentava abraçá-la – uma gargalhada forte enchia o armazém. – Ficando fornida de carne. Era só o que ele sabia dizer, o que todos eles diziam, ‘ficando fornida de carne’, e a mãe concordando com a cabeça.⁴⁹¹

⁴⁸⁶ ASSIS BRASIL, 1965, p. 35.

⁴⁸⁷ ASSIS BRASIL, 1965, p. 18.

⁴⁸⁸ ASSIS BRASIL, 1965, p. 18.

⁴⁸⁹ ASSIS BRASIL, 1965, p. 19.

⁴⁹⁰ ASSIS BRASIL, 1965, p. 20.

⁴⁹¹ ASSIS BRASIL, 1965, p. 17.

Luíza ousou de maneira diferente de Cota, que conseguiu um emprego, conseguiu sobreviver desafiando seu lugar de filha do barraqueiro, frequentando os espaços de sociabilidades burguesas. Em suas primeiras iniciativas, Luíza foi com Jessé à inauguração da Praça da Graça:

Na inauguração da praça todos se vingaram, correram na grama, esfregaram os pés, esfregaram, era macio, era bom, brincaram de esconde-esconde, se treparam nas palmeiras. – ver quem vai mais alto, Luíza? Subiram no busto do governador, a cabeça pelada, lisinha, fizeram camaradagem com uns meninos amarelos da cidade.⁴⁹²

Luíza também apresentou iniciativas. Seu alvo era o cais, queria desfilar vestidos novos naquela beira rio. Com a personagem, o literato descortina a vaidade, o interesse pelo corpo, uma possibilidade de análise para a mulher prostituta em Parnaíba. A passagem do romance em que Luíza afirma: “Quero um vestido novo, mãe. [...] não posso ir com esse vestido de estopa”,⁴⁹³ ilustra os seus primeiros ímpetos pelo corpo. No outro dia, a mãe de Luíza mandou comprar um tecido de bolinhas e sentou-se à máquina por horas, até terminar o vestido. Luíza então:

Se vestiu defronte o guarda-roupa, achou a cintura um tanto frouxa, ‘essa cintura não presta assim’, as mangas compridas, só a fazenda era bonita [...] as bolinhas roxas, vermelhas – ia cortando a barra da saia – ainda restava um pedaço da blusa lá no baú. Voltou ao vestido de estopa – a mãe contava pra todo mundo a sua ingratidão – não reconhecia o sacrifício, tanto trabalho, uma fazenda cara daquele jeito, dinheiro jogado fora – ‘uma ingratidão, uma ingratidão’. ‘Por que, Luíza, não quer o vestido?’. ‘Não foi feito pela modista da cidade’. – Soberba. – ‘Quero um da modista’. ‘Você quer é chicote’.⁴⁹⁴

Desejava roupas leves, mais ousadas, que definissem a silhueta feminina, mas nada vulgar. Depois dos primeiros ímpetos de vaidade, Luíza mergulhou no amor e no desejo, como é possível verificar no trecho abaixo:

Foi sentindo vontade de ganhar dinheiro, sim. Compraria vestidos que seriam feitos na modista da cidade – modelos tirados daquelas revistas estrangeiras Vestidos bem enfeitados, que chamassem a atenção de todo mundo, principalmente a atenção do cais. Compraria também óleo para os cabelos e perfume, algumas joias, brincos – sapatos de salto alto substituiriam as alpargatas velhas – faria inveja às moças pedantes da Praça da Graça. Inveja de doer em todo mundo. Jessé veria como podia andar bem vestida, elegante – aqueles vestidos de estopa seriam queimados no fundo do quintal. Teria um novo corpo para mostrar, para atrair.⁴⁹⁵

⁴⁹² ASSIS BRASIL, 1965, p. 24.

⁴⁹³ ASSIS BRASIL, 1965, p. 94.

⁴⁹⁴ ASSIS BRASIL, 1965, p. 95.

⁴⁹⁵ ASSIS BRASIL, 1965, p. 95.

No decorrer do romance, Luíza se envolve com a cidade, as sociabilidades, a sexualidade e o seu desfecho final: a prostituição. O romance representa as décadas de 1930 e 1940 e as alterações de comportamento implantadas e mergulha de forma mais sensível nos desejos, nas decepções e na vivência da mulher pobre. Depois das brincadeiras de infância ao lado de Jessé, Luíza retorna à Praça da Graça para participar do carnaval. Assis Brasil, tratando da presença da prostituta do cais no carnaval, afirma, na voz de Luíza:

Da outra vez que voltou foi no carnaval. Nuno me levou para ver de perto os blocos, os carros enfeitados, lá na Praça da Graça. Tanta gente junta, Mundoca, que só vendo. Nunca tinha entrado num café da cidade. Todo mundo bebendo, gritando. Nuno me levou bem pro meio do povo, dançou, fez eu dançar, puxou cordão, pintou o sete, sempre insistindo, vamos Luizinha, vamos Luizinha, deixa de ser mole, deixa de ser mole.⁴⁹⁶

Assis Brasil delimita alguns espaços que compunham o conjunto de sociabilidades dos parnaibanos, inserindo e questionando a presença da prostituta. O marinheiro que levou Luíza à cidade foi o primeiro homem com quem desfilou no cais, com exceção de Jessé na infância. Ele não pertencia a Parnaíba. Ninguém cobrou nada do marinheiro, um homem de passagem, que ninguém notava mesmo. Luíza indagava por que ninguém havia reparado em Nuno, o seu marinheiro pelintra e vistoso. Mas isso durou pouco tempo, e logo outros vieram e apagaram a lembrança do primeiro.⁴⁹⁷

No romance *A filha do Meio-Quilo*, Tomás foi bastante criticado por namorar a moça filha de um barraqueiro que acusavam de ter tido muitos namorados. O comportamento da filha do barraqueiro revelou um ímpeto de força e coragem, Cota criou expectativas, produziu chances. Já a prostituta Luíza não teria as mesmas iniciativas ou tanta vontade de pertencer à cidade. Um marinheiro não poderia fazer nada para impedir que o destino de Luíza fosse a prostituição e por isso não representava ameaça à cidade.

Discutindo o lugar da prostituta, a personagem não apresenta desejo de ficar na cidade como Cota e Cremilda. Os seus desejos de conquista estavam no cais onde se sentia aceita. As pedras à beira do rio, o cais escuro onde brincou e chorou eram seu lugar. Depois de brincar na Praça da Graça com Jessé e curtir o carnaval com o marinheiro Nuno, Luíza rejeita a cidade e suas sociabilidades. No terceiro convite:

Um dia insistiu que eu fosse tomar banho com ele na praia de Amarração. É só pegar o trem, dizia Nuno, a gente chega lá. A praia dia de domingo fica assim fervilhando de gente. Compro uma roupa de banho pra você, disse – um maiô grã-fino. Eu? Deus me livre. Não, não saí daqui do meu canto. Pra dizer a verdade, Mundoca, não conheço o mar que fica a três léguas daqui.

⁴⁹⁶ ASSIS BRASIL, 1965, p. 83.

⁴⁹⁷ ASSIS BRASIL, 1965, p. 49.

Você também não conhece. Minha mãe não conhecia também, embora tenha ido até Tutóia. [...] eu queria levar você, Luíza, porque você não parece uma mulher do cais, ou mesmo uma mulher da rua do Abacate. Eu do seu lado não passava vergonha. Foi o que Nuno disse, Mundoca – você, Luíza, não parece uma mulher do cais. Mas sabe o que o desgraçado queria mesmo dizer com isso? Que se eu já estivesse feia e estragada como as outras raparigas, não podia tomar banho em Amarração, lugar das férias dos ricos. Como eu era ainda pouco conhecida, ninguém ia se sentir mal com a minha presença. Foi por isso que me fez aquele convite.⁴⁹⁸

Nessas tensões com o lugar, o literato evidencia imagens diversas: a cidade como lugar de desejo, como atrativo, lugar de possibilidades. Para outros, a cidade era vista como lugar de exclusão, de sedução, de atração e de repúdio.⁴⁹⁹ A experiência da personagem Luíza com a cidade, o sofrimento de Cota e de sua mãe Cremilda revelam bem a falsa aceitação da moça pobre e da prostituta.

Luíza afirma que era possível que “se envergonhasse se tivesse deixado o cais, o rio, os gaiolas, deixado minha mãe, Jessé, e fosse hoje uma senhora de respeito e endinheirada – talvez [se] envergonhasse mais com isso”.⁵⁰⁰ A descrição é de uma personagem aparentemente descompromissada com a cidade, com suas sociabilidades, requintes e atrações. As preocupações de Luíza se fixam no cais, suas atitudes e ímpetos existiam pelo cais.

O cais lembrava as vadiações com Jessé. A primeira relação sexual com Nuno, a gravidez, novidades permearam a vida de Luíza. Na última vez que Nuno esteve em Parnaíba, Luíza apresentou-lhe sua filha Mundoca, “os olhos de Nuno, só os olhos, a boca feia, o nariz chato, a testa larga.”⁵⁰¹ Nuno se revelara um homem do rio, sem intenções de constituir família, não acreditou na paternidade de Mundoca, poucas vezes falava na família.

A sexualidade de Luíza, apesar de ser tratada como pecado, não representava perigo para sociedade ou perda dos parnaibanos, diferente de Cremilda, sua mãe, que desejava “vencer” a cidade. Cremilda se uniu ao dono de um armazém e, se não fosse a estiagem do rio, estaria escoando a produção do armazém e seria uma mulher de negócios, com lindos azulejos que competiriam com os casarões da cidade. A partir de Cremilda o literato

⁴⁹⁸ ASSIS BRASIL, 1965, p. 82.

⁴⁹⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 2002. p. 19.

⁵⁰⁰ ASSIS BRASIL, 1965, p. 29.

⁵⁰¹ ASSIS BRASIL, 1965, p. 84.

representa muitas mulheres que optavam pelo concubinato⁵⁰² e que administravam heranças e patrimônio familiar em caso de viuvez.

No cais, o casamento⁵⁰³ apresentava dinâmicas diferentes. Há no romance mulheres que não casavam, as prostitutas e mulheres que optavam por viver sozinhas. A prostituta Luíza apresentava mágoas, pois para ela o casamento tinha um forte valor social:

Qual, teria de ser um homem e tanto, para ao menos se amigar com uma mulher do cais. Casamento, nem se falava, mulher passada pela mão de outro tinha era que ser mesmo rapariga. Sumir do lugar, como a Maria Brandão, não adiantava. Para que sumir e ir ser rapariga noutra terra? Maria Brandão chegou com ar de senhora de respeito, botou a filha para estudar no colégio de freiras, mas a casa que alugou na Coroa vivia assim de homem – até que descobriram e ela foi riscada da cidade por onde andava encobrindo a vida. A filha foi jogada fora do colégio, como se tivesse culpa, coitada.⁵⁰⁴

Mundoca, filha de Luíza, mesmo não entrando para a prostituição, tornou-se uma moça de poucas palavras. Empregada em uma pequena loja, sofria discriminações por ter um vestuário simples e ser moradora do cais, além de sofrer com as investidas do chefe. Mundoca representa a passagem do cais para a cidade. Vive as duas cidades e num primeiro momento de entusiasmo com o novo e o moderno, fez planos de mudança para, quem sabe, se sentir como uma delas. Desejava um novo corte de vestido como os das bem-nascidas, mais higiene e maciez nas mãos. Após o momento de entusiasmo, veio o peso do fardo do cais e da prostituição, pois sempre era apresentada como a filha da Luíza prostituta, como uma desvalida.

Apesar de nunca ter vadiado pelo cais, nunca ter namorado os marinheiros ou mesmo os trabalhadores, Mundoca carregava o fardo da prostituição. O cheiro de peixe, os dentes estragados na boca, as mãos encardidas, o velho vestido reaproveitado dos retalhos da avó permaneciam e assim enfrentava a cidade todos os dias. Convivia com as insistências do

⁵⁰² Para Rachel Soihet o casamento era uma opção para uma pequena parcela da população, representada pela elite branca. O alto custo das despesas matrimoniais favorecia a concubinação entre as camadas mais baixas da população. Cf.: SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. p. 3

⁵⁰³ Para Maria Aparecida Sanches, as mães, mesmo as amasiadas, tinham no casamento formal uma meta para as filhas. A falta desse laço na organização da vida dessas moças significava para as mães um retrocesso nas aspirações de um futuro melhor, uma vez que o casamento formal constituía um objetivo a ser alcançado, a base para a respeitabilidade diante da sociedade com elevação do status. Cf.: SANCHES, Maria Aparecida Prazeres. Sob o jogo do espelho: imagens e estereótipos de gênero e raça na conformação de casais na República. Salvador 1900-1950. *Gênero*, Niterói, v. 8, n. 1, p. 99-119, 2º sem. 2007.

⁵⁰⁴ ASSIS BRASIL, 1965, p. 68.

padrinho, prometendo uma casa, vestidos bonitos, perfume. Com ele, Mundoca não seria prostituta como a mãe e não precisaria agradar a muitos homens.

O emprego dado a Mundoca era motivo para sua patroa se vangloriar por estar ajudando uma desvalida. De início, colocou novas preocupações para Mundoca como higiene, vestuário e modo de se relacionar com as pessoas, mas a loja também reforçava nela todos os estereótipos de mulher moradora do cais.⁵⁰⁵ Quanto aos primeiros encantos, dizia sua mãe:

Só influência de começo, cadê os vestidos? Quanto corte tem ficado aí no baú esperando por linha. Ainda cheguei a dizer, você sabe, Mundoca, que ela ia cuspir na cara da gente o favor feito. Você fica lá como amostra: essa aí é a filha de Luíza, não se lembra? Aquela? E quanto não tem inventado pra se valorizar.⁵⁰⁶

Mundoca era para ser esquisita mesmo, não gostar de nada. A avó gritava dia e noite com ela, mandava-a fazer isso, fazer aquilo, descompunha, xingava em desespero. Já estava na época de pegar os embarcações: “não tarda a andar amigada ou de bucho”.⁵⁰⁷ As vozes da avó e do padrinho ecoavam, e Mundoca aceitou o emprego na loja:

O primeiro dia de emprego, ainda fedendo a peixe, um certo interesse pela cidade, não sabia conversar como as outras, as ruas movimentadas, o padrinho começou a ensinar atencioso, os cinemas bonitos, pegava na sua mão para fazer o embrulho de seda, quanto carro na Praça da Graça, as moças tapavam o nariz, ‘você precisa lavar essas mãos encardidas, Mundoca’.⁵⁰⁸

Com a personagem Mundoca, Assis Brasil passa do cais à “cidade”.⁵⁰⁹ O movimento do centro da cidade se diferencia do cais, não é composto por apitos e barcas. Mundoca contempla os carros, a Praça da Graça, as moças com seu modo de vestir e de se portar,

⁵⁰⁵ Conforme Marshall Bermam a modernização, bem como as múltiplas manifestações nos espaços, como é o caso dos personagens da obra, têm vários efeitos, o de encantamento e de esperança proporcionados pela ideia de novo. Porém, causa nostalgia, principalmente naqueles que veem no passado seus costumes, suas práticas sociais, que são alterados por esse processo que insere homens e coisas em um mundo de transformações. Cf.: BERMAM, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

⁵⁰⁶ ASSIS BRASIL, 1965, p. 22.

⁵⁰⁷ ASSIS BRASIL, 1965, p. 87.

⁵⁰⁸ ASSIS BRASIL, 1965, p. 44.

⁵⁰⁹ Josenias dos Santos Silva destaca que na primeira metade do século XX, “[...] Parnaíba emerge como uma cidade partida, dividida entre dois espaços: a cidade e o cais. A cidade é aquele espaço que sofreu embelezamento urbano, que recebeu os cuidados da administração municipal, é onde moram os ricos, aqueles que se beneficiaram com o momento de pujança econômica e que, portanto, ostentam o progresso material do período. O cais é o oposto disso, é o espaço do trabalho, da marginalização urbana, da pobreza material, do comércio do corpo, da exploração da mão de obra e da exclusão social, enfim, é o lugar da miséria, sobretudo humana”. Cf.: SILVA, Josenias dos Santos. *Parnaíba e o avesso da belle époque: cotidiano e pobreza: 1930 – 1950*. 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012. p. 92.

resultado da adesão a novas formas de civilidade, a higiene do corpo, os espaços de sociabilidades, as luxuosas construções arquitetônicas. O contraste vivido por Mundoca entre o cais e a cidade demonstra os confrontos e desejos da modernidade na configuração dos espaços. A vivência da personagem é comumente marcada pela cristalização de significados. Nesse diapasão, a cidade⁵¹⁰ emerge como o novo e o moderno.

A empolgação com a cidade logo virara queixa, pois ela carregava o título de moradora do cais, de filha da prostituta Luíza. Não se relacionava com as moças da cidade, apenas apreciava a vida daquelas bem-nascidas. O contato com o mundo novo realçou para Mundoca o preconceito e o desprezo dos moradores daquele núcleo urbano para com os ribeirinhos, que eram a força que mantinha viva a cidade de Parnaíba. Na loja:

As freguesas evitavam conversa com Mundoca, os dentes estragados, outras tinham medo, o velho Jacinto se preocupava pelos negócios. Ele tinha vontade, sim, de afastar aquela criatura esquisita da loja, mas a mulher continuava a espalhar que era por caridade, Mundoca tinha mãe pra sustentar, eram umas desvalidas.⁵¹¹

A presença de habitantes da beira rio no centro da cidade causava estranhamento, presença que ficava cada vez mais intensa com o comércio, servindo como vendedores, nas ruas, nas praças, sobrevivendo à custa do trabalho informal ou da caridade alheia. O emprego dado a Mundoca realçava o grande contraste entre aquela moradora do cais com cheiro de peixe, com vestido reaproveitado dos retalhos da avó, as mãos encardidas, os dentes estragados com as moças do centro, que na narrativa de Assis Brasil aparecem sempre com suas roupas limpas, exalando um suave perfume, representando higiene e civilidade.

Mundoca seria o fim da sina da prostituição, não vadiaria no cais, não engravidaria, não passaria adiante a prostituição. Apesar de não ter sofrido a humilhação de desfilar as dores do parto por todo o cais, sofria por ser a filha da prostituta. Assim:

[...] Aquela noite nunca chegou para Mundoca. Ela repeliu os primeiros homens com brandura, os mais afoitos com brutalidade, os outros foram se desinteressando – Mundoca feia, Mundoca gorda, sem jeito, a cara pontilhada de espinhas, desleixada. Não se penteava direito, não se tratava – umas fitas sujas nos cabelos. Evitava olhar as visitas na rede da mãe, talvez mesmo nem pudesse mais presenciar as cenas repetidas, as palavras repetidas, tanto tempo assim. Saía com nojo de casa – tinha nojo de tudo, até do rio, naquelas primeiras noites de pensamentos confusos. Sentava-se nos

⁵¹⁰ Na perspectiva de Raymond Williams, tal contraste seria uma das molas propulsoras para as percepções da modernidade como superação do “antigo” e do “atrasado”. O confronto apresentado por Williams entre cidade e campo é aqui usado para a relação entre cidade e progresso direcionado ao centro de Parnaíba, nas décadas de 1930 a 1940, quando se destacou no comércio e foi significada como sendo polo irradiador dos modelos de progresso e de modernidade. Cf.: WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

⁵¹¹ ASSIS BRASIL, 1965, p. 45.

toros de madeira ou nas canoas velhas até tarde. Voltava pela madrugada, o último homem esparramado na rede da mãe.⁵¹²

A tetralogia não apresenta somente mulheres transgressoras ou mulheres abastadas e mesquinhas. Os romances *O salto do cavalo cobridor* e *Pacamão* realçam outras características do ser mulher. A personagem Zita de *O salto do cavalo cobridor* é uma moça pobre, que residia numa pequena fazenda próxima à cidade de Parnaíba. Ela se casou por imposição do pai. Quanto ao seu esposo, relata que:

Pois naquela noite eu apenas esperei que ele agisse como marido. Quando notou que eu estava sem saber o que fazer, com medo, pela primeira vez se mostrou como era na verdade. ‘Você pensa que eu vou chaleirar você como seu pai?’, disse. Ele foi bruto e chegou a me dar uns taponas. Tinha a maldade nos olhos. Era a maldade, sabe comadre? Que agora estava mais perto de mim, que agora tinha me alcançado. Não sei quanto tempo vivi com ele – a toda hora, quando eu tentava fazer um bordado, me empurrava pra cozinha: ‘lugar de mulher é na cozinha’. Esse negócio de bordado é pra gente rica. Um dia ele adivinhou que pretendia contar tudo a meu pai: ‘Seu pai me deve até a alma. Você sabe que eu comprei você? Não foi bem a peso de ouro, mas foi a peso de algumas dívidas’.⁵¹³

Zita descreve seu casamento sem cumplicidade e sem afeto. Afirma que: “Ele pouca vez tinha me beijado. Me beijava na testa, aquele cheiro de fumo, de suor da camisa – cheiro dos cavalos no pasto, identificava com ele”.⁵¹⁴ O casamento para Zita era como uma consequência na vida das mulheres e apesar do sofrimento que representava seu matrimônio, Zita entristeceu-se com a repentina viuvez:

O esquisito foi que eu não queria aceitar que aquele acontecimento houvesse me atingido. Era de repente uma viúva e voltava pra casa de meu pai, como se não tivesse prestado para o casamento, ou vivido naqueles meses apenas um pesadelo. Meu pai sempre achou que eu era uma moça triste, mas depois daquilo acho que pensou que tinha uma filha lesa ou demente. Eu não via prazer em nada, sabe comadre?.⁵¹⁵

Ela retornou à casa dos pais e alimentava um sentimento de culpa por achar que não cumprira o seu papel de esposa. Mesmo com as agressões e a fatalidade da morte, ela se culpava. Não teve iniciativas de recusa ao casamento e depois voltou a ser mais triste que antes, como se não houvesse sido aprovada no teste de ser mulher. O mesmo autoritarismo do pai e do primeiro esposo de Zita está presente no personagem Bento Mavignier do romance *Pacamão*. Esses personagens refletem uma sociedade que delega autoridade ao homem, enquanto que à mulher é infligida uma posição inferior.

⁵¹² ASSIS BRASIL, 1965, p. 111.

⁵¹³ ASSIS BRASIL, 1968, p. 274.

⁵¹⁴ ASSIS BRASIL, 1968, p. 274.

⁵¹⁵ ASSIS BRASIL, 1968, p. 275.

A personagem Zuleica é apresentada no romance como uma mulher arrogante que controla a casa e os empregados. Entretanto, acompanhando sua trajetória, é perceptível que Zuleica só tem voz no que diz respeito à parte doméstica do seu lar. Nas demais esferas, como nos negócios da família, nas decisões acerca do namoro da filha Nazinha, quem realmente dá a última palavra é o esposo Bento.

Assis Brasil retrata o universo das mulheres no romance sempre ligado ao contexto doméstico, e Zuleica é um exemplo de mulher que exerce bem o papel da esposa abnegada, mãe zelosa e dona de casa acima de qualquer suspeita, e, sobretudo, orgulhosa por pertencer a uma família burguesa da sociedade parnaibana.

A personagem Elza, irmã do Sr. Bento, é uma mulher solitária que viveu sua vida a cuidar da mãe e, posteriormente, dos sobrinhos e da casa. Não realizou passeios na Praça da Graça, não festejou as vésperas de um matrimônio como as moças que Mundoca conheceu no romance *Beira rio beira vida*. Observa-se a resignação de Elza em suas palavras:

Não sei por que, mamãe, mas sempre soube que minha vida se passaria aqui em Parnaíba, aqui nesta casa. E nunca senti revolta porque não tinha motivo para me revoltar. Vivia a seu lado, tínhamos as nossas horas boas, Bentinho era um bom filho e irmão, nunca pensei, seriamente, que houvesse um mundo além daqui, com outras atrações e interesses. Pelo menos, queria acreditar assim.⁵¹⁶

Para Elza, o ambiente do lar apresentava os atrativos necessários e convenientes. É possível observar seu consentimento quando diz: “[...] Mas nós fomos criados para obedecer a certos... certos padrões, como o Bento dizia. Se não fosse assim, o que seria do mundo?”⁵¹⁷ A sobrinha Nazinha é a única do romance *Pacamão* que desafiou o pai com as tentativas de se casar com um rapaz pobre. Diferente da personagem Zita do romance *O salto do cavalo cobridor*, Nazinha apaixonou-se pelo jovem Leandro, funcionário dos correios, rapaz de origem humilde por quem Bento Mavignier nutria ódio e desprezo. Quanto ao namoro do casal, Bento afirma:

Zuleica, vamos dar um sumiço no Leandro, eu vi o cabra de perto, é um sem-vergonha, um calculista. E ainda por cima não tem educação. Você já pensou, esse sujeito na sala de nossa casa, proseando e palitando os dentes? Não, não. Mesmo que Nazinha nos odeie, mesmo que se mate, sei lá, ou que seja verdade que espera um filho daquele cachorro, vamos dar um sumiço nele. Eu bem sabia o que era *dar um sumiço* em alguém, naquela linguagem do Bento e dos fazendeiros. Ficou em silêncio e esperou que eu concordasse.⁵¹⁸ (grifo do autor)

⁵¹⁶ ASSIS BRASIL, 1969, p. 50.

⁵¹⁷ ASSIS BRASIL, 1969, p. 59.

⁵¹⁸ ASSIS BRASIL, 1969, p. 36.

Depois de saber da suposta morte de Leandro, Nazinha foi trancada num quarto no quintal da casa para que ninguém soubesse da gravidez. Sem consultas médicas e cuidados adequados, o bebê morreu e logo depois Nazinha também. Assis Brasil apresenta uma luta incessante das personagens ao passo em que há a impossibilidade de as mulheres descritas vencerem as normas e os preconceitos estabelecidos.

A tetralogia traça diferentes perfis de mulheres que guardam em si semelhanças que as identificam. São mulheres com fortes fardos. Apresenta mulheres ricas, pobres, prostitutas ou não; não há uma essência feminina, mas antes uma heterogeneidade de feminino, cada personagem apresenta formas variadas de sentir-se mulher, ambientada em uma cidade de condicionamentos sociais turbulentos.

A personagem Mundoca representa de forma mais evidente essa heterogeneidade, pois ocupa dois espaços, o centro e o cais. Não ambiciona pertencer ao centro, onde habitam aquelas “pessoas mesquinhas” e não cogita a possibilidade de um emprego no cais. Ao mesmo tempo que é a filha da prostituta, é também funcionária em uma loja do centro. A moça que nunca namorou mora no cais, lugar de prostituição.

Na tetralogia, o feminino pode ser entendido sob diversos aspectos, considerando o lugar ocupado na cidade de Parnaíba. Cota e Cremilda, dos romances *A filha do Meio-Quilo* e *Beira rio beira vida*, respectivamente, representam as mulheres pobres que buscam e invadem o espaço da cidade. Ambas entenderam e enfrentaram as diferenças sociais e econômicas existentes. Luíza de *Beira rio beira vida* ilustra outro aspecto. A personagem sentia-se pertencente ao cais, para ela um lugar de liberdade e não de aprisionamento. Angustiava-se com as falsas promessas de modernização e concentrou suas iniciativas em não pertencer à cidade. Mundoca, representando outro feminino possível, apresenta iniciativas de conquistar o espaço da cidade, a transição entre o cais e o centro. No entanto atuou na cidade como a filha da prostituta, pobre e vestida como mulher do cais. Há ainda as mulheres abastadas da família Mavignier, as personagens Nazinha, Elza e Zuleica do romance *Pacamão*. Esse romance oferece uma perspectiva diferente da mulher de família abastada, pois, enquanto nos outros romances eram exemplificadas em suas conquistas e alegrias, em *Pacamão* aparecem mergulhadas em submissão e tristeza. Por fim, a personagem Zita, de *O salto do cavalo cobridor*, representa outro aspecto do feminino: a moça pobre e submissa ao pai e depois ao marido. Do primeiro matrimônio arranjado pelo pai, Zita ficou viúva; no segundo, com Inação, era uma mulher subserviente ao marido.

5.2 A vida dos homens pobres na ficção de Assis Brasil

Os romances *O salto do cavalo cobridor* e *Pacamão* foram publicados pela primeira vez em 1968 e 1969, produzidos, portanto, antes da década de 1990, conhecida como a década em que houve aumento de estudos sobre homens e, conseqüentemente, sobre a masculinidade. O homem como indivíduo historicamente construído é por força social um ser em constante mutação. Assim, infere-se que o homem é um indivíduo que se autoconstrói, como também o é a mulher. Ambos são rebentos da sociedade. O gênero masculino por sua vez assume uma gama de representatividades, de condutas, de posicionamentos, de atitudes sociais que não lhe são natas, mas assimiladas por uma consciência coletiva disseminada ao longo dos anos e que reforçam a expressividade do gênero em si.

O romance *Pacamão* permite a análise das relações de gênero relativas ao homem urbano no que concerne às práticas masculinas e às masculinidades. O autor apresenta uma crítica à sociedade abastada de Parnaíba. É possível identificar no enredo de *Pacamão* as influências das relações familiares e da educação na composição da masculinidade, a valorização do jovem viajado, educado, pertencente a uma família de tradição.

O romance possui uma narrativa não linear. Inicia com Gervásio (Pacamão) já velho contando suas aventuras com Darcy para, em seguida, lembrar os fatos passados da família Mavignier. A história é contada a partir de uma caminhada dos personagens Darcy e Gervásio do escritório de Bento Mavignier, pai de Darcy, ao jogo de futebol. As lembranças da infância e da juventude surgiam durante uma conversa descompromissada. Darcy, mesmo de família abastada, revelava-se diferente:

O que terá levado Darcy, ainda menino, a não me chamar pelo meu apelido, debochado em toda a cidade? O que teria sido? Gervásio, Gervásio, Gervásio pra cá, Gervásio pra lá, pronuncia meu nome sempre com respeito, enquanto os outros – o passado repercute ainda – a mãe, a irmã, a tia, o pai, a avó, o resto da família, não dispensava aquele pacamão de desdém [...] Darcy, já viu o Pacamão? É o novo enfeite de casa que mamãe arranjou.⁵¹⁹

Amigos desde o primeiro momento, Darcy, com 12 ou 13 anos, voltava de uma pescaria em Amarração quando encontrou Gervásio limpando os azulejos da fachada de sua casa. Gervásio é a figura explorada. Assemelha-se ao personagem Jessé do romance *Beira rio beira vida* que ambicionava crescer, estudar, era curioso, mas foi hostilizado e impedido por Cremilda. Já Gervásio conseguiu, com os esforços de Darcy, frequentar a escola, persuadindo sua família. Assim, sobre a importância da educação para a elite parnaibana, Gervásio conta:

⁵¹⁹ ASSIS BRASIL, 1969, p. 13.

Darcy olha o Instituto São Luís e não quer recordar, mas sabe que é responsável pela minha instrução, desde o grupo de dona Olinda. ‘Se eu estudo, por que Gervásio não vai estudar também?’ A mãe ainda resmungou que era um simples empregado, estava na casa dela para trabalhar e não para ser educado, onde já se tinha visto? Um empregado estudando ao lado do filho do patrão. Só coisas de Darcy mesmo, um menino sem juízo. ‘Dona Raimunda, a senhora já viu essa? Seu neto aí enfeitado de humanitário, de... de...sei lá o quê’. ‘Só continuo a estudar se Gervásio estudar’, disse Darcy decidido. [...] Falou como um homem ao pai: ‘O senhor me disse que a coisa mais triste do mundo é um homem analfabeto. Por que quer consentir que Gervásio cresça assim? Sem instrução?’.⁵²⁰

O romance revela a importância da educação na formação dos homens e a existência de um sistema educacional que não atendia a todas as camadas sociais. Por exemplo, o Instituto São Luís Gonzaga, escola particular criada em 1937, atendia somente ao sexo masculino e era voltada para as famílias abastadas. Em paralelo, havia o colégio Nossa Senhora das Graças instalado em 1907, no âmbito da educação feminina. No entanto, interessam as determinações da educação masculina como uma prática recorrente em Parnaíba. As primeiras letras se faziam em Parnaíba, mas o curso superior exigia o deslocamento para outro estado, prática que sinalizava distinção social, bem como representava o lugar onde aquele jovem se tornaria homem, com responsabilidades. Assis Brasil sinalizou isso através do personagem de Bento:

‘Ele [Darcy] vai estudar no Rio. Longe da gente, Bento? Sacudo ele lá e ele tem que virar homem [...] Não sei como não tive a ideia antes. Aqui em Parnaíba toda família que se preza tem um filho estudando fora. Você não viu o filho do Clark, mulher?’. Dona Zuleica se acalmou com aquela perspectiva de aparecer mais uma vez como esposa de um homem rico, importante, que tinha um filho estudando fora.⁵²¹

Darcy não correspondia ao perfil de jovem de uma família tradicional que a cidade e sua família haviam desenhado para ele. Nos cabarés do cais, Darcy fugia da frustração, das cobranças, sempre muito bêbado, sem camisa, agarrado a uma rapariga. Jovem, sem apego algum às coisas e à família, em específico à figura da mãe, não correspondia aos anseios da família, não se tornaria um empresário. Seu Bento temia que o filho acabasse “atrás de um balcão qualquer e casando com uma rapariga da Coroa”.⁵²² A prática de estudar fora transformava o jovem em homem perante a sociedade e agregava status ao rapaz e a sua família, ajudaria na realização de um bom casamento e em maiores oportunidades na cidade.

Bento Mavignier se revelava um homem tradicional, que teve que sair da sua cidade para estudar, pois não possuía muitas opções de escolha, assim como estava proporcionando

⁵²⁰ ASSIS BRASIL, 1969, p. 19.

⁵²¹ ASSIS BRASIL, 1969, p. 16.

⁵²² ASSIS BRASIL, 1969, p. 16.

para o filho. Ele foi sem choramingar e *tornou-se homem*. Traçou então o destino de Darcy. Gervásio permaneceu trabalhando para ele. Este era um jovem de família menos favorecida financeiramente e valorizava a importância do trabalho como meio de conduzir sua vida desde sua infância em Parnaíba.

Assim, Gervásio exercia sua masculinidade com outras qualificações que o legitimavam no contexto social em que estava inserido como, por exemplo, o trabalho, a defesa da honra e a sexualidade. Outra forma de legitimar a masculinidade era o casamento. No casamento, Darcy frustrou-se. Enquanto estava no Rio de Janeiro seguindo carreira na Academia Militar era noivo de Clotilde, uma moça rica e elegante. Clotilde seria uma extensão do que havia sido a família de Darcy nos tempos da carnaúba. Ele indaga:

Que aconteceria se tivesse me casado com Clotilde? Talvez aceitasse essas mesmas imposições, como aceito a inexistência de imposições hoje em minha casa. Clotilde depois que viu minha família, achou que eu não era do seu meio, embora admirasse nossa casa – gostava de dizer: ‘Seu palacete é lindo, é lindo, recorda uma época mais nobre’ – a beleza dos móveis, aquelas cortinas de veludo que meu pai mandara buscar na França.⁵²³

Depois que retornou ao Rio de Janeiro o noivado durou até a expulsão de Darcy da Academia Militar. Ele voltou sozinho para Parnaíba e solteiro. Havia sido reprovado nos testes de masculinidade. Então veio o casamento com Susana, pois ela “queria se casar e eu era o primo mais disponível e mais audacioso para lhe pedir que se casasse comigo antes de qualquer namoro”.⁵²⁴ Darcy correspondeu ao amor da prima, e o casamento se deu na família, evitando que o mesmo voltasse às farras no cais, na esperança de povoar o casarão novamente.

A situação da sua família agravava-se cada vez mais. Seu Bento começou a vender fazendas. A primeira delas foi Gameleira, onde Darcy e Gervásio exerceram sua sexualidade pela primeira vez depois de serem expulso do QG das mulheres por serem crianças. A vingança se deu na fazenda:

Era um pedaço de terra pobre e seco, os bois magros, um pequeno açude perto da casa e nada mais. Darcy e eu – ele já sabia o caminho – corríamos para detrás da casa para pegar as jumentas e as cabras. As jumentas eram melhores, algumas pareciam saber o que queríamos e ficavam pacificamente ruminando o seu capim. Darcy às vezes comentava excitado, talvez repetindo alguma frase de algum vaqueiro: ‘Gervásio, essa aqui é mesmo que uma moça, experimenta, experimenta’.⁵²⁵

⁵²³ ASSIS BRASIL, 1969, p. 24.

⁵²⁴ ASSIS BRASIL, 1969, p. 23.

⁵²⁵ ASSIS BRASIL, 1969, p. 25.

O prazer de Zuleica, mãe de Darcy, era recordar quando o marido tinha duas fazendas produzindo cera de carnaúba para os navios estrangeiros levarem. Sua grande satisfação era “conservar os azulejos da frente do palacete, a única casa de Parnaíba enfeitada assim”.⁵²⁶ No palacete, moravam Zuleica e Bento, seus filhos Darcy e Nazinha, a avó de Darcy, Dona Raimunda, a irmã de seu pai, Dona Elza, e a velha Pepeta, que criara todos eles. Darcy sentiu muito a sucessão de mortes, enquanto Gervásio encarava de uma maneira mais natural:

O caso de dona Raimunda foi velhice – a filha Elza quis apenas acompanhá-la e se entregou daquele jeito à doença. [...] Pepeta também se foi de velhice, a mais velha de todas as velhas daquela casa. Seu Bento não tinha outra saída com o diabete o roendo havia anos. Talvez Darcy se lembre da irmã, tão jovem, tão viva, por isso aquela mágoa e incompreensão com o mundo. Nunca me disse que dona Zuleica havia escapado porque voltara para a terra dela [...] ‘Gervásio, sabe que permaneci no Palacete somente para morrer? Para esperar pela morte? Achava que quem ficasse ali entre aquelas paredes morreria logo. Tinha quase certeza disso’.⁵²⁷

Sua irmã Nazinha se apaixonou por Leandro, um jovem pobre e funcionário dos Correios. Ao saber do relacionamento de sua filha com um rapaz pobre, Bento contrata um pistoleiro para matar o jovem. Porém o pistoleiro resolve dar uma chance de vida ao rapaz e manda-o fugir. Ao saber da suposta morte de Leandro, Nazinha tranca-se no quarto, para em seguida ser colocada no barracão onde dormia Pepeta, a velha empregada da casa, após a família descobrir sua gravidez. A jovem sofre o preconceito de sua família, perde o filho e termina morrendo por falta de cuidados médicos, já que a família não queria que a sociedade descobrisse o que se passava dentro de sua residência.

O personagem Bento representa o poder e a autoridade que se sobrepunham à Igreja, ao sistema judiciário, ao saber médico, dentre outras instituições sociais, como se pode verificar no seguinte trecho:

Ah, como a gente vive, meu filho, para conhecer as pessoas. Posso lhe citar uma verdadeira galeria, exposta ou de passagem pelo Palacete: Mateus, o delegado Mateus, levando dinheiro do Bento para encerrar o caso de Leandro. Dr. Ormeu, comprando por ninharia a fazenda Lagoa Escura, para que pudesse dar um atestado de óbito falso para Nazinha. Padre Gonçalo, recebendo dinheiro para a sua igreja, para que fizesse ‘um daqueles sermões de domingo’, enaltecendo a virtude, ‘o espírito cristão’, da pobre menina.⁵²⁸

O homem urbano, aquele estabelecido desde a infância na cidade, se constituía a partir da educação devido à necessidade de compor os espaços elitizados; em outro aspecto, o homem se constituía na sua força, na imposição de sua posição e de sua palavra. Quanto ao

⁵²⁶ ASSIS BRASIL, 1969, p. 26.

⁵²⁷ ASSIS BRASIL, 1969, p. 40.

⁵²⁸ ASSIS BRASIL, 1969, p. 35.

homem rural, no romance *O salto do cavalo cobridor*, Assis Brasil destaca as práticas culturais comuns ao espaço rural à medida que apresenta a construção da masculinidade.

Inação é o protagonista do romance, agregado da fazenda Freicheira da Lama. O dono da fazenda, o Dr. Gervásio, era casado com Dona Candinha, seu sogro era deputado e dono de uma fazenda no município de Piracuruca. Caracterizado por sua força, competência, integridade e virilidade, Inação “era quase da altura da casa, o facão de cortar cana trespassado na cintura, bainha com seu nome gravado a fogo, os cabelos claros, os olhos vivos e azuis”.⁵²⁹ Quando jovem e solteiro, era namorador, “rapaz honesto e trabalhador”.⁵³⁰

No romance *O salto do cavalo cobridor* Assis Brasil representa o meio rural acentuando a masculinidade através das dificuldades:

Passado tanto tempo, ainda tinha orgulho daquela casa, construída palmo a palmo, podia bem dizer, pelas suas mãos. A casa antiga, quando o doutor Gervásio comprou a Freicheira da Lama, era uma palhoça de índio, fedorenta e escura, com um puxado de madeira para as cabras. Entulho por toda a parte. E as cobras viviam passeando no terreiro, tomando banho de sol. Tudo sujo e enlameado, e ninguém podia acreditar que perto do Cocal, região alagadiça, pudesse uma fazenda prosperar e ser bem administrada. Ninguém queria nada com aquela terra sem serventia, perdida no oceano do mundo. Ali só bicho peçonhento podia viver. Ou gente muito teimosa.⁵³¹

No trecho acima, fica evidente a natureza áspera, bruta e por consequência, para dominá-la, Inação se mostra incansável, viril, másculo, enaltecido em seus atos heroicos. A construção da masculinidade se dá no contraste com o personagem do Dr. Gervásio. Inação é a representação do homem forte, valente, digno do campo por sua natureza hostil; Dr. Gervásio é o homem urbano representado como manso e frágil, o que o diferencia do personagem Bento do romance *Pacamão*, que sempre impunha sua vontade controlando a todos.

Naquela fazenda no interior do Piauí, região de difícil sobrevivência, Inação não tinha intenção de alcançar status social via educação, mas se mostrava forte e resistente adaptando-se à região. Para além da força, a construção da masculinidade no campo exigia honestidade, inteligência, padrões de comportamento socialmente construídos. A posição de agregado significava uma grande confiança depositada em Inação, bem como a responsabilidade de prestar contas ao patrão da produção da cana, do material gasto na construção e manutenção da casa, bem como de todos os animais. Inação e sua esposa sobreviviam da caça para assim não consumirem a produção e criação da fazenda do Dr. Gervásio:

⁵²⁹ ASSIS BRASIL, 1968, p. 14.

⁵³⁰ ASSIS BRASIL, 1968, p. 13.

⁵³¹ ASSIS BRASIL, 1968, p. 14.

Por isso ela [Zita] chorava bastante toda vez que doutor Gervásio e dona Candinha voltavam para Parnaíba, embora sempre a mulher recomendasse: ‘Olha aqui, Zita: não passe necessidade, ouviu? Quando tiver vontade de comer uma galinha, um capadinho, pode matar sem susto, não passe privação, gente, o Gervásio não se incomoda’. Mas Zita sabia que aquele oferecimento todo, era só da boca pra fora, pois o marido de dona Candinha era muito exigente com as contas do Inação.⁵³²

Aqui as funções sociais que regem a masculinidade diferem do homem da cidade, que se dava através da posição econômica e política. A relação de gênero está para além do masculino e do feminino, baseada na relação de poder entre Inação e Dr. Gervásio. A referida relação é evidenciada nas demonstrações de coragem e força empreendidas por Inação, enquanto o “doutor Gervásio vinha manso, com seu terno de linho branco, o relógio dourado saindo do colete, a gargalhada de homem de posses – acertava as contas com Inação e voltava para Parnaíba, cevado e de barriga grande”.⁵³³

As práticas do homem rural se relacionam com a construção do feminino, exercendo a função de protetor, salvador. Assis Brasil evidencia isso quando Inação, para defender sua patroa, Dona Candinha, mata Doca Barroso, que era temido em toda região, assassino de famílias inteiras, conhecido também por não respeitar as mulheres. À época, Dona Candinha era considerada uma mulher atraente, seus “cabelos caíam compridos pelos ombros e tinha uma cinturinha de vespa”.⁵³⁴

Doca Barroso, ao se aproximar, deixou Inação vermelho, e a briga se armou como relâmpago quando, ao ver Candinha, Doca Barroso perguntou: “‘Essa teteia tem dono ou é rapariga do mundo?’”. Inação armado com uma peixeira e Doca Barroso com um punhal grande iniciaram uma briga que terminou com a morte do assassino”.⁵³⁵ Pois “notar a beleza de uma mulher bonita até que era obrigação dos homens”,⁵³⁶ desde que fosse dentro do devido respeito. A fama de Inação, o matador, percorreu os lugares mais distantes.

No que compete às possibilidades do fazer masculino quanto à defesa da mulher, no âmbito do casamento, se construía um receituário de normatização baseado nas relações de gênero. Essa relação de proteção, além da defesa da personagem Candinha, é percebida quando Inação escolhe Zita como esposa. Uma jovem viúva que sofrera muito no primeiro casamento arranjado pelos pais. Assis Brasil revela através desse personagem outra forma de masculinidade, atrelada à violência.

⁵³² ASSIS BRASIL, 1968, p. 19.

⁵³³ ASSIS BRASIL, 1968, p. 17.

⁵³⁴ ASSIS BRASIL, 1968, p. 32.

⁵³⁵ ASSIS BRASIL, 1968, p. 32.

⁵³⁶ ASSIS BRASIL, 1968, p. 32.

Na união, determinada pelo pai de Zita, há uma perspectiva financeira representando o poder simbólico que a figura paterna exercia.⁵³⁷ Na noite da festa de casamento, a mãe de Zita a aconselhou: “Seja fiel e boazinha para seu marido”,⁵³⁸ afirmando ter vivido essa experiência e reafirmando que o convívio traria o amor. Embora ela estivesse apavorada, casou-se atendendo o desejo dos seus pais. Pois “pensava assim: ele vai ser meu marido e eu vou ter que obedecer a vontade dele. Depois eu não vou mais repugnar aquele fumo mascado até de noite e vou gostar dele como disse minha mãe”.⁵³⁹

A experiência do casamento para Zita foi um pesadelo. Estava de volta em casa, viúva, “como se não tivesse prestado para o casamento”.⁵⁴⁰ No segundo matrimônio, já era viúva e sem dote. Inação justificou que a escolhera por amor, defendendo as qualidades de Zita. Ele não estava preso aos requisitos de honra exigidos de uma donzela. Seria a segurança e o sustento de Zita, o que enaltecia mais a sua masculinidade. A escolha de Inação foi questionada socialmente e, devido à sua posição, os pares lhe atribuíam o direito de desposar uma donzela com um dote que lhe fosse conveniente e que garantiria o sustento dela em sua nova família.

Na conquista de Zita, Inação se revela além de viril, forte, valente e confiável, como um homem alegre e brincalhão, o provedor do lar. Sabia estabelecer normas de relação, como descreva Zita:

Inação era muito alegre e contava muitos casos junto com o Matias. Voltou várias vezes lá em casa e foi deixando que eu gostasse dele aos poucos. Meu pai também ia aceitando Inácio como um bom homem, sério quando era preciso ser sério, alegre e brincalhão nas horas certas.⁵⁴¹

Depois da alegria da união de Zita e Inação nasceu o filho do casal. Um menino que morreu ainda bebê. A perda do filho colocou Zita em profunda tristeza. Sua vida se resumia em quatro lembranças: o aniversário de 15 anos, os dois casamentos e a morte do filho. Zita se tornara uma mulher queixosa, triste e rabugenta. Inação estava mais velho, gordo, passou a acompanhar o seu compadre Matias nas viagens.

Matias era o empreendedor, criativo e “não havia casa na redondeza da Freicheira da Lama que não tivesse um traste vendido por Matias”.⁵⁴² Socorria noivas pobres ou ricas,

⁵³⁷ No patriarcalismo, o homem surgia como o senhor da palavra. A base dessa violência está nas estruturas que defendem o papel do homem como superior no lar e na sociedade. Cf.: BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 20.

⁵³⁸ ASSIS BRASIL, 1968, p. 41.

⁵³⁹ ASSIS BRASIL, 1968, p. 41.

⁵⁴⁰ ASSIS BRASIL, 1968, p. 43.

⁵⁴¹ ASSIS BRASIL, 1968, p. 43.

⁵⁴² ASSIS BRASIL, 1968, p. 30.

“trazia rendeira e costureira da paragem mais distante – ou bordadeira de máquinas ou bilros”.⁵⁴³ Matias conhecia muitas pessoas de diferentes ramos, ajudando a população em qualquer situação. Vivia dessas atividades comerciais, era uma espécie de caixeiro-viajante, empreendedor com características de habitante de centro urbano. Na tentativa de legitimar sua masculinidade, destaca-se o desejo de se distanciar do homem rural e de suas virtudes masculinas, como evidencia Assis Brasil:

Matias era o mais conhecido vendedor ambulante da região. Se intitulava de caixeiro-viajante e não relaxava o chapéu-do-chile, a camisa riscadinha, de seda, botões dourados nos punhos. Lá de visita às namoradas conquistadas em todas as estações da estrada de ferro, desde Marruás a Piripiri, passando por Bom Princípio, Cocal, Deserto, Piracuruca, Salto da Pedra, e tinha gente que dava notícia dele em Paulistana e Mafrense. Matias conhecia todo mundo em todos os lugares – se não conhecia já tinha ouvido falar – vendia máquina de costura para um, uma peça de engenho para outro, um vestido rendado para uma filha de fazendeiro, ia fazendo a sua vida, e ainda se gabava que tinha os seus latins.⁵⁴⁴

Um exímio contador de histórias na roda do bar, nas conversas informais e nas negociações, “caprichava nas conversas onde pudesse mostrar que era um homem que enxergava muito além do seu próprio nariz”.⁵⁴⁵ Circulava com facilidade entre os espaços, tinha fregueses nas famílias abastadas de Parnaíba. Vangloriava-se por ter sido convidado para a inauguração do Cassino 24 de Janeiro, espaço de sociabilidade da elite parnaibana. Um incansável empreendedor. Assim legitimava sua masculinidade: “Estava enterrado no sertão por um feito do destino, nada mais”,⁵⁴⁶ apesar de imerso nos códigos urbanos de masculinidade.

Com o personagem Matias, Assis Brasil mostra o trânsito entre o espaço urbano e o rural, uma vez que, mesmo habitando o espaço rural, ele se sentia pertencente ao espaço urbano, no qual ele aprendeu o modo de vestir, de negociar, de circular. O autor ressignifica a masculinidade na cidade com o personagem de Inação e o modo como ele se portava na mesa com todos os códigos de civilidade, o reconhecimento e a aceitação coletiva, impondo sua masculinidade dentro do espaço urbano. Apresentava seus feitos e Matias como sua testemunha:

Em Parnaíba Inação tinha que usar guardanapo na mesa dos patrões e compadres – desajeitado, encabulado, mas gostava da inovação, metia uma ponta do pano por cima da gravata de nó exagerado, malfeito – o resto do guardanapo ficava amparado pela barriga enorme, os olhos azuis na cara

⁵⁴³ ASSIS BRASIL, 1968, p. 30.

⁵⁴⁴ ASSIS BRASIL, 1968, p. 27.

⁵⁴⁵ ASSIS BRASIL, 1968, p. 27.

⁵⁴⁶ ASSIS BRASIL, 1968, p. 27.

vermelha. ‘Essas mãos aqui, sabe comadre? Já quebraram muito jacaré no meio’ [...] ‘Credo, Inácio’. Dona Candinha ficava horrorizada, ela era muito fina pra ouvir certas coisas, mas Inação contava a história toda vez nos almoços da cidade [...] Inação não contava bem a história pra fazer figura, mas porque ficava encabulado quando não tinha assunto pra puxar com os patrões. Tinha que manter a conversa, como gente civilizada.⁵⁴⁷

Na cidade, Inação se despia do facão trespassado na cintura e da camisa suada para vestir uma camisa com gravata, nos moldes da cidade. E “só de uma coisa ele se gabava sem medida: se considerava o melhor agregado de fazenda do Piauí”.⁵⁴⁸ Nesse aspecto, sobressai sua masculinidade de homem do campo, respeitado e aceito. Nos almoços da fazenda, ele “gostava de conversar assim com os patrões, como se fosse igual a eles e tivesse as mesmas letras. E caprichava nos ditos e fatos para não parecer um homem atrasado”.⁵⁴⁹

Percebe-se que Inação não sabia ler e é evidente a presente tensão que saía nas inúmeras conversas e no confronto de masculinidades. Na cidade, não estava entre os pares que aclamavam seus feitos, mas esses eram tão heroicos que ganhavam admiração e respeito, revelando os diferentes domínios em cada espaço, e também o tornar-se masculino e suas complexidades.

Na companhia de Matias, Inação experimentava jovialidade. Circulando na cidade de Parnaíba na companhia do exímio namorado, acabou se interessando pela jovem Josefa. Zita, sua esposa, era uma companhia para o trabalho e para as refeições, estava consumida de tristeza depois da morte do filho. Já Josefa tinha “aquela boquinha vermelha como uma pitanga, aqueles olhos pretos como um açaí, as conversas macias sobre as pequenas intimidades”.⁵⁵⁰

O namoro com Josefa se dava na estação do trem ou em alguma festa de paróquia nas localidades vizinhas. Inação descobria um mundo de sociabilidades ao lado de Josefa. Nas festas, “Inação não sabia como sorrir ou acertar o passo, a banda tocando a valsa, os pezinhos de Josefa debaixo dos seus sapatões disformes”.⁵⁵¹ Ele estava encantado com Josefa que além “de bonita tinha predicado de moça de salão”.⁵⁵² Sabia que não poderia oferecer mais que aqueles encontros. Era esposo de Zita e não tinha pretensão de deixar sua função de agregado

⁵⁴⁷ ASSIS BRASIL, 1968, p. 34-35.

⁵⁴⁸ ASSIS BRASIL, 1968, p. 35.

⁵⁴⁹ ASSIS BRASIL, 1968, p. 20.

⁵⁵⁰ ASSIS BRASIL, 1968, p. 56.

⁵⁵¹ ASSIS BRASIL, 1968, p. 44.

⁵⁵² ASSIS BRASIL, 1968, p. 59.

da Freicheira da Lama, temendo o julgamento dos patrões, aquela “gente rica da cidade [...] cheia de virtude”.⁵⁵³

A cigana Sulima foi outro amor de Inação. Os ciganos montaram seu acampamento na Freicheira da Lama e aquela bela mulher passou a seguir Inação e pedir coisas na porta de sua casa, oportunidade em que Sulima “olhou bem para Zita e sentiu que ela não era mais a mulher de Inação. Era um ente acabado e sem interesse”.⁵⁵⁴ Inação estava encantado com aquela mulher selvagem e sensual que passeava na mata tentando atraí-lo:

Ela era a claridade, era o sol, a vida naquele sorriso de dentes alvos – o rosto queimado, com leves sardas, os cabelos negros e longos – Ela vivia com um papagaio no ombro, que lhe beliscava constantemente as argolas das orelhas. De longe as cores do vestido de Sulima se confundiam com as penas das aves.⁵⁵⁵

Passaram a se encontrar na mata, pois a cigana era casada com o filho do chefe do bando. Inação passou a dormir na varanda de casa. Na madrugada, esperava ansioso o sinal de Sulima e passava os dias e as noites “pensando nela, no seu jeito de se entregar aos poucos, como um bicho no mato em tempo de cio”.⁵⁵⁶ Toda a fazenda soube do caso dos dois. Zita estava cada vez mais presa à cozinha, enquanto Inação era o cavalo cobridor da fazenda, perseguindo as peças de roupa que Sulima ia deixando pela mata. Ele “se sentia um homem conquistador, mais conhecedor de mulher do que o compadre Matias”.⁵⁵⁷

Certa noite, na mesma pedra onde Sulima esperava por Inação completamente nua, estava um cigano a sua espera e todo o entorno estava cercado. Em uma luta limpa, um cigano por vez, Inação matou dois e o terceiro o feriu no peito. Naquele momento lembrou dos inúmeros alertas e conselho de Matias, de que “bem podia namorar com Josefa que era uma boa moça, não com um traste de cigana, uma rapariga interesseira, ladrona de cavalo”.⁵⁵⁸

Os ciganos acusavam Inação de ter abusado de Sulima. Ele não tinha a mesma vitalidade e força do tempo em que brigara contra Doca Barroso. Agora temia e sentia a morte. Matias foi a primeira pessoa a encontrar Inação ensanguentado na beira do olho d’água. Suas botinas de couro haviam desaparecido e os ciganos cortaram o pênis de Inação. Seu corpo tinha marca de facas. Zita recebeu o corpo do esposo e:

Limpou o rosto – uma orelha cortada – os cabelos sujos de areia, aqueles olhos de alemão entreabertos – e Zita se lembrou que havia muito tempo não

⁵⁵³ ASSIS BRASIL, 1968, p. 65.

⁵⁵⁴ ASSIS BRASIL, 1968, p. 73.

⁵⁵⁵ ASSIS BRASIL, 1968, p. 72.

⁵⁵⁶ ASSIS BRASIL, 1968, p. 75.

⁵⁵⁷ ASSIS BRASIL, 1968, p. 82.

⁵⁵⁸ ASSIS BRASIL, 1968, p. 89.

acariciava o seu homem daquele jeito, e teve ímpeto de chorar – depois se lembrou da cigana, da sem-vergonhice dos dois nas margens do olho d'água, e passou a arrumar o corpo de Inação quase como se fosse um desconhecido.⁵⁵⁹

O amor proibido de Inação o conduziu à morte. O homem dignificado e honrado, “esta[va] de paixão ferrada”⁵⁶⁰ por uma cigana. No entanto o fato não desconstruiu a imagem consolidada de homem honesto e trabalhador. Inação apenas passou a ser tratado como vítima.

No que compete ao trânsito entre cais e cidade, os personagens Jessé de *Beira rio beira vida* e Romualdo de *A filha do Meio-Quilo*, que não são os personagens centrais desses romances, representam bem o homem pobre, ambos trabalhadores do cais. Jessé chegou a Parnaíba “quase nu e era só osso”.⁵⁶¹ Chegou pela mão de um vendedor de arroz em casca. O homem explicou a Cremilda que o pai dele fora comido por um jacaré e a mãe tinha morrido de sezão. Jessé sonhava com uma vida confortável, desejava estudar e crescer economicamente. Era motivo de piada entre os trabalhadores, a escola não era para os ribeirinhos. Trabalhando para Cremilda entre as barcas que traziam riquezas e inovações, sonhava frequentar a escola e melhorar de vida:

‘Dona Cremilda, eu queria estudar’. ‘Pra que menino?’ ‘Ora eu queria’. Ela saiu de perto do pilador barulhento, pegou Jessé pela mão, foi bem pro meio do armazém, e gritou pra todo mundo ouvir: ‘Olhem aí, querendo ser doutor, passar por gente rica’.⁵⁶²

Jessé representa o trabalhador explorado da beira do cais que não tinha acesso à escola. No cais, a pobreza; no centro da cidade, o conforto e a educação. Apesar de circular nos dois espaços, estava vinculado ao cais. A personagem central do romance, Luíza, em diálogo com a filha Mundoca revela as primeiras desilusões de Jessé:

Naquele momento ele soube, Mundoca, que só poderia ser um embarcadiço ou um canoeiro, quando muito um marinheiro de algum navio-gaiola, ou coisa nenhuma se continuasse naquele armazém de puta, como ele falava. Sei que queria estudar não para abandonar o rio – sua grande paixão – e as embarcações, mas pra conhecer melhor de tudo um pouco. Nunca abandonaria o rio e, quem sabe? Estudando poderia ser até comandante de um gaiola.⁵⁶³

A dimensão do trabalho é evidente quando se observa o cotidiano descrito por Assis Brasil através de seus personagens: Cremilda e Luíza, prostitutas, Jessé embarcadiço e

⁵⁵⁹ ASSIS BRASIL, 1968, p. 93.

⁵⁶⁰ ASSIS BRASIL, 1968, p. 99.

⁵⁶¹ ASSIS BRASIL, 1965, p. 65.

⁵⁶² ASSIS BRASIL, 1965, p. 39.

⁵⁶³ ASSIS BRASIL, 1965, p. 39.

Mundoca, empregada em uma loja. Na casa de Cremilda, Jessé comia na cozinha, mal-cuidado e sujo, mantido distante dos clientes de Cremilda. Luíza descreveu Jessé: “Arriava o prato entre as pernas no chão, fazia um bolo com farinha, ia mastigando calado, até não sobrar nada [...] ia comendo de um por um, com gosto e método”.⁵⁶⁴ A rede já estava armada de lado e após a refeição “se levantava satisfeito, cheio de bolinhos de feijão, abria o pote, enchia o caneco, bebia lambuzando o peito, arfava, e se queixava de cansaço como sempre [...] Estou cansado de carregar arroz no ombro. Tua mãe não me dá uma folga”.⁵⁶⁵

Ali Jessé estava como um escravo cumprindo ordens de Cremilda, a mulher que o criou.⁵⁶⁶ Assis Brasil descreve Jessé como jovem de poucas palavras, que depois das primeiras decepções se entregou ao rio. Retornava ao cais a cada dois anos. O rio fora a saída, nele Jessé se sentia livre, aprendia e vivia situações novas. Jessé nunca falava, nunca tinha uma opinião: “Ele sentia tudo mais não dizia nada”.⁵⁶⁷ Quando questionado por Luíza se ele gostava de Cremilda: “Deu de ombros, foi andando de volta: ‘Não sei. Eu preciso dela, tenho comida todos os dias’”.⁵⁶⁸

O tempo que Jessé ficou no cais foi alimentando sua vontade de ter dinheiro. Tomou algumas iniciativas como vender borboletas para os peixes da pérgola, depois com a reforma da Praça da Graça os peixes de cor não comiam as borboletas brancas, que os moleques caçavam. Jessé teve que mudar de negócio. Pensou em comprar uma tarrafa. À tarde, depois de parado o pilador, tinha tempo para se dedicar à pescaria. Ele “pensou em negociar com outras tantas coisas – preocupação constante. ‘Luíza, que você acha, comprar aquelas marrecas?’”.⁵⁶⁹

Preparou com carinho no fundo do quintal um ambiente próprio para as marrecas compradas do outro lado do rio. Puxou um pedaço de regato, formado pela água da caldeira do pilador, represou uma parte do terreno. Em pouco tempo, o fundo do quintal ganhou uma nova paisagem, mas temia que Cremilda mandasse acabar com tudo aquilo.

Cremilda criou Jessé, vestiu e deu comida. Ele não tinha nada quando chegou a Parnaíba. As borboletas foram o começo da mania de ganhar dinheiro. Vieram marrecas, porcos engordados com cuim de arroz. Jessé queria deixar aquele armazém sujo, a perseguição da Cremilda, viajaria em um gaiola dourado. E, quando crescesse, iria embora

⁵⁶⁴ ASSIS BRASIL, 1965, p. 23.

⁵⁶⁵ ASSIS BRASIL, 1965, p. 23-24.

⁵⁶⁶ ASSIS BRASIL, 1965, p. 26.

⁵⁶⁷ ASSIS BRASIL, 1965, p. 26.

⁵⁶⁸ ASSIS BRASIL, 1965, p. 26.

⁵⁶⁹ ASSIS BRASIL, 1965, p. 27.

num navio de verdade para bem longe, ganhou a “mania de querer ficar rico, ser negociante, juntando dinheiro na mão dela, juntando até se enrabichar pelo rio. Não era então mais negociante, era embarcadiço, remeiro, e foi o fim dele”.⁵⁷⁰ Jessé é descrito como carinhoso e atencioso para com Luíza. Foi “o primeiro a lhe dar presentes – cordas de peixe, uns bem miudinhos, que serviam mais para brincar do que para comer, espelhos de reclame, os cacos de vidros os mais bonitos. Marreca não dava, porco não dava, custavam dinheiro”.⁵⁷¹

As transformações no corpo e na vida de Luíza sinalizavam a chegada de Jessé. Luíza estava crescendo, e as roupas que possuía já não cobriam seu corpo, os seios também cresciam. Em meio às transformações, Jessé estava de volta: “Desceu da barca cheio de coisas nas mãos – lhe deu uma corda de peixes e um sorriso [...]. Jessé tinha outros dentes estragados na boca mole”.⁵⁷²

Ele notou o vestido da companheira das brincadeiras pelo cais, as pernas finas do lado de fora e “pela primeira vez ela via Jessé na altura de seu ombro: espantou-se, lembrou-se das correrias pela margem do rio”.⁵⁷³ A segunda vez que voltou, Luíza estava grávida de cinco meses. A cada partida Jessé dizia a Luíza: “Vou e volto num pulo, Luíza”.⁵⁷⁴ No entanto demorava a voltar, chegava sempre em momentos de grandes transformações na vida de Luíza.

Ao passo que mergulhamos na pobreza do cais, na desigualdade social, o autor descortina o corpo feminino, a sexualidade, o amor e o ciúme. Das brincadeiras de infância à partida de Jessé, um sentimento de parceria estava firmado entre ele e Luíza. Depois Jessé “foi voltando, foi voltando e nada. Nada ouvia de Jessé daquilo que [Luíza] esperava ouvir de qualquer homem. Quando descobriu a gravidez de Luíza, aí se transformou”.⁵⁷⁵

Luíza não sabia da vontade de Jessé de voltar a morar em Parnaíba, não no cais como carregador, mas como comerciante. Esses planos foram as últimas palavras de Jessé depois do incêndio na barca em que estava:

‘Vou me estabelecer em Parnaíba, Luíza’. ‘Sim, Jessé’. ‘Vou negociar... deixar o rio’. ‘Sim Jessé’. ‘Mesmo que seja uma quitanda pra começar’. ‘Sim, Jessé. É bom (Esse rio desgraçado consumidor de gente)’. ‘Depois abro uma loja’. ‘Uma boa loja, Jessé’. ‘Depois... Você fica comigo, não é, Luíza?’’. ‘Fico. Fico’.⁵⁷⁶

⁵⁷⁰ ASSIS BRASIL, 1965, p. 29.

⁵⁷¹ ASSIS BRASIL, 1965, p. 34.

⁵⁷² ASSIS BRASIL, 1965, p. 33.

⁵⁷³ ASSIS BRASIL, 1965, p. 33.

⁵⁷⁴ ASSIS BRASIL, 1965, p. 56.

⁵⁷⁵ ASSIS BRASIL, 1965, p. 56.

⁵⁷⁶ ASSIS BRASIL, 1965, p. 83.

Depois das brincadeiras da infância com Luíza na Praça da Graça, Jessé queria retornar ao centro, agora para ir à igreja do Rosário, construída por escravos, frequentada pelos trabalhadores, a classe menos abastada da cidade. Através dos personagens, Assis Brasil delimita alguns espaços que compunham o conjunto de sociabilidades em que estavam mergulhados os trabalhadores do cais. Jessé, já rapaz, precisava de uma roupa nova para ir à missa:

Num dia de domingo, sabe, Mundoca? Ele apareceu vestido, dizendo que ia na missa na igreja do Rosário. Minha mãe olhou o pobre de cima a baixo e perguntou: ‘Onde diabo arranjou dinheiro?’. ‘Fiz um negócio, dona Cremilda’. ‘Que negócio?’. ‘Vendi um bicho meu e comprei essa calça comprida, eu já sou um homem’.⁵⁷⁷

Jessé teve que negociar às escondidas para comprar a sua primeira calça comprida, adentrou no armazém com o embrulho escondido, precisava negociar em segredo para evitar que Cremilda tomasse o dinheiro. Quando ela descobriu o negócio, Jessé sofreu a indiferença, comia ainda menos, trabalhava mais. Mesmo sabendo das consequências, ele queria mesmo ir à missa, “botou brilhantina no cabelo, naquele cabelo de espeta-caju”⁵⁷⁸ e seguiu para a igreja do Rosário.

Assim a narrativa de Jessé contribui para revelar o espanto dos parnaibanos que habitavam o centro ao ver de perto o cais, bem como a alegria dele em estar na Praça da Graça com Luíza e frequentar a missa da igreja do Rosário. Representam, também, a impossibilidade de ascensão social. Todas as promessas feitas à filha da prostituta que estava grávida, o sonho de uma vida mais confortável, tudo acabou com a morte de Jessé, revelando que um embarcaçõ não seria comerciante e que uma mulher que engravidara fora do casamento não conseguiria matrimônio.

Descrevendo a cena da morte de Jessé, o autor intensifica o trânsito entre o cais e o centro. Descreve a barca que incendiou, um fogareiro sobre as águas. Quando a notícia se espalhou, o cais estava cheio de pessoas que nunca tinham demorado muito na beira do rio; médicos, enfermeiros, soldados de polícia, que aguardavam a barca Piauí, que descia rebocada desde o largo do Igarapu, onde pegou fogo.

Jessé estava enrolado em trapos dentro de uma rede e foi o primeiro a seguir para a Santa Casa. Atingido por um fardo em brasa, não teve como escapar. Com o corpo deformado, com apenas um olho aberto, ele reforçou baixinho as promessas feitas a Luíza e seus sonhos de grandeza: uma loja em Parnaíba, o fim das aventuras no rio, um casamento

⁵⁷⁷ ASSIS BRASIL, 1965, p. 100.

⁵⁷⁸ ASSIS BRASIL, 1965, p. 100.

com Luíza. A barca incendiada, os homens queimados, situações como poucas que atraíam a população do centro ao cais. Formava-se uma procissão pela Rua do Rosário desde a Praça da Graça. Namorados, famílias inteiras indo saciar a curiosidade, incomodados com o ambiente:

Os curiosos mais afoitos repugnaram as cenas, voltaram pela Rua do Rosário, agora achando maçante a subida, horrorizados com a sujeira dos igarapés, com aquele rio barrento cheio de óleo, cheio de cascas de frutas – a catinga, a pequenina ponte gasta, as tábuas frouxas – de novo em suas vidas calmas, rotineiras, sem novidades, além das novidades dos filhos e da morte na velhice – o cais era para ‘aquela gente’, eles concluíram.⁵⁷⁹

Assis Brasil revela as diversas formas de existência e as diferenças entre os espaços do cais e do centro. Retrata o cais como lugar de intenso movimento e o espaço urbano de “vidas calmas”.⁵⁸⁰ A imagem apresentada do cais através da sujeira, da frouxidão das tábuas, revela a imagem que o habitante do centro fazia do povo ribeirinho, “que o cais era pra aquela gente”.⁵⁸¹

Outro trabalhador do cais enfatizado é o personagem Romualdo do romance *A filha do Meio-Quilo*. Quando ainda morava em Cocal, no barracão das construções da estrada de ferro, ele:

Vinha suado ao meio-dia, o chapéu de palha estragado; repartia o feijão, ‘vocês ficaram direitinhas?’ Fora sempre assim, não conheceu outra panela ou outro barracão, embora ele tivesse construído estrada em todo o nordeste. A mãe era apenas uma referência, quando ele queria recordar alguma coisa ruim. E elas? Quando crescessem não fariam o mesmo? Aquela vida embrutecia, fazia qualquer um enlouquecer. Talvez por isso aquela viagem, aquela incógnita. Parnaíba estava ali, a cidade sem movimento, dormindo ao sol da lua, quente, sem vento, as duas calçadas largas e aquela porta pintada com um óleo grosso, escuro.⁵⁸²

Romualdo representa muitas famílias que iam para Parnaíba em busca de trabalho. Ao chegar, “só tinha a roupa do corpo”⁵⁸³ e as filhas Alzira e Lucília. Foi contratado por Dona Cota para “distribuir água na cidade”.⁵⁸⁴ Ela comprou a única frota de burros da cidade que distribuía água e contratou Romualdo, homem de pele roxa e riso engraçado. Em diálogo com Romualdo, afirma:

A cidade não tem água encanada, imagine o senhor que todo mundo aqui sofre de vesícula, a água é puro barro, os filtros entopem, os médicos já até se especializaram em doenças do fígado.⁵⁸⁵

⁵⁷⁹ ASSIS BRASIL, 1965, p. 81-82.

⁵⁸⁰ ASSIS BRASIL, 1965, p. 82.

⁵⁸¹ ASSIS BRASIL, 1965, p. 82.

⁵⁸² ASSIS BRASIL, 1966, p. 30.

⁵⁸³ ASSIS BRASIL, 1966, p. 30.

⁵⁸⁴ ASSIS BRASIL, 1966, p. 31.

⁵⁸⁵ ASSIS BRASIL, 1966, p. 31.

Romualdo criou afeição por Dona Cota, “aquela senhora sofrida”, talvez não tanto por sua bondade, mas porque ela tratava suas filhas de uma maneira especial. Moravam todos na casa de Cota, onde as meninas tinham seu quarto: “As duas caminhas já preparadas, um guarda-roupa. Era a primeira vez, assim, o chão tão limpo, os tijolos vermelhos, comendo de colher não mais o puro feijão”.⁵⁸⁶ A curiosidade despertada pelas primeiras ruas calçadas, os automóveis de paralamas bonitos, o mercado grande, as praças verdes, como era alta a igreja, do banho num banheiro de cimento, com água limpa, “água fervida, minha filha, para tirar as mazelas do rio”.⁵⁸⁷

Em Parnaíba, a distribuição da água era feita com o uso de jumentos para o transporte, e custava quinhentos réis a carga. Cota comprou a última tropa de burros com a desistência de seu Joaquim, já velho e cansado. Uma oportunidade de pairar acima da cidade, dos orgulhosos que bebiam água barrenta. A cidade se exaltou: “Só a Cota maluca é quem vai vender água”.⁵⁸⁸

Houve campanha para um novo fornecedor, mas nenhuma família que se prezava poderia aparecer como dona de uma tropa de burros vendendo água do rio pela cidade. Houve também a campanha do poço; todo mundo abriria poço no fundo dos quintais para não precisar do serviço de Cota. Alguns poços foram abertos, mas a água salobra adoecia ou entediava os gostos finos, e os mais ousados enviavam seus empregados pela Rua do Rosário com uma lata no ombro. Dona Cota recebeu a visita do delegado Mateus:

‘A senhora sabe, dona Cota, vender água em Parnaíba, em lombo de burro, é quase uma tradição. E por outro lado, não há outro jeito, a cidade não tem água encanada. Sim a única solução é abastecer com os burros. Os moradores pedem que a senhora reinicie a distribuição de água’. ‘Quais os moradores, Mateus?’. ‘Todos de Parnaíba’. ‘Eu exijo um abaixo assinado. [...] Um determinado número, todas reconhecidas em cartório. Acha que estou exagerando, Mateus?’. ‘Não posso dizer nada, dona Cota, alguns merecem o que a senhora está fazendo’.⁵⁸⁹

Cota se vingava da cidade pelos comentários a seu respeito desde a sua mocidade. A distribuição de água continuou. A cidade queria olhar de perto aquele funcionário que Cota colocou dentro de sua casa. A freguesia de água aumentou, e as moças se enfeitavam: “ele é ainda moço e bem parecido”.⁵⁹⁰

A representação de Cota estava mudando com a cidade. Já era reconhecida pelo

⁵⁸⁶ ASSIS BRASIL, 1966, p. 32.

⁵⁸⁷ ASSIS BRASIL, 1966, p. 30.

⁵⁸⁸ ASSIS BRASIL, 1966, p. 42.

⁵⁸⁹ ASSIS BRASIL, 1966, p. 42.

⁵⁹⁰ ASSIS BRASIL, 1966, p. 107.

abastecimento de água e por seu trabalho para a fundação da igreja São Francisco de Assis. Para as quermesses e leilões as ofertas vinham de longe, de Teresina, Piripiri e Tutoia. A cidade comentava: “Uma viúva de respeito, às voltas com um zé-ninguém. ‘Ela terá coragem de se rebaixar?’”.⁵⁹¹ Mais uma afronta de Cota para com a cidade, pois sua vida mudara com o desaparecimento de Tomás:

Estava mais uma vez precisando de uma direção forte nos negócios e tinha experiência de que um homem, ao lado de uma mulher, sempre impõe mais respeito a ela por parte dos outros [...]. Por isso Romualdo viera.⁵⁹²

Romualdo tinha intimidade com o trabalho. Os rapazes solteiros e maduros de Parnaíba se interessavam por passeios, brincadeiras, atitudes irresponsáveis, e Cota já não era uma mocinha, se eximia dos piqueniques na praia de Amarração. Depois do casamento com Romualdo, ele prosseguiu pelas ruas botando água, o “botador d’água”, sempre com a barba por fazer, roupa frouxa, se diferenciava de Tomás, seu primeiro esposo, sempre tão arrumado. Romualdo vivia na praça às quintas-feiras, na retreta com suas botas altas. Cota queria voltar à praça cada semana, não pelo contato com seu público ou para recordar Tomás, mas sim cada desfile que empreendera com os incontáveis namorados.

Assim, é possível observar que em sua tetralogia Assis Brasil enfatiza o viver de homens e mulheres parnaibanos, bem como tece representações sobre cada um a partir do lugar que ocupam na cidade. Os romances expressam as contradições da modernização, como cada sujeito absorveu as novidades, as sociabilidades civilizadas e o trabalho. Os personagens femininos e masculinos codificam o viver em Parnaíba como uma (re)leitura da época.

⁵⁹¹ ASSIS BRASIL, 1966, p. 43.

⁵⁹² ASSIS BRASIL, 1966, p. 44.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar os romances *Beira rio beira vida* (1965), *A filha do Meio-Quilo* (1966), *O salto do cavalo cobridor* (1968) e *Pacamão* (1969) é mergulhar em práticas femininas e masculinas. Escritos na década de 1960, representam Parnaíba das décadas de 1930 e 1940. Na escrita dos romances, a década de 1960, Assis Brasil atuando, como crítico literário do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil-SDJB, onde criou as páginas Ficção Nacional, em 29 de setembro de 1957, e Correspondência, em 1959, acompanhava a produção literária e as discussões em torno da literatura.

Mesmo atuando como colaborador permanente no SDJB, sua crítica permanece ainda desconhecida. No entanto, os romances revelam como o autor se posicionou em meio a um intenso debate em torno da linguagem. Faz parte dos novos escritores, pós-geração de 30, explorando as relações entre ficção e realidade. Na opinião de alguns dos críticos, o caráter vanguardista dos romances está na proximidade com o real, os personagens possuem vida própria. O romance *Beira rio beira vida*, narrado pela prostituta Luíza, é construído a partir de suas lembranças e não segue um tempo cronológico, termina repetindo as frases iniciais.

Em *A filha do Meio-Quilo*, trata da jovem Cota, as falsas biografias sobre sua vida construídas pela cidade e o seu agir. Em *O salto do cavalo cobridor*, os personagens Zita e Inação são apresentados, junto com suas descobertas das coisas boas e ruins, com uma abordagem das relações e sentimentos humanos muito realista. No romance *Pacamão*, o funcionário Gervásio conduz a narrativa, que também não é linear. Inicia com Gervásio (Pacamão) já velho narrando as histórias da família Mavinier. Os romances constituem a expressão de mundo dos personagens, sua sensibilidade, seu cotidiano, cada personagem que surge narra o “que pra si mesmo se converte em drama”.⁵⁹³

Os romances abordam as diferentes formas vivenciadas de feminilidade e masculinidade em Parnaíba e representam a pluralidade do ser mulher e do ser homem na cidade. Os romances, somados ao relato de memorialistas, aos jornais e ao *Almanaque da Parnaíba* permitiram conhecer formas vivenciadas de masculinidades e feminilidades.

As fontes consultadas apontam nomes e funções exercidos por mulheres em diversos espaços da cidade. Essas mulheres de força, de atitude, enquanto presença efetiva em Parnaíba, conquistavam poder ao exercerem atividades como o assistencialismo, o trabalho

⁵⁹³ ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Joyce e Faulkner: o romance da vanguarda*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 18.

informal, o trabalho assalariado e o magistério. Atuaram no mercado de trabalho sob o julgamento moral de toda a cidade. Eram funcionárias no banco, nos armazéns, no mercado, nas lojas, nos bares e lanchonetes, na prefeitura, na padaria, na alfândega, na estrada de ferro. Assim, eram múltiplas as atividades e relações exercidas e estabelecidas, no lar e fora dele. Verificou-se o assistencialismo como uma das atividades que possibilitou visibilidade e destaque para as mulheres. A análise do *Livro de formatura da 1ª turma de concludentes do Ginásio e da Escola Normal de Parnaíba* de 1932 permitiu perceber alguns dos atributos pertencentes e exigidos no processo de construção da normalista parnaibana.

As mulheres pobres trabalhavam no comércio ambulante, eram empregadas domésticas, lavadeiras, prostitutas, frequentavam o Cine Éden, eram funcionárias do bar pimpão. Mesmo em uma tímida aparição, todas circulavam pelo centro da cidade; manifestações que constituíam poder e demarcavam presença. Desde o uso de maquiagem, o corte de cabelo, as roupas, os discursos até a atuação profissional, a mulher foi se inserindo no cenário da cidade, não apenas demonstrando as influências da modernidade, mas como indispensável ao processo de modernização, que exigia a instrução das mulheres. Esse último argumento resultou em muitos benefícios para as mulheres, favorecendo a conquista de novos espaços naquela sociedade.

Quanto à atuação no espaço da cidade de mulheres e homens, verificou-se que os homens de famílias abastadas codificaram uma masculinidade ligada à vida pública: o modelo do homem trajando roupas sociais, elegância à inglesa, sem muitas cores e acessórios, educado, humanitário e bom em oratória caracteriza essa masculinidade.

Os homens pobres não tiveram existência anulada; ao contrário, existiram como sujeitos capazes de resistir ao trabalho árduo, compondo uma polifonia marcada pela sobrevivência no cais e as diversas formas de exercê-la. Ao passo que também contribuíam para a modernização da cidade, codificavam outras masculinidades, pautadas na força e na honra, dadas a ver em formas mais rudes. O cais representava um espaço da cidade onde a masculinidade apresentava outros significados, pautada na força, resistência, honra, um vestuário simples, uma faca na cintura e um chapéu, as formas de trabalho ligadas ao rio e à exportação.

Os ditames de comportamento social entre o centro e o cais divergiam e dialogavam, ao passo que homens do cais trabalhavam no centro e homens do centro dirigiam armazéns no cais. Raimundo de Souza Lima exemplifica bem esse trânsito entre os espaços.

Portanto, em ambos os espaços, a conduta masculina era regida por padrões socialmente estabelecidos. No centro, identifica-se uma história dos homens como

administradores públicos, políticos, comerciantes, médicos, advogados, farmacêuticos, professores. No cais, eram vareiros, canoeiros, barqueiros, taifeiros, carregadores, embarcações e consertavam barcas. Todos os ofícios delineiam masculinidades diferentes.

Nas décadas de 1930 e 1940, assistiu-se a um dinamismo eufórico na vida de mulheres e homens em consequência do cinema, da modernização dos espaços de sociabilidades, com novos espaços construídos e ampliados para o uso social. Verifica-se, também, a exibição pública a partir desses novos espaços, a influência europeia, advinda do comércio de importação e exportação, marcada pela presença das casas inglesas e francesas e das famílias de ingleses e franceses que habitavam a cidade, bem como todo um repertório de imagens e representações que nortearam homens e mulheres na busca por formas civilizadas de atuar na cidade e nas sociabilidades. Imagens e representações nortearam também a vida das mulheres e dos homens pobres no trabalho, no compromisso e na convivência.

Essas relações efetivas, que são múltiplas, representadas nos romances de Assis Brasil, ganham ainda intensidade e outras particularidades. A prostituta Cremilda, dona de um armazém, rejeitada pela cidade ao tentar comprar uma casa no centro. O julgamento da cidade sobre a conduta de Cota, uma moça pobre trabalhando em escritório conceituado, casando-se posteriormente com um jovem de família abastada. Ambos significam uma crítica à cidade e à modernização. Os romances *O salto do cavalo cobridor* e *Pacamão*, no que concerne às práticas masculinas, apresentam também uma crítica à sociedade abastada de Parnaíba. O primeiro aborda o deslocamento do campo para a cidade, o homem do campo e o homem do centro, com práticas de masculinidades que divergem. O segundo segue evidenciando comportamentos que destoam ao esperado na cidade de Parnaíba para homens e mulheres, como a gravidez de Naizinha fora da instituição casamento, de um rapaz de origem humilde. Para além desses personagens, em todos os romances, surgem outros personagens destoantes. Um viés válido que apresenta os liames da vida feminina e masculina, o negado e o permitido levado ao extremo.

No que compete à recepção dos romances, os mesmos traziam nomes e sobrenomes iguais ou muito próximos das famílias abastadas da cidade. Uma forte crítica à modernização e à atuação dos padres, os poucos leitos da Santa Casa de Misericórdia, a impossibilidade da filha da prostituta de frequentar o colégio Nossa Senhora das Graças, a exploração da mão de obra no cais, tudo isso gerou um desconforto.

O personagem Darcy Mavinier, do romance *Pacamão*, descrito como um jovem que frequentava cabarés do cais, acompanhado das prostitutas e sempre com uma garrafa de bebida foi incômodo pra cidade. A família Mavinier no romance, uma família em decadência

financeira que proíbe a filha Naizinha de casar-se com um rapaz pobre e ordena o assassinato do mesmo, tranca a jovem em uma casa, a mesma desfalece e morre por ter engravidado. Toda essa narrativa ficcional carrega o nome de uma família de Parnaíba.

As estratégias narrativas utilizadas por Assis Brasil, os nomes dos personagens, as descrições do caos, da modernização são o molde para um mal estar na cidade de Parnaíba e a forma como o leitor compreendia os romances. Em entrevista ao jornal *O Bemem*, Manoel Domingos Neto revela a proibição de seu avô Ranulpho Torres Raposo, editor do *Almanaque da Parnaíba*, à leitura dos romances.⁵⁹⁴ Não aceitava que Assis Brasil, parnaibano que ganhara destaque nacional ambientando os romances em Parnaíba, o fizesse acentuando a prostituição, o preconceito e principalmente usando o nome das famílias abastadas em seus romances. A verossimilhança, a prostituta e a mulher pobre conduzindo a narrativa, a visibilidade aos homens pobres da cidade e suas mediações, aspectos louvados nos periódicos cariocas que causaram confusão no leitor parnaibano quanto à relação verdade e ficção.

⁵⁹⁴ DOMINGOS NETO, Manoel. A primeira vez que li Assis Brasil. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, 1994, p. 24-27.

REFERÊNCIAS

PRODUÇÕES DE ASSIS BRASIL

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. O verdadeiro Hemingway. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 set. 1956. Suplemento Dominical, p. 2.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil] O Suplemento dominical do Jornal do Brasil em seu 1º ano de circulação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 jun. 1957. Suplemento Dominical, p. 6.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Guimarães Rosa e a literatura brasileira I: considerações gerais. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 dez. 1956. Suplemento Dominical, p. 2.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Guimarães Rosa e a literatura brasileira II: sentido universal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 jan. 1957. Suplemento Dominical, p. 2.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Guimarães Rosa e a literatura brasileira III: Linguagem brasileira (conclusão). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jan. 1957. Suplemento Dominical, p. 2.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil] Apresentação de um contista. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 jun. 1958. Suplemento Dominical, p. 8,

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil] Apresentação de um contista. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1958. Suplemento Dominical, p. 1.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Três prosas concretas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1959, p. 1.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil] Um profissional. *Revista Presença*, Teresina, ano 13, n. 40, 2010, p. 18.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Concretismo: literatura em pânico. *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 2 (5), p. 57-75, abr./jun. 1960.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. A literatura é minha vida. *Meio Norte*. Teresina, 1 dez. 2013, p. 06.

ASSIS BRASIL fala de seu novo romance “A filha do Meio-Quilo”. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 17 jan. 1967, p. 1.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Continua o debate: miséria de uma linguagem, confusão e alienação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 jul. 1961. Suplemento Dominical, p. 3.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Terno de reis. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1957. Suplemento Dominical, p. 2.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Concretismo e participação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1963, p. 7.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. “Beira rio, beira vida” (Prêmio Nacional Walmap, 1965). *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de maio de 1966, p. 24.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Verdes mares bravios*. Rio de Janeiro: Aurora, 1953.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Contos do cotidiano triste*. Rio de Janeiro: Universitária, 1955.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Beira rio beira vida*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *A filha do Meio-Quilo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *O salto do cavalo cobridor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Pacamão*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1969.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Os que bebem como os cães*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1975.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Tetralogia piauiense*. Teresina: FUNDAP, 2008.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Memória e aprendizado: entrevista concedida a Francigelda Ribeiro*. Teresina: EDUFPI, 2010.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. Uma vida dedicada à literatura. Disponível em: <<http://www.capitalteresina.com.br>>. Acesso em setembro de 2014.

LIVROS, MONOGRAFIAS, TESES E DISSERTAÇÕES

ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: _____ (Org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 13-60.

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Ática, 2004.

ALMEIDA, Miguel Vale. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ALVARENGA, Antônia Valtéria Melo. *Nação, país moderno e povo saudável: política de combate à lepra no Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2013.

ANDRADE, Emir Correia de. *Retalhos de uma vida*. [S.l.: s.n.], 1979.

ANDRADE, Luzia Thereza Neves de. *As meninas do sobrado*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1999.

ARAKEN, Carlos. *Estórias de uma cidade muito amada*. Parnaíba: [s.n.], 1988

ARAÚJO, Maria Elita Santos. *Parnaíba o espaço e o tempo*. Parnaíba: [s.n.], 2002.

BARBOSA, Edison Gayoso Castelo Branco. *O Parnaíba: contribuição à história de sua navegação*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1986.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: contexto, 1997. (páginas do texto completo)

BERMAN, Marshal. *Tudo que é solido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRITO, José de Paulo. *Memórias urbanas: uma viagem ao passado do futebol em Parnaíba 1898 a 2000*. Parnaíba: Circulando Comunicação Visual Gráfica, 2013.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMINHA, Edmilson; MOURA, Francisco Miguel de (Org.). *Assis Brasil: conversa de escritor*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1989.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. 535 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

CARVALHO, José Cândido. O menino do Piauí. In: ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Tetralogia Piauiense*. Teresina: FUNDAPI, 2008.

CARVALHO, Veruska Lauriana da Silva de. *A cidade e a masculinidade: tornar-se homem em Parnaíba-PI de 1900 a 1950*. 2011. 133 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

CASTELO BRANCO, Renato. *Tomei um ita no Norte* (memórias). São Paulo: LR Editores, 1981.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.

_____. Masculinidades plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias. *História Unissino*, São Leopoldo, v.9, n. 2, p. 85-95, 2000.

CECHETO, Fátima Regina. *Violência de estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. *Do palco a página: publicar teatro e ler romance na época moderna: século XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

_____. *Cultura escrita, literatura e história*. São Paulo: Editora Art Med, 2001.

_____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Rio de Janeiro: Bertrand/DIFEL, 1988.

_____. O mundo como representação. In: _____. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 61-79.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

CORBIN, Alain.; COURTINE, Jean-Jacques.; VIGARELO, Georges (Org.). *História da virilidade: A invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013.

CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. *O livro do centenário de Parnaíba*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1944.

DECCA, Edgar S. de; LEMAIRE, Ria (Org.). *Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da Universidade UFRGS, 2000.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DUARTE FILHO, Gilberto Escórcio. *Porta-vozes da conquista da riqueza: o ensino comercial e a Escola União Caixeral de Parnaíba (1918-1950)*. 2010. 118 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba... cidades-beira (1850-1950)*. Teresina: EDUFPI, 2010.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2000.

GONÇALVES, André [et. al.]. A máquina de escrever. In: _____. *Entrevistas Revestrés*. Teresina: Quimera, 2014.

GONÇALVES, André [et. al.]. Libertamos o Gigante. In: _____. *Entrevistas Revestrés*. Teresina: Quimera, 2014. p. 37-51.

GULLAR, Ferreira. *Cultura posta em questão: vanguarda e subdesenvolvimento, ensaios sobre arte*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

_____. *Poema sujo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HOLANDA, Firmino. *Orson Welles no Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

JACOB, Marc-Theophile. A pequena e brava família Jacob. In: ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Gente de longe: histórias e memórias*. Teresina: Halley, 2006. p. 273-334.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

LIMA, Benedito dos Santos. Ao público. *Almanaque da Parnaíba*. Parnaíba: Merceria Bembém, 1924.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos problemas, novas abordagens, novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LIMA REBELO, Goeth Pires de. *Tempos que não voltam mais: crônicas sobre a Parnaíba antiga*. s.n.t.

MANNARINO, Ana de Gusmão. *Amílcar de Castro e a página neoconcreta*. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas (São Paulo: 1890-1940). *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, jan.-jun. 2007.

MATOS, Maria Izilda; BORELI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 126-147.

MENDES, Francisco Iweltman Vasconcelos. *História da educação piauiense*. Sobral: EGUS, 2012.

MELO, Neuza Brito de Arêa Leão. *O Eclétismo Parnaibano: hibridismo e tradução cultural na paisagem da cidade na primeira metade do século*. 2011. 200 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.

MORAIS, Erasmo Carlos Amorim. *Memórias do cais: Parnaíba, a cidade, o rio e a prostituição (1940-1960)*. Teresina. 136 f. 2012. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

NETO, Manoel Domingos. *A trajetória do Almanaque da Parnaíba*. Parnaíba: Editora de Ranulpho Torres Raposo, 1985.

NUNES, Maria Célis Portela; ABREU, Irlane Gonçalves de. Vilas e cidades do Piauí. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (Org.). *Piauí: formação, desenvolvimento, perspectivas*. Teresina: Halley, 1995.

NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. A influência britânica em Parnaíba. In: ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Gente de longe: histórias e memórias*. Teresina: Halley, 2006. p. 335-360.

PASSOS, Caio. *Cada rua sua história*. Parnaíba: IOCE, 1982.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *O espetáculo da rua*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

_____. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995.

PENNA BOTTO, Carlos. *Meu exílio no Piauí*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931.

PINSK, Carla Bassanezi. Imagens e representações: a era dos modelos rígidos. In: PINSK, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 469-512.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *História, Literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

_____. A cidade na historiografia brasileira. In: RÊGO, Ana Regina.; MENDES, Cecília.; QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita (Org.). *Piauí: história, cultura e patrimônio*. Teresina: Instituto Camilo Filho, 2010.

_____. *As diversões civilizadas em Teresina: 1880- 1930*. Teresina: FUNDAPI, 2008.

RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 89-98, 1998.

_____. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

RASPANTI, Márcia Pinna. O que “eles” vestem: moda, vaidade e masculinidades no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (Org.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes da cidade de Parnaíba*. Teresina: EDUFPI, 2013.

_____. *Dos Sertões aos Mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1850 – 1950)*. 2010. 304 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

RIBEIRO, Antonio Rodrigues. *Parnaíba, presente do passado*. Parnaíba: Gráfica Ferraz, 2003.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Org.) *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SANTANA, Judith. *Parnaíba*. Parnaíba: [s.n.], 19??.

SANTOS, Cineas. Conversa. In: CAMINHA, Edmilson; MOURA, Francisco Miguel de (Org.). *Assis Brasil: conversa de escritor*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1989.

SCHUMAHER, Maria Aparecida; BRASIL, Érico Vital (Org.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SEIXAS, Rebeca Bruno da Silva. *Seja Homem!:* construção de masculinidade na revista Men’s Health Brasil. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____ (Org.). *História da vida privada no Brasil 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Josenias dos Santos. Almanack da Parnahyba: política, sociedade e cultura em revista. In: LIMA, Frederico Osanan Amorim; SOUSA, Cleto Sandys Nascimento de. *Parnaíba: a cidade que nos habita*. Parnaíba: Siart, 2013.

_____. *Parnaíba e o avesso da belle époque: cotidiano e pobreza (1930 – 1950)*. 2012. 120 f. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

SILVA, Maria da Penha Fonte e. *Ademar Gonçalves Neves: O remodelador da cidade*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1983.

_____. *Parnaíba, minha terra*. Parnaíba: [s.n.], 1987.

SOUZA LIMA, Raimundo. *Vareiros do Parnaíba e outras histórias*. Parnaíba: Fundação cultural do Piauí, 1987.

STAROBINSKI, Jean. A literatura: o texto e o seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

TEIXEIRA, Paulo Eduardo. *O outro lado da família brasileira*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

TELES, Gilberto Mendonça. A visão entre parênteses. In: ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *O destino da carne*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1982.

TOURINHO, Mary Angélica Costa. *Por dentro da história: mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba (1930-1950)*. 2015. 239 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015.

VIEIRA, Lêda Rodrigues. *Caminhos de ferro: a ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916 1960*. 2010. 247 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

VIGARELLO, Georges. A virilidade moderna: convicções e questionamentos. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges [Dir.]. *História da Virilidade: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 205-216.

ZELDIN, Theodore. *Uma história íntima da humanidade*. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2009.

JORNAIS E REVISTAS

I EXPOSIÇÃO Nacional de arte concreta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 out. 1956. Suplemento Dominical, p. 5.

ACENDAM as luzes, o Cine Éden acabou. *Histórica*. Parnaíba, ano 1, n. 1, abr. 2008. p. 15.

A JANGADA na história do Brasil. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1954, p. 60-76.

A LIRA DE Pedro Braga continua (...). *Histórica*, Parnaíba, ano 1, out. 2007, p. 1-2.

Almanaque da Parnaíba, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 351.

- ANTÔNIO Machado Torres. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 10, 1933, p. 98.
- A VERDADE da ficção em Assis Brasil. *O Globo*. Rio de Janeiro, 13 dez. 1969.
- BAR PIMPÃO. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 398.
- BASTOS, Oliveira. Bandeira e a poesia concreta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1958. Suplemento dominical, p. 3.
- B.C. MULHER moderna. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 7, 1930, p. 104.
- BIBLIOGRAFIA. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 09 maio 1953, p. 49.
- BIBLIOGRAFIA. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 05 de set. 1953, p. 77.
- BIBLIOGRAFIA. *Tribuna da imprensa*, Rio de Janeiro, 11, 12 fev. 1967, p. 3.
- BORGES. Miguel. Capa e contracapa. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1967, p. 3.
- BRAGA, Mauro. Painel. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 22 dez 1966, p. 4.
- CAMPOS, Augusto de. A moeda concreta da fala. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 set. 1957. Suplemento Dominical, p. 8.
- CAMPOS, Augusto de. A moeda concreta da fala. In: ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Concretismo literatura em pânico. Cadernos brasileiros*, Rio de Janeiro, abr./jun. 1960, p. 62.
- CAMPOS, Haroldo. Da fenomenologia da composição à matemática da composição. *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1957.
- CARRERO, Raimundo. O novo romance brasileiro. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 22 jul. 1971.
- CARRERO, Raimundo. O novo romance brasileiro. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, jul. 1971.
- CHARUTOS e charutinhos Dannemam. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 126.
- CINCO homens e uma jangada. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 05 jan. 1952, p. 20-23-40.
- COLABORADORES. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 10, 1933, p. 119.
- COLABORADORES. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 15, 1938, p. 283. 1938, p. 283.
- CUNHA, Alda. O rádio – super-maravilha do século. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 14, 1937, p. 147.

Depoimento de Ferreira Gullar prestado ao centro de Memória e Jornalismo da Associação Brasileira de Imprensa em 1977.

Depoimento de Amílcar de Castro prestado ao Centro de Memória e Jornalismo da Associação Brasileira de Imprensa em 1977.

DOMINGOS NETO, Manoel. A primeira vez que li Assis Brasil. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, 1994, p. 24-27.

DUARTE, José Tobias. As balsas do Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 355.

FAUSTINO, Mário. Poesia-experiência. *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jan. 1957, p. 5

FEIRA do livro na Cinelândia. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 31 maio 1966, p. 6.

FEIRA do livro tem inovações: escritores atendem nas barracas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 30 maio 1967, p. 3.

FREIRE, Carlos. O terceiro romance da Tetralogia Piauiense, de Assis Brasil (...). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 4 mar. 1968.

FREIRE, Carlos. O autor brasileiro, esse desconhecido: Agnaldo Silva (I). *Tribuna da imprensa*, Rio de Janeiro, 23 out. 1967, p. 2.

FREIRE, Carlos. Piauí de volta em novo romance de Assis Brasil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1968, p. 9.

GASTON de Liser: três prêmios em doze meses. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 24-25 mar. 1956, p. 7.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidade: uma revisão teórica. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 12, 2006. p. 5

GULLAR, Ferreira; BASTOS, Oliveira; JARDIM, Reynaldo. Manifesto Neoconcreto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1959. Suplemento Dominical, p. 4.

GULLAR, Ferreira. Teoria do não objeto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 fev. 1960. Suplemento Dominical, p. 4.

GULLAR, Ferreira; BASTOS, Oliveira; JARDIM, Reynaldo. Manifesto de Cisão. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1957. Suplemento Dominical, p. 1.

GULLAR, Ferreira. Poesia neoconcreta: exame de um exame. *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1960, p. 1.

GULLAR, Ferreira. Exame de um exame. *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1960, p. 1.

- GRUNEWALD, José Lino. Poesia concreta. *Revista do Livro*, jun. 1958.
- JANGADAS dos verdes mares. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 04 set. 1954, p. 52.
- INSTITUTO São Luís Gonzaga. *Histórica*, Parnaíba, ano 1, n. 2, out. 2008, p. 5.
- LEPROSÁRIO S. Lázaro. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 9, 1932, p. 125
- LETRAS e artes. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1956, p. 3.
- LETRAS e artes. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1955, p. 3.
- LETRAS e artes. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1955, p. 3.
- LIVRO DE FORMATURA da 1ª turma de concludentes do Ginásio e da Escola Normal de Parnaíba. Parnaíba: [s.n.], 1932.
- LIVROS: mercado interno. *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 out. 1959, p. 8.
- LIVROS: mercado interno. *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1960, p. 8.
- MANOEL DOMINGOS o brilho da inteligência no vasto universo acadêmico. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 15, 21 mar. 2009, p. 7.
- MARTINS, Hécio. Vida, paixão e glória. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 jul. 1961. *Suplemento Dominical*, p. 1.
- MARTINS. Hécio. Vida, paixão e glória. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1961, p. 3.
- MATTOS, Florisvaldo. *A poesia em pânico*. Fortaleza, 1999. Disponível em <<http://assisbrasil.org/jp1.html>> . Acesso em setembro de 2014.
- MEDEIROS, Jesus. Uma surpresa desagradável para as mulheres. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 7, 1930, p. 47.
- MEIRA, Mauritânia. Vida literária. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 out. 1959, p. 6.
- MELO, Florisa Masulo de. Festa de estudantes. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 14, 1937, p. 91-92.
- MERQUIOR, José Guilherme. Miséria de uma linguagem. *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 jun. 1961, p.3.
- O APELO à vaidade. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 11, 1934, p. 239.
- O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 14 set. 1968, p. 46.

- O GOVERNADOR da cidade. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 14, 1937, p. 9.
- OLINTO, Antônio. Os romances Walmap – I. *O Globo*, Rio de Janeiro, dez. 1965.
- OLINTO, Antônio. Assis Brasil. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1967.
- OS NEGROS em Parnaíba. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 5, 21 fev. 2008, p. 10.
- O PREFEITO DA ERA Vargas – Doutor Microcles – Já ouviu falar. Quê que ele fez? – Já te conto. É bom saber! *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 70, 21 out. 2013.
- PAIVA, Luís. Concretismo e participação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1963, p. 7.
- PANORAMA das Letras. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 out. 1968, p. 2.
- PANORAMA das Letras. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1969, p. 3.
- PANORAMA das Letras. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 nov. 1968, p. 2.
- PARTEIRA. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 330.
- PERFUMARIA Bazar Chic. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, 1939, p. 172.
- PIAUI de volta em novo romance de Assis Brasil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1968, p. 7.
- PINAGÉ, Rodrigues. Seios. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 2, 1925, p. 53.
- PINTO, João Vieira. Maldito amor. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 2, 1925, p. 46.
- PONTUAL, Roberto. Roberto Pontual comenta o ensaio de Assis Brasil (...). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1960. Suplemento Dominical, p. 8.
- PRÊMIO Arthur Azevedo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 set. 1958, p. 8.
- PRÊMIO Arthur Azevedo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 set. 1958, p. 8.
- PRÊMIO Arthur Azevedo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 set. 1958, p. 8.
- PRÊMIO Arthur Azevedo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 out. 1958, p. 8.
- PROFESSOR LUIZ Galhanone. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 6, 1929, p. 8.
- RÁDIO EDUCADORA, a pioneira da radio fusão no Piauí. *Histórica*, Parnaíba, ano 1, n. 2, out. 2008, p. 13-14.
- RECORTES VISUAIS da Era Vargas. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 70, 21 out. 2013, p. 10.
- SALOMÉ e o carnaval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1957, p. 5.

SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 1, n. 11, 21 nov. 2008, p. 10.

SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 13, 21 jan. 2009, p. 10.

SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 2, n. 14, 21 fev. 2009, p. 10.

SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*. Parnaíba, ano 3, n. 29, 21 maio 2010, p. 10.

SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*. Parnaíba, ano 3, n. 30, 21 jun. 2010, p. 10.

SANTOS, Benjamim. Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. *O Bembém*, Parnaíba, ano 4, n. 40, 21 abr. 2011, p. 10.

SANTOS, Benjamim. Rosário dos pretos. *O Bembém*, Parnaíba, ano 4, n. 42, 21 jun. 2011, p. 10.

SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 68, 21 ago. 2013, p. 10.

SANTOS, Benjamim. Os cem anos de uma mulher da Parnaíba: uma crônica de Benjamim Santos. *Almanaque da Parnaíba*. Parnaíba: Academia Parnaibana de Letras, edição comemorativa, 2004, p. 89.

SANTOS, Benjamim. Homens da Parnaíba de outrora. *O Bembém*, Parnaíba, ano 3, n. 29, 21 maio 2010, p. 10.

SANTOS, Benjamim. Mulheres da Parnaíba de outrora. *O Bembém*. Parnaíba, ano 1, n. 10, 21 out. 2008, p. 10.

SANTOS, Benjamim. Dona Neusália: Aniversário. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 64, 21 abr. 2013, p. 4.

SANTOS, Benjamin. Fantasmas na encruzilhada em noite de escuridão e chuva. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 68, 21 ago. 2013, p. 10.

SANTOS, Benjamim. Parnaíba na era Vargas. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 70, 21 out. 2013, p. 9.

SANTOS, Benjamin. Microcles Veras o prefeito de Vargas. *O Bembém*, Parnaíba, ano 6, n. 70, 21 out. 2013, p. 10.

SILVA, Jonas da. A noiva. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 4, 1927, p. 17.

SILVA, Josenias dos Santos. Um certo Raimundo. *O Bembém*, Parnaíba, ano 7, n. 76, 2014, p. 6.

SILVA, Josenias dos Santos. Os 50 anos de “Beira rio beira vida”. *O Bembém*, Parnaíba ano 8, n. 89, 21 maio 2015, p. 6.

SOUZA LIMA. Porto Salgado, laborioso e pitoresco. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 15, 1938, p. 69-73.

ANEXO

